

Eduardo Rocha
Paula Pedreira Del Fiol
(orgs.)

conversas sobre

caminhografia

urbana



Eduardo Rocha
Paula Pedreira Del Fiol
(orgs.)

conversas sobre

caminhografia

urbana

1ª edição



2025

Grupo de Pesquisa (CNPQ): Cidade + Contemporaneidade
(<https://wp.ufpel.edu.br/cmaisc/>)

Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU-UFPEL)
(<https://wp.ufpel.edu.br/prograufaurb/prograu/>)

Projeto gráfico: Taís Beltrame Santos, Eduardo Rocha e Paula Pedreira Del Fiol.
Arte e fotografia das capas: Ronaldo Paixão. Nadador (2020).

Editoração eletrônica: Paula Pedreira Del Fiol.

Transcrição das entrevistas: Aline Nascimento dos Santos e Alissa Xavier Alves.

Revisão: Paula Pedreira Del Fiol, Eduardo Rocha, Eduardo da Silva e Silva e Bárbara de Bárbara Hypolito.

Coordenação editorial: Gustavo Reginato (Caseira Editora).

Produção Gráfica: Gabriel Zeferino (Caseira Editora)

Conselho Editorial: Profa. Dra. Adriana Portella (Heriot-Watt University), Profa. Dra. Elaine Schmidlin (UDESC), Profa. Dra. Fernanda G. Goulart (UFMG), Prof. Dr. Fernando Fuão (UFRGS), Profa. Dra. Flora Assumpção (UFPB), Profa. Dra. Helena Kanaan (UFRGS), Profa. Dra. Juliana Cristina Pereira (UDESC), Profa. Dra. Laura Novo de Azevedo (Oxford Brookes University), Profa. Dra. Márcia Regina P. de Sousa (UFSM), Profa. Dra. Raquel Stolf (UDESC), Profa. Dra. Sandra Maria C. Favero (UDESC) e Profa. Dra. Silvana B. Macêdo (UDESC).

Ficha Catalográfica

Conversas sobre caminhografia urbana/ Eduardo Rocha;
Paula Pedreira Del Fiol (orgs.) - Pelotas. RS: Caseira Editora,
2025. 396 p.;il.; 13x18cm.

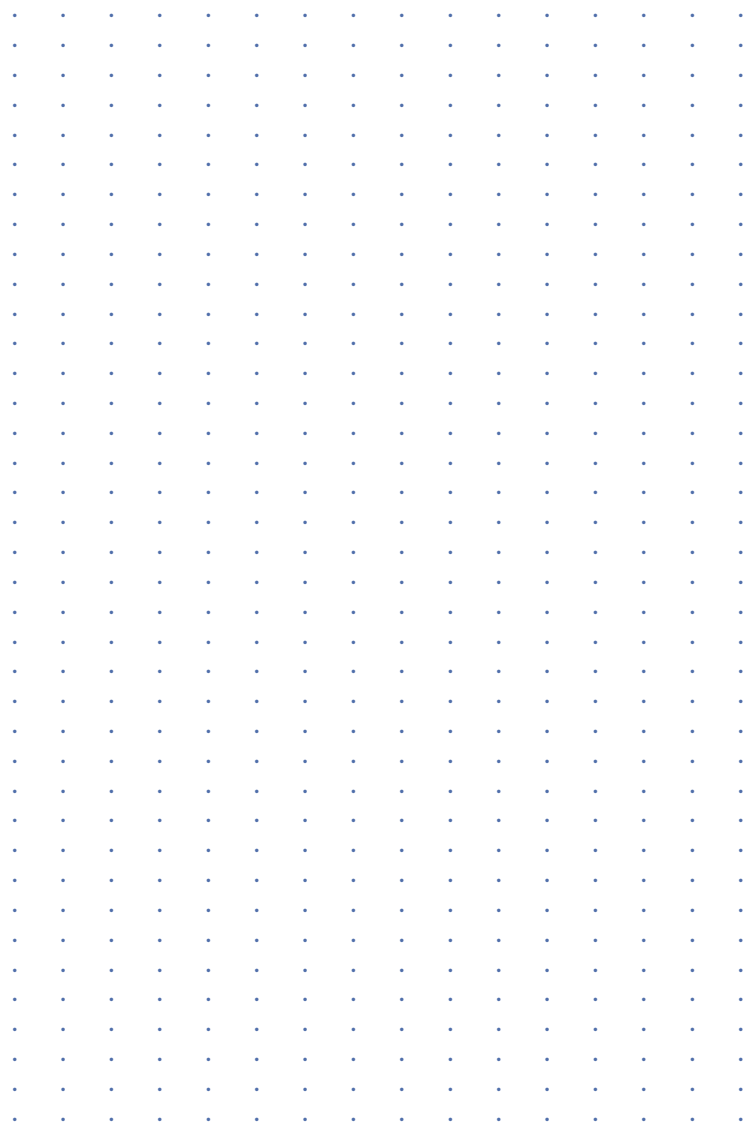
ISBN: 978-85-68923-89-4 (impresso)
978-85-68923-90-0 (digital)

1. Cartografia. 2. Urbano. 3. Caminhadas.
4. Caminhografia. 5. Invenção. 6. Dicionário.

CDD:526

Catálogo na Fonte Bibliotecária Gabriella Joana Zorzetto CRB 14/1638

Dedicamos esse livro aos que conversam,
sobre tudo que é complexo, mas também
sobre tudo que é banal e cotidiano, só assim
podemos pensar sobre a cidade.



agradecimentos

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) pelo financiamento do projeto. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) pelas bolsas de mestrado, doutorado e produtividade de diversos autores.

Ao Laboratório de Urbanismo (LabUrb) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUrb) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) por sediar o projeto. Aos bolsistas de pesquisa (UFPel), Aline Nascimento dos Santos, Alissa Xavier Alves, Beatriz de Oliveira Brum e Eduardo da Silva e Silva pelo auxílio na organização e revisão dos conteúdos. À Bárbara de Bárbara Hypolito pela revisão.

Ao grupo de Pesquisa Cidade + Contemporaneidade pela vivência da caminhografia em ensino, pesquisa e extensão.

Ao Ronaldo Paixão pela permissão de utilizarmos seu trabalho *Nadador* como arte de capa e de corpo do livro.

Aos autores e pesquisadores, que dedicaram tempo em conversar conosco, possibilitando uma discussão rica e cheia de novas possibilidades para o grupo de pesquisa.

sumário

começo de conversa	9
Eduardo Rocha e Paula Pedreira Del Fiol	
desterritorializar	16
Taís Beltrame dos Santos	
analisar	34
Fabrizio Sanz Encarnação	
criticar	48
Gustavo de Oliveira Nunes	
morar	64
Carolina Cabreira Magalhães Falcão	
coletar	74
Ricardo Luis Silva	
memorizar	86
Manoel Rodrigues Alves e Camila Ferreira Guimarães	
hospitalizar	103
Celma Paese	
dançar	113
Débora Souto Allemand	
intuir	127
Marcela Montalvão Teti	
escutar	143
Antonella dos Santos Pons	
deslocar	155
Eduarda Azevedo Gonçalves (Duda)	
lugarizar	169
Fernanda Fedrizzi	
investigar	183
Paola Alessandra Moreno Bernardi	

fotografar 196

Fernanda Tomiello

questionar 207

David Sperling

transformar 225

Geert Vermeire

potencializar 236

Renatha Morés | A Pezito

inventar 248

Juan Manuel Diez Tetamanti

re_conhecer 258

Evandro Fiorin

encontrar 270

Vanessa Forneck

minoritar 284

Luana Pavan Detoni

experimentar 302

Lorena Maia Resende

desobedecer 319

Carolina Mesquita Clasen

jogar 335

Valentina Machado

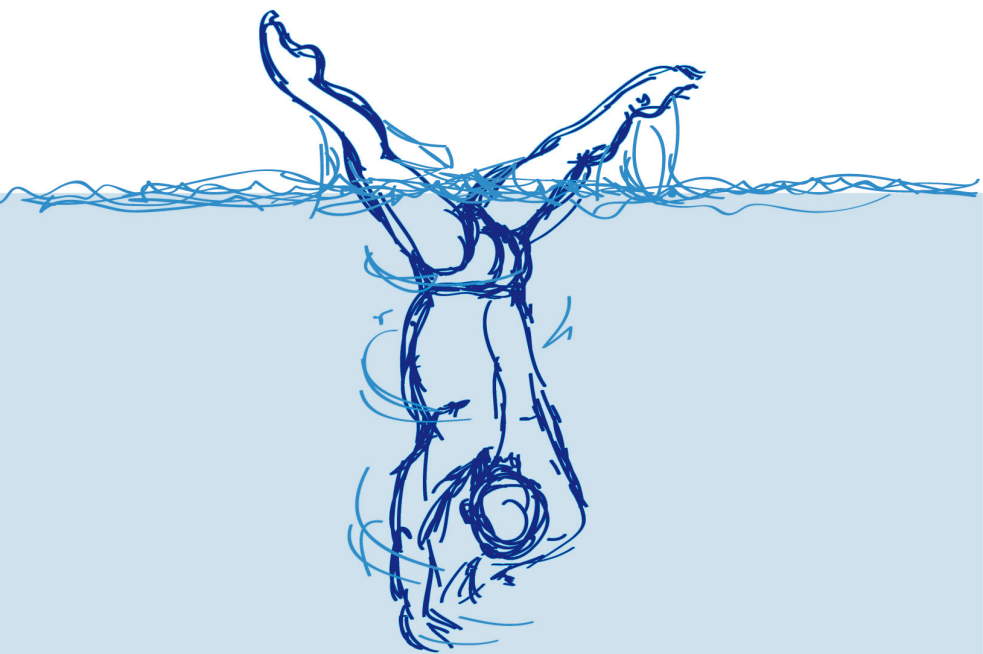
coleccionar 350

Alline Margarette da Mota Serpa

entrevistar 364

Francesco Careri e Emanuela Di Felice

referências 380



começo de conversa

Eduardo Rocha



Arquiteto e Urbanista formado pela CAU/UCPel, com especialização em Patrimônio Cultural pela CA/UFPeI, mestrado em Educação pela FaE/UFPeI, doutorado em Arquitetura pela PROPAR/UFRGS, e Pós-Doutorado no Dipartimento di Architettura/Laboratorio Circo/Stalker, Università Roma Tre. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, com foco em Arquitetura, Demografia, Geografia, Turismo e Planejamento Urbano e Regional. Professor Associado no DAUrb/FAUrb/UFPeI, e Pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU/FAUrb/UFPeI).

Figura 1: Eduardo Rocha em entrevista para conversas. Fonte: canal youtube revista pixo, 2022. <https://www.youtube.com/watch?v=z9Z-t97dG7IM&t=185s>

Paula Pedreira
Del Fiol



Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU/UFPel, Arquiteta e Urbanista pela UFPel. Fundadora da Urbe CoLab, empresa de consultoria em urbanismo participativo, é consultora em processos de planejamento colaborativo e uso de dados para a transformação urbana, atuando junto a comunidades, governos e organizações da sociedade civil, em projetos com foco social e cultural. Integra o grupo de pesquisa Cidade+Contemporaneidade (FAUrb/UFPel) e também o Colectivo Ciudad Abierta, onde desenvolve projetos voltados à participação comunitária.

Figura 2: Paula Del Fiol em entrevista para conversas.
Fonte: canal youtube revista pixo, 2022. https://youtu.be/JbJrCJhekMc?si=E23_QpD-35nkO3ebR

O *Conversas sobre Caminhografia Urbana* é um compilado de conversas entre autores que caminham e/ou cartografam. A ideia é entender como diferentes autores fazem suas próprias *caminhografias urbanas* e, assim, podemos criar uma base teórica de desenvolvimento desse projeto de pesquisa.

A *caminhografia urbana* é um conceito que une a prática do caminhar com a cartografia, criando uma abordagem única para sentir e mapear o espaço urbano. Caminhografar envolve mais do que simplesmente percorrer um trajeto; é uma prática de deixar-se atravessar pelos acontecimentos e situações cotidianas, permitindo que o inesperado e o não planejado moldem a experiência. Essa prática tem a capacidade de deformar e descentralizar nossos estereótipos sobre o espaço urbano, geralmente mapeados de longe, raramente tocado com os pés ou arranhado com as mãos, oferecendo novas formas de registrar, jogar e criar com a cidade¹.

Ao caminhar e cartografar simultaneamente, os praticantes da *caminhografia urbana* capturam as nuances e dinâmicas invisíveis da vida urbana, revelando aspectos da cidade que muitas vezes passam despercebidos. Essa abordagem valoriza a experiência direta e a produção de subjetividade do caminhan-te, integrando suas sensações e impressões ao mapa que está sendo criado. A *caminhografia urbana*, portanto, não é apenas uma técnica de mapeamento, mas uma forma de vivenciar e registrar a cidade de maneira viva e dinâmica, reconhecendo a importância dos encontros fortuitos e das intervenções inesperadas que compõem a trama urbana.

Por meio dessa prática, é possível desafiar e reconfigurar as narrativas tradicionais sobre o espaço urbano, destacando modos de vida e histórias frequentemente silenciadas. A *caminhografia urbana* promove uma leitura mais diversificada da cidade, transformando o ato

¹ ROCHA, Eduardo; SANTOS, Tais Beltrame dos. Verbolário da Caminhografia Urbana. Pelotas: Editora Caseira, 2024.

de caminhar em uma ferramenta poderosa para a investigação do ambiente urbano.

Este projeto², financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), foi desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Cidade + Contemporaneidade³, que há mais de uma década se dedica a intensificar e enriquecer a experiência corpóreo-urbana. O objetivo foi criar novas perspectivas de planejamento e projeto urbano que contemplem modos de vida frequentemente marginalizados mas essenciais para a melhor compreensão das dinâmicas urbanas contemporâneas.

O projeto *Caminhografia Urbana* se estruturou em três movimentos metodológicos ao longo de três anos: o primeiro ano foi dedicado a encontrar; o segundo a experimentar; e o terceiro a escrever. Dentro dessa primeira etapa, surgiu o subprojeto chamado Conversas sobre Caminhografia Urbana, que buscou, através de entrevistas e encontros, investigar ideias e conceitos que envolvem as práticas de caminhar e cartografar. Essa prática reuniu mestrandos, doutorandos, pesquisadores, artistas, educadores, psicólogos e outros profissionais envolvidos com a temática, promovendo uma potente troca de conhecimentos e experiências.

As conversas foram gravadas e disponibilizadas em um Canal do YouTube⁴, ocorrendo às segundas-feiras, das 17h00 às 18h00, entre abril a novembro de 2022. Devido à pandemia de COVID-19, esses encontros aconteceram de modo remoto, permitindo que todos interagissem de suas próprias casas, garantindo a segurança dos participantes e a continuidade das discussões.

A transcrição das conversas foi realizada com cuidado, buscando manter a fluidez e o prazer da leitura. Cada diálogo foi revisado, organizado e referenciado, preservando o ritmo e a

² Ver mais em: <https://wp.ufpel.edu.br/caminho-grafiaurbana/>

³ Ver mais em: <https://wp.ufpel.edu.br/cmaisc/>

⁴ Ver mais em: www.youtube.com/@revistapixo9527

singularidade da voz de cada participante. As conversas foram dispostas em ordem cronológica e receberam títulos inspirados nos principais verbos ativados pelos convidados em cada encontro, capturando a essência e o dinamismo das discussões.

Ao final do livro, uma conversa especial entre Emanuela Di Felice⁵ e Francesco Careri⁶, realizada também no ano de 2022, sobre o ato de caminhar, oferece novas reflexões para compor a caminhografia urbana. Além disso, o livro possui um hiperlink na capa de cada conversa, que direciona para o vídeo correspondente no Canal do YouTube, proporcionando uma experiência interativa e imersiva para os leitores — ler, ouvir, ver e sentir, tudo ao mesmo tempo e agora.

A arte de Ronaldo Paixão⁷, o *Nadador*, é fruto de uma caminhada constante de descoberta. Um grande mergulho autobiográfico, no



⁵ Professora associada na Escuela de Arquitectura y Diseño da Pontificia Universidad Católica de Valparaíso no Chile (PUVC). É Professora titular na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas no Brasil (Faurb/ufpel). Membro da LAC /Laboratório de Artes Cívicas, grupo de pesquisa interdisciplinar que opera dentro do Departamento de Arquitetura da Universidade de Roma Tre.

⁶ Francesco Careri é arquiteto, artista e professor associado do Departamento de Arquitetura da Universidade de Roma Tre. Professor doutor do Programa de Pós-graduação Master Pacts Artes performativas e espaços comunitários. Faz parte do coletivo artístico Stalker Osservatorio Nomade, com o qual experimenta métodos criativos participativos de intervenção na cidade multicultural e na vida informal das grandes cidades.

Figura 3: Nadador - Marcador sobre o papel, 21 X 19,7CM – 2020.

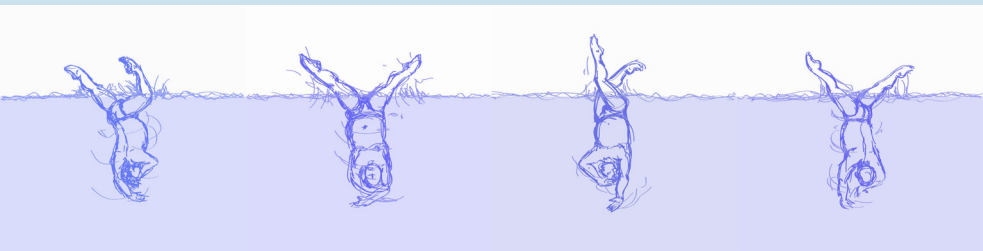


Figura 4: Nadador – Frames
– Desenho digital, 1670X1670
pixels – 2020.

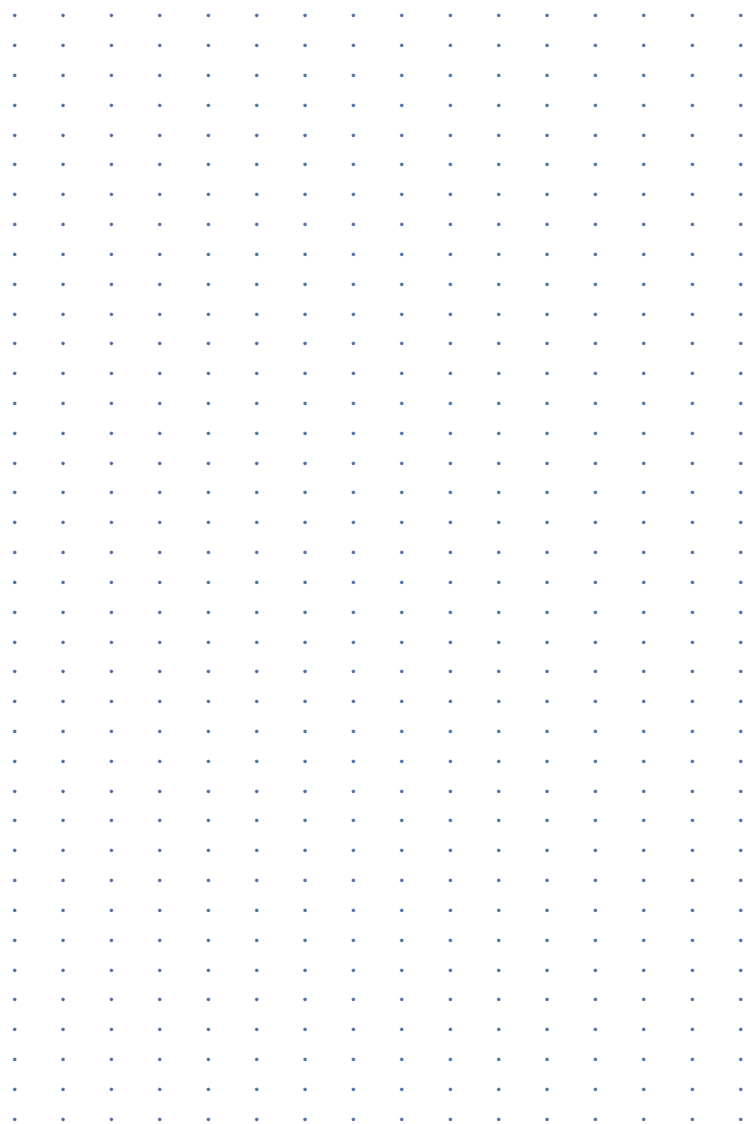
⁷Vive em Goiânia. Fez arquitetura para poder desenhar. Desenha desde de sempre. Salta desde sempre, nem que seja na imaginação. Já foi capoeirista, ginasta e fez saltos ornamentais. Transita por várias linguagens, desde o desenho, analógico e digital, à produção de modelos tridimensionais em cerâmica e animações. Desenvolve pesquisas e estudos em desenho e modelos sobre comportamentos e movimentos ligados ao corpo e aos espaços. Mestre em história e teoria da arquitetura pela UFG e, atualmente, doutorando em arquitetura e urbanismo pelo PPGAUFBA, onde desenvolve uma pesquisa sobre a Arquitetura das Saunas Gay.

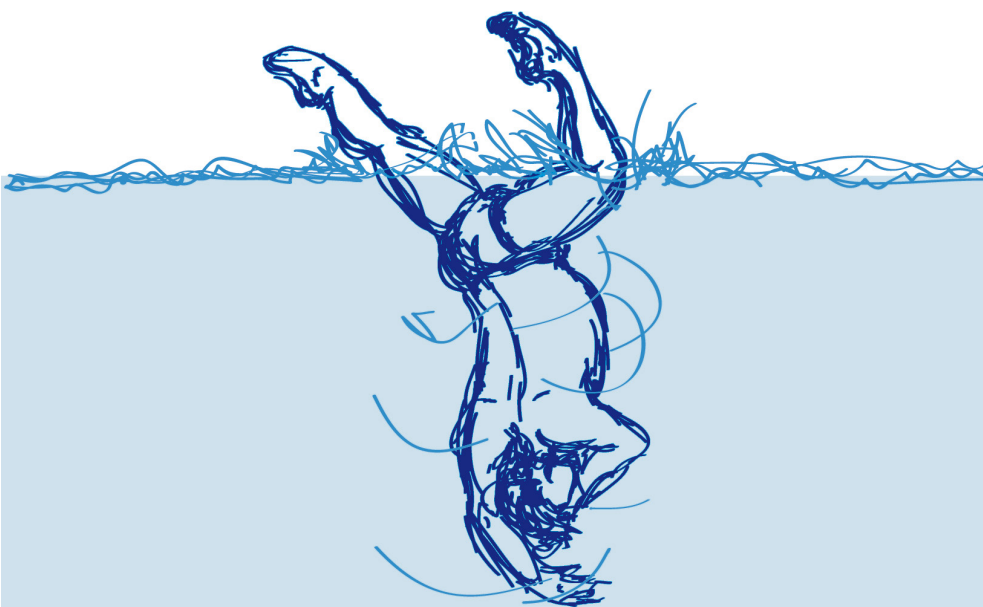
qual o desenho foi instrumento fundamental no exercício de definição dos contornos. Produzida em um tempo de incertezas, de não saber o que estava à frente. O corpo em movimento foi, e é, a pesquisa constante que esse desenho integra. De pensar nas possibilidades infinitas das nossas dimensões e dos lugares que podemos chegar. É um dos modos possíveis de experimentar a fruição: em desenho estático e em animação digital de movimentos que ele sugere, de ponta cabeça, dentro d'água e girando. É uma provocação sobre outras possibilidades para esse corpo.

Acreditamos que essa arte tem uma relação direta com o livro: a ideia de mergulhar na conversa, na caminhada, na cartografia. É assim que imaginamos que este livro deve ser lido — como um mergulho. *Conversas sobre Caminhografia Urbana* não é apenas uma coleção de entrevistas, mas uma imersão nas práticas e teorias que fundamentam a *caminhografia urbana*, oferecendo novas formas de sentir e interagir com o espaço urbano. O livro celebra as vozes múltiplas e experiências que, muitas vezes, permanecem à margem, mas que são fundamentais para uma compreensão mais ampla e inclusiva das cidades e dos modos de vida urbanos. Convidamos os leitores a explorar essas conversas e a refletir sobre como a *caminhografia urbana* pode influenciar, criar e transformar nossa relação com as cidades.

Desterritorializar, analisar, desvendar,

perceber, coletar, refletir, hospitalizar, conectar, experimentar, escutar, deslocar, observar, entender, fotografar, questionar, transformar, fortalecer, inventar, re_conhecer, trilhar, minorar, experienciar, desobedecer, jogar, documentar e entrevistar são os verbos-títulos de cada entrevista. Acreditamos que cada uma dessas entrevistas indica um movimento, e por isso todas são verbos, que podem ser modificados.





desterritorializar

Taís Beltrame
dos Santos



Figura 5: Taís Beltrame em entrevista para conversas. Fonte: canal youtube revista pixo, 2022. <https://www.youtube.com/watch?v=mtkfsNOyyQI&list=PL-r5kxHYBe-FpCE64m-g9W-FnbqqjYdmAiG>

Doutoranda em Arquitetura pelo PROPAP/ UFRGS, com bolsa CAPES, na linha de Projeto de Arquitetura e Urbanismo. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela UFPel (2021), com bolsa CAPES, e graduanda em Artes Visuais (UFPel). Arquiteta e Urbanista (FAUrb/ UFPel, 2019), com graduação sanduíche na Universidad Santo Tomás (Colômbia). Foi professora no curso de Arquitetura e Urbanismo da Anhanguera Pelotas (2022-2023) e FAUrb/ UFPel (2022). Pesquisa e atua em projetos no LabUrb (FAUrb/UFPel) e no Ateliê de Cerâmica (UFPel). Pesquisa as relações entre tempo, espaço e velocidade no habitar à margem.

Entro no grupo do Edu⁸ pela dança, lá por 2017. Acho que isso é um marco. Vou, então, estudar conceitos como rizoma, território, corpo (o que pode ser o corpo?), e começo a reconstruir a arquiteta e urbanista que eu, até então, estava sendo. É super interessante porque eu sempre gostei de ler e sempre lia filosofia, mas eu não entendia nada. Porém, em algum momento algumas coisas começaram a fazer sentido.

Em 2018 fizemos a caminhada pela fronteira que ainda não era caminhografia, era travessia. Naquele momento, estávamos interessados em atravessar a fronteira, e caminhávamos muito pela linha, pelas brechas, filmamos, atravessamos, e volta, cai, e perde texto. Foi uma confusão. Naquele momento tínhamos muito o intuito de registrar, agora eu olho para Carol⁹ e penso que temos vinte e cinco dias em vídeo. Enfim, naquela época, já pensávamos em caminhar e registrar.

Coisa vai, coisa vem, entrei no mestrado com o Edu, com uma ideia que no começo era uma caminhada, uma cartografia da cidade de Pelotas. Então, o Edu vai para Roma no começo de 2019, volta e diz: “Não, o que vamos fazer é caminhografia, isso tem um nome, é caminhografia, não é só cartografia.” Embora bebamos de um lugar da educação, da psicanálise e da esquizoanálise, o que fazemos não é só cartografia deleuziana, não é só isso. Também não é uma cartografia geográfica como a que usamos em projetos urbanos e regionais, porque não há necessidade do desenho representativo. Eu lembro que o Edu dizia que o mapa da caminhografia não é decalque. Eu nem sabia o que era isso, entretanto íamos nos entendendo. Nessa época eu li muitas vezes o livro *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*¹⁰.

Também durante o mestrado, fiz uma disciplina da Carla¹¹ sobre cartografia, e entendi o que

⁸ Eduardo Rocha é Arquiteto e Urbanista (CAU/UCPel), Especialista em Patrimônio Cultural (CA/UFPe), Mestre em Educação (FaE/UFPe), Doutor em Arquitetura (PROPAR/UFRGS) e Pós-Doutor (Universit  Roma Tre). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 2. Professor Associado no DAUrb/FAUrb/UFPe; e Pesquisador no PROGRAU/FAUrb/UFPe, na Linha de Pesquisa: Cidade e Sociedade.

⁹ Carolina Mesquita Clasen   doutoranda do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-USP, com ênfase na linha de pesquisa História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo. Mestre em Arquitetura e Urbanismo (2018), na Linha de Urbanismo Contemporâneo do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da Universidade Federal de Pelotas e graduada em Artes Visuais na modalidade Licenciatura obtida pela mesma instituição (2014).

¹⁰ PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-interv  o e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

¹¹ Carla Gonçalves Rodrigues é formada em Psicologia pela UCPel (2013); Pós doutora em Educação pela UFRGS (2012 e 2018). Doutorado em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2006); e mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (1999).

¹² Fernand Deligny foi um educador francês e figura de destaque na educação especial, se opôs ao cuidado asilar de crianças “difíceis” e autistas. Sua experiência gerou lugares alternativos de educação especial chamados “lugares de vida”.

¹³ Valentina Machado é Doutoranda em Antropologia no PPGAnt/UFPel. Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU/UFPel, graduada pela Universidade Federal de Pelotas (2017).

¹⁴ PROGRAU – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. UFPel – Universidade Federal de Pelotas.

¹⁵ SANTOS, Tais Beltrame dos. Seres Lentos e Vida Urbana: caminhografia pelas ruas de Montevideo, Porto Alegre e Pelotas. Pelotas: PROGRAU/UFPel, 2021. [dissertação de mestrado].

¹⁶ Jorge Larrosa Bondia é um Professor de Filosofia da Educação na Universidade de Barcelona. Ele possui formação em Pedagogia e Filosofia, doutorado em Pedagogia e realizou estudos de pós-doutorado no Instituto de Educação da Universidade de Londres e no Centro Michel Foucault da Sorbonne, em Paris.

¹⁷ Virginia Kastrup possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, doutorado em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e pós-doutorado no LENA – Neurosciences Cognitives et Imagerie Cérébrale UPR 640 / CNRS – Centre National de la Recherche Scientifique, Paris.

é cartografia na educação. A partir da Carla conheço o Deligny¹².

Então, com tudo isso, saímos da universidade e caminhografamos pela proposta do Edu e da Valentina¹³ na disciplina de caminhografia urbana do PROGRAU/UFPel¹⁴ e descobrimos o que era caminhografar pela cidade. Eu até estava falando com o Edu, que a caminhografia nasce quando nos damos conta de que não adianta só caminhar e registrar, mas que precisamos pensar sobre essa caminhada. Existe um pensamento que perpassa toda a pesquisa, e que o Edu já vem construindo há algum tempo, que é a ideia de pedagogia da viagem. Ela é composta por três movimentos: a preparação para um acontecimento; o acontecimento, que nesse caso é a ação de irmos para algum lugar, de encontro com a cidade; e, depois, a volta que é para pensar sobre o que aconteceu. Acredito que, quando vamos caminhografar com o grande grupo na disciplina de Caminhografia, praticamos essa pedagogia. Primeiro há a preparação para ir a algum lugar, depois o registrar, e, por fim, a conversa e a análise que tornam a subjetividade coletiva explícita.

Inventamos, lemos e percebemos, no caminhografar, essa importância de jogar com a cidade. Lembro que, na época das caminhadas, elas sempre tinham algum intuito (o jogo). Precisávamos intervir na cidade: conversar com alguém, conseguir uma garrafa de água, mas sem comprar. Enfim, tínhamos várias atividades de interação, que me faziam ficar atenta a algo que, normalmente, nas idas e vindas cotidianas, eu não perceberia.

Na minha dissertação de mestrado¹⁵, eu falo sobre o tempo e também essa ideia de atenção. Assim, percebo que existe uma camada de tempo que é muito latente, que é esse tempo da atenção. Poderíamos dialogar com Larrosa¹⁶, que tanto conversamos, ou com Kastrup¹⁷ que fala sobre atenção, mas eu me

dedico a uma volta, porque eu vou para geografia, leio Milton Santos¹⁸ e descubro outras questões que quero olhar na caminhografia. Esse é o movimento em que eu volto a fazer cartografia, porque a caminhografia tem esse deslocamento em campo, essa camada de algo que começa e que termina. Mas, a cartografia se estende para as muitas caminhografias. Cartografia é esse grande movimento de pensamento, essas coisas que não acontecem só quando estamos escrevendo, porém que atravessam a imanência da vida e, às vezes, te surpreendem quando tu estás comprando um chiclete no boteco da esquina, ou, às vezes, tomando banho.

Assim, passo a refletir sobre o que me interessa a partir dessas montagens: das leituras que eu já tinha feito nas disciplinas de mestrado e nos acontecimentos que já tinham me modificado durante as andanças com o grupo, e com o Edu, para estabelecer o modo como eu iria fazer a caminhografia na minha pesquisa de mestrado e o processo de pensamento da cartografia em si. Decido, junto ao Edu, ir para o centro de Montevideú. No primeiro momento, faria uma caminhada de encontro aos seres lentos. Falando em uma ideia de Milton Santos sobre os tempos rápidos e lentos da cidade: o tempo da velocidade é o tempo do capital, e o tempo do contra-capital é aquele que não encontra a velocidade, ou seja, os seres lentos, os tempos lentos. Vou ao encontro disso. Novamente, como uma volta à para-formalidade, que já havíamos estudado em outros projetos. Isso explicita essa cartografia. É um pensamento que sempre volta. Eu não posso esquecer tudo aquilo que já vivi e que já fiz, quando eu vou para campo. Embora eu esteja entrando em contato com o meu objeto por um tempo estabelecido.

Portanto, vou para Montevideú, para o centro, encontrar os para-formais, os seres lentos, os guardadores de carro, os vendedores ambulantes, as pessoas que moram na rua, as

¹⁸ Milton Almeida dos Santos foi um notável geógrafo, escritor, cientista, jornalista, advogado e professor universitário brasileiro. Ele é amplamente reconhecido como um dos intelectuais mais destacados do Brasil no século XX e desempenhou um papel fundamental na renovação da geografia no país.

crianças etc. Vou para ver o que os livros não me contam, para apreender, com a minha própria experiência, aquilo que a cidade me diz naquele momento, e que eu gostaria que fosse incluído em um discurso sobre o urbanismo. Porque quando falamos de planejamento urbano, ainda colhemos os frutos do modernismo, que não olha para todas essas coisas pequenas. Isso se reflete nos diversos campos, não só na arquitetura e urbanismo, mas também na filosofia. Enfim, vou para essa cidade, a partir da filosofia, da geografia e da antropologia, mas vou para esquecer de tudo isso e para registrar o que fazia sentido naquele momento, algo que poderia me ensinar sobre planejamento urbano, e que talvez não estivesse nos livros, ou que eu encontraria de uma maneira que não estava descrita, mas na forma como estava acontecendo.

Até aquele momento, eu não sabia o que eu ia fazer. Lembro que o Edu dizia: “Tu precisa escolher os procedimentos, o que levar? Qual é o jogo que tu vai fazer com a cidade?” Eu respondia: “Edu, eu vou montar uma banca e vou vender cerâmica no meio do calçadão!” Ele dizia: “Não, vão te levar a corrida de lá, guria, tu está ficando louca!” Eu dizia: “Vou fazer um documentário!”... No final, decidi que iria fotografar, escrever em um diário de bordo o que havia acontecido e, também, fazer mapas do acolhimento. Nesse momento eu já estava lendo bastante Fuão¹⁹, sobre acolhimento, e estava gostando. Esse lado arquiteta e urbanista parece que sempre nos vira do avesso e pergunta: “Cadê o mapa decalque?” “Onde fica aquilo que precisamos pontuar?”.

Em Montevideu, me reencontro com uma Taís que gostava de escrever poesia e narrativa. Então, passo a anotar tudo que me acontecia e a fotografar. Às vezes eu não fotografo, às vezes eu escrevo sobre essa não fotografia, às vezes eu escrevo sobre a fotografia explorando todos os outros processos, encontros e desencontros que me acontecem nesta cidade.

¹⁹ Fernando Fuão é Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela UFPel (1980), Doutor em Projetos de Arquitetura Texto e Contexto pela Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona-UPC (1987-92), Pós-doutor pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia-UERJ (2011-12).

Em algum momento, após ir para Montevideu, qualifico meu trabalho e me questiono sobre estar em uma universidade brasileira, então decido não falar só sobre o Uruguai. Voltei para Porto Alegre, e lembro que o Edu dizia: “Não, guria, é pandemia, não vai.” Eu dizia: “Eu vou, sou teimosa”. Fui para Porto Alegre e queria ir para Buenos Aires, contudo não fui, ia ficar muito grande. Acabei caminhando em Pelotas. Essa minha caminhografia se desdobra a partir de lugares que eu nem sabia que habitavam em mim. Entretanto, quando passamos a caminhar, analisar e compreender de forma atenta, enquanto aquelas coisas estão sendo proporcionadas, pela vida, pela cidade, pelo que está acontecendo, passamos a valorizar essas muitas etapas e a descobrir muitas coisas.

Então, agora eu olho para isso e percebo, isso é caminhografia. Estarmos caminhando, ou não necessariamente, mas estarmos em um deslocamento em um tempo correspondente ao objeto que queremos acompanhar. No caso, se eu quero acompanhar o tempo lento, o ambulante, a pessoa que dorme na rua, não adianta eu passar de avião, não adianta eu passar de carro. Se eu fizer isso, eu não vou ver, eu não vou ter o momento de olhar com riqueza de atenção o que esse objeto de estudo me pede. Eu não vou viver essa fronteira que só o meu corpo pode viver. Caminhografia são essas muitas coisas.

É importante destacar que, em algum momento, fiz uma disciplina na antropologia e percebi uma diferença muito grande entre a caminhografia e a etnografia. Aqui posso estar falando uma grande besteira, mas me parece que a etnografia sempre tem algum encontro em que o corpo precisa estar em um lado vivenciando aquilo, a partir do objeto que ele está falando. Eu preciso ter uma vivência de rua para poder falar sobre essa vivência na rua. Já a caminhografia não necessariamente. Eu vou ter uma vivência na rua para falar sobre o meu corpo,

a partir dessa vivência. Eu vou falar sobre a minha experiência, não sobre um outro lugar, que não é o que eu habito. A grande proposição da caminhografia está em falar sobre o que eu vivo. E quando mostramos para outras pessoas as nossas caminhografias, elas dizem que a subjetividade coletiva também proporcionou essa experiência a elas, de alguma maneira.

Enfim, é nesse espírito que eu entro no Doutorado, querendo continuar a caminhar.

Eduardo Rocha: Taís, tu percebes que existe uma dissonância entre aquela experiência de caminhar e depois fazer mapas; ou de produzir mapas enquanto se caminha? Isso tem me interessado muito. Durante o próprio encontro, durante essa fricção ou aquilo que é pensado depois remodelado, eu tenho gostado muito de olhar aquele primeiro rascunho. Me parece que às vezes quando ela é transformada enquanto mapa, enquanto representação de alguma coisa, começa a se perder. Como tu pensas isso?

Paula Pedreira Del Fiol²⁰: Taís, eu penso um pouco nessa questão da representação. Porque acabamos, de alguma forma, representando. Tu falas muito desse *durante* do teu trabalho e eu queria te perguntar se em algum momento tu pensou em uma representação analítica, como isso representa uma forma de tempo dentro do teu trabalho e como representar ela no mapa? E se isso te gritou em algum momento.

Tais Beltrame dos Santos: Eu acho que o momento da caminhografia, quando anotamos, é o momento da emoção. Eu tenho textos, desenhos e até fotografias, porque a fotografia também tem um tempo, em que a foto foi roubada, em que o texto era corrido, em que eu estava anotando porque precisava, não queria perder alguma coisa que tinha passado,

²⁰ Paula Pedreira Del Fiol é Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU/UFPel, Arquiteta e Urbanista pela UFPel. Fundadora da Urbe CoLab, empresa de consultoria em urbanismo participativo.

mas que não era precisamente importante. E tinha momentos em que o texto era corrido, não por eu ter pressa, mas porque eu precisava dizer tanta coisa no caderno de campo que esse momento de cartografar tinha uma outra intensidade, uma outra potência que se derramava. Portanto, acho que a potência não está, necessariamente, no antes ou no depois, mas no próprio pensamento que vem à tona.

Aconteceu também, em outros momentos em que eu já tinha voltado para casa, já estava olhando esses mapas, e me dava conta de alguma coisa que tinha me acontecido e eu não havia notado. Às vezes olhando uma foto, às vezes refazendo o meu percurso pelo Google Maps. E isso era uma potência tão grande que eu precisava correr e anotar, mesmo estando longe da experiência em campo. Eu acho que isso vem dessa emoção, sobre esse acontecimento, esse atravessamento que para tudo, quando pensamos: “eu acho que temos um achado aqui”. Alguma coisa aconteceu, eu acho que isso é o que importa para mim.

Quando fazemos um mapa durante, e depois quando voltamos para casa e olhamos ele. Isso tudo vira uma grande mentira. Vocês sabem que a memória é uma grande mentira. Nesse caso, eu acho que também tem uma ideia de argumentação da mentira. Eu minto muitas vezes no meu trabalho. Vocês podem ler várias mentiras. E nem por isso é um descompromisso com a verdade, porque isso é uma verdade para aquilo que eu queria ver ou dizer. É uma fabulação, mas é baseada naquilo que aconteceu, e que, talvez, faça mais sentido eu fazer essa tradução já que tenho que colocar um acontecimento em palavras. A teoria é sempre uma mentira, ela é uma representação. E eu falo sobre isso várias vezes. Mas, a partir do referencial teórico que estou usando eu acho que isso é aceitável dessa forma.

Sobre a forma do tempo. Quando eu vou para o mapa e encontro as formas de acolhimento

do Fuão, a forma do tempo fica evidente. A reta é o tempo acelerado, enquanto a península, a enseada e a ilha são esse tempo de acolhimento. E quando eu faço os mapas do acolhimento, o tempo está completamente naquele mapa. Porque ninguém fica no meio de uma praça às quatro da tarde anotando coisas, ou vivendo uma vida ou olhando o que está acontecendo na vida urbana se não tiver um grande espaço de tempo. A maioria das pessoas está com pressa e simplesmente segue o caminho mais rápido que é a reta. Então, acho que nesse sentido, a forma do tempo rápido é a reta e a forma do tempo lento é, talvez, uma ilha, ou ainda um acordelado das voltas das coisas que ficam no mesmo lugar.

Eduardo Rocha: Quando tu caminhografas, tu percebes um certo regionalismo ou um aspecto climatológico? Como isso vira um mapa?

Tais Beltrame dos Santos: Eu acredito que sempre existem todos esses atravessamentos de onde estamos.

Quando eu caminhografei Pelotas, estava com a ideia de fugir da Pelotas que eu já conhecia e desacomodar os percursos no meu imaginário. E, de certa forma, eu consegui fazer isso. Nessa busca de ser estrangeira, de alguma forma eu me tornei. Entrei no estado de performance de ser viajante, de descobrir, de esgotar a cidade. Eu saía de casa (eu moro no centro, podia simplesmente andar três quadras e vir deitar em casa), mas havia a ideia de sempre sair às oito da manhã e voltar às dez da noite, em um corpo atento, buscando algo que não é normal ou confortável.

Isso me atravessou de outra forma no Uruguai. Me atravessou de uma forma extremamente óbvia que é a língua. Embora eu fale espanhol e entenda espanhol muito bem, até conto os territórios em que o meu espanhol serviu e os territórios em que não serviu. Em

algum momento eu chego nas feiras, que eu falo que são as feiras que não vendem nada que são dos moradores de rua etc., porque no Uruguai as pessoas não pedem dinheiro na rua, só se elas tiverem alguma descapacidade, mas vendem qualquer coisa: roupas usadas, carregadores de celular que não servem mais para celulares comuns. Coisas extremamente lentas, extremamente ultrapassadas. E é muito óbvio o momento em que, por exemplo, eu sou assediada pela primeira vez em Montevideu. Foi em um lugar como esse, que é um lugar em que eu já não entendo muito bem o espanhol, que eles falam tão rápido que o meu corpo se faz fronteira.

Esta caminhografia se mostra nesses mapas e desconfortos. Por exemplo, Porto Alegre embora eu já conheça, já tenha ido muitas vezes, é uma cidade onde me perco. Eu acabo descobrindo outras coisas nessas minhas percussões que, às vezes, nem era o centro porque eu decidia seguir meu corpo, e quando via, estava em outro lugar. Essa fuga aqui em Pelotas jamais aconteceria porque eu conheço a cidade. Cada caminhada é então, uma caminhada.

O clima, obviamente, que incide nos dias de muito frio, vento e chuva em Montevideu, eu não consigo chegar até o final da rua, não consigo. Eu ando por muitas horas e embora eu não seja uma pessoa que sente muito frio, não consigo chegar até o fim da rua. Enquanto em Porto Alegre, nos dias muito quentes, ficar no sol ao meio-dia caminhando é uma loucura. Na época da pandemia, eu estava de máscara, isso vira outro absurdo. Esses absurdos, de querer enfrentar o clima, também aparecem na minha caminhada.

Quando vou caminhar em Pelotas, eu encontro um clima super ameno e a perversidade se dá ao contrário. Sei que, às vezes, caminhar em Pelotas é horrível, também faz vento e também faz muito calor, eu vou caminhando e pensando: “está bom demais, mas isso aqui

não é Pelotas, como será que isso seria se fizesse frio ou se chovesse?” Nesse sentido, o meu corpo já está acostumado com as condições climáticas, causa um estranhamento ao não sentir um estranhamento. Esse acolhimento e essa percepção entra por uma outra vertente. Quando decidimos caminhar com um corpo vibrátil, um corpo que quer registrar todas essas coisas climáticas, isso, inclusive, mudam a vida urbana e o projeto que pode ser feito em arquitetura e urbanismo, cada ocasião e cada coisa que conhecemos mudam completamente a forma que caminhamos e o que registramos, e isso tudo sempre interfere.

Cintia Gruppelli da Silva²¹: Taís, o meu objeto de pesquisa é uma praça em Pelotas, onde eu vou investigar as relações da natureza com o ser humano. Quando tu escolheste ir para Montevidéu e para Porto Alegre, como fica esse encontro com esses objetos lentos? Tu chegaste a abordá-los, como ficou essa questão ética na pesquisa? Chegaste a ter alguma comissão de ética? E eu queria te perguntar como foi esse teu encontro com as pessoas, se pudeste ir até elas ou se as consideraste na tua pesquisa.

Eduardo Rocha: Cíntia, o comitê de ética é bem complexo para quem pratica cartografia. Esse projeto FAPERGS²² eu tive que aprovar na comissão de ética da UFPel, tem esse momento aqui de encontros, mas ele tem caminhadas na rua. Ele precisava passar pela comissão de ética, eles me mandavam perguntando: “quantas pessoas tu vai encontrar na rua?” A cartografia ou a caminhografia não consegue responder, porque pode ser que eu não encontre ninguém.

Para aprovar no comitê de ética eu tive que dizer que iria encontrar cinquenta pessoas em cada caminhada, depois mandaram perguntar as idades. E me avisaram que se tivesse menos de dezoito anos, iria complicar. Eu botei maiores de dezoito anos. Mas, e se eu encontrar

²¹ Cíntia Gruppelli da Silva possui curso técnico profissionalizante em Desenho Industrial, pela antiga ETFPel. Graduação em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Universidade Católica de Pelotas. Especialização em Gráfica Digital pela Universidade Federal de Pelotas. Mestrado em Educação pelo Programa de Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia - IFSul Pelotas-RS. Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da FURG.

²² FAPERGS - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul.

uma criança, um adolescente? Porque essa ideia vai bastante contra as normas, a normalidade.

Eu considero importante os comitês de ética, não estou criticando, entretanto, tentei um diálogo explicando: “olha, saímos para rua, não sabemos o que pode acontecer.” O que tenho feito é que eu não uso o nome da pessoa, nunca pergunto o nome, eu anoto, por exemplo, se era um homem de cinquenta anos, ou era um jovem. Mas, te diria que existe uma dificuldade, o que eu fiz na minha pesquisa foi dizer: “vou encontrar e entrevistar”. Eles queriam saber se a entrevista era durante a caminhografia, não sabemos se na entrevista a pessoa vai correr, ou se tu vai almoçar com a pessoa, tudo pode acontecer.

Tais Beltrame dos Santos: Em algum momento até pensamos em fazer entrevista, mas eu já tinha tanta coisa. Era a minha opinião sobre tudo, e isso também é um pouco egocêntrico, mas acabamos achando que não era necessário. Todas as vezes que eu conversei com as pessoas, e que essas pessoas me contaram coisas, eu escrevia que conversei com pessoas e que essas pessoas me contaram coisas, porém, não me diziam nenhuma informação sobre elas. Eu escrevia, por exemplo, uma senhora, quem é essa senhora que me fala sobre isso? Nas imagens das pessoas, quando aparecia o rosto, especialmente que dava para ver que era a imagem de uma pessoa, eu comecei a ilustrar.

Fiz desenhos sobre essas fotografias para não usar a imagem da pessoa especificamente, mas depois acabei inventando algo que chamei de figurinhas, e isso acabou não dando certo. Passei a usar as figurinhas sem nenhuma ética. Mas, normalmente, são fotos em que o rosto da pessoa não aparece diretamente.

Fazer uma imagem da via também é super interessante. No começo do meu trabalho eu

só tirava fotografias mais generalistas em que aparecesse a rua inteira, vinte pessoas. Depois, eu acabo pegando imagens menores. Essas fotos mais cobertas são menos óbvias. Muitas vezes, eu queria fotografar os dispositivos, essas arquiteturas para-formais, então, acabava tirando fotos sem as pessoas, ou recortando as pessoas, justamente para preservar a identidade.

Eduardo Rocha: Cíntia, é difícil mensurar. No trabalho que eu tenho feito, quando é um artigo ou alguma coisa assim, eu tenho redobrado o cuidado. Nunca coloco imagem do rosto de alguém, eu seleciono. Para um trabalho acadêmico, para dissertação, não vejo problema, não tem tanta visibilidade, é algo que tem que ser, no mínimo, discutido. A Taís usou esse artifício do desenho, que é uma boa saída, também dá para desfocar, se for o caso, ou também fazer o que ela disse, pegar imagens de costas, ou então, não pegar autorização. Entretanto, por exemplo, eu fiz um trabalho há um tempo com moradores de rua, e é muito complexo tu mostrar um formulário para ele lerem. Eu diria que com feirantes, eu trabalhei com ambulantes, alguns são mais tranquilos, outros não, que se eu der para assinar o nome vão fazer um X na ficha, então, é bem complexo. Mas, eu acho que é uma discussão que tem que ser feita.

Tais Beltrame dos Santos: Quando eu estava em Porto Alegre não me sentia à vontade para dizer que eu era da universidade. Porque eu não conheço nada da UFRGS²³, e não sabia qual era a relação da universidade com o lugar. Inclusive em Porto Alegre, várias vezes, me pararam e perguntaram: “O que estás fazendo?”, eu respondia: “Estou tirando foto, sou turista”. Até para não criar uma expectativa. Porque quando tu falas: “estou pesquisando isso, sou da universidade” imediatamente as pessoas podem entender que é algo que vai resolver algum problema delas, ou vão começar a te contar um problema, e eu acho que

²³ UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

também não é legal deixar essa responsabilidade em aberto. Meu interesse não é voltar. Ou até é, mas não nesse momento de forma direta. Agora, aqui em Pelotas eu falava abertamente que eu era da universidade, e está tudo bem, porque ela tem um contato muito maior com a cidade. Acontecia, algumas vezes em Porto Alegre, de eu tentar falar que era uma pesquisa e receber um fechamento total. E, aqui em Pelotas, era uma abertura, eu falava que era para uma pesquisa da universidade, estou fazendo um estudo da universidade; e as pessoas começavam a me contar a vida inteira.

Jennifer Kerolin de Moraes²⁴: Eu queria saber, principalmente, Taís, durante esse teu processo todo da cartografia, se tu já buscava encontrar alguma coisa, ou se tu tinha já alguma prévia do que tu imaginava encontrar, e ao longo desse processo confirmar ou não isso. Minha outra pergunta é relacionada às perguntas anteriores também, eu queria saber sobre isso das entrevistas. Tu sempre procurou conversar com alguém ou esses registros foram feitos muito mais em questão da observação?

Tais Beltrame dos Santos: Eu já esperava encontrar algo, eu esperava encontrar muitas coisas. O que não estava dado — que é o que eu não sabia e o que não tínhamos hipótese, porque a cartografia não trabalha com hipótese, diferente de outras metodologias de pesquisa — é como se relacionavam essas pessoas com o espaço. Quais eram as relações que essas pessoas proporcionavam no espaço?

Se formos ler por essa ideia de habitar ou não um lugar para criar um lugar, o que eu não sabia era qual lugar era criado. Como um carrinho de cachorro quente cria um lugar, ou como uma pessoa morando na rua podia habitar um lugar, ou como uma pessoa andando rápido pela rua poderia criar um lugar. Para

²⁴ Jennifer Kerolin de Moraes é técnica em edificações pelo Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (campus Pelotas) e graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas.

essas perguntas eu não tinha respostas, por diversos motivos, pelo motivo de que ninguém tinha feito essas pesquisas aqui, então, tinha pouco trabalho. Apesar do para-formal já ter feito uma grande leitura nesses territórios, a leitura era um pouco diferente, não era o mesmo objetivo, e, depois, porque havia essa sobreposição dos tempos. Essa ideia dos tempos é sempre uma relação, eu não posso determinar o que é rápido e o que é lento, se eu não souber o que é rápido e o que é lento para aquele lugar. O rápido e o lento para uma cidade pequena, ou para uma cidade de fronteira ou para Pelotas, não vai ter a mesma relação do que em outros lugares.

Em Pelotas eu sabia que encontraria esses atores, esses vendedores. Eu nunca tinha passado quatro dias caminhando, de manhã à noite. Esse tempo de profundidade, de intensidade, é uma coisa que eu não posso fazer uma hipótese porque eu nunca estive nesse lugar. E quando eu faço isso repetidas vezes, quando eu viro um corpo que sobrevive nesse espaço, anota, tenta relacionar tudo que está acontecendo, e quais são as relações que estão nesse espaço, com certeza vou perceber coisas que eu nunca tinha percebido.

Não sei se tinha uma expectativa, sempre tem, se eu disser que não tem, é uma grande mentira, mas eu acho que eu já tinha essa certeza de que eu me surpreenderia. E talvez, por isso, eu nem tenha tentado elaborar uma grande hipótese. Se eu esperava encontrar alguém, no começo eu esperava, eu achava que ia sair conversando o dia inteiro com um monte de pessoas, e que todo mundo ia me contar a vida inteira, ia me contar exatamente aquelas coisas que eu queria. Mas, me esqueci que eu não estava conversando com filósofos, com geógrafos, com arquitetas e urbanistas e que eles jamais dariam as respostas a partir da epistemologia que eu estava estudando, simplesmente, porque eles não tinham esse olhar teórico para as coisas que eu estava olhando.

Embora eu esperasse encontrar alguém e eu tenha encontrado alguém, nem sempre tive o acolhimento e as respostas que eu desejava. Na maioria das vezes, eu tive respostas super fechadas que não me levaram para o que eu esperava.

É super interessante porque acho que aqui entra muito essa coisa do acolhimento. Quando o Fuão fala de acolhimento, ele fala o que causa o acolhimento, o que pode acolher. A Celma²⁵ também trabalhou isso, e vai dizer que quem pode acolher são as pessoas, não existe acolhimento sem as pessoas. Lia isso no Derrida²⁶, na Celma, no Fuão, e acho que eu nunca tinha percebido de fato. Em algum momento, quando esvazia o cenário que eu vejo, são esses cenários extremamente despidos de pessoas. Seja em Montevideu, às oito da manhã, ou aqui em Pelotas, em Porto Alegre, ao meio-dia. Eu percebo que não tem acolhimento nesses lugares. E, percebo que todas essas relações passam a fazer sentido, e percebo, também, que não existe essa espera de querer encontrar alguém porque não existe espera.

Nesse momento, em que eu me coloco como errante, procuro sempre um diálogo. Um errante que procura e espera, procura esse errante que está te esperando para um possível diálogo.

Eu também descubro a verdadeira condicionante da espera, que é o capital, eu não consigo criar uma grande conversa, uma grande relação de espera e de acolhimento com aquelas pessoas que estavam ali, morando na rua. Ou que estavam ali passando, arbitrariamente, pelo tempo. Mas, se eu for comprar alguma coisa, se eu for dar algum dinheiro, nesse caso, talvez, esse acolhimento, essa abertura possa acontecer, é um jogo com o capital.

No alto do meu privilégio, com essa carinha branca, às vezes, não era interessante. Por que

²⁵ Celma Paese é Arquiteta e Urbanista; Professora adjunta do Departamento de projeto de arquitetura da FAU UFRGS. Pós-Doutorado no PPGAU-Mestrado Associado Uniritter/Mackenzie. Doutorado em Teoria, História e Crítica da Arquitetura (PROPAP/UFRGS).

²⁶ Jacques Derrida foi um filósofo franco-magrebino, que iniciou a Desconstrução em filosofia, termo que cunhou, deverá ser compreendida, à luz do que é conhecido como "intuicionismo" e "construcionismo" no campo da metamatemática.

as pessoas me contariam coisas da vida delas? Não faria sentido. Às vezes, eu fazia perguntas e as pessoas simplesmente me olhavam e diziam: “Por que queres saber isso? Eu não vou te responder, eu nem sei quem tu é”. Existe um estranhamento, de diversas formas, então, sim, eu sempre esperava encontrar alguém e nunca encontrei, porque esse alguém não existia. Mas, eu encontro muitas outras pessoas que me mostram muitas outras coisas.

Eduardo Rocha: Taís, uma das grandes coisas que tu falou, e que pensamos, é esse inesperado. Eu lembrei que na disciplina de caminhografia teve uma questão que me chama atenção até hoje. Nós caminhamos por vários lugares aqui de Pelotas e um deles, que para mim seria o lugar mais acolhedor, o Mercado Público da cidade, que todo mundo conhece, é o lugar das docerias. Nós nos encontramos nesse lugar para ter aula e fomos corridos. Porque lá tem que consumir.

Em compensação nós fomos em outros lugares privados, por exemplo, teve um encontro no Supermercado Big, que foi maravilhoso. Então, eu acho que existe também o deslocar. Algumas coisas que imaginamos como sendo certas e verdadeiras.

Esse é o inesperado, ele vai acontecer. E, aquilo que eu digo, nos armamos de bagagens para sair para rua e quando saímos é o caos total. Nada daquilo que imaginamos acontece, isso é que eu acho muito importante.

Tais Beltrame dos Santos: Às vezes, achamos que uma praça não tem nada ou que já conhecemos tudo. Mas, vamos lá e descobrimos outra coisa. E que bom que isso está acontecendo. Tem outras relações que jamais vamos dar conta de cartografar e que também estão produzindo esse espaço. Talvez só não estejam nos discursos hegemônicos e de poder que habitam o nosso conhecimento, as possibilidades de compreensão desse lugar são

sempre muitas coisas.

Eduardo Rocha: Quais são as suas principais referências para esse trabalho?

Tais Beltrame dos Santos: As minhas principais referências são a Paola Jacques²⁷, Milton Santos, a Deka²⁸, o Edu, a Clasen, a Celma. Não sei se consciente ou inconsciente eu acabo trazendo essa bagagem do grupo de pesquisa: Valentina, Luana²⁹, a Lorena³⁰, são minhas referências bibliográficas. O que fazemos em nossas pesquisas é muito de agora, de nós, e o olhar para o que está sendo produzido, para falar para o que está acontecendo, para mim é essencial. Embora eu acabe voltando e percorrendo, de certa forma, uma teoria, um enlaçamento que vai no Deleuze³¹ e que vai na Kastrup, que também, ainda, está produzindo, gosto das referências novas. Minhas principais referências são aquelas que caminham comigo, as que caminhamos juntas.

²⁷ Paola Berenstein Jacques possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela UFRJ, especialização em Teoria e Projeto de Arquitetura e Urbanismo pela ENSA de Paris-Villemin com a AA School, mestrado em Filosofia da Arte e doutorado em História da Arte e da Arquitetura pela Université de Paris I.

²⁸ Débora Souto Allemand é doutora em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da mesma Universidade. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU/UFPEL. Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo e Licenciatura em Dança, ambas pela UFPEL.

²⁹ Luana Pavan Detoni é doutoranda em Planejamento Urbano e Regional, no PROPUR/UPRGS. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU/UFPEL. Arquiteta e Urbanista graduada pela FAUrb/UFPEL.

³⁰ Lorena Maia Resende é doutoranda em Arquitetura no PROARQ/UFRJ. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU/UFPEL. Arquiteta e Urbanista graduada pela Universidade Federal de Pelotas (2016).

³¹ Gilles Deleuze foi um filósofo francês. Sua obra é considerada uma das principais representantes da filosofia continental e do pós-estruturalismo, de modo que ocupa um lugar importante nos debates contemporâneos sobre sociedade, política e subjetividade.

Fabrizio Sanz
Encarnação



Mestrado em Urbanismo Contemporâneo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/UFPEL (2018). Especialização em Gestão de Cidades pela UNIVES (2006). Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Espírito Santo/UFES (2000). Estatutário da Prefeitura Municipal de Vitória/PMV (Arquiteto e Urbanista) (2002).

Figura 6: Fabrizio Encarnação em entrevista para conversas. Fonte: canal youtube revista pixo, 2022. <https://youtu.be/m1d5ltCgxIo?si=P-564G4S6ro6AnRNT>

Então; eu vou ler um texto, talvez isso seja um pouco duro, mas eu acho que prefiro ler porque vou tentar passar um resumo da metodologia que criamos no meu mestrado³². E a ideia do mestrado era estudar a relação das cidades com a água, com as suas bordas e, muito disso, se deu a partir de viagens, de pesquisas e de projetos que eu fiz aqui em Vitória. Eu vou ler agora um texto que é um resumo dessa metodologia:

A borda molhada na cidade tem grande importância para uma boa qualidade de vida dos cidadãos. Estudar os espaços molhados com ênfase nas questões urbanas e humanas pode estabelecer um novo olhar para a prática do planejamento e uso dos espaços de contato imediato entre o meio urbano, a natureza e as pessoas. Esta pesquisa de mestrado busca compreender a importância dos espaços livres de uso público construídos nas bordas molhadas das cidades e a devida apropriação desse território pelos cidadãos, exaltando este importante limite que a cidade faz com a água. Portanto, a cada dia mais, a pesquisa sobre o urbanismo se faz propositiva, apontando maiores associações entre a teoria e a prática e definindo parâmetros para as cidades e para os projetos urbanísticos, facilitando a adoção desses conceitos por mais pessoas e alcançando um público generalizado. Manter a pesquisa com os princípios do urbanismo e em consonância com a rápida transformação da sociedade contemporânea é fundamental para que as cidades possam se preparar e buscar uma harmonia com o seu tempo. A pesquisa sobre o urbanismo contemporâneo se mantém atual quando busca questionar a si mesma, revendo seus conceitos e ampliando seus limites. É imprescindível que o pesquisador se mantenha incessantemente rompendo esses limites entre as áreas de conhecimento e propondo a performance interdisciplinar como uma forma mais rica de criação. A atual investigação sobre o

³² Encarnação, Fabricio Sanz. Cartografia do limite: o espaço livre de uso público e a borda molhada das cidades. Pelotas: PROGRAU/UFPel, 2018. [dissertação de mestrado].

urbanismo contemporâneo tem buscado ampliar a percepção sobre o próprio urbanismo. Compreendido muitas vezes de forma restrita a partir de conceitos apriorísticos sem buscar conhecimento na alteridade, na multiplicidade e nos sentidos humanos. A pesquisa deve ser investigativa e propositiva, ao mesmo tempo fornecendo a possibilidade de uma reflexão filosófica que extrapola, excede e transfigura a realidade do conhecimento clássico. Ao fazer uma analogia com a pesquisa e a prática do urbanismo contemporâneo, autoriza a transgressão do conhecimento do urbanismo, revelando, assim, novas possibilidades de aplicar novos conceitos na forma de se projetar cidades. Logo, desde o início da história do urbanismo, compreende-se que a necessidade de cidades com espaços livres de uso público, que tenham boa qualidade e que proporcionem o bem-estar dos cidadãos, é uma questão recorrente e fundamental da disciplina, que certamente instrui a construção de bons lugares para as pessoas desfrutarem a vida em comunidade. A questão sobre a relação entre a cidade e a água tem tomado grandes proporções nos debates atuais, é uma grande preocupação, no sentido de recuperar as áreas portuárias ativadas, de rios urbanos em estados de degradação e a renovação de orlas marítimas. Hoje, os investimentos de grandes proporções em espaços livres públicos nas bordas molhadas, tem alavancado uma fervorosa e revigorante discussão sobre as questões fundamentais do urbanismo, e apontam para novas e múltiplas formas de relação entre homem e a cidade. Algumas cidades como, por exemplo, Amsterdã, Barcelona e Bilbao, reurbanizaram orlas públicas e investiram grandes fundos públicos destinados para recuperação e criação de novos espaços públicos, conectados com a água. Em muitos casos, projetos urbanos construídos nas bordas molhadas foram responsáveis por imprimir uma nova identidade às cidades e fomentaram a construção de projetos urbanísticos que

transformaram as cidades; para o bem ou para o mal. Entretanto, é importante reconhecer que há distintas escalas de atuação urbanísticas e tipologias variadas que podem gerar muitas ambiências peculiares em obras públicas. Essas mudanças implicam em transformações nas concepções da produção e na gestão de cidades, cabendo ao urbanista identificar novas ferramentas, modelos, estratégias e estratégias que possam servir de suporte para que se possa investigar os espaços livres de uso público, e na relação saudável das pessoas e meio ambiente. Essa pesquisa, aliada a uma análise crítica de textos clássicos do urbanismo e de outras disciplinas, era embasada por visitas a projetos urbanísticos contemporâneos, os quais buscavam, à luz de seu tempo, proporcionar qualidades aos espaços livres de uso público nas margens das cidades para melhorar o bem-estar dos cidadãos, e teve como objetivo realizar uma espécie de cartografia do devir contemporâneo, que serve como reflexão para a compreensão dos espaços livres de uso público na borda molhada das cidades e auxiliar na leitura crítica dos espaços construídos em obras urbanas. Dois caminhos se abrem como possibilidade para a construção da *Cartografia do Limite*.

A minha dissertação de mestrado tinha como objetivo elaborar *mapas contemporâneos* que servem para auxiliar o processo da percepção do espaço livre de uso público nas bordas molhadas das cidades na contemporaneidade. O primeiro caminho possível é o da Cartografia Literária, que elabora mapas contemporâneos através da narrativa e da releitura de textos de diversas disciplinas, atualizando-os e transportando-os para o universo urbanístico contemporâneo.

Então; a *Cartografia do Limite* se divide em duas partes: uma *Cartografia Literária*, na qual busquei nos textos clássicos uma nova leitura, e a outra cartografia, que seria a *Cartografia dos Sentidos*.

³³ Giorgio Agamben é um filósofo italiano, autor de obras que percorrem temas que vão da estética à política. Seus trabalhos mais conhecidos incluem sua investigação sobre os conceitos de estado de exceção e *homo sacer*.

³⁴ Jan Gehl é um arquiteto e urbanista dinamarquês, professor universitário aposentado e consultor, cuja carreira foi construída com base no princípio de melhorar a qualidade de vida urbana em favor de pedestres e ciclistas.

³⁵ François Ascher foi um urbanista e sociólogo francês formado em economia, com doutorado em estudos urbanos e ciências humanas. Especializando-se no estudo dos fenômenos metropolitanos e do planejamento urbano.

³⁶ Le Corbusier foi um arquiteto, urbanista, escultor e pintor de origem suíça e naturalizado francês em 1930. Conhecido por ter sido o criador da *Unité d'Habitation*, conceito sobre o qual começou a trabalhar na década de 1920.

³⁷ Charles Pierre Baudelaire foi um poeta boêmio, flâneur e teórico da arte francesa. É considerado um dos precursores do simbolismo e reconhecido como o fundador da tradição moderna em poesia.

³⁸ Jane Butzner Jacobs foi uma escritora e ativista política do Canadá, nascida nos Estados Unidos. Sua obra mais conhecida é *Morte e Vida de Grandes Cidades*, na qual critica duramente as práticas de renovação do espaço público da década de 1950 nos Estados Unidos.

A pesquisa utilizou textos que tratam das questões pertinentes à vida nas cidades com a pretensão de descobrir, por meio da *Cartografia Literária*, imanências que possam ser utilizadas para agenciar novas reflexões sobre os paradigmas que versam sobre os espaços livres e públicos, ou seja, a efetiva apropriação pelos cidadãos.

Questões fundamentais ao urbanismo, tais como a mobilidade, o crescimento das cidades, a qualidade de vida urbana, e o espaço público entendido como livre de uso público. A urgência da preservação da água e da natureza, o compartilhamento público, os sentidos humanos como propósito da urbanização, e o espaço criativo do *vir-a-ser*, além da urbanidade social, isso tudo foi examinado e reinterpretado à luz do olhar contemporâneo, objetivando construir uma *Cartografia Literária* que registra textualmente a experiência de se aprofundar nas ideias e conceitos de autores de várias épocas distintas e de várias áreas da ciência.

A pesquisa gerou quatro textos que compõem parte do meu trabalho de mestrado, que nomeiei de *Cartografia Literária*:

A primeira *Cartografia Literária* identifica em vários autores, como Agamben³³, Jan Gehl³⁴, Ascher³⁵, Le Corbusier³⁶, Baudelaire³⁷ e Jane Jacobs³⁸, dentre outros, a preocupação com a qualidade de vida das cidades e a devida apropriação dos espaços públicos pelas pessoas. A relação entre a água, as bordas molhadas e a qualidade de vida são investigadas com o intuito de verificar como os espaços públicos promovem a possibilidade do encontro da diversidade e da urbanidade.

A segunda *Cartografia Literária* observa que, a partir da Revolução Industrial, a sociedade foi impulsionada pelas novas descobertas, e que a expansão da mobilidade urbana proporcionada pelo motor à explosão vai mudar

toda a dinâmica de crescimento das cidades e da própria sociedade. Observamos que a cidade pode crescer seguindo o modelo que se assemelha ao padrão definido por Haussmann³⁹ ou por Cerdà⁴⁰, onde a cidade cresce sobre si mesma ou extrapolando seus limites. Harvey⁴¹, a partir de Lefebvre⁴², vai observar que o investimento do ascendente de capital em áreas públicas o que vai que vai propiciar esse crescimento das cidades e manter o ciclo do capitalismo em funcionamento. Observamos que esse modelo de investimento na cidade continua acontecendo, visto o grande investimento que se deu nas bordas molhadas em todas as cidades, em várias cidades do mundo. Como, então, podemos utilizar essa experiência acumulada para que possamos transformar as bordas molhadas de nossas cidades em um território harmônico, sustentável e com uma urbanidade que respeite a alteridade?

A terceira *Cartografia Literária* investiga o fato de que a sociedade compreende que o espaço público deve ser experimentado a partir da valorização da percepção sensorial e da possibilidade do encontro. Esses espaços públicos devem ser pensados para servir de alicerce para que os sentidos humanos possam ser vivenciados em sua plenitude. Apoiado na leitura filosófica do ensaio que busca a teoria da Khôra de Derrida⁴³, que busca pensar em espaços públicos pautados na possibilidade do terceiro gênero, do múltiplo que pode vir-a-ser, que é o entendimento da cura a partir da distinção do eu e do si mesmo que Nietzsche⁴⁴ faz, mostrando que o erro é uma textura histórico-social, e o si mesmo é o poderoso soberano que habita e é o próprio corpo.

A quarta *Cartografia Literária* versa sobre a construção da cartografia contemporânea e apresenta algumas hipóteses. Como a cartografia contemporânea se comporta em tempos onde a percepção do espaço é cada vez mais diversificada, pluralista e caótica? Como elaborar uma cartografia para uma sociedade

³⁹ Barão Haussmann, foi prefeito do antigo departamento do Sena, entre 1853 e 1870. Durante aquele período foi responsável pela reforma urbana de Paris, determinada por Napoleão III, e tornou-se muito conhecido na história do urbanismo e das cidades.

⁴⁰ Ildefonso Cerdà Suñer foi engenheiro, urbanista, jurista, economista e político espanhol. Escreveu a Teoria Geral da Urbanização, obra pioneira na área, pela qual é considerado um dos fundadores do urbanismo moderno. Seu projeto mais importante foi a reforma urbana de Barcelona no século XIX por meio do Plano Cerdà, com quem criou o atual bairro Ensanche.

⁴¹ David Harvey é um teórico e professor da City University of New York. Trabalha com questões da geografia urbana.

⁴² Henri Lefebvre foi um filósofo francês. Que cunhou o termo "Direito à cidade" que dizia que a população deveria ter acesso à vida urbana.

⁴³ Jacques Derrida foi um filósofo franco-magrebino, que iniciou a Desconstrução em filosofia, termo que cunhou, deverá ser compreendida, à luz do que é conhecido como "intuicionismo" e "construcionismo" no campo da metamatemática.

⁴⁴ Friedrich Wilhelm Nietzsche foi um filósofo, filólogo, crítico cultural, poeta e compositor prussiano do século XIX. Sua filosofia central é a ideia de "afirmação da vida".

⁴⁵ Peter Eisenman é um arquiteto e teórico da arquitetura norte-americano, um dos principais representantes do desconstrutivismo. Que tem grande influência do filósofo Jacques Derrida.

⁴⁶ Gilles Deleuze foi um filósofo francês. Sua obra é considerada uma das principais representantes da filosofia continental e do pós-estruturalismo, de modo que ocupa um lugar importante nos debates contemporâneos sobre sociedade, política e subjetividade.

⁴⁷ Félix Guattari foi um filósofo, psicanalista, psiquiatra, semiólogo, roteirista e ativista revolucionário francês. Foi um dos fundadores dos campos da esquizoanálise e ecosofia.

⁴⁸ Jorge Francisco Isidoro Luis Borges Acevedo foi um escritor, poeta, tradutor, crítico literário e ensaísta argentino.

⁴⁹ Franz Kafka foi um escritor de língua alemã, autor de romances e contos, considerado pelos críticos como um dos escritores mais influentes do século XX.

⁵⁰ João Guimarães Rosa foi um poeta, diplomata, novelista, romancista, contista e médico brasileiro, considerado por muitos o maior escritor brasileiro do século XX e um dos maiores de todos os tempos.

que não se assenta mais apenas sobre o espaço físico, mas também sobre o espaço virtual? Partindo da ideia de Peter Eisenman⁴⁵, da arquitetura não clássica e balizada pelo entendimento do conceito contemporâneo, de Agamben, e do entendimento da cartografia, de Gilles Deleuze⁴⁶ e Félix Guattari⁴⁷, utiliza-se da literatura para desvendar os enigmas do urbanismo contemporâneo. Um conto escrito pelo argentino Jorge Borges⁴⁸, sobre a cartografia do impossível, nos encaminha para a percepção de que o real não pode se confundir com o mapa na configuração de se perder o interesse pela representação. E o romance de Kafka⁴⁹ que mostra um agrimensor perdido na tarefa de compreender o território de um castelo nos guia para o entendimento de que é impossível construir um mapa que represente a realidade tão estável e confusa. Por fim, um conto do Guimarães Rosa⁵⁰, onde um pai decide morar dentro do Rio, mostra que existe a possibilidade de uma terceira margem, de um terceiro olhar, de uma nova cartografia. E, assim, a cartografia contemporânea abre a esperança para o múltiplo.

Esse foi o primeiro caminho que trilhei e que chamei de *Cartografia Literária*, composto por esses quatro textos. Essa foi uma tentativa de retornar aos textos clássicos, de autores importantes e também pelas reflexões e as conversas nas aulas que tivemos no curso do mestrado. Esses quatro textos foram balizadores para meu trabalho sobre a Cartografia do Limite, composto por essas duas cartografias secundárias: a cartografia literária e a cartografia dos sentidos, que são a base do meu trabalho de mestrado.

Então; esse segundo caminho, que eu chamo de Cartografia dos Sentidos, elabora mapas contemporâneos através de fotos e do relato da experiência de percorrer orlas urbanas construídas nas bordas molhadas das cidades. Esse estudo surge a partir de algumas viagens e de estudos que eu venho fazendo em várias

cidades do mundo. Eu visito as orlas dessas cidades e faço registros com fotografias, depois faço um relato sobre essa experiência de percorrer e caminhar nesses espaços públicos ligados à água nas bordas das cidades.

Depois de acumulada a experiência de visitar orlas urbanas de diferentes tipos e escala, e construídas em diferentes tempos, escolhi três locais para fazer a *Cartografia do Sentidos*, que relata a experiência de caminhar pela borda molhada da cidade e um espaço livre de uso público. A escolha dos espaços a serem cartografados se deu devido à importância dos locais visitados, pela qualidade projetual dessas orlas e pelo modelo de investimento que representa essa conexão com a água.

Visitei a orla de Barceloneta, em Barcelona e a orla de Bilbao, na Espanha, e a orla em Amsterdã, que se chama Slotterplas. A ideia era visitar Barceloneta, que é uma orla ligada à praia, a urbanização da orla de Bilbao, que é ligada ao rio, e a orla da cidade de Amsterdã, que é ligada a um lago. Com essas caminhadas elaborei a *Cartografia dos sentidos*.

Por fim, com essa *Cartografia do Limite*, espero ter dado mais um passo no aprofundamento da pesquisa do urbanismo contemporâneo e na questão da organização dos espaços livres de uso público nas bordas molhadas, sempre pautado na multiplicidade do conhecimento e na importância desses espaços para a vida de todos os cidadãos.

Obrigado.

Eduardo Rocha⁵¹: Tu és o único orientando meu que atua realmente na área projetual e interfere na cidade, mas eu percebo agora o quanto essas questões teóricas adentram. Que é uma pergunta que eu, a Vanessa, a Paula sempre nos fazemos. Sobre a prática da caminhada, desse mapeamento e da ação dele depois. O quanto ele é uma ação, claro,

⁵¹ Eduardo Rocha é Arquiteto e Urbanista (CAU/UCPel), Especialista em Patrimônio Cultural (CA/UFPel), Mestre em Educação (FaE/UFPel), Doutor em Arquitetura (PROPAR/UFRGS) e Pós-Doutor (Universitá Roma Tre). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 2. Professor Associado no DAUrb/FAUrb/UFPel; e Pesquisador no PROGRAU/FAUrb/UFPel, na Linha de Pesquisa: Cidade e Sociedade.

intelectual, do pensamento, questões críticas da arquitetura que são importantes e do urbano. Então, essa é uma questão que eu me lembro que eu me deparava no teu texto, com essa questão prática. E a outra questão, que me chama bastante atenção, na construção dessa ideia de caminhografia, de alguma forma, estamos em um movimento, que não é proposital, de afastamento à ideia da mobilidade. No sentido como tu fala, esquecemos de falar sobre a própria ação de caminhar. O quanto observamos, registramos o fora enquanto caminha, mas também estamos registrando o nosso caminhar. E se foi difícil, se foi cansativo, tivemos que parar ou não, por algum motivo, se tivemos medo, até registramos isso, por exemplo, eu tô caminhando, fotografando, filmando, anotando e tenho medo, em dado trecho. Isso afeta a mobilidade. Pensando no mundo. Isso me chamou atenção, Fabrício. Essas questões. Que me parece que tu conectas muito melhor do que eu e do que muitos de nós que pesquisamos. Porque tu estás agindo e agindo no poder público, o que eu acho muito bonito e fico muito feliz de perceber no teu trabalho.

Fabrício Sanz Encarnação: É interessante essa questão, quando eu volto de Pelotas e retorno à prefeitura, hoje eu sou coordenador de projetos viários, e eu fiz um grande estudo de mobilidade para o tráfego de carros. Na primeira impressão, não tem nada a ver, mas percebemos como é importante, quando você está fazendo um projeto de mobilidade de automóveis, de que o pedestre e esse “caminhar” estejam inseridos nesse pensar projetual. Porque é muito fácil você esquecer o pedestre nesses conflitos da cidade, entre o carro e o pedestre... mas, também as ciclovias, e eu fiz bastante ciclovias, sei do que estou falando. Existe a dificuldade de pensar nesse caminhante, chamado de pedestre. Existe toda essa complexidade de estruturas de mobilidade, que é a bicicleta, o funicular, o carro, o

ônibus, o metrô... E, para mim, foi muito importante esse mestrado, esse aprofundamento do pensar no caminhar e na cartografia contemporânea. Qualquer estudo que eu faça, mesmo que seja sobre o tráfego de carros e ônibus, o pedestre é o grande objetivo. E, em muitas vezes, conseguimos ampliar uma calçada, consegue-se fazer uma nova faixa de pedestre que proporciona mais qualidade no percurso dos pedestres. Às vezes são coisas pequenas que nem percebemos no dia a dia, mas são fundamentais para a qualidade do caminhar nas cidades.

Manoel Antonio Lopes Rodrigues Alves⁵²: Eu tenho duas perguntas. A primeira é, qual é o teu entendimento da noção de limite? Quais distinções, eventualmente, você faz entre limite, borda, fronteira? Pergunto porque isso é trabalhado de uma forma bastante polisêmica. E, também nessa linha, como é que a Khôra está relacionada à origem do termo, quer dizer, aquilo que é fora da pólis ou aquele espaço intermediário, sem definição precisa? Qual o limite do que colocamos conceitualmente e do que propomos enquanto prática? De certa forma, uma reflexão.

Fabricio Sanz Encarnação: Eu vou começar pela Khôra. Para mim, a khôra representa esse espaço do vir-a-ser, esse espaço ainda não construído, dessa possibilidade, desse espaço feminino que vai gerir, esse espaço gestante que o Derrida fala. Por isso eu faço essa associação com o Guimarães Rosa, dessa terceira margem do Rio, desse novo espaço que o pai decide morar no meio do rio e ali fica uma coisa da khôra do Guimarães Rosa, que é essa possibilidade do terceiro gênero, desse vir-a-ser. Versa sobre esse entendimento, dessa possibilidade de criar coisas novas, de extrapolar esse limite. Está nessa divisa do que é dado, do que é possível, e para mim, o limite é a borda. Ele vai dizer muito sobre a borda mesmo, essa relação entre a água e a cidade, essa borda da praia, a borda do rio, a borda

⁵² Manoel Rodrigues Alves tem Pós-Doutorado, Escuela Técnica Superior de Arquitectura, Universidade de Sevilha. Doutorado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. Mestrado, Master of Science in Architecture Studies, School of Architecture, Massachusetts Institute of Technology. Graduação, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Mackenzie.

do lago e o limite. E esse limite é extrapolável, esse limite podemos romper. Romper o subjétil e alcançar esse espaço da khôra, esse espaço gestante, feminino, desse vir-a-ser.

Sobre a segunda pergunta, se é que entendi a pergunta do Manoel, quando vou tratar sobre esses espaços nos morros e nas periferias, que são espaços difíceis, é exatamente onde o limite da lei caduca. Não temos mais esse limite da profissão; porque somos regidos por leis. O arquiteto segue leis, segue normas. Esse limite da lei, esse limite do possível da regra, é o que eu acho que é o difícil. Às vezes somos muito cobrados, e no poder público é muito mais complicado, porque hoje tem o Ministério Público, tem uma cobrança que é muito grande, qualquer erro somos cobrados. Não podemos extrapolar esse limite da lei, do urbanismo clássico, do que aprendemos nas universidades, nas escolas, que é o clássico dado pelas normas.

Manoel Antonio Lopes Rodrigues Alves: A minha pergunta não foi no sentido do limite da lei. Foi na contradição da nossa própria atuação. Na medida em que entendo o espaço público como o espaço da alteridade, como posso ser propositivo, determinista na caracterização do espaço público? Essa dicotomia é, para mim, intrínseca à nossa atuação, principalmente, quando trabalhamos em territórios do precário como uma comunidade, que tem todo um outro universo, todo um outro conjunto de questões.

Fabrizio Sanz Encarnação: Eu acho que nós, como arquitetos, construímos isso. Ouvindo muito a comunidade, a população, quem mora ali, quem vai viver ali. Se não vamos no território e não vivenciamos, não experienciamos; não só o espaço físico, mas também o contato humano, e a alteridade, temos um entendimento muito precário dessas coisas. Mas, eu acho, que indo à campo, conversando e ouvindo as experiências das pessoas,

conseguimos minimizar esse limite e solucionar esses espaços tão difíceis.

Vanessa Forneck⁵³: Eu fiquei pensando nessa relação desse corpo que caminha nessas bordas. Nessa relação com a água que o professor Eduardo comentou, sobre como nos sentimos nesses locais caminhando. Eu queria que tu comentasses um pouco mais dessa tua relação, dessa tua caminhada, do teu corpo passando por esses locais. O que tu poderias mencionar que realmente te despertou os sentidos?

Fabrizio Sanz Encarnação: Nessa experiência da cartografia dos sentidos foram várias orlas que eu visitei, não foram apenas essas três, eu escolhi essas três até por ter uma relação com o rio, a praia e o lago. E foram viagens que eu fiz antes do mestrado, então eu tinha muita referência fotográfica, e minha memória foi muito importante. É claro que aquilo tudo está guardado no seu imaginário, nos seus sentidos. Eu talvez pudesse ter feito um texto mais poético, mais voltado para as experiências sensoriais. O meu texto foi bastante duro, um relato, talvez, até restrito a um olhar arquitetônico e urbanístico. Eu preferi fazer um texto como um antagonismo dessa liberdade criativa, dos sentidos filosóficos.

São cidades grandes, com todos os problemas que têm com a questão da água, essa experiência de andar por essa borda com pontes e conexões foi muito interessante. Uma coisa muito interessante que aconteceu, andando na praia de Barceloneta, foi encontrar um cara completamente nu andando na praia. E foi um impacto. Em Barcelona, eles permitem a pessoa andar nua, eles entendem que o cara pode andar nu em uma praia, que o problema é quem vai ficar olhando para ele, não é o problema do cara que está nu.

Eduardo Rocha: Uma questão que estamos discutindo bastante no grupo é essa ideia de

⁵³ Vanessa Forneck é doutoranda em Arquitetura e Urbanismo no Programa de Pós-Graduação do Instituto de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade de São Paulo, Mestra em Arquitetura e Urbanismo na linha de Urbanismo Contemporâneo no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Pelotas e Arquiteta e Urbanista formada na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Pelotas

fazer o mapa antes, durante e depois. Tu fizeste os mapas depois, tu elaboraste isso como tu falou do imaginário? E estamos pensando, isso ainda não é uma definição, é uma ideia de que é muito potente o mapa feito no momento da caminhada. E parece que, mesmo que tenhas caminhado antes, tu fizeste as fotos no momento. E, então, estamos pensando muito na potência daquilo que é produzido no momento do caminhar, ou a escrita, ou a foto, ou o vídeo, ou um desenho, a potência desse registro. Existe uma questão temporal, embora a cartografia não tenha um tempo definido, ela atua, por exemplo, ela foi sendo feita durante todo o processo até mesmo antes do mestrado. A última questão que eu faço é sobre essa questão de ter caminhado e mapeado uma realidade europeia, eu queria que falasse um pouquinho.

Fabrizio Sanz Encarnação: Eu acho que esse registro fotográfico, já é um registro importante. E o objetivo dessas fotos era só uma mania de andar fotografando, de caminhar fotografando as coisas. Então, eu já tinha o registro desses percursos, poderia resgatar facilmente, isso foi bem legal.

Sobre as visitas serem todas na Europa, isso foi um drama que tivemos no mestrado. Faltavam esses espaços no Brasil, obviamente, e foi uma decisão minha de não colocar. Pensei em usar isso para um doutorado que eu vou tentar fazer, especificamente sobre o Brasil, relendo tudo isso com um olhar específico para o Brasil. Mas, certamente é uma crítica a se fazer, porque sempre é um olhar estrangeiro. Mas, talvez seja uma coisa bacana, porque é um olhar do estrangeiro no estrangeiro, no caso, o meu olhar, de alguém que não mora lá.

Liziane de Oliveira Jorge⁵⁴: Eu vou fazer uma colocação, eu acompanhei esse processo junto. Também estava nesses momentos cartografando, eu acho que tem uma dimensão

do desconhecido. Mas, caminhar em um espaço que você não conhece, não domina, abre-se uma dimensão quase que onírica, de sonhos, porque não faz parte do nosso dia a dia. É uma dimensão que não é a realidade daqueles sujeitos e atores sociais que estão colocados. Então, eu vejo muito pelas minhas experiências, eu falo até com um ponto de vista de docente, quando eu levo os meninos para caminhar, e falo: “gente, vocês têm que caminhar em lugares que vocês não conhecem!”. O que é reinterpretar aqueles espaços do cotidiano, que já conhecemos e já dominamos que é realmente ter uma descoberta a partir de um olhar exógeno. Neste caso, um contexto europeu, eu acho que ele vai ao extremo de um desconhecimento, de uma realidade que está colocada ali. Se pensarmos em um clima, Fabrício caminhou no inverno nessas localidades, se fosse no verão seria totalmente diferente. Isso é muito interessante, essa dimensão dos lugares acompanhado com o nosso saber, sobre aquele lugar específico porque, nesse caso, ele é totalmente desconhecido. Por isso, é uma descoberta por completo.

Eduardo Rocha: Tem uma relação na caminhografia que estamos trabalhando, que é a ideia da atenção. Porque quando caminhamos, a ideia, às vezes, é caminhar por lugares que os alunos sempre andaram, como o centro da cidade. Porém, vamos dando atenção a outras coisas. E mesmo sendo em um lugar, às vezes, conhecido ou que se imagina conhecido, para muitas pessoas é o lugar de passar de carro, então não é um lugar caminhado, é um lugar dirigido, ou no ônibus, no carro de aplicativo. E uma atenção de um desconhecido, do novo. Esse caminhar, talvez, acadêmico, da pesquisa, que andamos pensando...

⁵⁴ Liziane de Oliveira Jorge possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Espírito Santo (1998), mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Minas Gerais (2004) e doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (2012).

Gustavo de
Oliveira Nunes



Doutorando em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR/UFRGS) e bolsista Capes. Mestre em Educação (PPGE/UFPel) e graduado e Arquitetura e Urbanismo (UFPel).

Figura 7: Gustavo Nunes em entrevista para conversas. Fonte: canal youtube revista pixo, 2022. <https://youtu.be/ShXk7u2vXwY?si=PqIDU9A--9TVimDjR>

Eu não venho ao acaso hoje, eu quero tratar mesmo do caminhar. Então, nesse percurso, nesse recorte, o caminhar esteve presente no final da minha graduação, quando eu comecei a fazer pesquisa com o Edu⁵⁵ no grupo Cidade + Contemporaneidade⁵⁶. Depois, no mestrado em educação, quando eu trabalhei o caminhar como um processo da subjetivação, de mecanismo, de dispositivo de formação. Hoje, eu tenho pensado sobre a influência do pensamento pós-estruturalista...

Isso que vem sendo discutido no campo disciplinar do urbanismo, do planejamento urbano, eu vejo que existem três giros. Primeiro, tínhamos um planejamento, um pensamento urbano crítico voltado para as teorias marxistas e vendo a cidade enquanto local de reprodução da força do trabalho. Depois do Marx⁵⁷, suas ideias aparecem em Lefebvre⁵⁸, Harvey⁵⁹, e no Brasil vão ter grupos desses estudos, como o da professora Maricato⁶⁰, entre outros. Enfim, vai ter uma infinidade de pessoas que trabalham com um olhar crítico.

Depois, entra em questão o pensamento pós-estruturalista em 1968, na França, mas que depois se alastra para cá. Fomos contaminados pelo pensamento da filosofia francesa e, acho que, hoje, temos um giro epistemológico que vai para as teorias decoloniais, feministas, indígenas, relacionas também às questões climáticas, entre outras.

Atualmente eu mapeio esse movimento, da formação crítica, pós-crítica e decolonial. Eu fiz um rápido percurso para além do caminhar, voltei um passo antes para entender o que se estava falando no planejamento antes de surgirem esses discursos do caminhar na arquitetura e urbanismo.

Nos anos 1990, opa, o que foi isso? Que isso?⁶¹

Vamos voltar para os anos 1990, para tentar entender o que estava acontecendo no

⁵⁵ Eduardo Rocha é Arquiteto e Urbanista (CAU/UCPel), Especialista em Patrimônio Cultural (CA/UFPel), Mestre em Educação (FaE/UFPel), Doutor em Arquitetura (PROPAR/UFRGS) e Pós-Doutor (Universitá Roma Tre). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 2. Professor Associado do DAUrb/FAUrb/UFPel; e Pesquisador no PROGRAU/FAUrb/UFPel, na Linha de Pesquisa: Cidade e Sociedade.

⁵⁶ Cidade + Contemporaneidade grupo de pesquisa, ensino e extensão; ligado ao LabUrb, ao PROGRAU, a FAUrb e a UFPel; propõe uma abordagem multidisciplinar para analisar questões urbanas da sociedade contemporânea, com foco na arquitetura e cidade.

⁵⁷ Karl Marx foi um filósofo, economista, historiador, sociólogo, teórico político, jornalista, e revolucionário socialista alemão.

⁵⁸ Henri Lefebvre foi um filósofo francês. Que cunhou o termo “Direito à cidade” que dizia que a população deveria ter acesso à vida urbana.

⁵⁹ David Harvey é um teórico e professor da City University of New York. Trabalha com questões da geografia urbana.

⁶⁰ Erminia Terezinha Menon Maricato tem graduação em Arquitetura e Urbanismo, mestrado, doutorado, livre docência e professora titular pela FAUUSP. Atualmente é professora titular aposentada da FAUUSP.

⁶¹ A reunião foi invadida por hackers, todos as interações estarão como notas de rodapé. A fala do Gustavo foi interrompida por um hacker que fez som de gases.

⁶² Imposto Predial e Territorial Urbano.

⁶³ VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia; ARANTES, Otília. Cidade do Pensamento Único: Desmanchando Consensos. São Paulo: Editora Vozes, 2013.

⁶⁴ Isso deu origem ao estatuto da cidade, que depois veio a ser o Ministério das Cidades, em 2002, toda essa discussão na época deu origem a muitos instrumentos técnicos ou muita legislação sobre a cidade.

⁶⁵ Francesco Careri é arquiteto e professor pesquisador do Departamento de Arquitetura da Università degli Studi Roma Tre, onde dirige o grupo de pesquisa Laboratorio Arti Civiche e ministra uma disciplina de mesmo nome, um curso peripatético no qual você caminha enquanto interage *in situ* com fenômenos urbanos emergentes.

campo do planejamento urbano, no campo do urbanismo. Na época, um dos pensamentos críticos no Rio de Janeiro, São Paulo e também em Porto Alegre tratam de coisas como o IPTU⁶² progressivo, um instrumento técnico para tratar a cidade, voltado para legislação urbana. Ermínia Maricato nessa época escreveu um livro⁶³ famoso no campo do urbanismo que tratava da questão da exclusão urbana. Ela dizia que na cidade brasileira existia uma grande exclusão urbana e isso era representado pelas favelas, pelas bordas da cidade, e que, na verdade, essa exclusão era fruto do movimento moderno, aquilo que não foi incorporado pelo movimento moderno no Brasil, ela vai tratar também do estado de bem-estar social. Ela dizia que a cidade era representada de forma ideológica, e criticava a questão da representação do mapa também, que exclui grande parte da realidade. Assim, toda representação ideológica da cidade é voltada para uma questão política, para manter o *status quo*, manter o poder nas mãos da elite, não só da elite brasileira, mas também da elite global.

Ela propunha, na época, uma nova matriz urbanística, afirmando que os planejadores, urbanistas, geógrafos, sociólogos, antropólogos devem pensar a cidade em conjunto⁶⁴. Isso para desvendar um realidade que estava escondida por um simulacro ideológico de pensar através de um mapa, pois quando mapeamos algo sempre excluímos outra parte.

Em 2002, quando é lançado no Brasil o livro do Francesco Careri⁶⁵, ele vai começar a criticar os arquitetos e urbanistas que olhavam para a cidade desde a cidade histórica. Então, sempre que olhamos algo a partir de uma perspectiva, vamos ver o oposto como errado. Esse pensamento se desenvolve quando ele diz que a cidade estava se transformando pelas bordas e que caminhar poderia ser uma ferramenta de aproximação desses lugares, que ele chamava de espaços atuais, lugares onde muitas coisas estavam ocorrendo, mas que estavam fora da

lógica da cidade capitalista, por exemplo.

Outras formas de vida estavam nascendo ali e não sabíamos sobre elas. Na Itália, ele vai escrever vários textos sobre os ciganos, que estavam em espaços onde eles se apropriavam e produziam outros modos de vida. Ele propôs esse pensamento não só a partir do campo da arquitetura e urbanismo, mas também nas artes, para conseguir identificar esses lugares que ele chama de espaços atuais.

A partir do caminhar, ele estuda os dadaístas⁶⁶, os surrealistas⁶⁷ e os artistas da *Land Art*⁶⁸. Depois, ele cria o grupo *stalker*⁶⁹ e quando ele se torna professor cria um curso chamado artes cívicas. Ele faz todo um percurso que vai das artes, com os dadaístas, quando tentaram romper com o pensamento moderno no contexto da Primeira Guerra Mundial e tentavam romper com a razão moderna, muito influenciado por Nietzsche⁷⁰, que também estava tentando romper com esse modo de vida racional, e por Freud⁷¹.

Para pensar o caminhar, Careri busca os dadaístas e os surrealistas, que para ele foram os primeiros artistas que foram para as ruas para fazer performances e que propõem uma arte fora dos museus. Influenciados pela psicanálise de Freud, tentaram acessar o inconsciente a partir da experiência da cidade. Eles tentavam acessar o inconsciente a partir de deambulações, que eram viagens que eles faziam sem planejamento, sem rota, para evitar que a razão decidisse o percurso. Então eles compravam uma passagem e simplesmente viajavam. Nessa época, Breton⁷² e Aragon⁷³ eram os principais expoentes do movimento [surrealista].

Depois, vieram Debord⁷⁴ e os situacionistas⁷⁵, que são mais influenciados pela teoria marxista, propondo situações urbanas que tiravam a arte das exposições, dos museus, e levavam para a realidade concreta da cidade. Isso

⁶⁶ Dadaísmo foi um movimento artístico europeu do início do século XX, com início em Zurique.

⁶⁷ O surrealismo foi um movimento artístico e literário nascido em Paris na década de 1920.

⁶⁸ Land Art se refere ao tipo de arte em que o terreno natural é trabalhado de modo a integrar-se à obra.

⁶⁹ Laboratório de arte urbana Stalker/Osservatorio Nomade, realiza ações de arte pública na cidade informal e multicultural.

⁷⁰ Friedrich Wilhelm Nietzsche foi um filósofo, filólogo, crítico cultural, poeta e compositor prussiano do século XIX. Sua filosofia central é a ideia de "afirmação da vida".

⁷¹ Sigmund Freud foi um neurologista e psiquiatra austríaco. Foi o criador da psicanálise e uma personalidade influente na psicologia.

⁷² André Breton foi um escritor francês, poeta e teórico do surrealismo.

⁷³ Louis Aragon, poeta e romancista francês, dirigiu, juntamente com Philippe Soupault e Breton, a revista *Littérature*.

⁷⁴ Guy Debord foi um escritor marxista francês, seus textos foram essenciais para as manifestações do Maio de 1968.

⁷⁵ Situacionistas é um movimento europeu de crítica social, cultural e política que reúne poetas, arquitetos, cineastas, artistas plásticos e outros profissionais. Seu início data de julho de 1957, com a fundação da Internacional Situacionista, em Cosio d'Arosca, Itália.

⁷⁶ Andrei Arsenyevich Tarkovsky foi um cineasta russo. Ele também escreveu vários roteiros. Dirigiu a ópera Boris Godunov, em Londres, e uma produção de rádio do conto *Turnabout* de William Faulkner. Além disso, escreveu *Esculpir o Tempo*, um livro sobre a teoria do cinema.

⁷⁷ O ataque hacker continua, os hackers começaram a apresentar outras imagens, e acabaram substituindo a apresentação do Gustavo.

⁷⁸ CARERI, Francesco; JACQUES, Paola Berenstein. Entrevista. In: *Redobra*. v. 4, n. 11, p. 8-19, Salvador, 2013. Disponível em: http://www.redobra.ufba.br/?page_id=109.

⁷⁹ Paola Berenstein Jacques possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela UFRJ, especialização em Teoria e Projeto de Arquitetura e Urbanismo pela ENSA de Paris-Villemin com a AA School, mestrado em Filosofia da Arte e doutorado em História da Arte e da Arquitetura pela Université de Paris I.

⁸⁰ Gilles Deleuze foi um filósofo francês. Sua obra é considerada uma das principais representantes da filosofia continental e do pós-estruturalismo, de modo que ocupa um lugar importante nos debates contemporâneos sobre sociedade, política e subjetividade.

⁸¹ Félix Guattari foi um filósofo, psicanalista, psiquiatra, semiólogo, roteirista e ativista revolucionário francês. Foi um dos fundadores dos campos da esquizoanálise e ecosofia.

influenciou os movimentos de maio de 1968, em Paris, os artistas começam a explorar os arredores da cidade e começam a fazer vários percursos, e produzir marcas na terra.

Careri cria um grupo de caminhada e de performance, o grupo *Stalker*, que começa a caminhar pelos arredores de Roma e propor situações e experiências nos vazios urbanos que estavam fora do projeto moderno da cidade. Como referência ele usa o filme *Stalker* de Andrei Tarkovski⁷⁶. Nele, os personagens estão sempre caminhando, e foi gravado em uma cidade destruída por uma explosão nuclear.

Quando Careri se torna professor, cria o curso intitulado Artes Cívicas. Então, ele tem uma disciplina toda baseada no caminhar pela cidade, isso já em 2010, quando ele entra na instituição Università Roma Tre⁷⁷. Ele vai falar que o caminhar é um instrumento insubstituível para formar não só alunos, como cidadãos. Ele estava preocupado, na época, também com o medo das pessoas caminhar pela cidade. Ele foi convidado para caminhar na Índia, e no Brasil, ele caminhou na Bahia e tem um relato dele em uma das *Redobras*⁷⁸, em que vão caminhar em uma favela e ele fala do medo. Ele está pensando no caminhar como uma forma de amenizar o medo que se tem da cidade.

Depois que o Careri lança esse livro, a professora Paola Jacques⁷⁹, também interessada nessa questão da experiência urbana, vai mudar os termos. A transurbância de Careri, para Paola Jacques, vai se chamar corpografia e, agora, o Edu vai chamar de caminhografia, uma união entre a cartografia, o método que vem da filosofia da diferença de Deleuze⁸⁰ e Guattari⁸¹, e o caminhar. Com o caminhar se faz um mapeamento desses encontros com aquilo que ainda não está visível, ainda não está significado na cidade.

Eduardo Rocha: Vou fazer um adendo ao que o Gustavo dizia, no arte cívica é só o primeiro

dia de aula que é na universidade, depois ela sai para rua e não volta mais. Geralmente, essa caminhada tem um início e um fim, e tem um roteiro, ela sempre tem alguma questão poética envolvida.

A minha caminhada foi uma caminhada que ele chamava da *Iliada*⁸², então, caminhávamos e ao final da disciplina os alunos propõem uma intervenção nesse caminho. É um caminho bem longo, é uma disciplina fisicamente difícil, de levar até o final, porque ela exige fisicamente do aluno, a caminhada é bem interessante, por essa questão física como ela envolve essas questões projetuais, por essa experiência de caminhar e na relação com uma intervenção urbana⁸³. Ele utiliza a técnica do livro, ele prefere caminhar pelo não urbanizado ainda. Por exemplo, se ele tiver que optar em ir pela calçada ou ir por um canteiro, ele caminha pelo canteiro, se ele tiver que optar em cruzar um terreno baldio, ele prefere terreno baldio a um edifício ou um parque. Ele vai subvertendo as ideias do que é público e privado, do que é dentro e fora. Ele vai sempre pelo vazio e caminhamos sem saber o porquê. Isso é bem interessante, ele tem uma frase que é célebre que diz "Quem perde tempo ganha espaço"⁸⁴.

No final os alunos propõem uma intervenção urbana que pode ser do campo da arte, da arquitetura, do campo social. E a disciplina não é teórica, ela é só prática. Experimentamos também a ideia de caminhar à noite e dormir no caminho, é um pouco diferente da experiência do caminhar aqui na América Latina. Eu era muito chato, eu vivia perguntando, eles se incomodavam muito comigo. Eu perguntava para ele por que estávamos caminhando? O que estávamos fazendo, e ele se incomodava muito. E essa ideia do público e privado, pular um muro era bem tranquilo, nesse sentido de romper barreiras. Ele gosta muito disso, aqui na América Latina as barreiras não são tão transponíveis, são mais difíceis, mais

⁸² A *Iliada* é um dos dois principais poemas épicos da Grécia Antiga, de autoria atribuída ao poeta Homero, que narra os acontecimentos decorridos no período de 51 dias durante o nono e penúltimo ano dos dez anos da Guerra de Tróia.

⁸³ Nesse momento os hackers começaram a fazer perguntas, a conversa está a seguir:

Dra Adalgiza (*hacker*): Boa tarde, Eduardo pode fazer uma pergunta? Você é gay?
Gustavo de Oliveira Nunes: Eu acho que tira eles, Edu.

Profa Neuma (*hacker*): Meu Deus, que falta de respeito.
Ricky Thunder (*hacker*): Meu Deus falta respeito. Realmente, viu?

Profa Neuma (*hacker*): Pessoal. Nada contra a sexualidade alheia. Entendeu? Eu acho isso muito falta de respeito
Eduardo Rocha: Não sei. Lais Silva é aluna ou não, acho que não, né?

Lais Rodrigues: Eu sou aluna do programa de pós-graduação da UNESP Bauru.

⁸⁴ CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

perigosas.

Eu fiz uma intervenção nessa caminhada. São pequenas intervenções, um grupo colocou um banco no caminho, por que deixou um banco lá? Para as pessoas sentarem na sombra de uma árvore. Eu fiz vários monóculos e fui distribuindo no caminho, amarrando nas árvores e fiz uma brincadeira com os alunos. Ele fala muito do Patrick Geddes⁸⁵. Ele se afasta dos situacionistas, porque acha que temos que esquecer o situacionismo que é um movimento datado, francês, um momento político, que é uma experiência interessante no campo da arte mas que não serve para a prática contemporânea. O que ele pergunta muito ultimamente é o que é o caminhar agora? O caminhar não é tão livre, porque, na teoria ele fala em uma ideia do *zozzo*, que é o caminhar meio zigue-zague, sem saber para onde ir, mas nas caminhadas que eu fiz, tanto no arte cívica quanto no máster, eram caminhadas bem planejadas e direcionadas com início, meio e fim e com cada parada pensada.

Ele não sabe o que é cartografia, para ele não é uma coisa importante. Eu fiz uma provocação, ele pediu para que os alunos levassem mapas daquela experiência. Vários levaram mapas que os aplicativos fazem. Porém, um grupo de franceses levou umas fotos, a ideia de que elas foram fotografando no caminho lugares *camporêla*, que é uma ideia dos pintores franceses do século XIX que eles pintavam lugares do sexo. É o lugar do bosque, que tem aquelas cenas de mulheres nuas. E o grupo identificou lugares que poderiam ser essa *camporêla*. Ele olhou e disse: "isso não é mapa!" E eu dizia que era mapa. Isso me chamou bastante atenção e esse nosso encontro aqui tem a ver com essa união dessas práticas, do caminhar e do fazer mapas.

Gustavo de Oliveira Nunes: Como o Edu estava falando, o mapa já não é mais esse mapa representativo do espaço, é um mapa de

⁸⁵ Patrick Geddes foi um biólogo e filósofo escocês, também conhecido por seu pensamento inovador nos campos do planejamento urbano e da educação. Responsável pela introdução do conceito de região no urbanismo e pela criação dos termos "conurbação" e "megálópole", é considerado o "pai" do planejamento regional.

acompanhamento de processos. Podemos acompanhar um processo de várias maneiras, com desenho, com pintura, com a fala, como em uma sessão de psicanálise, porque tudo vai constituindo mapas, que é narrar um processo ou tentar expressar um processo de pensamento.

Quando eu começo o mestrado, a minha questão é o caminhar errático pela cidade influenciado muito pelo Careri. Se deixar experimentar a cidade sem crivo, sem um critério que anteceda o caminhar, e a questão era como criar outros modos de ver, de olhar para essa cidade e dizer algo sobre ela. O objetivo é criar um outro olhar sobre a cidade pensando que desde o movimento moderno esse olhar foi separado da cidade, pois o arquiteto e urbanista sempre olhou a cidade a partir do mapa. Quando na verdade, o que é esse mapa? É só uma tentativa de cristalizar um tempo em um papel, um tempo que está ocorrendo naquele espaço, e ficamos presos a essa subjetividade do arquiteto e urbanista, que está voltada para o mercado de trabalho. Então, se o mercado é quem vai decidir os rumos da cidade, ele também vai nortear a formação no sentido de propor esse olhar que vai sempre excluir algo da cidade. A cartografia, de Deleuze e Guattari, vai tentar romper com esse modo moderno de pensar, que é o modo arborescente, o modo decalque, e tentam diferenciar o que é a cartografia e o que é decalcomania. Podemos pensar o mapa enquanto representação, um mapa desses do Google, por exemplo, que é uma representação da realidade.

Na cartografia que fiz no mestrado, eu dividi em alguns procedimentos metodológicos, que foram as explorações urbanas; a escrita de um diário, que é um procedimento de coleta e produção de dados e a análise desses dados. A produção de mapas se deu a partir de linhas, mapas e sobreposições e o procedimento da revisão biográfica foi feito na ciência, na arte,

⁸⁶ Emanuela Di Felice é Graduada em Ciência da Arquitetura com especialização em Projeto Arquitetônico com a tese *Reci-clopolis: A cidade da reciclagem? orientada pelo Francesco Caretti com o qual caminha desde o 2006. Mestre por Master Housing, novos modos de habitar, (Università degli Studi di Roma 3). Em 2015 obteve título de doutora em "Projeto Urbano Sustentável" no DIPSA, (Università di Roma 3) com a tese *Re-Habitar: auto recuperação assistida do patrimônio público, em cooperativas de moradores.**

⁸⁷ Fernand Deligny foi um educador francês e figura de destaque na educação especial, se opôs ao cuidado asilar de crianças "difíceis" e autistas. Sua experiência gerou lugares alternativos de educação especial chamados "lugares de vida".

e na filosofia para tentar romper essa questão que fica só em um campo disciplinar. As explorações urbanas, então, foram caminhadas pela borda de Pelotas. Quem propôs essa caminhada foi a professora Emanuela Di Felice⁸⁶. Para fugir desse traçado rigoroso, homogêneo, hegemônico da cidade histórica e deixar que o corpo experimentasse a cidade. Foi uma caminhada sem muito planejamento, o planejamento era andar pela borda. As caminhadas aconteceram em oito trechos. Começou em 2016 e acabou em 2017, pois houve uma greve no meio do semestre letivo e não caminhamos. A cada ponto desses nos encontrávamos em um lugar. O diário, funcionou enquanto um dispositivo de apreensão da realidade e como criação, porque contar uma história em um diário é inventar um outro espaço, inventar uma narrativa e trabalhar questões da memória e da experiência. Ele tem a função de transformar essas observações em conhecimento e modos de fazer. O mapa foi minha ferramenta de produção de dados. Eu encontro o Deligny⁸⁷, que é um pedagogo francês, que vai pensar trajetos para além da linguagem, ou antes da linguagem, ele vai dizer que a produção do saber ou a comunicação não se dão pela linguagem e sim no trajeto. O percurso é o que vai definir maneiras de ser. O Deligny estava pensando em encontros que poderiam acontecer, mas que não eram significados pela linguagem.

A questão é como mapear essa cidade sem utilizar a razão. Adentro a questão para tentar pensar a cidade, não a partir daquilo que eu queria pensar, e sim a partir daquilo que o mapa me leva a pensar. Então, eu peguei o diário e comecei a elencar os espaços que mais foram atravessados no caminhar. Em cada trecho conectei esses lugares até chegar no mapa de sobreposições de percurso onde encontrei alguns pontos que foram mais atravessados nesse caminhar, foram eles: os bairros periféricos; a rodovia BR; e o ônibus. Esses pontos

foram as categorias de análise. Como pensar a formação do arquiteto urbanista pelo caminhar, em que espaço eu vou pensar isso? Eu vou pensar nesses três espaços, pois foram os espaços que mais atravessamos e mais vivenciamos nessa experiência do caminhar pelas bordas da cidade. Para analisar isso, então, fugindo de uma ciência disciplinar, eu fui trabalhar a partir do enunciado sobre o caminhar, mas também sobre a formação da arquitetura e urbanismo na arte, na ciência e na filosofia, três áreas do conhecimento que fazem o que Deleuze e Guattari vão chamar de corte no caos. Eu estudei do Francis Alÿs⁸⁸ ao Nietzsche e a formação do arquiteto e urbanista para tentar entender o que esse caminhar poderia possibilitar de variação nessa formação pedagógica. E cheguei em algumas análises a partir dos conceitos da filosofia, que é pensar o molecular e as linhas de fuga da cidade, a partir de linhas mais duras até linhas mais flexíveis, e linhas de fuga onde o pensamento é levado a pensar outras coisas que não aquelas já tão sistematizadas no pensamento, na cognição.

Na rodovia BR, percebi que era um ponto ao qual sempre retornávamos na caminhada, como que um espaço de segurança. Quando se tornava angustiante caminhar, cansativo, sem querer retornávamos à rodovia como se fosse aquele espaço de conforto de um lugar conhecido. Reconheci que realizávamos o que Deleuze chama de reconhecimento do pensamento, pois como já conhecíamos aquele espaço voltar a ele era uma proteção para o nosso corpo e o nosso pensamento, frente ao encontro com aquilo que ainda era desconhecido. O ônibus foi o meio pelo qual começamos a nos afastar da faculdade de arquitetura, do centro histórico. Começamos a pegar o ônibus para ir até o ponto de caminhada. Então, o ônibus foi um lugar que se repetiu muito, ele foi esse vai e vem entre uma formação mais rígida da sala de aula e um lugar para caminhar, ele nos tirava da sala de aula, nos levava para errância.

⁸⁸ Francis Alÿs é um artista belga que vive no México. O seu trabalho surge do espaço interdisciplinar partilhado pela arte, arquitetura e práticas sociais. Em 1986 deixou a profissão de arquiteto e mudou-se para a Cidade do México. Desde então, ele criou arte performática e um conjunto diversificado de trabalhos, explorando tensões urbanas e geopolíticas.

Por isso, uma linha molecular, que está sempre oscilando entre um polo mais duro e um mais flexível. E as linhas de fuga foram os encontros que ocorreram, encontros com outro urbano. Com essa minoridade da cidade, com esse outro que está excluído. O encontro com o bairro Dunas que tinha todo o signo da violência, mas quando caminhamos, vimos que não tinha sido nada violento, foi super tranquilo caminhar. Também pensamos nos discursos, como eles produzem violência na cidade, e, na verdade, é um discurso muito midiático, que tem toda uma questão política por trás.

As considerações, então foram que a errância nos tira desse mapa rígido e nos coloca em relação com as forças da cidade, e esses espaços foram, de certa forma, trabalhados a partir de conceitos. Para pensar a BR, utilizou-se a repetição daquilo que está significado no pensamento e que se repete na cidade. A rodovia BR está sempre ali. O ônibus funcionou enquanto uma flexibilização... uma flexibilização da formação, que, geralmente, ocorre em uma sala de aula e, por fim, os encontros em bairros periféricos, encontros com aquilo que está excluído do traçado hegemônico da cidade.

Eduardo Rocha: Sabe eu acho muito interessante os ataques hackers, eu acho que faz parte do mundo atual e desse mundo virtual. Esse pessoal são os verdadeiros donos desse lugar, o pessoal deve viver o dia inteiro fuçando isso aqui, entrando e saindo. Eu não entendo qual é o objetivo de entrar, deve ser tipo como a pichação.

Gustavo de Oliveira Nunes: Não conhecia esse movimento. É uma cartografia.

Eduardo Rocha: É interessante essa interação. Gustavo, eu acho interessante que estamos falando aqui de uma coisa que é caminhar e cartografar e estamos totalmente expostos. Então, para mim é bem tranquilo. Eu fiquei pensando, Cíntia, no dia em que caminhamos

e teve uma pessoa que eu acho que tinha um problema mental.

Cintia Gruppelli da Silva⁸⁹: Eu ia dizer isso Eduardo, eu me sentia assim. A pessoa querendo incomodar, chamar atenção, o objetivo deles é o mesmo.

Eduardo Rocha: Quando caminhamos, estamos expostos a todo tipo de reação. Esse imprevisível não é fácil no primeiro momento, não se sabe muito bem como lidar, mas depois aquilo começa a fazer sentido, ou procuramos um sentido.

Gustavo de Oliveira Nunes: Quando nos encontramos com o prefeito de três lotes⁹⁰, por exemplo. Ele estava ocupando umas terras, era um morador em situação de rua, quando o grupo se aproximou dele, disse que estava surpreso porque haviam pessoas olhando para ele. Uma colega da arquitetura falou depois que era uma problema ele estar ocupando justamente aquele lugar, que era posse da Companhia Ferroviária, e, por isso, nem o usuário ele poderia pedir depois. Existe essa questão também do pensamento do arquiteto e urbanista que sempre vai pensar o espaço a partir dos instrumentos urbanísticos. Eles foram importantes, porque deram a possibilidade do estatuto da cidade, por exemplo. Mas quando se vai pensar na cidade em si, o real não consegue se conectar com aquele ideal. Para tentar romper com isso eu fui pensar naquela habitação enquanto uma territorialização do prefeito de três lotes, enquanto criação de um espaço existencial. Primeiro fundamos um território para depois habitar ele. O prefeito estava em um processo de territorialização bem subjetiva, quando estava marcando o espaço dele, construindo a sua casa.

Tais Beltrame dos Santos⁹¹: Como tu achas que essas camadas da vivência coletiva e do que tu estava vivendo se sobrepõem? Como tu achas que essas coisas se relacionam na tua

⁸⁹ Cintia Gruppelli da Silva possui curso técnico profissionalizante em Desenho Industrial, pela antiga ETFPel. Graduação em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Universidade Católica de Pelotas. Especialização em Gráfica Digital pela Universidade Federal de Pelotas. Mestrado em Educação pelo Programa de Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia - IFSul Pelotas-RS. Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da FURG.

⁹⁰ Personagem que aparece na dissertação do Gustavo, que pode ser acessada através do link: <https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/4389>

⁹¹ Tais Beltrame dos Santos é Doutoranda em Arquitetura pelo Programa de Pós-Graduação (PROPAR/UFRGS), Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (UFPel, 2021), Graduada de Artes Visuais - licenciatura (UFPel). Arquiteta e Urbanista (FAUrb/UFPel, 2019).

cartografia?

Gustavo de Oliveira Nunes: O caminhar se fez em grupo, mas a percepção dessa caminhada aconteceu no diário. Quem guiou o trabalho foi o diário sempre tentando me excluir do que eu queria falar. Claro que tem a questão do prefeito, eu não quis abrir mão. Então, manipulamos o diário também, como tu falou manipulamos os dados, criamos dados. Mas, sempre tentando deixar o diário evidente. Tentando sempre tirar a questão do eu e pensar o trajeto em si, tentar ver o que o trajeto está apontando enquanto caminhografia

Eduardo Rocha: Eu percebo que, às vezes, o caminhar em grupo perde um pouco o sentido da atenção. Pensando na Suely⁹², nesse pessoal que falou muito na ideia da atenção na cartografia. Se perde um pouco a atenção da rua, das coisas que acontecem. Eu tenho me perguntado bastante sobre isso, quando eu caminho sozinho a experiência é mais forte para mim do que quando eu caminho com um grupo.

Gustavo de Oliveira Nunes: O caminhar se propõe a ser essa coisa sem um objetivo. Mesmo quando tu vais fazer uma errância tu tens um objetivo que é experimentar um outro estado de corpo, que não é comum na nossa lógica neoliberal de vida. Várias pessoas se perdem, não prestam atenção, nem sabem o que estão fazendo. Quando eu caminhei, como eu tinha uma dissertação para escrever, eu estava sempre atento ao percurso, pra ver o que estava acontecendo e tinha esse objetivo. Antes da Emanuela chegar a Pelotas eu caminhava sozinho, eu tinha algumas notas também, mas ficava angustiado porque eu via que aquilo não ia dar em nada, porque não sabia como olhar aquilo. Fazia algumas notas, entretanto quando a Emanuela chegou e propôs uma caminhada que tinha um início e um fim, eu consegui olhar para esse processo como um todo.

⁹² Suely Belinha Rolnik possui graduação pela Sorbonne em Sociologia, com sub-dominante em Linguística (Paris 8, 1973), em Filosofia, com sub-dominante em Estudos Ibéricos e Latino americanos (Paris 8, 1973) e em Ciências Humanas Clínicas (Paris 7, 1975), na qual também obteve os diplomas de mestrado em Psicologia (1977) e de Estudos Superiores Especializados em Psicologia Clínica (doutorado profissional; 1978). Doutourou-se em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1987).

Eduardo Rocha: Tinha atenção para pesquisa, eu noto que é diferente, por exemplo, caminharmos atentos para alguma coisa, ou mesmo para experiência. Eu tenho uma outra atenção enquanto eu caminho, mesmo que eu conheça o lugar, tem uma intensidade que vai variando. Essa relação de pensar como fazer isso, não de uma forma regrada ou com alguma receita, mas que tem uma pista parece. Por essa ideia da atenção enquanto se caminha, embora eu possa caminhar sem pensar em nada.

Gustavo de Oliveira Nunes: Eu acho que o objetivo é realmente essa atenção, essa atenção flutuante para as coisas da cidade.

Cintia Gruppelli da Silva: Tu falou que quando tu caminhava sozinho, não fazia tanto sentido porque tu não sabia muito bem como olhar. E se não houvesse a oportunidade de fazer essa caminhada em grupo, tu faria sozinho ou tu pensarias a tua pesquisa diferente?

Gustavo de Oliveira Nunes: Eu faria diferente, eu acho. O grupo foi sorte, porque a Emanuela veio para o Brasil no primeiro semestre do mestrado. Até então eu estava estudando as teorias do caminhar mesmo, sem um locus de pesquisa.

Eduardo Rocha: É possível fazer sozinho. Talvez tu tenhas mais atenção em um grupo pequeno, ou com outra pessoa, do que com um grande grupo.

Cintia Gruppelli da Silva: É que, passear pelas bordas da cidade deve ser algo perigoso, acho que quando estamos em grupo nos sentimos mais seguros.

Gustavo de Oliveira Nunes: Várias vezes eu pensei em voltar em alguns pontos, enquanto eu fazia a análise durante a escrita da dissertação, para ver de novo o lugar, mas eu não voltei sozinho.

Eduardo Rocha: A Isabella tem essa experiência sozinha.

Isabella Khauam Maricatto⁹³: Sim, eu ia falar justamente isso, parece que a borda te expulsa. Eu queria ultrapassar, mas existia alguma força que me impedia e eu só consegui junto com a Valentina⁹⁴. Caminhamos naquela região de caatinga, que todo mundo fala que é muito violenta. Encontramos outras coisas, que não esse símbolo de violência. Romper com essa bolha também é uma liberdade do corpo de tentar seguir mesmo com essas forças que te empurram para fora.

Gustavo de Oliveira Nunes: Eu nunca vi um relato de alguém que estava caminhando, nesse sentido de errância, e ser violentado ou assaltado. Eu acho que pode acontecer, mas, às vezes, o próprio estado de corpo sabe como estar naquele espaço, não nos colocamos como alvo, é uma coisa estranha.

Eduardo Rocha: É difícil explicar. A vida na cidade é sempre uma surpresa, pelo menos nas experiências que eu estive, é sempre surpreendente, tu te prepara para uma coisa e acontece outra. E é meio inexplicável.

Eu fiquei pensando sobre a atenção, eu faço caminhada de exercício todas manhãs, e comecei a despertar para as pessoas que dormem na rua. Eu descobri que estou mapeando sem querer, só com o olhar. Eu caminho por tais ruas para ver se aquelas pessoas estão lá de novo. E descobri que tem três grupos aqui no centro que se dividem em três bancos. Eles dormem nos caixas eletrônicos das agências bancárias. Sei porque eu caminho na hora que eles acordam, na hora que eles tem que sair do banco porque chega o policial do banco, o guarda, e eles começam a se movimentar. São grupos diferentes, eu não tive nenhum contato nem nada, só caminho, não olho para ninguém, mas eu estou montando um mapa na minha cabeça desses lugares. Tem um grupo

⁹³ Isabella Khauam Maricatto é Doutoranda em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR/UFRGS), Mestra pelo PROGRAU/UFPEL, tem especialização em Artes - UFPEL, Arquiteta e Urbanista pela UEL.

⁹⁴ Valentina Machado é Doutoranda em Antropologia no Programa de Pós Graduação em Antropologia (PPGAnt) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da Universidade Federal de Pelotas, na linha de pesquisa do Urbanismo Contemporâneo. Arquiteta e Urbanista graduada pela Universidade Federal de Pelotas (2017).

que tem duas mulheres, mas nos outros que eu pude identificar não tem mulheres, são homens, na maioria. Entretanto, tem duas mulheres que são dependentes químicas.

Carolina Cabreira
Magalhães Falcão



Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UCPEL (2005). Mestra em Arquitetura e Urbanismo - PROGRAU/ UFPEL (2016). Especialista em Neurociência aplicada à Arquitetura - IPOG/ RS (2021). Doutoranda no Programa de Pós graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural - PPGMSPC/ UFPEL - bolsista CAPES. Professora, mãe, curiosa, pesquisa a cidade e suas subjetividades. Vive em Satolep.

Figura 8: Carolina Falcão em entrevista para conversas. Fonte: canal youtube revista pixo, 2022. <https://youtu.be/Sc8CV-5zLnHs?si=fWXUrewCV-NLv-yyN>

Casa: território de subjetividade, esse era o título da minha dissertação⁹⁵. Por que nos condomínios fechados? Por que fomos para lá? Porque eu tinha esse desejo de entender a relação das pessoas com a cidade a partir da sua forma de morar. Para isso, percebemos que facilitaria esse processo se tivéssemos esse lugar que é compartimentado, que é praticamente igual.

Um dos meus questionamentos, das minhas motivações, era por que as pessoas, com famílias diferentes e estruturas familiares diferentes, se colocam compartimentadas nesse espaço tão semelhante, tão monótono, e acabam se adaptando a isso? Como se relacionam com a cidade, como se relacionam dentro desse espaço? Com isso, acabamos chegando em três camadas nas nossas conversas.

Nesse momento, a jibóia, do Pequeno Príncipe⁹⁶, era muito clara para mim. Nessa relação da casa, do muro, do que está colocado dentro. Criamos camadas, que eram três muros, três planos e três percursos, a casa entre muros, a parte interna dos muros e o que está colado nesses muros. Essas relações com a cidade eram muito distintas, a primeira etapa, foi mais íntima, dentro das casas, para entender nesses ambientes como que as pessoas se adaptaram. Havia três modelos de plantas, que eram muito semelhantes, e queríamos entender como se adaptaram de acordo com cada realidade. Algumas coisas surgiram nessa questão íntima. Primeiro, existe um histórico no Brasil, que é do sonho da casa própria. Após o BNH⁹⁷, as pessoas têm o sonho de morar, isso não é uma crítica. Mas essa relação de intimidade e de invadir esse espaço, quando eu solicitei entrar nas casas e fazer perguntas, era sempre um desconforto. A segunda escala, um pouco maior, a questão dos muros que, para mim, academicamente, era péssimo, parecia uma cidade medieval sem os serviços que uma cidade medieval tinha. Existem os trabalhadores, o muro e o dormitório, porque

⁹⁵ FALCÃO, Carolina Cabreira Magalhães. CASA: TERRITÓRIO DE SUBJETIVIDADES: um percurso sobre sensibilidade e arquitetura nos condomínios fechados. Pelotas: PROGRAU/UFPel, 2016. [dissertação de mestrado].

⁹⁶ SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. O Pequeno Príncipe. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

⁹⁷ Banco Nacional da Habitação (BNH) foi uma empresa pública brasileira voltada ao financiamento de empreendimentos imobiliários.

as pessoas vão para os condomínios dormir, acordar, sair de novo para fazer suas atividades todas fora e retornam para aquele muro. Entretanto, quando eu chego e começo a questionar isso, sem trazer a minha visão distorcida ou acadêmica, as pessoas voltam para uma outra realidade que eu não tinha olhado. As crianças brincam na rua com tranquilidade, eu me sinto segura, caminho, uma série de coisas do cotidiano, que muitas vezes não aparecem quando estamos fazendo pesquisa. A terceira escala, é a relação com a cidade, o que acontece do lado de fora desse muro. Então, eu queria entender o que acontecia, como essas pessoas se relacionavam com o entorno. Quando olhamos para esses condomínios eles ocupam uma grande área da cidade, breçam, fecham ruas, não têm acesso, ou têm um único acesso, entrada e saída são vigiadas, essa relação de se sentir sempre olhado, sempre nesse *Big Brother*⁹⁸.

Essa relação com o carro é outro elemento que estava muito marcante. Temos as casinhas sempre iguais, monotonamente. A única coisa que eles podem fazer nesse, especificamente, que eu visitei, que é o Terra Nova, é mudar as cores, mas ainda dentro de um grupo de cores, eles não podem ousar. Não existem calçadas nesse condomínio, as pessoas competem com os carros, existe o espaço para carro e em cada casa tem espaço para dois carros. E isso era bem comum, dependendo do horário que eu visitava, essas vagas estavam todas preenchidas. Quer dizer, as pessoas circulam por toda cidade no carro e voltam para dentro do condomínio. Como as pessoas se reconhecem nesse lugar, como circulam, mapeamos tudo isso. Um dos conceitos que trabalhamos foi o de território, portanto, de onde vinham essas pessoas, como elas se territorializam nesse espaço, o que isso quer dizer? Tomar consciência desse novo território, entendendo que são lugares construídos do zero, e como elas se colocam nesse espaço. Elas se

⁹⁸ Programa de reality show mundial, o nome do programa deve-se ao livro 1984, escrito em 1948 por George Orwell, no qual o Big Brother é o ditador que tudo vê da distópica Oceania, líder este que governa o mundo ocidental em um futuro fictício.

reterritorializam, como elas voltam a dar sentido para esse espaço, como formam vínculos, como esse novo território passa a ser o seu território? Conceitos de Deleuze⁹⁹ e Guattari¹⁰⁰. Outro conceito que usamos foi o conceito da hospitalidade, do Derrida¹⁰¹. O Fuão¹⁰² e a Celma¹⁰³, também trabalham com isso. Quanto e quando casa é lugar, quando a casa é não-lugar, quando a pessoa não se reconhece nesse espaço, quando a pessoa se sente abrigada nesse espaço? Tentar entender essa busca da familiaridade, dessa vivência desse entendimento, do que é essa casa, e qual a é essa capacidade formal.

Existe uma feira em frente ao condomínio em um dia da semana, mas a feira era do lado de fora da grade, agora não tem mais essa grade, que dava a possibilidade de fazer compras de dentro do condomínio e receber pela grade, então eu não acessava a feira, as pessoas mal saíam de casa, pela própria grade os moradores pegavam as compras. Essa relação de barreira era muito impactante, a falta de relação humana, não existia esse sair, percorrer, ir à feira, às vezes é um evento, ir à feira, passear, comprar coisas, uma experiência que no condomínio era vedada por esse muro. Partindo das pessoas, trabalhamos com entrevistas, mapas e a teoria, nessas três escalas e com esses conceitos. Entretanto, as minhas hipóteses internas, o que eu achava que eram verdades absolutas, caíram por terra, porque as pessoas acabavam me dizendo outras coisas, me contrapondo.

Tentamos entrar na casa das pessoas, foi bem difícil. Hoje, temos outra relação com esse entrar na casa das pessoas; hoje, já entramos na casa de todo mundo, com a pandemia, a nossa casa virou continuidade. Entramos de alguma forma na casa das pessoas, através das câmeras, principalmente. Mas, antes só entrávamos na casa de quem nos convidava. Foi muito difícil esse processo, começamos a montar uma rede, e chegamos à conclusão que íamos fazer

⁹⁹ Gilles Deleuze foi um filósofo francês. Sua obra é considerada uma das principais representantes da filosofia continental e do pós-estruturalismo, de modo que ocupa um lugar importante nos debates contemporâneos sobre sociedade, política e subjetividade.

¹⁰⁰ Félix Guattari foi um filósofo, psicanalista, psiquiatra, semiólogo, roteirista e ativista revolucionário francês. Foi um dos fundadores dos campos da esquizoanálise e ecosofia.

¹⁰¹ Jacques Derrida foi um filósofo franco-magrebino, que iniciou a Desconstrução em filosofia, termo que cunhou, deverá ser compreendida, à luz do que é conhecido como "intuicionismo" e "construcionismo" no campo da metamatemática.

¹⁰² Fernando Fuão é Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela UFPel (1980), Doutor em Projetos de Arquitetura Texto e Contexto pela Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona-UPC (1987-92), Pós-doutor pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia-UERJ (2011-12).

¹⁰³ Celma Paese é Arquiteta e Urbanista. Pós-Doutorado no PPGAU-Mestrado Associado Uniritter/Mackenzie. Doutorado em Teoria, História e Crítica da Arquitetura (PROPAP/UFRGS).

um processo em método bola-de-neve. Fui no primeiro morador que, por coincidência ou não, era o síndico. Perguntei se ele poderia me indicar alguém que eu pudesse entrar na casa, assim como eu fiz contigo, e ele me deu uma segunda pessoa. Foi muito desagradável esse processo, porque as pessoas ficavam muito constrangidas com a minha presença. Na entrevista com o síndico, para ele, tudo estava perfeito, quando a esposa começou a falar, ela trouxe outras coisas totalmente opostas ao que ele estava dizendo. Ela ficava mais em casa, tudo ficava longe, antes eles moravam no centro, então, começou a aparecer o que eu queria ouvir.

Eu nomeei essas famílias a partir dessas entrevistas, com algum elemento que eles me traziam. A mulher do síndico me disse que eles gostavam de tomar mate na frente de casa porque ali tinha uma quaresmeira, que era uma árvore de uma viagem que eles tinham feito juntos e eles lembravam que haviam plantado essa árvore da família quaresmeira. Eu chegava dessas incursões e comecei a escrever coisas que não tinham nada a ver com a minha pesquisa, até que um dia eu levei para o Edu¹⁰⁴, e mostrei que eu tinha anotações que era de um dia de sol, eram duas da tarde, e essas coisas começaram a brotar com bastante potência. Acabamos colocando entre os capítulos e as entrevistas essa visão, que não era uma visão dura dos mapas, mas uma visão mais subjetiva. Aquele mapa foi se tornando, as pessoas não queriam mais participar, eu marcava e começavam a desmarcar. Então, eu comecei a ligar para elas, pedia para que me mandassem alguma foto, de alguma coisa que fosse marcante, que tivesse alguma questão afetiva e assim foi indo. Os mapas estão embaralhados, exatamente para não ter um primeiro ou último. Havia um mapa que construímos, interno, dos percursos das pessoas, elas nos diziam: “Olha, eu círculo para caminhar; eu só círculo para levar o lixo; faço

¹⁰⁴ Eduardo Rocha é Arquiteto e Urbanista (CAU/UCPel), Especialista em Patrimônio Cultural (CA/UPPel), Mestre em Educação (FaE/UPPel), Doutor em Arquitetura (PROPAR/UFRGS) e Pós-Doutor (Universitá Roma Tre). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2. Professor Associado no DAUrb/FAUrb/UPPel; e Pesquisador no PROGRAU/FAUrb/UPPel, na Linha de Pesquisa: Cidade e Sociedade.

tudo de carro; eu não faço nada aqui dentro; eu caminho com meu bebê no carrinho; eu só vou até a pracinha; foi, eu só vou até minha vizinha". Em um certo momento, começaram a aparecer os serviços informais: "Na casa tal tem a moça que é manicure, tem outra que é costureira, tem a doceira, o mecânico". Começou a aparecer uma série de serviços que, formalmente, não poderiam existir, mas que na cidade informal, foram aparecendo.

O terceiro mapa, é um mapa grande, que possui uma relação com a cidade, eu pedia para as pessoas me dizerem ou marcarem nesses mapas quais eram os principais percursos que eles faziam pela cidade. Eu queria ver quem circulava pelo bairro, e quem não. Percebemos que o grande volume de pessoas ia para o centro da cidade, também havia o sentido para o Laranjal, para a zona norte e para o Porto. Aquilo que eu pensava no início, de que as pessoas se colocam nesse lugar, por uma questão, muitas vezes, de necessidade ou da possibilidade de adquirir a sua própria casa. E acabam criando esse fluxo intenso de carros pela cidade. As perguntas eram simples, no sentido de onde trabalha, para quais os lugares principais tu vais, e as respostas eram como: "eu vou levar meu filho à escola, eu vou para o trabalho, eu vou para academia". Havia apenas dois entrevistados que circulavam pelo bairro: "eu vou em uma pizzaria que tem aqui super boa e eu vou em uma padaria." Nesses percursos o que eu chamava de Jibóia acabou se mostrando como jiboia e não um chapéu. Eu via esse espaço fora, entre muros, muitas vezes de uma forma complicada, monótona, sem essa diversidade, sem essa troca, e isso acabou aparecendo quando tratamos com as pessoas. Outra questão são os muros, buscamos esse muro, em função de ser homogêneo, que é diferente dos outros muros de condomínios e de outras áreas da cidade. Existia essa homogeneidade mesmo com a diversidade de famílias e tinham dois grupos

que apareceram bastante nesse lugar. Ou pessoas mais velhas como esse casal que eu citei do síndico, que os filhos já saíram de casa, e como já estão aposentados, passam muito tempo em casa, então essa tranquilidade do interno era interessante. Ou pessoas que estão recém construindo a sua família, famílias pequenas, casais, gente que mora sozinho e que vai para esse lugar, exatamente pela tranquilidade.

Eduardo Rocha: Eu lembro que tu caminhava no condomínio com os moradores, tu quer falar um pouquinho sobre isso? Como tu, na prática, fazia isso?

Carolina Cabreira Magalhães Falcão: Na época do mestrado, meu filho era pequeno e estava iniciando a vida escolar. Uma das visitas que eu fiz foi um casal com um filho pequeno, recém nascido. Eu cheguei na casa desse casal no meio da tarde e ela ficou toda desconfortável, porque receber um arquiteto para entrevistá-la e a pessoa está naquele processo de puerpério. Fiquei pensando que estava atrapalhando e realmente eu estava. A conversa foi acontecendo e o bebê acordou, quando isso aconteceu ela disse que levava ele para passear, e eu fui junto conversando. Me lembro de uma coisa interessante, quando eu perguntei por que ela tinha escolhido morar naquele lugar, e ela me respondeu que quando eles viram a implantação do condomínio tinha piscina, quadra esportiva e uma série de serviços que eles não tinham acesso. E eu perguntei se naquele momento eles usavam isso tudo, e ela me disse que não, porque não queria entrar com os vizinhos. Então, era engraçado, pois eles precisavam ter esse *status* de morar em um lugar que tem uma piscina, mas eles não desfrutavam dessa piscina. É super bom porque a vista é super bonita, porque se vê a piscina, entretanto no verão é péssimo porque está todo mundo dentro da piscina, fazendo barulho bem na frente da casa. De maneira geral, era isso, as pessoas moram em um lugar

que se sentem seguras, que tem uma série de atividades que se pode desenvolver, porém, elas não fazem nada ali dentro, fazem tudo de carro, e a relação com a cidade eram esses frames, passa por toda essa cidade e chega em um outro lugar.

Eduardo Rocha: É tudo muito contraditório. Eu moro aqui no centro histórico da cidade e é interessante que a maioria dos meus vizinhos aqui sonham em ir para os condomínios. Eu fico pensando que aqui as pessoas têm acesso a todos os lugares. Tu não contou, Carol, nessas famílias que ela procurou, teve idosos, teve casal tradicional, teve um casal gay, teve uma pessoa também que mora sozinha.

Carolina Cabreira Magalhães Falcão: Tinha um pouco de tudo, por exemplo essa mulher do bebê. Eu perguntei como é a relação dela com o vizinho, porque as portas são coladas, é uma parede de 15cm, que divide uma porta da outra. E ela me disse que não sabia porque nunca tinha visto ele, ela disse que descia do carro, entrava em casa, ou saía de casa e entrava no carro.

Paula Pedreira Del Fiol¹⁰⁵: Acho que essa relação com o carro é muito forte. E isso me chama a atenção porque eu moro perto do centro, eu faço tudo a pé, eu vou na padaria, no super. Como isso apareceu no trabalho? Por que existe uma relação da pessoa dentro do condomínio, mas, e o resto da cidade? Parece isso que tu falou, realmente, é um frame, é o condomínio e depois é o centro, essa conexão, apareceu de alguma forma no teu trabalho? As pessoas falavam coisas como: “Eu levo 20 minutos na minha casa até o meu trabalho, no meio do caminho eu paro na padaria”, isso apareceu de alguma maneira, ou não?

Carolina Cabreira Magalhães Falcão: Eu acho que olhando para isso, hoje, talvez a forma como eu coloquei essa proposta de mapear,

¹⁰⁵ Paula Pedreira Del Fiol é Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU/UFPel, Arquiteta e Urbanista pela UFPel. Fundadora da Urbe CoLab, empresa de consultoria em urbanismo participativo.

tenha ficado pontual. Então, se criou aquelas linhas mesmo.

Eduardo Rocha: Carol, quando tu escreveu a dissertação, esse condomínio era novo?

Carolina Cabreira Magalhães Falcão: Não, já estavam bem consolidados.

Eduardo Rocha: Hoje em dia não sabemos se não tem uma outra relação, aquela zona da cidade foi extensamente povoada com outros condomínios.

Carolina Cabreira Magalhães Falcão: Na época só tinha um acesso, só um caminho, enquanto não tiver outro caminho, o fluxo vai ser péssimo. Essa relação do carro é muito marcante, porque tem o sonho da casa própria, com o sonho de morar, a possibilidade de adquirir, que é válida, que é importante, que é histórica. Mas, também, tem o conflito com a questão do carro. Isso é bastante marcante, eu chegava lá e tinha um monte de carros, as pessoas andam de carro o dia inteiro, porque passam mais tempo no carro do que em casa, muitas vezes. Essa relação é muito estranha, me causava alguma estranheza, tanto a questão do morar quanto a questão do ter o carro.

Paula Pedreira Del Fiol: E as pessoas que tu entrevistou, não falaram de transporte público, Carol, em momento algum?

Carolina Cabreira Magalhães Falcão: Ninguém usa, era sempre o carro, não tinha nenhum que utilizasse o transporte público. Todo mundo se deslocava de carro, quer dizer, quando tu compra uma casa em um lugar desses, ou quando tu vai morar em um lugar desses, é porque tu depende de carro, e se tu depende de carro é porque faltam serviços na tua região. E te obriga a se deslocar para outras regiões da cidade.

Eduardo Rocha: Tu achas que tu descobriu

coisas diferentes, com o trabalho aproximado, que tu foi no local, que tu bateu na porta, que tu esperou as pessoas? O que que tu acha?

Carolina Cabreira Magalhães Falcão: Acho que sim, eu acho que a proposta da cartografia nos tira do engessamento da academia, eu acho que esse é o primeiro ponto. Nos propomos a olhar para algumas coisas que, provavelmente, os livros não vão nos deixar olhar. E foi me trazendo uma série de coisas, isso de sair da questão tão rígida da técnica e de me possibilitar olhar para outras coisas que me interessavam.

Eduardo Rocha: Eu percebo que a cartografia, e a filosofia, porque a cartografia vem da filosofia, depois que bebemos dela, as respostas não são mais tão fáceis. Parece que é muito fácil, porque eu vou para a rua e eu posso capturar qualquer coisa na rua, eu posso caminhar para qualquer lado. Só que não é assim, academicamente não é. Eu tenho que espremer aquilo.

Ricardo Luis Silva



Figura 9: Ricardo Silva em entrevista para conversas. Fonte: canal youtube revista pixo, 2022. <https://www.youtube.com/watch?v=O9pJNm0kyFk&t=226s>

Professor doutor em crítica, estética e leituras urbanas no Centro Universitário Senac. Formado Arquiteto pela UFSC em 2005, investiga o cotidiano da Cidade, suas temporalidades, seus personagens ordinários, conflitos e constituições subjetivas dos indivíduos urbanos. Atua como caminhante urbano, garimpendo possíveis arqueologias do sensível nos rastros da modernização tecnológica contemporânea através de coleções de objetos encontrados e fotografias de coisas “sem qualidade”. Destes registros surge a “COLEÇÃO DAS COISAS”, já publicados em 10 fotolivros. É co-fundador do Estudio Ceda el paso.

Para mim o caminhar é esse lugar de método, uma prática, uma postura perante o mundo. O que me ajuda a entender o que é esse termo, de uma forma um pouco mais complexa, é começar pensando que ele é um verbo intransitivo, ele nos dá uma vantagem, ele não precisa de mais nada para dizer o que faz. Você sempre fala que caminhou e acabou, você não precisa de um suporte, de um objeto paralelo para completar a frase de indicação do que você está fazendo. E tudo que vem junto, como outras qualidades, podem dar mais potência ao caminhar.

Outra coisa que eu fiz, e venho fazendo há bastante tempo, na minha pesquisa de doutorado, eu juntei todos os verbos para colocar em uma lista. Eu sou um fazedor de listas, sou um colecionador, meio compulsivo, então, toda vez que eu acho uma palavra que se relaciona com o caminhar eu vou juntando.

E apresento para vocês a lista que criei até agora: andar, correr, engatinhar, marchar, vagar, flunar, perambular, derivar, percorrer, andarilhar, jornadeiar, migrar, meandrear, an-dejar, pisar, rumar, viajar, serpentear, rodear, cursar, atravessar, transitar, passar, desviar, circular, escorregar, saltitar, rebolar, passear, campear, calcoriar, zigue-zaguear, tropeçar, desfilar, progredir, regressar, seguir, galgar, cambalear, dançar, mancar, peregrinar, palmilhar, destilar, subir, descer, trilhar, transitar, graçar, zanzar, vadiar, vagabundear, deslocar-se, dirigir-se, esquivar-se, arrastar-se, translocar-se, transportar-se, perder-se. Que eu deixo por último, porque acho que o caminhar oferece potência para o perder-se, inevitavelmente, ter premência de você se perder e errar.

Dentro desse entendimento de que caminhar é uma postura perante o mundo funcionalista, pragmático e tecnicista. Quanto mais caminhamos, mais vamos contra o sistema, porque se o sistema é da velocidade, da precisão, caminhar é lento e cheio de pequenos meandros,

é completamente contra a lógica do sistema contemporâneo de produção de pensamento.

O errar, para mim, é muito potente, e errar também é caminhar. Eu gosto daquela frase latina, errar é humano, para mim, errar não é o errado, de fazer errado. Para mim errar é caminhar. Porque caminhar é uma das ações humanas mais primitivas e essenciais da própria existência do homem e da nossa formação como civilização.

Podemos entrar nas questões nômades, primitivas, ou entrar nas religiões. A grande crise entre Caim e Abel, se dá porque Caim ficou com inveja do caminhante, Abel, que andava livremente pelo território enquanto ele, Caim, estava fadado a ficar preso na agricultura e no cultivo da terra. Pensar que esses dois irmãos tretaram porque um caminhava e outro ficava parado, então, o caminhar é esse lugar da nossa formação civilizatória. Depois, Caim foi punido por Deus, sendo obrigado a vagar pelo mundo e esse vagar pelo mundo fez ele construir as cidades nos pontos de descanso e assim por diante.

Gosto de pensar que isso é formação para tudo, é um pensamento prático. Não dá para caminhar sem caminhar, sem botar os pés no percurso, é um ato de essência igual eu falei agora para vocês. Eu penso a paisagem como a cidade, eu vou falar com as pessoas sempre que posso.

O caminhar, é um ato poético, construtivo, reflexivo e exploratório. Ao investigar o espaço urbano abrimos a possibilidade para o nosso corpo, para mim o corpo é essencial, eu discuto bastante fenomenologia com os meus alunos para discutirmos essa capacidade de percepção tão anestesiada do corpo. Caminhamos para desenterrar o corpo, para colocar um pouco esse corpo em movimento.

Sexta-feira estávamos fazendo uma

caminhada aqui no Brás, São Paulo. Estávamos parados no ponto, indo em direção à esquina com a faixa de pedestre e tinha um senhor cego. Deveria ter em torno de sessenta e poucos anos, ele estava parado no semáforo, um puta barulho, movimento, obviamente não tinha faixa de sinalização para ele e não tinha som para ele saber quando que o semáforo fechava ou não. Ele ouviu quando chegamos perto, e perguntou se alguém poderia ajudar ele a atravessar a rua. Nós acompanhamos ele com o braço, e fomos conversando um pouco, os alunos mesmo foram conversando com ele. O nome dele é Antônio. E eu perguntei para ele: “Seu Antônio, me responde, como você acabou de dizer que não vem para cá normalmente, como você sabe direito o caminho? Ou quando você está precisando de ajuda?” ele respondeu: “Eu sinto a textura da calçada pelo meu tênis, a sola do meu tênis tem que ser sempre muito fininha, porque eu entendo a cidade pela sola do meu pé.” Todo mundo ficou olhando para ele com uma cara tipo: “nossa, caramba, é textura da cidade, textura da calçada.” Desse modo, eu acho isso muito forte, o corpo lendo, realmente, o espaço, isso foi bem poético para mim.

Uma caminhante que eu uso muito, e tenho lido muito sobre é a Rebecca Solnit¹⁰⁶, uma jornalista americana que é bastante ativista, ela, intensamente, coloca o gênero como uma questão. Foi a partir dela que eu comecei a, tardiamente, me dar conta que o gênero caminha. Foi lendo ela e dando as minhas aulas, que fui entendendo algumas questões que fizeram com que eu encaminhasse o personagem que estudei no doutorado. Eu comecei a sentir bastante dificuldade com alguns grupos de alunas, nas minhas disciplinas, que não conseguiam desenvolver algumas coisas. Principalmente, quando chegávamos na parte de executar ou exercitar o Flâneur. Uma das características principais que o Baudelaire coloca para o Flâneur é que ele seja incógnito na

¹⁰⁶ Rebecca Solnit é uma escritora estadunidense. Em suas obras, aborda vários temas, como ambiente, política, localização e artes. Solnit é uma colaboradora da Harper's Magazine, em que escreve, bimestralmente, o artigo “Easy Chair”. É conhecida por ter cunhado o termo “mansplaining”, mas como é explicado em seu livro “Os Homens Explicam Tudo Para Mim” o termo na verdade não foi cunhado por ela, mas sim inspirado pelo seu artigo de mesmo nome.

¹⁰⁷ Geoff Nicholson é um autor britânico nascido em Sheffield. Ele é conhecido por sua carreira como romancista e escritor de não-ficção. Ao longo de sua carreira, Nicholson explorou temas como psicologia e obsessões em suas obras.

¹⁰⁸ Paola Berenstein Jacques possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela UFRJ, especialização em Teoria e Projeto de Arquitetura e Urbanismo pela ENSA de Paris-Villemin com a AA School, mestrado em Filosofia da Arte e doutorado em História da Arte e da Arquitetura pela Université de Paris I.

¹⁰⁹ O Laboratório Urbano é um grupo de pesquisa cadastrado no CNPq desde 2002. O grupo integra a linha de pesquisa "Processos Urbanos Contemporâneos" do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (PPG-AU/FAUFBA), tendo como foco de pesquisa e estudos o Urbanismo Contemporâneo.

multidão, e eu percebendo que as alunas, mulheres, não passam como incógnitas em multidão alguma.

Ela pode estar em uma multidão de mulheres, mas na nossa sociedade masculina nunca vai ser incógnita. Então, eu comecei a especular muito esse lugar, de pensar esse personagem, essa figura construída pelo Baudelaire. Esse indivíduo moderno, que nasce em uma Paris moderna, que flana pela cidade, que explora os espaços urbanos sem muito funcionalismo, lentamente e se apaixonando pelos pequenos detalhes da cidade. Ele não entendia a mulher como esse lugar de protagonismo das questões. Era sempre esse espaço do masculino, por isso o corpo feminino nunca seria incógnita e até hoje não é incógnita, e eu percebi que isso não fazia sentido.

Um outro autor que eu acabo me debruçando ultimamente, é o Geoff Nicholson¹⁰⁷. Ele vai fazer uma relação bastante importante entre o caminhar e a arte, quase como um processo metodológico. O Nicholson vai olhar para os artistas, mas acaba servindo, em boa medida, para nós pensarmos as dinâmicas como arquitetos pesquisadores. Os livros que ele escreve estão nos modos de fazer, o caminhar para ele é essa essa dinâmica táctica.

E você só consegue estabelecer as táticas cotidianas, os rompimentos, com o caminhar, ele faz entender as regularidades do cotidiano, e, ao mesmo tempo, faz quebrar as regularidades que fazem o cotidiano ser uma alienação, um anestesiamiento.

E, Paola Jacques¹⁰⁸ que é, quase, um oráculo para mim. Essa rede criada por conta do grupo de pesquisa dela, o laboratório urbano¹⁰⁹, tem a ideia do corpo que caminha, e essa cidade explorada, experimentada pela subjetividade do caminhar. Ela é bastante importante.

O Adriano Labbucci¹¹⁰, filósofo italiano que

tem uma especulação de revolução quase primitiva do caminhar. O Thoreau¹¹¹, com o livro do caminhar quase esquizofrênico, é bastante curioso, são longas caminhadas que ele faz no meio do mato e vai construindo um mundo particular. O Michel de Certeau¹¹², com os modos de fazer da invenção da vida, invenção do cotidiano.

A minha ideia de caminhar começa no doutorado, eu vou tentar buscar um personagem que seja mais neutro na cidade e faça essa ideia de caminhar pelo território ressignificando. Eu encontro o trapeiro, que é um cara, que pode ser homem, mulher, velho, criança. É um ser que recolhe os restos da cidade para transformar em outras coisas, ele é chamado de trapeiro porque, no século XIX, ele recolhe trapos de roupa, de tecido, para transformar em papel.

Essa ressignificação poética é bastante forte, recolher coisas com o próprio corpo e, a partir disso, transformar em coisas outras. É uma forma de construção da própria vivência no mundo. Então, esta é uma das frases que eu encontrei nos textos de Baudelaire quando ele faz um elogio a esse trapeiro: “Eis um homem encarregado de apanhar todos os restos de um dia da capital. Tudo que perdeu, tudo que desdenhou, tudo que partiu, ele o cataloga e coleciona. Compulsa os arquivos da libertinagem, a cafarnaum dos refugos. Faz uma separação, uma escolha inteligente. Reúne, como um avaro, um tesouro, os lixos que, mastigados pela divindade da indústria se tornaram objetos de utilidade ou de recreio”¹¹³.

Ele pega esse resto que já não serve mais para o sistema capitalista tecnológico, esse descarte da obsolescência programada, e transforma em outra coisa. Esse exercício, nós brasileiros temos essa tática estabelecida, de ressignificar. Atrelar essas duas coisas ao caminhar, essa ressignificação a partir dessa coleta e essa coleção do trapeiro fez muito sentido

¹¹⁰ Adriano Labucci é diplomado em ensino médio científico em 1977, e tem licenciatura em literatura histórica, 1985.

¹¹¹ Henry David Thoreau foi um autor estadunidense, poeta, naturalista, pesquisador, historiador, filósofo e transcendentalista. Ele é mais conhecido por seu livro *Walden*, uma reflexão sobre a vida simples cercada pela natureza, e por seu ensaio *A Desobediência Civil*.

¹¹² Michel de Certeau foi um historiador e erudito francês. Intelectual jesuíta, dedicou-se, principalmente, ao estudo nas áreas da psicanálise, filosofia, ciências sociais, teologia e teoria da história.

¹¹³ Boudelaire, 1971, p. 150.

para mim. Ele coleta, ele seleciona, depois ele inventaria, cataloga e coleciona, são esses trapos todos. Trapo, para mim, vira uma coisa bastante abrangente, coisas inúteis, resto de algo, objetos que um dia foram de alguém, restos deixados como rastro, deixados para trás, como fragmentos de um viver, uma narrativa já contada, pedaços de uma história que um dia foi, mas que ainda é. O fragmento, um resto de narrativa que pode ser recolhido, reunido e registrado. E, nessa reunião, uma coleção, os fragmentos e restos de muitas memórias dos outros podem, e são, ressignificados e constituem uma outra narrativa.

Dentro dessas coleções, no meu exercício mais artístico, poético, que faço construções de listas obsessivas, que chamo de listas das coisas. Eu vou abrindo as coisas que são amarelas, douradas ou então eu vou caminhando pela cidade. Eu faço isso como prática, e tem muito desse lugar teórico e acadêmico, que eu vou construindo a partir do meu exercício pedagógico na aula. Isso vai se transformando e vai se extrapolando, vai se ressignificando, o meu próprio viver na cidade, que não é minha, eu sou um eterno estrangeiro em São Paulo.

Talvez seja um procedimento científico, nada científico nas suas formas mais restritas de concepção da ciência. Eu vou produzindo essas listas a partir do contato com o espaço da cidade e essas listas vão quase me constituindo. Elas vão ganhando esses nomes todos a partir sempre de algum motivo, de algum interesse, de alguma ambiguidade que está acontecendo no mundo. Por exemplo, a lista das coisas que são vermelhas começaram na época do golpe do impeachment da Dilma¹¹⁴. Eu estava muito incomodado com a institucionalização desse golpe, vendo ele acontecer a passos largos, não só a própria lógica de tirar a Dilma do poder, mas em muitos discursos, como a ideia de eliminar a esquerda.

Tem uma foto que eu fiz de um caminhão, da

¹¹⁴ Dilma Vana Rousseff é uma economista e política brasileira. Filiada ao Partido dos Trabalhadores (PT), foi a 36ª Presidente do Brasil, tendo exercido o cargo de 2011 até seu afastamento por um processo de impeachment em 2016. Atualmente preside o Novo Banco de Desenvolvimento (Banco do BRICS).

Scania¹¹⁵, estacionado em uma ruelinha pequenininha em Santo André, em uma caminhada que estava fazendo, ele estacionado como se fosse um fusca, em um cantinho de rua. Esses objetos vão ganhando essas contradições, cada uma das listas vai ganhando essas buscas. As caminhadas são constantes e a produção é encontrar essa coleta aleatória, não tão aleatória. Entretanto, essa coleta vai acontecendo independente da lista que está ativa, porque todas as listas estão ativas. A coleção dentro do meu *feed* do meu Instagram¹¹⁶ é bem caótica e bagunçada. Não tem lógica, a *hashtag* acaba servindo quase como esse exercício de coleção. Quando você clica na *hashtag*, você tem o agrupamento das imagens que é esse lugar do amarelo, por exemplo.

A minha tese de doutorado¹¹⁷, que eu trabalho esse caminhar como procedimento, lida com essa organização, quase programática do caminhar por entre os fascículos da tese, a tese tem trinta e três fascículos. Ela faz um convite de uma leitura não linear. Então, você tem os fascículos, e você pode ler quase como um ato de caminhar. O caminhar entra na leitura da tese.

Há algo que tem me inquietado bastante nesses últimos tempos que é o caminhar coletivo. Esse exercício de catalogar e colecionar é solitário, às vezes. Em algum momento, final de 2018 ou início de 2019, comecei a me inquietar porque as caminhadas são bastante solitárias. Eu comecei a convidar pessoas, primeiro começamos a caminhar à noite aqui em São Paulo, saíamos 24h do portão do meu prédio e ficávamos até às 5h, que era a hora que o metrô reabria, justamente para explorar esse olhar coletivo sobre o espaço.

Claro, um pouco por segurança também, porque andar de madrugada sozinho seria suicídio. Nos agrupávamos para poder experimentar essa cidade. O olhar coletivo, o caminhar coletivo começou a ficar bastante

¹¹⁵ Scania é uma empresa global que comercializa caminhões, ônibus e serviços em mais de 100 países.

¹¹⁶ Par ver mais, acesse: <https://www.instagram.com/por.onde.o.homem.anda/>

¹¹⁷ SILVA, Ricardo Luis. ELOGIOS À INUTILIDADE: a incorporação do Trapeiro como possibilidade de apropriação e leitura da Cidade e sua alteridade urbana. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2017. [tese de doutorado].

interessante, organicamente o grupo foi se organizando.

Para as caminhadas do programa Caminhar/ Inventariar, escolhi e estudei alguns caminhos históricos da cidade. Eu comecei pelas fotos históricas, agora está virando outras coisas. Pensando em outra forma de dar significado para esses percursos. Por exemplo, “Ponte Preto Prado Pinga”, foi uma caminhada que saímos da Praça da Sé, Freguesia da Sé até a Freguesia do Ó. É um caminho super conhecido, super famoso, superestrutural na formação da cidade e eu provoqueei as pessoas nesse exercício. Acabou, coincidentemente, virando um monte de palavras com a letra P.

Ponte, porque tinha uma ponte. Pinga, porque era o caminho que produzia pinga para o centro da cidade. Prado, o Antônio Prado que foi prefeito na virada do século XIX e urbanizou toda essa região porque morava nessa rua e eletrificou a rua, ele passou o bonde pela rua. As pontes para as pessoas.

Isabella Khauam Maricatto¹¹⁸: Você falou muito sobre esse caminhar sozinho, desse método de apresentar alguns conceitos, listas. E depois aprofundar nessa coleta de diferentes cores e diferentes pontos dentro da cidade. E quando se caminha em grupo, esse inventariar se dá por meio de registro fotográfico junto com palavras, como se dá esse inventariar de outras pessoas?

Ricardo Luis Silva: Eu deixo bastante livre, o fotografar acaba sendo um exercício mais democrático, porque todo mundo sabe tirar foto. Não é escrever, que nem todo mundo sabe, ou desenhar, tem gente que tem vergonha do próprio desenho, a fotografia acaba universalizando a forma da pessoa coletar as coisas.

Mas tem pessoas que desenhavam, que anotam, que registram fragmentos de conversas gravando em áudio, outros coletam coisas

¹¹⁸ Isabella Khauam Maricatto é Doutoranda em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR/UFRGS), Mestra pelo PROGRAU/UFPEL, tem especialização em Artes – UFPel. Arquiteta e Urbanista pela UEL.

na cidade, alguns vão com um pedacinho de papel e decalam texturas, por exemplo. É livre, mas temos que converter em imagem para poder editar e publicar os fotozines.

Tais Beltrame dos Santos¹¹⁹: Eu tenho coletado figurinhas, estou com essa ideia ultimamente de recortar as coisas. E eu queria te perguntar justamente sobre isso, tu apresenta isso como um todo, o fundo também faz parte do elemento. Eu queria saber o que tu pensa sobre isso, qual é o motivo de tu apresentar as imagens como listas? E, dessa forma, com o fundo e não recortada. Qual é essa relação? Qual é esse ambiente?

Ricardo Luis Silva: Primeiro, conceitualmente, porque o objeto está na cidade. Se ele saísse da cidade, para mim, seria como se arrancasse e as raízes, ficaria uma coisa que não existe. Em algumas fotos minhas o fundo é mais legal do que o objeto que está presente. Se eu fotografo uma garrafa em uma esquina, a garrafa é talvez um índice para pensar a cidade, porque ela está ali? O que ela está fazendo? Quem colocou? Tem um bastidor que está ausente, e está presente. Por isso, eu não gosto de recortar, de descolar o trabalho.

Eduardo Rocha: Eu me lembrei dos livros do Deleuze¹²⁰, sobre cinema¹²¹. Em que ele fala do primeiro plano, e eu percebo no trabalho do Ricardo. Nas imagens que ele faz, a potência da fotografia de primeiro plano de objetos. Ela é quase uma figurinha, porque ela foca em alguma coisa, em alguma cor, depende do que ele está pensando.

Enfim, eu sempre caminhava em grupos. Mas, comecei a perceber que a atenção não é muito desviada. Às vezes não para a cidade, mas uma dupla vai conversando e não está sentindo a cidade. Estamos pensando um pouco nessa questão do caminhar em grupo, caminhar sozinho, caminhar em dupla.

¹¹⁹ Tais Beltrame dos Santos é Doutoranda em Arquitetura pelo Programa de Pós Graduação (PROPAR/UFRRGS), Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo (UFPEL, 2021), Graduanda de Artes Visuais - licenciatura (UFPEL). Arquiteta e Urbanista (FAUrb/UFPEL, 2019).

¹²⁰ Gilles Deleuze foi um filósofo francês. Sua obra é considerada uma das principais representantes da filosofia continental e do pós-estruturalismo, de modo que ocupa um lugar importante nos debates contemporâneos sobre sociedade, política e subjetividade.

¹²¹ DELEUZE, Gilles. Cinema e Filosofia. São Paulo: Editora 34, 2004.

Tais Beltrame dos Santos: E variações de dias também, de dia, de noite, com sol, com chuva.

Isabella Khauam Maricatto: Eu achei bem interessante esse caminhar coletivo, com diferentes pessoas, trabalhando o caminho, é uma certa caminhografia.

Eduardo Rocha: No nosso grupo aconteceu de forma contrária. No meu doutorado eu não pensava em caminhar. Eu não era estudante de filosofia, mas estudava filosofia, me encontrei com a cartografia deleuziana. Orientando a pós-graduação, em 2018 ou 2019, me dei conta que só fazíamos cartografia caminhando. Caminhamos minimamente, de formas diferentes. Fizemos como tu diz, caminhar é caminhar mesmo, a palavra diz tudo. Eu achei interessante essa questão do verbo, teoricamente, essa junção entre cartografia e caminhografia, eu também venho procurando verbos. O próprio caminhar é uma ação. Então, muitas questões que tu tratou nos atravessam.

Ricardo Luis Silva: O que é mais interessante, é que nunca são definições, são sempre construções. Eu percebi que o caminhar com alguém me oxigenou um pouco. Por eu ser um pouco obsessivo, eu comecei a perceber que estava pisando nos mesmos lugares, simbolicamente, eu estava sentindo que estava indo contra a ideia do inesperado. Então, ter alguém do meu lado era oxigenar o olhar, porque a pessoa fazia eu olhar para coisas que eu não tinha o hábito de olhar.

Tais Beltrame dos Santos: Por que fazer lista e para que fazer lista?

Ricardo Luis Silva: Eu vou parafrasear o Péric¹²², um outro autor que eu uso bastante. É a tentativa de dar ordem, não é nenhum projeto, é só uma tentativa de dar ordem para as coisas. Quando eu comecei a fazer listas, eu comecei a me sentir mais confortável com

¹²² Georges Perec foi um romancista, poeta, argumentista e ensaísta francês. Foi membro da Oulipo (Ouvroir de Littérature Potentielle). É um dos mais importantes romancistas franceses do pós-Segunda Guerra Mundial e é considerado o maior inovador da forma literária de sua geração. Sua obra mais vendida foi *Les Choses: une histoire des années soixante* de 1965. Em 1978, foi agraciado com o Prêmio Médicis.

as minhas errâncias, com os meus pequenos caos, com minhas pequenas inquietudes e incompreensões. Então, é quase um sentido de ordem momentânea. Não é uma âncora que me trava e me fixa, mas é um pequeno momento de me sentir seguro.

Tais Beltrame dos Santos: Essas listas, elas acabam ou tu continua?

Ricardo Luis Silva: Elas estão abertas.

Tais Beltrame dos Santos: Podem sair dez livros sobre as mesmas coisas.

Ricardo Luis Silva: Sempre é um grande problema para os meus editores, curadores, as pessoas que eu convido, para fazer o livro. Eu mando para eles o acervo para construir uma narrativa. E isso fica na minha cabeça, porque o tema do momento é inevitável. Quando você fica trabalhando muito, ou conversando com a editora, fica mais fresco na cabeça.

Cintia Gruppelli da Silva¹²³: Como é que tu pensou a tua tese? Tu já sabia o que queria fazer na tua tese? Por que é um rizoma? Tu tem várias entradas, muitas saídas e como que tu pensou em tudo isso?

Ricardo Luis Silva: O mestrado deu várias pistas, foi bastante estruturado a partir do rizoma de Deleuze. Ele foi me dando táticas de como fazer essas coisas. São 830 páginas, mas acho que dois terços é diagramação e imagem, eu não sou tão louco. A busca por esse personagem, que acabou virando o caminhante central, o trapeiro. Ele apareceu no último ano só. Porque eu fui percebendo isso, que eu comentei com vocês, a ideia dessa roupa masculina sendo oferecida para todos os gêneros, não estava funcionando.

¹²³ Cintia Gruppelli da Silva possui curso técnico profissionalizante em Desenho Industrial, pela antiga ETFPel. Graduação em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Universidade Católica de Pelotas. Especialização em Gráfica Digital pela Universidade Federal de Pelotas. Mestrado em Educação pelo Programa de Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia - IFSul Pelotas-RS. Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da FURG.

memorizar

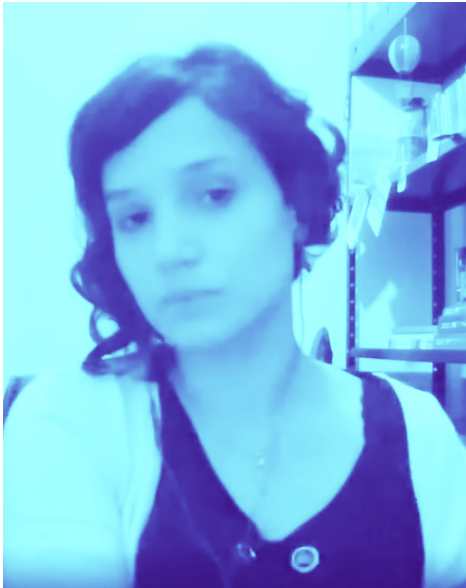
Manoel Rodrigues
Alves



Figura 10: Manuel Alves em entrevista para conversas. Fonte: canal youtube revis-ta pixo, 2022. <https://www.youtube.com/watch?v=H-gS2lfmlUWo&t=2s>

Professor, IAU-USP. Professor Convidado: ETSA-US (Espanha), FADU-UNL (Argentina), FA-KU Leuven (Bélgica). Pós-doutoramento, ETSA-US. Doutorado, FAU-USP. Mestrado, SMArchs, School of Architecture-MIT. Arquiteto, FAU Mackenzie. Grupo de Pesquisa: LEAUC (<https://www.iau.usp.br/pesquisa/grupos/leauc/>). Pesquisa: espaço público, cidade contemporânea, verticalização e per-versão do espaço urbano. Projetos recentes: ‘Highrise Living’ (<https://highriseproject.net/>). Publicação recente: “Producing and Living the Highrise: new contexts, old questions” (<https://vernnonpress.com/book/1878>).

Camila Ferreira
Guimarães



Pós-Doutoranda pelo IAU-USP. Doutora e Mestre em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo IAU-USP. Arquiteta e Urbanista pela Universidade de Uberaba. Pesquisadora integrante do Laboratório de Estudos do Ambiente Urbano Contemporâneo; e do Projeto Rios Urbanos Naturalizados pelo Programa CYTED. Membro Associado do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios, ICOMOS/Brasil, compondo o Comitê de Interpretações Patrimoniais. Professora na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. ORCID: 0000-0002-6776-588X.

Figura 11: Camila Guimarães em entrevista para conversas. Fonte: canal youtube revista pixo, 2022. <https://www.youtube.com/watch?v=HgS2lfmIUWo&t=2s>

¹²⁴ O Laboratório de Estudos do Ambiente Urbano Contemporâneo (LEAUC), vinculado ao Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU/USP), tem por foco a investigação da cidade contemporânea, seus processos de conformação, suas expressões culturais e novas formas de sociabilidade. Criado em 2009, o grupo vem interrogar sobre o ambiente urbano, suas transformações e desdobramentos, além de tensionar e analisar conceitos e abordagens de cidades, em particular brasileiras, através dos seus três eixos de pesquisa apresentados na sequência.

Manoel Rodrigues Alves: Fundamentalmente, no grupo LEAUC¹²⁴ trabalhamos com três eixos de pesquisa, considerando que as linhas de pesquisa sempre são as linhas definidas pelo programa de pós-graduação: 1- Conformações espaciais urbanas; 2- Cidade, patrimônio e cultura; 3- Cidade, habitação e desigualdades. A apresentação da Camila é transversal aos 3 eixos, em particular mais aos dois primeiros, mas também dá conta de questões de desigualdade ou da segregação sócio-espacial em um objeto específico.

Entendendo que essas cartografias são mais narrativas, são relacionadas à questão das conformações espaciais urbanas, o que nós trazemos aqui é, fundamentalmente, o objetivo ao qual o grupo se coloca nesse sentido. Ou seja, a investigação interroga, em casos específicos, processos de conformação e configuração da cidade, bem como de suas práticas sócio espaciais, que, observada a lógica de produção da cidade, se desdobram em novas possibilidades para a (re)significação do espaço público. Em um segundo bloco, quais são as dimensões dessa análise? Como nós enxergamos o nosso trabalho? É um trabalho que não se restringe ao campo disciplinar da arquitetura e do urbanismo. Ele estabelece diálogos com vários outros campos, como da cartografia, da sociologia, da filosofia, da antropologia urbana. Para nós, essas articulações são fundamentais no sentido de se pretender refletir e pensar a cidade contemporânea, sua produção e, eventualmente, que isso leve a revisão de algum conceito. É nestes processos que se fazem presentes essas distintas dimensões de análise; é neles que se incluem trajetórias, narrativas e cartografias urbanas. Quando o grupo surge em 2009 esta abordagem não se fazia presente, porém em seu próprio desenvolvimento foi ganhando força, foi se configurando como algo importante e que perpassa o trabalho de vários pesquisadores.

Quer dizer, quais são os pressupostos, com os

quais trabalhamos em relação às configurações das espacialidades e territorialidades, em que dinâmicas sociais possam ser consideradas como elemento da relação espaço e social, dos conteúdos que se fazem.

Eu quero destacar que, para nós, toda e qualquer ação de cartografar, toda e qualquer ação de mapear é uma ação política. Entendemos a elaboração da cartografia de narrativas de mapas como uma ação política. O Jeremy Black¹²⁵ coloca no sentido que pressupõe escolhas, mas com mais força nas relações políticas, nas relações políticas. Além disso, em relação aos mapas e ao espaço, parece-nos fundamental interrogar em que medidas do sujeito a construção e a comunicação dessa questão compõem (como destacado no livro do Eduardo¹²⁶).

Não trabalhamos apenas com a questão de mapas, cartografias ou representações físicas. Trabalhamos com foto-colagens, que são espécies de narrativas. Por exemplo, o trabalho da doutoranda Bárbara Scudeller¹²⁷, referente ao processo de leitura de área do centro da cidade de Presidente Prudente, especificamente o Calçadão, buscando compreender e relatar as práticas do cotidiano e apropriações no espaço-tempo. Logo, buscando, com isso, construir uma linha histórica desse processo. E também, a questão do patrimônio imaterial intangível, da Bárbara Guazzelli¹²⁸. A análise dos processos do Círio de Nazaré nos diversos cartazes e a ironia com Fafá de Belém, relacionada, como eu disse, à questão do patrimônio imaterial e práticas espaciais em Belém.

Camila Ferreira Guimarães: Vou me concentrar na pesquisa de doutorado¹²⁹, sobre patrimônio, que estou finalizando, onde trabalho a construção conceitual do termo atmosfera patrimonial. Esse conceito está relacionado às questões que me instigaram e que me levaram a produção dessa pesquisa. Como definir o que vai ser preservado, o que não será

¹²⁵ Jeremy Black é um historiador, escritor e ex-professor de história britânico na Universidade de Exeter. Ele é pesquisador sênior do Centro para o Estudo da América e do Ocidente do Instituto de Pesquisa de Política Externa na Filadélfia, Pensilvânia, EUA.

¹²⁶ Eduardo Rocha é Arquiteto e Urbanista (CAU/UCPel), Especialista em Patrimônio Cultural (CA/UFPe), Mestre em Educação (PaE/UFPe), Doutor em Arquitetura (PROP/UFGRS) e Pós-Doutor (Universitá Roma Tre). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2. Professor Associado no DAUrb/FAUrb/UFPe; e Pesquisador no PROGRAU/FAUrb/UFPe, na Linha de Pesquisa: Cidade e Sociedade.

¹²⁷ Bárbara Pozza Scudeller é doutoranda e mestra em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP), no Programa de Pós-Graduação do Instituto de Arquitetura e Urbanismo (IAU-USP).

¹²⁸ Bárbara Gonçalves Guazzelli é doutora pelo convênio de duplo doutoramento entre o IAU-USP e a ETSA-Sevilla. Mestre em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo (IAU-USP). Graduada em Arquitetura e Urbanista (IAU-USP).

¹²⁹ GUIMARÃES, Camila Ferreira. Atmosferas Patrimoniais. Espaços públicos patrimonializados em Minas Gerais. São Carlos: Instituto de Arquitetura e Urbanismo, 2023. [tese de doutorado].

preservado, quais histórias são contadas a partir de um patrimônio, quem ele representa, quais grupos, a partir de quais olhares? Nesse sentido, no processo de desenvolvimento da pesquisa e nas análises do material coletado na pesquisa de campo - entrevistas, fotografias, imagens - percebi que a proposta de estruturação desse material não dava conta da complexidade relacionada à conformação do patrimônio. Assim, fui buscando outros eixos de discussão como a relação entre memória e esquecimento, não como opostos, mas como processos complementares e seus desdobramentos no território, as relações entre os critérios de preservação oficial e não-oficial, — estipulado pela própria população — e como as diferentes temporalidades são toleradas, na medida em que algumas coisas se mantêm e outras não. Dentro da complexidade do campo busquei na filosofia uma possibilidade de olhar para esse patrimônio através da Trilogia Esferas, do filósofo Peter Sloterdijk¹³⁰. Nesta obra, o autor aborda a relação do ser humano com o espaço por meio de uma perspectiva ontológica e fenomenológica. A discussão inclui o conceito de espaço desde o útero até os tempos contemporâneos. Para o desenvolvimento da pesquisa, foram utilizados os conceitos de Sloterdijk como ferramentas para entender o patrimônio.

Sloterdijk analisa a relação entre o ser e o espaço a partir de três momentos: bolhas, globos e espumas. Nesse contexto, ao analisar o patrimônio, eu proponho um olhar a partir desses três momentos. Onde as bolhas representam o momento fundante de construção do patrimônio. Os globos se relacionam com a idealização do patrimônio como “uma envoltória protetora”, representados pela institucionalização do patrimônio. As espumas representam o contexto contemporâneo, um contexto fluido e instável, marcado por diferentes articulações de distintas intensidades. Um dos métodos que eu me aproximei foi a

¹³⁰ Peter Sloterdijk é um filósofo fenomenólogo alemão considerado um dos grandes renovadores da filosofia contemporânea. Além da filosofia, ele estudou filologia germânica e história.

cartografia, enquanto ação de acompanhar processos, uma possibilidade de tentar mapear os processos identificados na construção do patrimônio. Durante o mapeamento de processos, recortando instantes e pequenos momentos, seja por meio de uma cartografia escrita ou compondo mapas de análise, não estava preocupada com representação desses processos, mas, sobretudo, como a mobilização de diferentes ferramentas no ato de cartografar possibilitava a construção de interpretações críticas.

Ao longo da pesquisa, como estratégia metodológica, defini hierarquias de análise do patrimônio por meio das ações dos organismos de preservação: classificação da UNESCO¹³¹ e os tombamentos realizados pelo IPHAN¹³² e pelo IEPHA-MG¹³³.

Dessa forma, a investigação se concentra em espaços públicos patrimoniais em Minas Gerais: a Praça Tiradentes em Ouro Preto; a Praça da Liberdade em Belo Horizonte; e o Largo das Forras em Tiradentes. Como forma de contrapor e ampliar o debate sobre essas instâncias de preservação, e tentando sistematizar essa abordagem através do Sloterdijk, na conformação de uma narrativa de uma atmosfera patrimonial, desenvolvi um pequeno diagrama, onde mostro como as relações no/do espaço patrimonial se configuram a partir dos momentos das bolhas, dos globos e das espumas.

Analisou Ouro Preto a partir da concepção de bolhas, de globos e de espumas. O que passa desde uma perspectiva de unidade, da experiência individual, passando pela complexidade relacionada à instabilidade e busca de equilíbrios frente ao processo de expansão das relações entre os seres, os espaços, suas memórias e culturas. Até chegar na perspectiva mundial, com desarticulações e fragmentações que acontecem nesse território. Assim, para cada território que eu analiso,

¹³¹ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

¹³² Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

¹³³ Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico.

¹³⁴ Gilles Deleuze foi um filósofo francês. Sua obra é considerada uma das principais representantes da filosofia continental e do pós-estruturalismo, de modo que ocupa um lugar importante nos debates contemporâneos sobre sociedade, política e subjetividade.

¹³⁵ Félix Guattari foi um filósofo, psicanalista, psiquiatra, semiólogo, roteirista e ativista revolucionário francês. Foi um dos fundadores dos campos da esquizoanálise e ecosofia.

¹³⁶ Laura Pozzana de Barros possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2004), mestrado em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense - área de concentração: Subjetividade e Clínica (2006), doutorado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, na linha de pesquisa Cognição e Subjetividade (2013) e pós-doutorado (PAPERJ/CAPES) no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRJ (2020).

¹³⁷ Virginia Kastrup possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, doutorado em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e pós-doutorado no LENA - Neurosciences Cognitives et Imagerie Cérébrale UPR 640 / CNRS - Centre National de la Recherche Scientifique, Paris.

faço uma correlação com esses três momentos, com o objetivo de criar uma definição da atmosfera patrimonial. A construção de uma atmosfera patrimonial não envolve apenas a discussão pautada na obra de Sloterdijk, mas, também, uma composição de valores social, cultural e econômico que estão associados à composição das atmosferas dos espaços patrimonializados. Dessa forma, esses valores se sobrepõem aos territórios estudados, compondo com os três momentos da análise esferológica, o que denominamos de atmosfera patrimonial. A atmosfera patrimonial é composta por aspectos materiais e simbólicos presentes no território.

Nesse sentido, utilizei alguns recursos para analisar esses espaços, como a cor, identificando desde uma pichação em Ouro Preto, onde está escrito: “a cidade é da humanidade mas não da comunidade”. Podemos, então, observar disputas em torno do território patrimonializado. Nesse contexto, processos de banalização e consumo do/no espaço urbano - como o serviço de fotografias com trajes de época - transformam a cidade em cenário. As fotos dos percursos realizados durante a pesquisa são elementos que têm manipulações para destacar alguns aspectos que dialogam com diferentes momentos, seja de caráter político, econômico, social, de uso e simbólico.

Eu trouxe duas concepções específicas de cartografia, porque o cartografar permitiu transformar o processo em uma narrativa. Dessa forma, uso a definição de Deleuze¹³⁴ e Guattari¹³⁵, sobre o mapa aberto, conectado em suas dimensões, desmontado, reversível, suscetível a receber modificações constantes. Além disso, tendo como referências as autoras a Laura Pozzana¹³⁶ e a Virgínia Kastrup¹³⁷ com a definição de cartografar como ação de acompanhar processos.

Desde 2017, eu acompanho esses territórios, usando diferentes formas de registro dos

processos em curso como forma de construção do conceito de atmosfera patrimonial. Ao longo do processo de pesquisa foram realizadas algumas produções cartográficas, como a narrativa de um percurso dentro de Ouro Preto, que envolveu a Praça Tiradentes, a Rua Direita, passando por alguns pontos importantes até ao Largo da Igreja São Francisco de Assis. Essa produção foi feita em vários momentos, em vários dias da semana, acompanhando o mesmo percurso. Dessa forma, produzi diversas representações do que estava acontecendo em distintos momentos ao longo do percurso.

Além dessa narrativa, desenvolvi um tipo de produção onde eu tento acompanhar o movimento entre moradores e turistas na região da praça Tiradentes, ao longo de um dia em diferentes horários. Busquei identificar como essas apropriações vão acontecendo. Nesse sentido, identifiquei quais atividades eram desenvolvidas pelos moradores e pelos turistas, pelo comportamento e pelas ações que aconteceram nesse território.

Nesse sentido, algo que também chamou atenção ao longo da pesquisa foi a aproximação com Congado em Ouro Preto, e como que essa tradição se dá em relação à área mais protegida, em questão patrimonial. Como forma de análise, produzi uma cartografia crítica, que relaciona o perímetro de tombamento com o local onde as tradições e resistências se manifestam. A complexidade do território urbano, composto pela dualidade da área turística, de maior visibilidade, e pela área de menor interesse turístico e, portanto, menos visível, representou um ponto de interesse de aprofundamento da pesquisa. A colagem aparece como elemento que tenta sintetizar algumas percepções. As manifestações, as pichações, são críticas ao processo de patrimonialização.

A mesma situação é observada em Tiradentes,

existe essa construção de uma atmosfera patrimonial que vai olhar para os elementos e valores que compõem o espaço patrimonializado. Nesse contexto, uma outra cartografia crítica foi produzida, relacionada aos becos de Tiradentes. Antigamente, esses becos eram locais onde os escravizados circulavam para não serem vistos; hoje, fazem parte de um roteiro turístico. Essas relações são constantemente alteradas e transformadas dentro de um contexto marcado pelo predomínio da produção econômica do turismo.

Em Belo Horizonte também busco por esse olhar, acompanho atividades que acontecem na Praça Liberdade através dessas perspectivas. Muitas vezes, ignoramos certas ações, como a presença de pessoas em situação de rua, ambulantes e jardineiros, assim como os diferentes usos que emergem nessa praça. Ao mesmo tempo, há uma sobreposição de elementos diversos, resultando em alterações físicas e simbólicas dentro dessa grande atmosfera patrimonial. Essas transformações de uso se acumulam sobre o espaço público, gerando múltiplas percepções.

Ao longo da pesquisa, venho explorando alguns métodos, como a cartografia, e buscando referências em outras áreas, como a filosofia, para fundamentar minha análise e me auxiliar na compreensão, discussão e problematização dos territórios com os quais trabalho.

Eduardo Rocha: Tu tens vários tipos de mapas, vais montando, além da narrativa, que também é um mapa. E fico curioso se, no teu processo, pensas também em misturar esses lugares. Onde tu vais romper com os tempos diferentes? Acho bem interessante isso, os tempos em que tu foste, caminhaste, ouviste, fotografaste. Fico curioso se haverá uma sobreposição ou se será um experimento mais anárquico.

Camila Ferreira Guimarães: Agora estou no

momento de tentar fazer um resumo de toda a tese para ver qual é o sentido do material produzido. Eu cheguei ao momento de compilar, de construir essa discussão. Eu ainda não aproximei esses territórios, no sentido de sobrepor essa produção, mas cheguei a pensar em colocar esses espaços em contraposição, ainda não sei qual estratégia adotar: sobrepor ou aproximar. Tenho a intenção, em algum momento, de aproximá-los, porque são territórios que têm relação com o ciclo do Ouro, no período colonial. Pensei em fazer algumas aproximações nesse sentido, em trazer como esses espaços, mesmo sendo tão distintos, vão se aproximando em processos.

Cintia Gruppelli da Silva¹³⁸: Eu tenho uma curiosidade, Camila, quando tu fez esses mapas, tu chegou a fazer alguma experiência com um coletivo? Ou tu fez só observação? Também queria te perguntar com que filósofos se aliou para falar sobre memória e esquecimento, e em quem tu ancorou toda a pesquisa, que foi te acompanhando?

Camila Ferreira Guimarães: Sobre os filósofos, entre memória e esquecimento, um que desde o início eu venho trabalhando é o Andreas Huyssen¹³⁹, ele vai discutir a questão da modernidade e a relação entre memória e esquecimento. Eu fui mantendo ele mesmo tendo flertado com alguns mais clássicos, da memória e esquecimento, como o Le Goff¹⁴⁰, mas a base tem sido a produção dele. Principalmente, porque ele chega a discutir algumas questões em relação ao patrimônio, portanto eu venho tentando me pautar nessa construção de noção de memória e esquecimento.

Sobre a outra questão, eu fiz algumas entrevistas. Eu comecei a minha pesquisa de uma forma muito clássica, e tinha uma outra pesquisa no início do doutorado, quando eu vou para campo em Ouro Preto, vou com uma proposta muito clássica. Eu comecei com os

¹³⁸ Cintia Gruppelli da Silva possui curso técnico profissionalizante em Desenho Industrial, pela antiga ETFPel. Graduação em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Universidade Católica de Pelotas. Especialização em Gráfica Digital pela Universidade Federal de Pelotas. Mestrado em Educação pelo Programa de Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia - IFSul Pelotas-RS. Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da FURG.

¹³⁹ Andreas Huyssen é doutor em língua alemã e literatura pela University of Zürich, tendo sido docente da Universidade do Wisconsin-Milwaukee. Na Columbia University, além de docente, também foi coordenador do Center for Comparative Literature and Society. Suas pesquisas variam temporalmente entre os séculos XVIII e XXI, com ênfase em áreas como: literatura alemã, modernismo e pós-modernismo, trauma, memória, cidades e globalização. Entre seus estudos, destacam-se as abordagens sobre as relações das cidades e das artes com a memória, pensando-as como formas de compreensão de uma sensação de aceleração e desorientação do tempo.

¹⁴⁰ Jacques Le Goff foi um historiador francês especialista em Idade Média. Autor de dezenas de livros e trabalhos, era membro da Escola dos Annales, pertencente à terceira geração, empregou-se em antropologia histórica do ocidente medieval.

representantes da área de patrimônio, da prefeitura, da área de turismo e conversei com essas pessoas. E foram essas pessoas que me indicaram representantes de movimentos sociais, foi quando a minha pesquisa teve uma grande mudança, em 2018, que foi essa conversa com representantes do movimento negro, representantes da própria comunidade, de tradições como o Congado. Muitas vezes, ignoramos certas ações, como a presença de pessoas em situação de rua, ambulantes e jardineiros, assim como os diferentes usos que emergem nessa praça. Ao mesmo tempo, há uma sobreposição de elementos diversos, resultando em alterações físicas e simbólicas dentro dessa grande atmosfera patrimonial. Essas transformações de uso se acumulam sobre o espaço público, gerando múltiplas percepções.

Ao longo da pesquisa, venho explorando alguns métodos, como a cartografia, e buscando referências em outras áreas, como a filosofia, para fundamentar minha análise e me auxiliar na compreensão, discussão e problematização dos territórios com os quais trabalho. Mas eu não faço essa relação com eles, eu faço pelo que eu conversei e observei, é uma materialização minha. Essa questão do mapeamento coletivo, de aproximar a comunidade, não cheguei a produzir isso coletivamente, é só através dessas aproximações. Em Tiradentes, ocorreu a mesma aproximação com a comunidade, representantes de setores públicos indicaram líderes da comunidade para conversas sobre o patrimônio. As cartografias são realizadas pela minha interpretação dessa aproximações.

Paula Pedreira Del Fiol¹⁴¹: Eu percebi que tu acaba abordando diversas coisas no mesmo território. Me chamou bastante atenção a praça da Liberdade, que tu traz pontos e neles tu aponta diversas coisas. Tem comércio de rua, festa pública, são diversas coisas que vão acontecer nesses lugares, e tu acaba

¹⁴¹ Paula Pedreira Del Fiol é Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU/UFPel, Arquiteta e Urbanista pela UFPel. Fundadora da Urbe CoLab, empresa de consultoria em urbanismo participativo.

percebendo que na cartografia eles vão se representando de jeitos diferentes, eu queria saber como vai se dar isso. Parece que vai um pouquinho no anarquizar essa cartografia, e representar esses acontecimentos todos juntos.

Camila Ferreira Guimarães: Eu realmente concordo, isso traz uma dimensão muito mais potente em relação a esses momentos, nessa cartografia que você mencionou, há vários tempos. Então, porque a minha vontade de ir para essa área de pesquisa acontece antes do doutorado, ela acontece em viagens de passeio, uma das fotos é de uma dessas viagens em 2014. Eu fui misturando vários momentos, logo, as pessoas em situação de rua são de 2014, 2017, 2018, 2020, 2022, eu fui misturando esses tempos. Eu ainda não deixei isso claro, isso é uma mistura, de vários momentos da cidade, mas acho que essa possibilidade de ser mais evidente talvez permitisse destacar melhor as diferentes temporalidades. Além dos tempos, tem também uma outra dimensão do território, por mais que estas imagens se repitam, em vários momentos, são outras pessoas, são outras dinâmicas. É um outro contexto econômico e político do país, de 2014 para 2022. Então, eu acho que esse termo que vocês usaram de anarquizar a cartografia, é um ponto que ainda falta alcançar.

Manoel Rodrigues Alves: Independentemente de anarquizar a cartografia, acho que ele se constitui sempre enquanto um registro espaço-temporal, ele não é um instantâneo de um momento. Esse registro é feito em um momento em que nenhum dos trabalhos procura reproduzir ou captar a prática, o cotidiano. Mas, sobrepor esses instintos de espaço tempo, na construção dessas cartografias. Não estou dizendo que seja bom ou ruim, melhor ou pior, apenas caracterizando, colocando uma característica dos trabalhos no grupo.

Eduardo Rocha: Eu ando percebendo a força

que tem o material que é produzido no momento, ou em seguida, eu tenho dito para as minhas orientandas: “chega em casa e escreve ou leva um caderno” e aquilo que foi escrito naquele caderno é muito forte. Porque o tempo vai fazendo com que eu vá escolhendo algumas coisas. Quando eu estou naquela experiência, que eu recém fiz a imagem, ou que eu anotei, ou que eu entrevistei alguém, é um momento importante. Como está sendo a tua prática?

Camila Ferreira Guimarães: Quando eu voltei com esse olhar da pesquisa, em 2018, e fui alimentando um diário de campo. Para todos Para todos esses territórios, sempre levei um caderninho, que fui preenchendo ao longo do percurso. Vou anotando diversas observações, às vezes rapidamente, já que nem sempre há tempo para parar e escrever. Ainda assim, registro sensações, cheiros, percepções, movimentos e até mesmo coisas aparentemente aleatórias, que, mesmo sem uma conexão óbvia, faço questão de anotar.

Como algumas das cidades pesquisadas são mais tranquilas, foi possível parar e escrever. Depois, quando voltava para o hotel, para casa, eu também escrevia sobre aquele dia, ainda no mesmo dia, de preferência no final do dia. Depois de um tempo, ao reler esse material, eu tinha uma outra percepção. Esses registros, geraram uma grande quantidade de material (entrevistas, fotos, anotações), rico em possibilidades de análises e interpretações, embora, difícil de sistematizar e organizar em uma metodologia de pesquisa. Foi nesse ponto que identifiquei a cartografia como uma potência de interagir esse material e fazer emergir sua complexidade, de forma a compor representações e linguagens que narrem o processo de interpretação do espaço. Dessa forma, manter o rigor da escrita do caderno de campo em três momentos, sempre que possível, permitia construir uma linha de interpretação.

Eduardo Rocha: O Deleuze possui um conceito que eu lembrei muito vendo os teus mapas, que é a ideia de intensivo e extensivo. Intensivo é aquilo que tem intensidade, que tu coleta, e extensivo que são as bases, os mapas do Google. Eu acho que é um dos poucos momentos em que ele vai se aproximar, realmente, do que chamamos de território, de espacialidade.

Manoel Rodrigues Alves: Eu comentei antes que a cartografia, ou narrativa, é a cartografia do sensível. Sendo um pouco mais preciso em relação ao trabalho que desenvolvemos, ela surge como uma consequência, ela não foi um objetivo, ela veio naturalmente se fazendo presente em vários trabalhos. E, hoje, perpassa vários trabalho, nesse sentido, ela permanece para nós um processo de descoberta, ela permanece para nós, um campo de pesquisa.

Eduardo Rocha: A ideia do caminhar é algo novo para nós, porque nos demos conta, que a cartografia que vínhamos investigando eram caminhadas, às vezes um pesquisador não explicita que caminhou. É o mesmo que tu estás falando, sobre a ideia de cartografia, para nós tem surgido com a ideia do caminhar.

Manoel Rodrigues Alves: Para nós, o caminhar é um dos elementos dos processos de diferenciação do espaço. O registro da Bárbara Guazzelli, principalmente naquelas interpretações do Círio de Nazaré, são relativas a isso, não são especificamente relacionados ao caminhar, porém esses registros estão sempre relacionados a uma interpretação, experiência dos espaços, sua paisagem, não só dos seus fixos, mas a paisagem.

Eduardo Rocha: Uma outra questão que tem surgido muito é essa de acolher essa imprevisibilidade. De estar na rua fotografando, sentindo, experimentando. Me parece que a cartografia nos abre para isso. E até para se deparar com respostas contraditórias, às

¹⁴² PEREC, Georges. *Tentativa de esgotamento de um local parisiense*. São Paulo, Editora Gustavo Gilli: 2016.

¹⁴³ SLAB, Laboratório de Análise Espacial da USC Price, promove a visualização da cidade para o serviço público por meio de pesquisa, envolvimento público e ensino.

¹⁴⁴ Iconoclastas é uma dupla formada por Julia Risler (PhD em Ciências Sociais) e Pablo Ares (artista gráfico autodidata) em maio de 2006, que começou como um laboratório de comunicação social a partir do qual produzem gráficos (cartazes, publicações, cartografias, etc.) e intervenções urbanas. Atualmente, a sua atividade desdobra-se em três dimensões de saberes e práticas: artística (poéticas de produção e dispositivos gráficos), política (ativismo territorial e derivas institucionais) e académica (pedagogias críticas e investigação participativa).

¹⁴⁵ A Indisciplinar é uma revista académica digital editada pelo grupo de pesquisa Indisciplinar (Escola de Arquitetura - UFMG / CNPq). Propondo-se como reflexão sobre a construção do espaço urbano, bem como sobre a estruturação do saber científico, esta publicação almeja integrar produções académicas (de graduandos a pesquisadores consolidados na área), a análises conduzidas por outros atores fundamentais no debate sobre a produção do espaço e as disputas territoriais – como artistas, ativistas e agentes de movimentos sociais e populares.

vezes. Então, parece que essa questão do imprevisível, do que não é esperado, também é um componente que aparece nos teus mapas.

Manoel Rodrigues Alves: Eu diria não apenas nas práticas da cartografia, ele é fundamental para nós enquanto postura e abordagem de pesquisa. Eu diria que, para nós, o mais relevante é a estrutura de questionamento que você apresenta, e o rigor com que você formula em decorrência disso, se você está aberto a uma certa imprevisibilidade. Ou seja, importa mais do que a resposta que você chegue, a maneira como você interroga, a maneira como você formula a interrogação. Isso coloca um pressuposto que é aceitar, no mínimo, algo que seja da imprevisibilidade. O grupo alimenta essa imprevisibilidade no desenvolvimento das próprias narrativas, porque está aberto, porque está aberto na intenção de não produzir dogmas. Você tem que procurar se despojar de pré-concepções que você tenha, ou de interpretações, você vai com essa abertura para os trabalhos de campo.

Camila Ferreira Guimarães: É justamente essa angústia de ter tantas questões para serem colocadas e não saber como. Eu tenho, nos últimos meses, me apoiado muito em texto, estou transformando meus cadernos de campo em texto, tenho tentado misturar isso junto a essas imagens, inspirada em alguns livros, como *Tentativa de esgotamento de um local parisiense*¹⁴². É um processo meu de construção desses entendimentos.

Uma das referências foi o SLAB¹⁴³, é um grupo de pesquisa que trabalha os mapas, eles citam outros grupos, eu busquei muito as referências deles, e como eles produzem. Mas sempre foi muito difícil encontrar, porque eu acho que esse processo de cartografar está muito mais relacionado ao processo do que à representação, é a discussão, o conceito, a fala. Então, essas referências acabam sendo pertinentes enquanto análise de

processo, e não em relação aos produtos gráficos. Tem também, alguns grupos clássicos como Iconoclastas¹⁴⁴. O entendimento do porquê das pessoas que falam de cartografia não exemplificarem com representações, pois estavam mais envolvidas com o conceito e o processo de discussão, foi demorado. Esse momento de perceber a potência de outras formas, nem tanto a representação, em si. Apesar de eu ainda manter uma busca em algumas representações que sintetizam percepções. Mas, acho que no primeiro momento SLAB, Iconoclastas, Indisciplinar¹⁴⁵, e o grupo de vocês.

Eduardo Rocha: Eu tenho feito exercício de escrita coletiva, fazemos, paralelamente, colagens, desenhos. Cada um escreveu uma parte, meio automático, mas quando lemos o texto inteiro aquilo se torna experiência. Mas, a imagem faz parte da profissão, é essa síntese do mapa, essa composição das coisas no plano. Eu acho que para o Filósofo isso não seja importante, mas para nós continua sendo, essa forma de desenho, de representação.

Bárbara Pozza Scudeller: Se eu estou certa do que eu venho percebendo e como a cartografia entra nesse viés, como se fosse uma súmula, um super condensado desses resultados, algo representativo de todo um processo de anos, então, se você pudesse explicar um pouco disso.

Camila Ferreira Guimarães: Então, ela não veio no final, eu diria que no cEntão, ela não surgiu apenas no final; eu diria que começou no início do doutorado, em 2018, quando fui para o campo. Foi nesse momento que a abordagem se desenvolveu de forma mais intuitiva, em uma tentativa de compor algumas percepções. No início, utilizei bastante a colagem, com recortes de revista, explorando a ação de recortar e colar. Com o tempo, esse processo foi se transformando e comecei a incorporar o mapa, buscando formas de

representar o espaço presente na nossa área de estudo. Agora, ao final da pesquisa, a cartografia se apresenta de maneira diferente. O que eu fiz foi melhorar a qualidade dessa representação, mas essa imagem já foi feita logo quando eu volto de Ouro Preto. Eu já volto com essa imagem, e fui melhorando ela aos poucos. Agora, nesse momento, eu tento fazer uma mistura maior de tempos, talvez nessas representações. Mais para o final, tenho tentado revisitar vários momentos em que estive lá e refletir sobre como poderia trazer essa discussão por meio de uma imagem. Busco imagens que possam alimentar o debate ou potencializar uma interpretação.

Mais para o final, tenho tentado revisitar vários momentos em que estive lá e refletir sobre como poderia trazer essa discussão por meio de uma imagem. Busco imagens que possam alimentar o debate ou potencializar uma interpretação.



Arquiteta e urbanista, pintora, caminhan-te, pesquisadora. Doutora em Teoria, História e Crítica da Arquitetura (PROPAR-UFRGS); Professora do Departamento de Arquitetura da Faculdade de Arquitetura da UFRGS. Coordena, na mesma instituição, o Projeto de Extensão Cartografia da Hospitalidade, prática caminhegráfica de acolhimento, pesquisa e registro subjetivo dos espaços da cidade e suas paisagens psicossociais, que nasceu em seu pós-graduação em Arteterapia e foi-se consolidando nas pesquisas. Atua, pesquisa e publica livros, capítulos de livros e artigos científicos sobre o tema desde o início do Século XXI.

Figura 12: Celma Paese em entrevista para conversas. Fonte: canal youtube revista pixo, 2022. <https://www.youtube.com/watch?v=19A-6jk-rLNU&t=170s>

¹⁴⁶ PAESE, Celma. Caminhar: o caminhar como prática socioestética - estudo sobre a arquitetura móvel. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2015.

¹⁴⁷ O Laboratório de Urbanismo da FAUrb - LabUrb pretende reunir e apoiar iniciativas e projetos comprometidos com o conhecimento sobre o urbanismo, em suas diversas escalas e possibilidades temáticas. Trabalha com ensino, pesquisa, extensão e administração integrados, com base na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel. Suas atividades incluem apoiar a realização de disciplinas de graduação no Curso de Arquitetura e Urbanismo e de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - PROGRAU. No LabUrb também são realizados projetos de extensão, particularmente dedicados a apoiar ações de planejamento e desenho urbano de prefeituras, fortalecendo as equipes locais e indicando para sua autonomia e aperfeiçoamento.

¹⁴⁸ Para ver mais, acesse: <https://cartografiadahospitalidade.wixsite.com/cartografia/cartografiadahospitalidade>.

Eu vou contar para vocês como surgiu o projeto de pesquisa da cartografia da hospitalidade, a partir da minha tese contra mapas do acolhimento que, por sua vez, é uma continuidade dessa história do caminhar na minha vida. Se vocês quiserem ler o meu livro¹⁴⁶, que é o meu mestrado, tem um exemplar no LabUrb¹⁴⁷. Esse aqui é o nosso site da cartografia da hospitalidade¹⁴⁸, ele começa com esse vídeo que foi a primeira colagem que fizemos da Praça da Alfândega, que é um lugar muito caro para nós em Porto Alegre. Um lugar com uma diversidade imensa. Foi a primeira cartografia do grupo e ela tem um significado muito forte, porque foi uma forma de expressão bem espontânea que fizemos.

O projeto de pesquisa é a arquitetura da cidade, o modo como as pessoas se relacionam com ela, como objeto que nos interessa. Até hoje, é como as pessoas se expressam, como elas veem a cidade. Tentamos perceber a partir delas, por isso convidamos pessoas para ir junto. Observar como as pessoas enxergam a mesma coisa, essa é a maneira da cartografia da hospitalidade. Ela nunca acontece sozinha, sempre ocorre em nível do indivíduo, em relação ao coletivo. Isso se une às questões qualitativas e quantitativas, mas também a essas questões de ver como as pessoas andam, como as pessoas se apropriam do espaço porque as pessoas estão se apropriando dessa maneira. Então, é perceber, reconhecer e registrar, isso é o mais importante. Onde está a hospitalidade? Está justamente no acolher? Onde se percebe e se reconhece, no momento que se registra aquilo que acolhemos, em uma expressão? A nossa expressão é sempre o desenho. O desenho-texto vive junto com o arquiteto, criamos uma cartografia dos lugares, daquele momento daquele espaço.

Então, voltando à Praça da Alfândega. A partir dessa visita surgiram mapas, que cada uma de nós fez associado a um texto. Um texto- imagem. A partir dos vídeos, das fotos, das nossas

conversas, dos nossos textos e das nossas imagens, criamos uma cartografia, o conjunto todo é a cartografia. Não só os mapas em si, porque é, justamente, a riqueza de expressão do conjunto, de cada pessoa, que se exprimiu de alguma maneira e criou a sua significação do lugar. Em termos estéticos, o importante é ser uma forma de expressão que tem a ver com o sentimento, que tem relação com esse lugar e não uma coisa padronizada.

A oficina que abriu o V ENANPARQ em Salvador, Bahia é a atividade que inaugura o uso do *Caminhando*¹⁴⁹. É uma releitura do caminhar da Lygia Clark¹⁵⁰ que ajuda a introduzir a questão da percepção individual em relação ao espaço que será cartografado. Dessa vez fomos cartografar o Campo Grande, a praça mais antiga do Brasil. Ela era um campo de treinamento do exército e hoje tem uma diversidade urbana tremenda. Apesar de ser cercada, todo mundo vai. É uma região bem central, observamos ela nos finais de semana e todas aquelas pessoas que participaram fizeram vários mapas. Chegamos a conclusão que quando tivéssemos uma situação assim, criaríamos uma cartografia coletiva, o que foi feito para os dias de sábado e domingo. Então, é perceber, reconhecer e registrar, isso é o mais importante.

Gostamos muito de fazer o Jane's Walk¹⁵¹, que é um evento em homenagem a Jane Jacobs¹⁵². Vou mostrar para vocês o Jane's Walks de 2018, pois ainda existia a vida nas ruas. Esse foi o primeiro de Porto Alegre e resolvemos fazer uma caminhada entre duas praças, que seria uma caminhada de, no máximo, dez minutos. Juntamos muita gente, de tudo quanto é jeito, porque pessoas que não são arquitetos, e trazem muitas contribuições para nós, o enriquecimento de enxergar o espaço de outra forma é muito grande. Porque tu cria outras maneiras de expressar, de mostrar, e isso vai refletir na prática projetual. Vocês já notaram que, muitas vezes, os projetos urbanos são feitos

¹⁴⁹ O "Caminhando" tem todas as possibilidades ligadas à ação em si: ele permite a escolha, o imprevisível, a transformação de uma virtualidade em um empreendimento concreto.

¹⁵⁰ Lygia Clark, pseudônimo de Lygia Pimentel Lins, foi uma pintora e escultora brasileira contemporânea que se autointitulava "não artista".

¹⁵¹ Jane's Walk é uma série de caminhadas pela vizinhança. Inspirado na ativista e escritora Jane Jacobs, os Jane's Walks são realizados anualmente durante o primeiro final de semana de Maio, coincidindo com o dia do seu aniversário.

¹⁵² Jane Butzner Jacobs foi uma escritora e ativista política do Canadá, nascida nos Estados Unidos. Sua obra mais conhecida é *Morte e Vida de Grandes Cidades*, na qual critica duramente as práticas de renovação do espaço público da década de 1950 nos Estados Unidos.

para as pessoas transgredirem? Isso é porque não tem participação popular, quanto mais participação de diferentes processos de projeto, principalmente em relação à cidade, melhor vamos conseguir qualificar eles. Por isso é tão importante a análise subjetiva, a análise sensível, é outra maneira de cartografar o espaço. É interessante propor coisas para poderemos nos apropriar da cidade.

Fizemos uma proposta no Bairro São Geraldo, em Porto Alegre, onde há a possibilidade de grafite, qual a cena daquele cotidiano no domingo à tarde, em um lugar que não tem muito movimento e vitalidade, e criamos lambes e grafites.

Em 2020 tivemos o Caminhar Além dos Pés, foi o primeiro que fizemos virtual, em função da pandemia de Covid-19, já não tinha mais como estarmos na rua. E já tínhamos tomado certas decisões dentro do coletivo, que íamos continuar o nosso caminho da cartografia, íamos continuar acolhendo. E que íamos criar formas de criar acolhimento mesmo naquele horror da Covid-19. Criamos um desafio de cartografia em casa, todo na sua própria casa, com algumas instruções, nosso desafio era mostrar qual era o seu lugar naquele horror, tudo o que estávamos passando naquele tempo, o que era importante. E, nesse tempo, criamos nosso Instagram¹⁵³, para nos aproximarmos das pessoas e criarmos uma forma das pessoas, também terem uma outra opção. Começamos a criar um mural de filmes, livros e textos que nos interessava. Outra coisa que surgiu nessa época foi o podcast¹⁵⁴.

Agora, teve a noite dos museus, sábado, foi super emocionante. Porque vimos a cidade, mais uma vez, tomada de pessoas, e foi muito bacana.

Também convido vocês a visitarem a página da Rádio Quintanares¹⁵⁵, que é uma rádio pública do governo do Estado do Rio Grande do

¹⁵³ Para ver mais, acesse: <https://www.instagram.com/cartohospitalidade/>

¹⁵⁴ Para escutar, acesse: <https://open.spotify.com/show/16iVML2PgFZWm5S-NCvaEFw?si=d4c8e-278d6694aa4>

¹⁵⁵ A Rádio Quintanares tem a missão de viabilizar e proporcionar acessibilidade cultural através da comunicação social, dando voz às questões sócio-culturais da pessoa com deficiência, da Mulher, do Negro, do Indígena e dos grupos LGBTQIA+.

Sul, que está dentro da Casa de Cultura Mário Quintana, pois temos um programa que se chama Pelas Ruas da Cidade¹⁵⁶, isso também é uma forma de andar pela cidade, pelas ruas, e de dar voz às ruas. O programa de rádio nos convidou para fazer um programa e propor alguma coisa para as pessoas se aproximarem da cidade, para as pessoas acharem que a cidade é amigável com elas.

Eduardo Rocha¹⁵⁷: A questão da rua ser imprevisível tem se repetido muito, ainda que com nomes distintos. Essa questão de caminhar na rua e te colocar de encontro, tu também traz essa ideia, da potência de fazer da hospitalidade ou caminhografia. E tocou em uma coisa que eu percebo que é muito forte e muito potente que é ir para rua procurando uma resposta e tu descobrir outra, aquilo até te desconcerta.

Como, de repente, a teoria acadêmica está te dizendo uma coisa, na rua tu está vendo outra. Existe essa contradição que encontramos na experiência real, naquele momento. Tu também tocou na ideia da multiplicidade de leituras diferentes. Ninguém lê igual, eu noto, às vezes, que nessa experiência do não ler igual se propõe a dar conta do todo diferente. A tua experiência é aquela naqueles dias, ou é sábado e domingo, ou é de manhã ou de tarde. Tu consegue fazer uma variação de intensidade, mas eu acho que não é essa busca.

Celma Paese: As ações cartográficas que fazemos são um bom exemplo. Reunimos um grupo que vai trocando impressões, à deriva, isso dá mapa, dá artigo. Teve uma que foi em um sábado à tarde, aqui em Porto Alegre, e a proposta era uma cartografia feminista, ressignificada pelo grupo 8M¹⁵⁸. Foi dia oito de março, abordamos a experiência da mulher de ficar com medo de andar na rua, de não entrar em um beco deserto. Os hábitos de ficar olhando para os lados, não ir a certos lugares. Isso se chama medo da violência, medo

¹⁵⁶ O programa Pelas Ruas da Cidade, com produção e apresentação do Coletivo Cartografia da Hospitalidade, vai ao ar diariamente, ao longo da programação da Rádio Quintanares - www.radioquintanares.art.br. A rua vai além de ser um espaço onde pessoas e veículos circulam, entre calçadas e edifícios. Estar na rua não é só estar fora de casa, mas em lugares de encontros possíveis, de coexistência, de surpresas.

¹⁵⁷ Eduardo Rocha é Arquiteto e Urbanista (CAU/UCPel), Especialista em Patrimônio Cultural (CA/UFPel), Mestre em Educação (PaE/UFPel), Doutor em Arquitetura (PROPAR/UFRGS) e Pós-Doutor (Universitá Roma Tre). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2. Professor Associado do DAUrb/FAUrb/UFPel; e Pesquisador no PROGRAU/FAUrb/UFPel, na Linha de Pesquisa: Cidade e Sociedade.

¹⁵⁸ Grupo 8M Porto Alegre, para ver mais, acesse: <https://www.instagram.com/08mpoa/>

do corpo ser violentado, isso é muito forte em nós. Então, saímos caminhando pela cidade, no centro, que tem lugares que são sinistros, mesmo sábado à tarde. E olhar só para a vitalidade urbana, foi uma bela surpresa. Fomos andando e tirando fotos, assim vemos o foco do empoderamento, da apropriação espacial. Tinham alguns rapazes junto conosco e achamos bom, porque precisamos. Mostrar que existe união das coisas também. Eles não tinham essa dimensão do medo, que nos assola.

Eu acho que as gurias concordam comigo, que tem essa coisa. Tem esse troço. Vem de geração em geração, uma coisa louca, tem horas que tu não vai por causa desse medo da rua. Por isso é tão importante nos apropriarmos da rua, para mostrar quem é que manda na rua, que não é o medo que manda na rua.

Paula Pedreira Del Fiol¹⁵⁹: Tu falou da cartografia, vocês uniram o texto e os mapas e eu achei muito interessante isso, porque é algo que pensamos no grupo. Eu queria que tu fizesse um pouco mais sobre essa relação da representação.

Celma Paese: Eu sou muito imagética, entretanto, tem essas questões da representação do cheiro, do tato, todos os sentidos. A cartografia é uma experiência sensorial. Eu acho que o mais importante disso tudo é perceber o que mais se adequa ao teu tipo de percepção. Não é uma coisa que criamos só com imagens, vídeos, fotografia, mapas, textos. Entretanto, não deixa de ter aquele som, aquele olfato. Porque estamos escrevendo sobre isso, sobre as questões olfativas, sonoras. Como que tu vai representar isso, como que tu vai atrás disso? Temos que buscar soluções. Esse modo de expressão tem que ter um significado forte. E justificar esse significado não vai objetivar um significado, ele não tem que ser objetivo. É achar uma forma de expressar na tua sensibilidade.

¹⁵⁹ Paula Pedreira Del Fiol é Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU/UFPel, Arquiteta e Urbanista pela UFPel. Fundadora da Urbe CoLab, empresa de consultoria em urbanismo participativo.

Eduardo Rocha: Acho que dependendo do meio de expressão que se utiliza para representar o mapa ou a cartografia. Estamos pensando que o texto é um meio forte de expressão, porém é um meio fechado, eu leio o texto, e ele é um código, mas quando eu olho um desenho, que é próximo de nós, eu já tenho um mapa mais próximo da minha interpretação. E, assim, do vídeo, do desenho, da fotografia, acho que todas são legais de serem usadas, são boas, cada uma tem o seu poder. A narrativa é forte porque eu estou lendo alguma coisa cheia de códigos, não são códigos tão abertos. O texto não é tão aberto quanto eu posso imaginar, entretanto, o que eu leio está escrito. Quando eu tenho uma imagem, eu já imagino um monte de coisa. O que será que a Celma pensou quando fez aquele mapa, aqueles desenhos? Por exemplo, eu olho as pinturas da Celma, para mim são mapas mais potentes que o texto, porque para mim é uma viagem olhar aquelas pinturas.

Acho que depende para que tu vai utilizar, ou para que tu vai avançar com o mapa. Vai fazer tudo avançar ou quem lê vai? Eu acho que é interessante ter várias entradas de mapa, isso que a Celma mostrou que elas fizeram naqueles mapas que são colagens, outros são desenhos.

Celma Paese: O mapa com imagem é muito interessante porque tu consegues colocar tua alma, eu sempre vejo assim: quando o mapa é subjetivo tu vais ver o subjetivo em relação àquele lugar, que é diferente da subjetivação de se entregar à alguma coisa. O importante é se soltar dessa forma de expressão para escolher. E todo esse conjunto dá as formas de expressões que formam a cartografia.

Eduardo Rocha: Uma outra coisa que eu acho uma boa fala tua, que eu noto que em pesquisa acadêmica, principalmente em arquitetos, é uma ansiedade. Estamos muito acostumados com a ideia do projeto, o que isso vai gerar

para a cidade. Eu noto, às vezes, que muitos mestrandos e doutorandos têm essa ansiedade, que uma cartografia que vai apontar para algumas saídas, algumas opções, algumas ideias, às vezes, até pode apontar para um projeto, porém eu acho que ela não tem essa obrigação.

Celma Paese: Claro, tu tens que assumir o lado sensível do espaço, ele é importante. É importante dar voz para essas crianças que que correm na rua, para as fofoqueiras que ficam na frente de casa, para aquele velhinho que não tem mais o que fazer da vida, para os que passam correndo. Tudo isso faz parte do cotidiano, faz parte da imagem da cidade, como que essa cidade vai conviver com isso? Como é que essa cidade vai acolher essas diferenças se ela não se preocupar em projetar um espaço que acolha essas pessoas.

Por que os habitantes não são escutados? A arquitetura é a prática da compaixão, é tu te colocares no lugar do outro que vai usar o teu projeto. É simples assim, não existe outra maneira de projetar, tu tens que colocar a tua bagagem estética em função daqueles outros que vão utilizar o espaço. Por isso que existe toda uma crise na profissão do arquiteto, essa dimensão foi esquecida, ela é negada. Existe toda uma história, existem milhares de modos lógicos de organizar as coisas e essa lógica termina quando o sentimento começa. Tu estás em um espaço para sentir, para criar e para te trocar, e isso não existe se tu negares o sensível.

Eduardo Rocha: Eu sempre conto que trabalhei em uma disciplina com outro colega e trabalhávamos em uma cidade aqui perto. Eu já fazia caminhografia, mas não sabia. Eu caminhava com eles e fazia alguns mapas malucos. Uma vez os alunos descobriram que no bairro tinha muitos terreiros de umbanda. E foi muito engraçado porque eu fazia um projeto arquitetônico com os alunos e o outro professor o

projeto urbano, um dia ele me chamou e disse que tinha uma coisa muito estranha porque os alunos não queriam usar o terreno tal no planejamento urbano, eles diziam que é o terreno da umbanda e não podia ser usado para construir uma escola. Eu disse que eles estavam certos, porque eles foram lá, caminharam, descobriram as coisas, falaram com as pessoas. Então, isso mudou a ideia do planejamento, naquele momento. Eu disse, olha, eu não tenho o que fazer se eles detectaram e conversaram, não tem como fazer isso olhando de cima.

Ricardo Pavéglio Sommer¹⁶⁰: Durante a pandemia me questionei sobre a importância das cidades nas nossas vidas. Não tem jeito melhor de conhecer que não seja caminhando. Também há uma grande contradição, porque é viver com um desconhecido, é encontrar o espontâneo na rua. Eu vejo que estamos perdendo isso, principalmente em Porto Alegre, e, de repente, a Celma consegue contribuir com o relato dela.

Celma Paese: A vida acontece na sucessão dos encontros, não tem outro jeito. Tu vais de encontro ao acaso, eles só acontecem pela rua? Não, essas coisas todas das redes sociais têm isso também, porém é importante termos essa dimensão da importância da rua, dessa coisa das contingências de pegar e de ter chance ao acaso. É importante trazer essa realidade de volta, trazer cada vez mais esse se apropriar mais e ter prazer de sair na rua, depois de tudo que aconteceu.

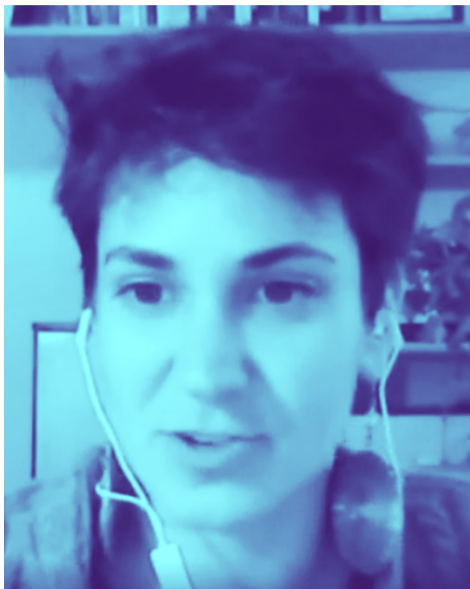
Eduardo Rocha: Eu acho que houve um retrocesso nesse sentido, eu notava os muitos grupos experimentando a rua, artistas, e veio essa pandemia e nos encerrou de novo. Então, vamos recomeçar o movimento de retomada da rua. Eu tenho percebido isso, aqui em Pelotas nesse domingo teve sofá na rua e eu vi que estava super lotado, estava todo mundo com saudade desse tipo de movimentação. Eu

¹⁶⁰ Ricardo Pavéglio Sommer é Mestre em Arquitetura e urbanismo pelo PROGRAU/UFPel e Arquiteto e Urbanista pelo Centro Universitário Ritter dos Reis.

fui em uma noite dos museus em Montevideu e realmente é uma noite dos museus. Até o outro dia de manhã tem atividades, tem um ônibus que vai te levando de um museu para o outro. Três da manhã tem show no museu, no outro museu tem uma abertura de uma exposição, é a noite inteira. Aqui temos um pouco de medo, eu tenho visto que acaba no início da madrugada.

dançar

Débora Souto
Allemand



Professora de Dança do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da mesma Universidade. Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo e Licenciatura em Dança, ambas pela Universidade Federal de Pelotas (2013 e 2015). Pesquisadora nos Grupos de Pesquisa OMEGA (UFPel/CNPq) e GESTE (UFRGS/CNPq). Pesquisa relações entre Dança, Educação e Espaço.

Figura 13: Débora Allemand em entrevista para conversas. Fonte: canal youtube revista pixo, 2022. <https://www.youtube.com/watch?v=z9Zt97dG71M&t=185s>

Eu escrevi uma carta para o Edu¹⁶¹, e vou começar com ela, a remetente é a deborallemand@professoradedanca.poa.rs.br e o destinatário é o amigodudu@desorientador.net

Oi Edu, há quanto tempo, já estava com saudades. Tudo bem? Aqui em Porto Alegre, hoje está um dia estranho. Viro a cabeça para a esquerda para olhar a rua e descrever um pouco do espaço da cidade, tentando entender como ele também modifica esse espaço interno da minha casa. Vejo o topo da árvore balançar muito levemente, moro no quarto andar. As janelas das vizinhas da frente ainda estão fechadas. Escuta o barulho dos carros passando. Nublado, escuro, tudo molhado, porém não chove. Não gosto de dias assim. Eles me deixam depressiva, gosto de dias ensolarados. Mas a tristeza também faz parte do caminho.

Bom, quero começar te contando que eu escrevo cartas. Desde janeiro de 2020 elas documentam as angústias que caminham comigo, no processo de uma pesquisa de doutorado. Então, eu tenho entendido que elas são a minha tese. E agora escrevo esta carta aqui durante a organização da minha apresentação para a fala no projeto caminhografia urbana.

Escrevo principalmente para dizer que eu não sei direito o que estou fazendo aqui. Estou desde a semana passada me perguntando o que mostrar. Pois, as minhas pesquisas não têm exatamente a caminhada como o principal movimento metodológico, porém, se entendermos a caminhada como dança, talvez consigamos nos aproximar. E, se entendermos a importância de olhar para o caminho como um método de apreensão/invenção do corpo e da cidade, eu acho que eu volto a me conectar com as tuas questões de pesquisa, de cidade e de vida. Será?

A pesquisa de doutorado tem uma temática, aparentemente bem distante dos processos

¹⁶¹ Eduardo Rocha é Arquiteto e Urbanista (CAU/UCPel), Especialista em Patrimônio Cultural (CA/UPPel), Mestre em Educação (FaE/UPPel), Doutor em Arquitetura (PROPAR/UFRGS) e Pós-Doutor (Universitá Roma Tre). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2. Professor Associado no DAUrb/FAUrb/UPPel; e Pesquisador no PROGRAU/FAUrb/UPPel, na Linha de Pesquisa: Cidade e Sociedade.

que pesquisam a cidade. Pois, estou tratando sobre a inserção da dança como componente curricular no colégio onde atuo como professora na educação básica, ensino fundamental e médio. Constantemente faço um esforço para tentar enxergar a linha que une meu doutorado, as minhas pesquisas anteriores, de iniciação científica que fiz contigo, de mestrado no programa UFPel, também sob tua orientação, de TCC da dança licenciatura e de TCC da arquitetura e urbanismo. E, talvez, existam duas linhas que conectam tudo isso, uma delas é o método da cartografia como possibilidade de atenção aos desejos que pulsam naquele momento. E, outra, é a atenção ao espaço como forma de sensibilização para o ensino da dança.

Sou uma professora em busca dos contextos dos alunos. E dá para pensar nos diferentes aspectos dos espaços como contextos de vida. Que podem influenciar muito nas propostas pedagógicas para o ensino de dança na escola. Tem que fazer o corpo vibrar fazendo sentido na vida cotidiana. Mas, para isso, precisamos estar atentas ao que pede passagem, como diria Suely Rolnik¹⁶². Ah! Falando nisso já leste o último livro dela? Bom, acho que hoje eu fico por aqui. Depois me conta como andam as aulas, o retorno para o presencial e o Pierre¹⁶³, como está? Sobre a apresentação, vou passar uns slides.

Beijos, saudades, Deka.

Porto Triste, 6 de junho de 2022.

Eu resolvi trazer primeiro a carta porque eu acho que essa foi a estratégia que eu adotei para trazer a cartografia para minha tese de doutorado. E para poder pensar sobre a minha caminhada, sobre os meus processos e essa minha caminhada da dança no Colégio Aplicação da UFRGS¹⁶⁴. Entretanto, para pensar como chegamos até aqui, nessa carta, eu trouxe um pouquinho de tudo que eu já fiz,

¹⁶² Suely Belinha Rolnik possui graduação pela Sorbonne em Sociologia e em Ciências Humanas Clínicas, na qual também obteve os diplomas de mestrado em Psicologia. Doutorou-se em Psicologia Social pela PUC-São Paulo.

¹⁶³ Pierre Moreira dos Santos possui graduação em Licenciatura em Letras Português/Espanhol, Licenciatura em Ciências Sociais e graduação em Bacharelado em Ciências Sociais; Pós-graduação Especialização em Sociologia.

¹⁶⁴ O Colégio de Aplicação da UFRGS constitui-se como uma unidade de educação básica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tendo como um dos objetivos a inovação pedagógica.

¹⁶⁵ Berenice Fuhro Souto foi diretora e coreógrafa do Centro Contemporâneo Berê F. Souto, possuindo formação em Educação Física e método de dança reconhecido pela Unesco.

¹⁶⁶ ALLEMAND, Débora Souto. Corpografias da Cidade através da Dança: o uso da rua pelo ...AVOA! Núcleo Artístico. Pelotas: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2016. [dissertação de mestrado].

¹⁶⁷ Carmen Anita Hoffmann é graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Unisinos (1980), Mestre em História Ibero-Americana pela PUC/RS (2002); É doutora em História pela PUCRS (2015).

¹⁶⁸ Caminhos da Dança na Rua é um Projeto de extensão de experimentações de dança no espaço urbano.

¹⁶⁹ ALLEMAND, Débora Souto. Dança como componente curricular a Educação Básica: um percurso no Colégio Aplicação da UFRGS. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, 2023. [tese de doutorado].

¹⁷⁰ In-corpo-r-ação é um Projeto de pesquisa-intervenção que busca as relações entre cidade e corpo na contemporaneidade. Utilizando como metodologia a ação da performance e a observação no espaço público da cidade de Pelotas.

¹⁷¹ O AVOA! Núcleo Artístico dedica-se à dança contemporânea com abordagens somáticas do movimento em diálogo com a poesia haikai, a linguagem fotográfica e a música, e atua especialmente em espaços públicos de grande circulação ou ambientes intimistas.

desde a arquitetura e urbanismo, a dança licenciatura, passando pelo grupo de dança, o Centro Contemporâneo Berê Fuhro Souto¹⁶⁵, vou mostrar um pouquinho brevemente também do mestrado¹⁶⁶, onde o Edu foi meu orientador, que falou de dança e de urbanismo, vou falar do grupo que foi criado por mim e pela professora Carminha¹⁶⁷, o *Caminhos da Dança na Rua*¹⁶⁸ e mostrar um pouquinho dessa minha caminhada no doutorado¹⁶⁹, que mostra a dança no espaço da escola.

Então, no Grupo da Berê fazíamos algumas intervenções urbanas, experimentando espaços na volta dos prédios históricos e era como se fosse uma caminhada. O público ia fazendo uma caminhada e nós íamos dançando, fazendo algumas paradas em alguns pontos da cidade, de uma zona bem específica. Eu trouxe *In-corpo-r-ação*¹⁷⁰, porque foi o primeiro projeto que eu participei com o Edu, inventamos juntos, eu era bolsista do projeto de pesquisa para-formalidades no centro da cidade e usávamos a cartografia urbana como método de apreensão e análise de configurações complexas no processo de planejamento urbano, o meu olhar dessas para-formalidades estava associado ao movimento. Nesse projeto inventamos um jogo que tinha um retroprojektor, onde tinha várias figuras e as pessoas podiam manipular elas. Tínhamos uma ideia das pessoas poderem estar ali corporalmente dialogando com essas figuras que estavam sendo projetadas.

Logo, tinha duas escalas diferentes, foi assim que o projeto surgiu. Muito do meu interesse pelo corpo na cidade, pela dança na cidade e o meu mestrado chamado Corpografias da Cidade Através da Dança: o uso da rua pela AVOA! Núcleo Artístico¹⁷¹ e eu pesquisei esse grupo específico de dança de São Paulo. Uma das frentes deles é fazer intervenções urbanas. Eles pesquisam a partir da cidade, isso era bem interessante, a ideia deles não era ir apresentar simplesmente na cidade, mas entender

como era a cidade, dialogar com a cidade, eles ensaiavam semanalmente na rua São Bento. No final do meu mestrado, pensando nessa relação de onde estou agora, o que é cartografia, o que tenho feito, criamos esse grupo Caminhos da Dança na Rua, era um projeto de extensão da dança licenciatura da UFPel, que buscava essa experimentação na cidade, muito inspirada no grupo AVOA!, e com muitas coisas que eu já vinha experimentando no grupo da Berê. Tínhamos essa ideia de ir para rua, fazer algumas experimentações, inicialmente, só na praça Coronel Pedro Osório, para fazer algum princípio de experimentação.

Eu sempre tive uma improvisação guiada, depois começamos a pensar em construir espaços também. Por isso, em uma das nossas experiências colocamos tecidos, pensando nessa coisa de poder modificar o espaço de forma mais nítida. Depois, como professora de dança na educação básica, eu trouxe um pouco disso. Porque não tem como desvincular a minha formação de arquiteta e urbanista e esse meu olhar para o espaço e também para o ensino de dança. Assim, eu me vejo hoje como professora de dança olhando para os espaços e tentando fazer com que o corpo, o movimento e a dança sejam compreendidos também a partir dessa relação com o espaço. Pensando o espaço a partir de diferentes âmbitos, pode ser o espaço temporal, o espaço da memória, o espaço interno, o espaço geográfico.

A palavra dança entra na escola, na legislação, em 2016, mas o ensino de arte já é entendido desde o final do século XX como um ensino das quatro linguagens da arte, que são: dança, música, teatro e artes visuais, porém, sabemos que ainda demora bastante para que a dança e o teatro, especialmente, entrem na escola como componentes curriculares, como disciplinas específicas, autônomas. Eu tenho vivido um pouco esse processo, nas diferentes escolas onde eu passo somos as primeiras

professoras de dança das escolas, então, lutamos a cada chegada para que nos compreendam como uma professora, que não é professora de educação física, que não vai dar aula de artes visuais, que a nossa especificidade é a dança, enfim, com todas as questões que existem nesse jogo político do currículo também.

Na zona rural de Pelotas, foram duas escolas diferentes que eu trabalhei. Eu trabalhava muito em um pátio, porque a sala de aula tem um monte de classes, começamos a afastar e demora um baita tempo. Tem toda essa questão do espaço físico que com a minha experiência com a cidade eu acabava sempre inventando coisas na rua, no pátio ou dentro da sala de aula inventando um outro espaço. Teve uma vez que a ideia era que eles inventassem espaços com fita crepe e criassem um espaço geométrico, depois criávamos histórias dentro daquele espaço. Era a casa de um, ou era um outro espaço, ou era um ônibus, e íamos inventando histórias para trabalhar o corpo em movimento nesses diferentes espaços. Essa é a minha proposta pedagógica, ela acaba sempre tendo um olhar diferenciado para o espaço, de inventar um outro estado.

Eu trouxe um pouco do que fiz no Colégio Aplicação durante a pandemia em 2020, trabalhamos com estudos dirigidos, não tivemos em nenhum momento encontros síncronos, não tinha Google Meet, não tinha Zoom, trabalhamos sempre a partir de estudos dirigidos, pensando que é uma escola pública e que muitas pessoas não iam ter acesso à internet para poder participar de aulas síncronas, e para não excluir ninguém essa foi a forma que encontramos. Eram aulas em PDF, e como eu estava muito em casa pensando nos espaços da casa, acabei fazendo uma proposta sobre as portas, uma proposta de criação em dança. As portas eram uma ideia não só física, não só de um elemento arquitetônico com o qual íamos trabalhar, mas pensando naquele momento

que tínhamos uma ideia de que talvez a coisa do vírus, da quarentena, fosse dar aberturas para outros mundos diferentes. Eu pensava que essas atividades eram, de certa forma, aberturas para esse ensino diferenciado, me coloquei em movimento também, vou mostrar um videozinho¹⁷² que acabamos fazendo eu e uma colega, uma das parceiras de coisas artísticas, de criações artísticas. Fizemos um vídeo-dança, pensando nesse processo da porta. Para finalizar eu vou mostrar para vocês o vídeo e depois vou deixar aberto para conversarmos.

Eduardo Rocha: Que interessante essa ideia da carta, é cartografia, é um mapa escrito. Na minha tese eu tinha uma fixação, que tem um pouco a ver com a carta, de fazer cartões postais daqueles lugares. Teve uma época que eu e o Fuão¹⁷³ tentamos fazer a tese toda em correspondência, entretanto, chegou um momento que ele não me respondia ou eu não entendia o que ele mandava me dizer, um dia eu disse que não ia dar certo. Porém, é essa ideia dessa carta que vai acompanhando o processo.

Duas questões que eu percebo na tua fala. É a questão do jogo enquanto caminha ou enquanto dança, ela ensina muito isso, esse jogo, porque tu tens que jogar com a cidade e eu lembro, porque te acompanhei. Outra coisa que vem me chamando atenção e que eu gosto bastante, estamos chamando isso de caminhografia, mas podia ser uma coreografia, uma dancigrafia. Que é a questão daquela felicidade que temos de ir para uma algo inesperado, daquela brincadeira. Ao mesmo tempo, poder brincar com aquilo na rua e tratar esse inesperado quase como uma brincadeira. Às vezes eu tenho me preocupado um pouco quando as gurias começam a ficar muito sérias na rua, sérias no sentido de levar uma prancheta. Existe um jogo, a cidade também joga comigo.

¹⁷² Para assistir o vídeo, acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=hN8IXX-zRbFg>.

¹⁷³ Fernando Fuão é Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela UFPel (1980), Doutor em Projetos de Arquitetura Texto e Contexto pela Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona-UPC (1987-92), Pós-Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia-UERJ (2011-12).

Débora Souto Allemand: Eu acho que essa coisa do jogo parte do inesperado, tem uma relação. Essa minha pesquisa de doutorado, por exemplo, começou com uma relação com a cidade e depois que fui nomeada no colégio Aplicação eu comecei a enxergar uma necessidade de estudar mais isso. Eu estava atenta para aquilo tudo que estava acontecendo na minha volta e resolvi mudar a minha pesquisa. Eu acho que também tem um pouco disso de ir com um objetivo, vamos olhar para algum lugar, o jogo nos coloca em uma possibilidade de atenção para, talvez, olhar uma coisa que não olháramos se estivéssemos com uma prancheta, tendo que preencher todos os “Xs”. Na prancheta podemos rasgar a folha, escrever por cima. Porém, essa coisa do jogo, dessa diversão, realmente, para mim, é bem importante.

Na minha tese, a parte que eu mais me divirto fazendo são as cartas, porque parece que é um lugar diferente, mais leve, e que vai documentar o processo. Eu comecei a escrever no início de 2020 e agora eu estava revisando alguns escritos, e aquilo não faz mais nenhum sentido, ao mesmo tempo é um processo. A Débora de agora já não é mais a que escreveu a carta, claro, estudou, escreveu, fez um monte de coisa, vivia uma pandemia, por isso aceitar e respeitar um pouco esse caminho, olhar para ele e ver que ele também vai nos modificando.

Eduardo Rocha: Acho que é importante aceitar isso, porque se tu não aceita tu sofre muito na pesquisa, se tu não aceita essa imprevisibilidade é esse caos que percebemos. Claro que todo mundo se prepara para ir para rua ou para dançar na rua. Mas, se tu não tem jogo de cintura e não te divertes, tu passa muito mal. Eu tenho percebido essa abertura do pesquisador, ela é muito importante, e não há tanto lugar para a ansiedade.

Cintia Gruppelli da Silva¹⁷⁴: Como veio esse encontro da arquitetura com a dança e pensar

¹⁷⁴ Cintia Gruppelli da Silva possui curso técnico profissionalizante em Desenho Industrial, pela antiga ETEP. Graduação em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Universidade Católica de Pelotas. Especialização em Gráfica Digital pela Universidade Federal de Pelotas. Mestrado em Educação pelo Programa de Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia - IFSul Pelotas-RS. Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da FURG.

o corpo na cidade? Tu já sabias o que tu querias fazer? Tu já tinhas essa curiosidade como pesquisadora?

Débora Souto Allemand: Eu fiz graduação em arquitetura e em dança sobrepostas temporalmente, entrei na arquitetura em 2005 e em 2008 abriu o curso de dança da UFPel, e eu falei: “vou fazer também!”. Naquele momento ainda podia fazer duas graduações na universidade pública. E, claro, que tem muito desse meu encontro com o Edu, de enxergar a cidade e de uma abertura para pesquisa e que tivesse um projeto guarda-chuva. Ele tinha muito esse incentivo para que fizéssemos o que tinha mais desejo ali dentro. Para que olhássemos para aquilo que nos chamava mais atenção.

Comecei a dançar no colégio, passei por diversas academias de dança, e quando eu entrei na licenciatura em dança havia um modo de enxergar a dança que é bem diferente. Nas academias de dança pagamos uma mensalidade para fazer danças urbanas, jazz, ballet etc., a professora está na frente, faz a sequência de passos e tu copia, no final do ano apresenta, não tem espaço para criação individual, estou falando de modo mais geral porque, óbvio, que tem algumas especificidades.

Quando eu começo na faculdade, começo a ver que são coisas opostas, dentro da licenciatura há um incentivo à improvisação, podemos trabalhar com reprodução, é óbvio, a partir do modelo exterior, do TikTok, entender de que forma podemos criar os nossos próprios movimentos. Quando dá esse embate eu percebo que quero mais da improvisação, porque quando tu muda o espaço cênico, muda completamente essa ideia do ensino. E eu acho que, talvez, seja nesse embrolho que eu junto a dança com a cidade, com a arquitetura. Eu acho que facilita muito se enxergamos a dança a partir de um outro espaço que não é o palco italiano, onde está o espectador

de um lado e o bailarino do outro, tu vai para um teatro na praça, é em círculo, ou então tu tem que caminhar para poder enxergar, daqui a pouco tu é espectador, quer enxergar melhor, sobe em um banco. Esses movimentos, que uma simples mudança de espaço cênico já traz, me faz enxergar uma outra forma para trazer a dança para vida assim, para o ensino, para criação.

Silvia Helena dos Santos Cardoso¹⁷⁵: A primeira questão que tenho é quando você leva o corpo para o espaço da rua, o que fica dessa dança? Qual é o registro? É uma fotografia? É um desenho? É um filme? O que é? Porque esse tipo de trabalho pede sempre uma tecnologia para registro. Isso que tu faz não é uma performance também? Estilo Marina Abramovic¹⁷⁶, que vai para o espaço e que faz as coisas. Eu fico pensando, até que ponto não é uma performance. E se for, qual é a diferença?

¹⁷⁵ Silvia Helena dos Santos Cardoso é Doutora em Artes pelo Instituto de Artes/Departamento de Artes da UNICAMP. Mestre em Multimeios pelo Instituto de Artes/Departamento de Multimeios da UNICAMP, Bacharel em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo/USP. Licenciada em Ciências Sociais pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo/USP.

¹⁷⁶ Marina Abramovic é uma artista performática que iniciou sua carreira no início da década de 1970 e manteve-se em atividade desde então. Considera-se a "avó da arte da performance". Seu trabalho explora as relações entre o artista e a plateia, os limites do corpo e as possibilidades da mente.

Você se apoia em querer estar pensando nesse deslocamento do corpo pelo espaço urbano. Eu fiquei também pensando uma coisa, vocês chegam no espaço urbano e acontece a dança ou, por exemplo, você convida pessoas, ou você coloca informações em um determinado lugar. Como é isso?

Débora Souto Allemand: De maneira geral, o trabalho que eu faço é espontâneo, eu acho que se tem verba de um edital tu vai divulgar, botar cartaz, Instagram etc. Porém, eu gosto mais de fazer sem divulgar, porque tenho uma ideia de experimentação. E isso sempre vai estar sendo apresentada, essa é outra coisa que quando muda o espaço, não tem mais do que é a apresentação, porque sempre está dentro de uma sala de aula. Também podemos pensar que o ensaio pode ser uma apresentação, porque os próprios dançarinos se enxergam, mas eu acho que no espaço da cidade tem uma ênfase um pouco maior nesse estado de performance.

Nesse projeto Caminhos da Dança fazíamos coisas mais experimentais. Era um grupo que tinha um horário semanal e combinávamos em que espaço da cidade íamos nos encontrar, por vezes era um espaço interno porque estava chovendo. Alguém tinha alguma ideia prévia do que íamos fazer, ou já tínhamos pensado em conjunto quais eram esses desejos da pesquisa com a cidade, esses desejos vinham do grupo e, em geral, eu dava alguma diretriz de exploração para improvisação nesse espaço. Sobre o registro, haviam pessoas que eram do Parkour e eram pessoas do cinema também. Então, uma coisa que notamos é que quando tinha uma câmera na rua, isso já era o cartaz, já chamava as pessoas. Então, às vezes nós íamos dançar e não registramos nada além da memória corporal e da nossa conversa depois, não era o nosso foco saber se era performance ou se era dança.

Tais Beltrame dos Santos¹⁷⁷: Tu não mencionaste muito hoje, entretanto existe a ideia de corpografia, desse registro que era para o próprio corpo, às vezes é algo inominável que não é possível registrar, talvez possas falar um pouco mais sobre isso. Recentemente tive experiências fazendo estágio com as crianças e isso subverte qualquer arquitetura, qualquer ordem, qualquer urbanismo que pensamos enquanto arquitetos e urbanistas. Estar na sala de aula, dando aula para criança, é uma eterna indomesticção, eles enlouquecem e aquele espaço não é mais o mesmo e, ao mesmo tempo, tu propões uma geometrização do espaço, isso ganha uma outra conotação. Queria que tu falasse um pouco sobre essa experiência de estar entre a regra e a subversão, e como as crianças te ensinam a dançar esse movimento não ordenado.

Débora Souto Allemand: Sempre temos uma preocupação para o depois, eu fico pensando: o depois nunca chega. Porque é um material muito grande, muitos *gigabytes* de registro, claro que, em algum momento, isso pode ser

¹⁷⁷ Tais Beltrame dos Santos é Doutoranda em Arquitetura pelo Programa de Pós Graduação (PROPAR/UFRRGS), Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo (UFPEL, 2021), Graduanda de Artes Visuais - licenciatura (UFPEL), Arquiteta e Urbanista (FAUrb/UFPEL, 2019).

importante, pode ser usado de uma maneira ou de outra, pode ser olhado a partir de uma outra lente para lembrar, para reescrever, para inventar uma outra coisa, mas eu acho que a ideia da dança na cidade não pensa muito nisso. A dança que eu faço é mais vitalina, aquele momento de experimentar, e esse registro vai ficar guardado no corpo de alguma maneira, não tem uma tradução como a Taís falou.

Sobre a sala de aula, eu dei aula na zona rural, por isso era um número reduzido de alunos, tinha em torno de quinze alunos no máximo, que é o número ideal para se trabalhar em sala de aula, especialmente pensando no ensino de arte, que trabalhamos com o sensível e com as individualidades. Hoje, estou dando aula no ensino médio e eles tem outra necessidade, que é a de conseguir trazer a subversão e o caos, porque no ensino médio eles já estão programados a chegar e sentar na cadeira, que os pequenos não tem, eles estão correndo, enlouquecendo pela sala inteira.

Paula Pedreira Del Fiol¹⁷⁸: Eu senti na tua fala essa diferença de vários corpos que habitam em diversos lugares, durante a tua apresentação tu falas de quando tu começaste com as danças em lugares públicos, tem as crianças no colégio. Quais eram as relações entre esses corpos e esses lugares diverso? Porque, em algum momento, essas coisas se conectam ou se desconectam.

Débora Souto Allemand: Me veio uma ideia também de pensar na ocupação da escola, eu acho que talvez seja o meu papel também fazer com que a dança ocupe a escola de forma visual e física. Porque estamos ali para bagunçar um pouquinho, para ocupar um espaço que não existe e estamos inventando porque, digamos, que na grade curricular não existe espaço para dança ainda, existe um espaço já consolidado para as artes visuais, um espaço consolidado para educação física e a

¹⁷⁸ Paula Pedreira Del Fiol é Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU/UFPel, Arquiteta e Urbanista pela UFPel. Fundadora da Urbe CoLab, empresa de consultoria em urbanismo participativo.

dança está nesse meio.

Eu acho que tem um pouco dessa coisa da ocupação do espaço pelo corpo. Que vai ser na escola, pelas crianças, vai ser pensando em uma amostra *online*, no ensino remoto, e vai ser do corpo na cidade mesmo, porque é isso, é mais fácil não ocuparmos a cidade, ainda mais depois da pandemia, é difícil se relacionar com o estranho, com o outro, com o vírus.

Eduardo Rocha: Eu venho observando uma questão que vem me chamando atenção caminhografando na rua, eu sinto falta de uma narrativa do movimento de dentro do corpo, é bem fácil eu sair caminhando, fotografando, filmando e, às vezes, eu sinto falta do que a pessoa sentiu caminhando. O exercício da dança coloca o corpo nessa situação, ele está forçando que a cidade entre para dentro do corpo, e evitamos isso. Nós arquitetos, urbanistas, geógrafos, forçamos a barra para isso virar planejamento urbano. E caminhar, como foi caminhar, pisar no chão ou dançar?

Débora Souto Allemand: Tem que estar sempre disposto para jogar consigo mesmo, de dentro, mas não são todas as danças e não é sempre que eu danço que eu estou atenta. Então, também é uma atenção para o próprio corpo, para si mesmo, e precisamos inventar alguns dispositivos. Para minha tese eu inventei as cartas e elas seguem funcionando como um dispositivo para atentar para essas outras coisas que parecem que estão fora da pesquisa e não estão. Vou contar para vocês a verdade. Eu comecei a escrever cartas porque meu pai morreu, ele estava com câncer. Eu comecei a dar aula no município de Pelotas para educação básica, e três dias depois meu pai morreu. E, em seguida, eu entrei no doutorado. As cartas são um jeito de contar para ele as coisas que estão acontecendo. Então, é óbvio que não é fácil escrever essas cartas. Eu escrevo para ele, para outras pessoas, para mim mesma, tem toda essa dor envolvida, as

angústias mais internas.

Eduardo Rocha: É isso, a dança também é um caminhar sentido, nesse sentido que tu vens estudando. Deka, tu nos indica alguém?

Débora Souto Allemand: A Carolina Bonfim¹⁷⁹, ela é artista e eu acho que ela tem bastante coisa legal, ela pensa bastante na cartografia e no processo.

Silvia Helena dos Santos Cardoso: Eu acho que nós professores somos mais felizes quando utilizamos a sala de aula como laboratório. Eu estou trabalhando cinema e educação com a galera do curso de artes visuais. Programamos tudo, eu falei para eles que pode ser que dê tudo errado, com os indígenas, não funciona assim, e deu tudo errado realmente. Porém, deu tudo certo. Tudo errado, super produtivo. Eu estava na expectativa, avisei com um mês de antecedência, mandei o flyer, na minha cabeça era para adolescentes e adultos e eles não estavam, quem estavam eram as crianças. Saímos pela aldeia buscando outras crianças. Na próxima vez eu irei, no primeiro momento, buscar as pessoas. E o que acontece? Eu acho que quando nos colocamos à prova de situações as coisas fluem.

¹⁷⁹ Carolina Bonfim é artista e pesquisadora que trabalha com vídeo, performance e fotografia. Entrelaçando a prática profissional com a pesquisa orientada pela prática. Carolina concluiu a graduação em Artes Visuais e Artes Cênicas no Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (São Paulo), antes de concluir o mestrado em Produção e Pesquisa Artística pela Universitat de Barcelona. Ela possui um PhD em Pesquisa Baseada na Prática pela Université Libre de Bruxelles e pela l'ENSAV La Cambre. Ela explora questões sobre processos artísticos, produção e transmissão em relação específica ao corpo e ao arquivo.



Professora Visitante da Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará (UFPA) e Pós-doutoranda em Economia Comportamental pelo Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa (ISCAL). É psicóloga pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), mestre em psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e doutora em psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Compõe a Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO) e o GT de Estudos Urbanos da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP).

Figura 14: Marcela Teti em entrevista para conversas. Fonte: canal youtube revista pixo, 2022. <https://youtu.be/E5X94cn2v40?si=S-3Mk7oWHG7upv19>

Por várias errâncias eu acabei fazendo mestrado¹⁸⁰ sobre turismo a partir da metodologia do Michel Foucault¹⁸¹, tentando entender historicamente como um destino turístico é formado. Foucault nunca foi um historiador do espaço, pelo menos ele nunca disse isso claramente. Ele sempre foi muito mais interessado pelo tempo, em nenhum momento ele chega a esclarecer o espaço que ele estuda. No mestrado eu tinha um desafio que era aplicar o método histórico em um espaço geográfico delimitado, porque eu investiguei a formação de um destino turístico chamado Urubici, na serra catarinense. Eu tinha um impasse com essa questão geográfica, minha orientadora também, então buscamos em Foucault um texto em que ele disserta sobre o espaço e o conceito é heterotopias¹⁸², e, assim, eu começo a fazer uma investigação histórica de um espaço heterotópico. Eu faço uma relação entre heterotopia e o destino turístico, um processo de tentar entender esse destino a partir de relações de poder e de relações de saber, que foram os eixos de análise que nos deparamos, ainda estávamos fazendo uma cartografia desse espaço heterotópico.

No decorrer do tempo, como uma cidadezinha na serra catarinense se tornava um destino internacional, analisando discursos sobre o turismo em Urubici, quais eram os aparelhos administrativos que usavam, formando o turismo nesse espaço e tentando entender qual tipo de turista que estava ocupando aquela cidade, estávamos fazendo uma análise cartográfica e foi a primeira vez que eu trouxe a relação entre cartografia na minha pesquisa. Mas, no mestrado eu não caminhava, foi uma pesquisa histórica, pois era uma exigência do meu orientador, eu falava sobre uma cidade que eu não vi, eu estive lá, mas de uma forma bem pontual.

Eu terminei o mestrado, fui fazer o doutorado no Rio de Janeiro, por questões acadêmicas, e eu me vi fazendo uma investigação de um

¹⁸⁰ TETI, Marcela Montalvão. Urubici, uma análise geopolítica de uma heterotopia turística. Florianópolis: PPGP/UFSC, 2010. [dissertação de mestrado].

¹⁸¹ Michel Foucault foi um filósofo, historiador das ideias, teórico social, filólogo, crítico literário e professor da cátedra História dos Sistemas do Pensamento, no célebre Collège de France, de 1970 até 1984.

¹⁸² FOUCAULT, Michel. O corpo utópico; as heterotopias. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

território, de um espaço geográfico, eu queria investigar a mudança urbana que iria acontecer na zona portuária do Rio. Resolvi que eu iria para zona portuária e iria entrar nesse lugar para ver com os meus próprios olhos a mudança urbana que iria acontecer. A proposta inicial era fazer uma etnografia da mudança urbana que aconteceu entre 2011 e 2014, que seria o período do meu doutorado e o período de transformação urbana, por causa da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas 2016, no Rio de Janeiro.

Eu nasci no Nordeste, e tenho por tradição me jogar nas coisas de forma aventureasca, eu sou uma mulher nordestina que estava tentando fazer uma pesquisa de campo na zona portuária do Rio que, a priori, é uma zona violenta, de criminalidade, com várias favelas. Como que eu vou para esse lugar? Como que eu vou me enveredar por esse espaço, que, a priori, não é muito bacana de circular? Dentro do meu programa de pós-graduação ninguém tinha ido à zona portuária na vida, meu orientador, meus colegas, ninguém sabia me dizer como chegar, já que a minha proposta era uma pesquisa etnográfica, eu teria que me virar, teria que dar um jeito. Comecei a tentar chegar lá, o barato da pesquisa foi esse momento em que eu não sabia como fazer e passei a tentar chegar. Eu começo a pesquisar quais são os ônibus que chegam na zona portuária, se os taxistas conhecem os lugares que eu gostaria de visitar, converso com colegas de doutorado, estudantes e, várias vezes, dá super errado chegar na zona portuária, mas, por fim, acabo chegando.

Inicialmente, eu não fui sozinha, fui com algumas amigas, porém, como eu estava fazendo pesquisa, passei a ir sozinha, a me colocar em situações em que eu precisava dar encaminhamento às coisas, ou desistir do doutorado, ou mudar de ideia. E, nesse processo de ir sozinha para alguns espaços, que eu sabia que teriam eventos, desde eventos acadêmicos

¹⁸³ Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro é um projeto que tem como proposta é chamar atenção das comunidades atingidas, da sociedade brasileira e das organizações de defesa dos direitos humanos no Brasil e no exterior para o verdadeiro legado dos megaeventos esportivos: uma cidade mais desigual, com a exclusão de milhares de famílias; a destruição de comunidades inteiras; e a apropriação da maior parte dos benefícios por poucos agentes econômicos e sociais. Para ver mais, acesse: <https://www.fundobrasil.org.br/projeto/comite-popular-da-copa-e-olimpiadas-do-rio-de-janeiro/>

¹⁸⁴ O Fórum Comunitário do Porto do Rio de Janeiro se constitui como um espaço público onde são vocalizadas denúncias de violações de direitos e articulados apoios institucionais necessários à ação política de defesa destes direitos. Para ver mais, acesse: <https://forumcomunitariodoporto.wordpress.com/>

como festivos, porque tem uns sambas, uns restaurantes na zona portuária que o pessoal vai e que eu comecei a achar pessoas que me assimilaram. Passei a fazer parte de movimentos sociais muito fortes como o Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro¹⁸³, pois, de certo modo, eu estava lutando pela manutenção das comunidades no Rio de Janeiro, existia uma proposta de limpeza social e esse movimento social estava lutando para manter os moradores nas favelas. Algum tempo depois eu encontrei o Fórum Comunitário do Porto do Rio de Janeiro¹⁸⁴, que era uma organização feita por estudantes e professores de geografia, serviço social, arquitetura e urbanismo que estavam defendendo a permanência das favelas da zona portuária. Foi assim que eu descobri a zona portuária e todo esse processo foi caminhando, pegando ônibus, descendo no ponto X, às vezes, tinha uma obra e eles me diziam: “ó dona, o ponto final é tal ponto, por causa da obra a senhora vai ter que descer aqui!” e eu tendo que descer vários pontos antes e sem ter a menor ideia de para onde eu ia, descendo com a bolsa embaixo do braço, olhava para um canto, para o outro e ir. Vou para frente, a próxima pessoa que eu encontrasse no meio da calçada dizia: “moça, eu quero ir para rua Jogo da Bola, número vinte e quatro.”, e me diziam: “ah, mas está longe!”, e eu retrucava: “não tem problema não, eu chego.”. Eu sou nordestina, a favela do Rio de Janeiro repleta de nordestinos e uma das coisas que eu sei fazer é falar nordestinês, que é falar das coisas que as pessoas fazem, comer cuscuz com ovo, pão jacó, café preto. Eu perguntava: “onde eu acho um café preto?”. Eu usava os recursos culturais que tinha, que eram semelhantes aos do pobre favelado.

Eu ouvia muito: “Dona, a senhora está perdida, porque é a segunda vez que a senhora passa por aqui.” Ou então, “eu preciso ir em tal lugar.” e me respondiam: “ah, tem uns

estudantes, umas pessoas diferentes, naquela casa ali em cima. É ali que a senhora quer ir?”. E, assim, eu fui para procissão de Nossa Senhora da Conceição, fui para blocos de carnaval, reunião de reconhecimento de terra, para embate com a prefeitura que queria limpar as pessoas da zona portuária. Sempre tinham ações do direito e do serviço social, para mapear os espaços que aquelas pessoas moravam. Subíamos e descíamos os morros com papel na mão, fazendo mapa à lápis no caderno para dizer: “Essa é a rua tal, essa é outra rua, nessa rua mora senhor Fulano de tal, filho de Beltrano que mora na rua tal.” construímos mapas em folhas de papel e depois montamos o mapa da favela¹⁸⁵. Porque, naquela época, a favela não estava no Google Street View, se você quisesse ver as ruazinhas, aparece um morro com nada, o mapa foi limpo naquela época, 2012 ou 2013, as vistas aéreas dos morros do Rio de Janeiro foram limpadadas, viraram mata, as pessoas foram removidas tecnologicamente.

Eduardo Rocha¹⁸⁶: Uma coisa que eu vi que para ti também acontece é esse encontro com esse inesperado, por mais que eu me prepare para rua, ela é sempre inesperada. Com as meninas que eu oriento sempre invento uma preparação, isso de estudar história, mas quando chega na rua é isso que tu contou. Eu sempre conto da Luana¹⁸⁷, ela foi a uma cidade e o padre da cidade mandou ela embora, ela me ligou chorando que tinha dado tudo errado. E aquilo que deu errado é o que deu mais certo, se tu estiver aberto para isso. Me parece que tu também estás contando um pouco desses arranjos que vão se reorganizando, vão se organizando.

Marcela Montalvão Teti: No momento em que você se propõe a ir a campo em um lugar desconhecido, que você não tem o amiguinho de dentro, esse mapa não é afetivo, não existe o recurso de memória. Existe isso, o estudo, a pesquisa no Google, no momento em que tu

¹⁸⁵ Para ver mais, acesse: <https://mapasaudental.com.br/mapadasfavelas/>.

¹⁸⁶ Eduardo Rocha é Arquiteto e Urbanista (CAU/UCPel), Especialista em Patrimônio Cultural (CA/UFPe), Mestre em Educação (PaE/UFPe), Doutor em Arquitetura (PROPAR/UFRGS) e Pós-Doutor (Università Roma Tre). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 2. Professor Associado no DAUrb/FAUrb/UFPe; e Pesquisador no PROGRAU/FAUrb/UFPe, na Linha de Pesquisa: Cidade e Sociedade.

¹⁸⁷ Luana Pavan Detoni é doutoranda em Planejamento Urbano e Regional, no PROPUR/UFRGS. Mostra em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU/UFPe. Arquiteta e Urbanista graduada pela FAUrb/UFPe.

chegas no lugar, ou você está aberto ou não tem pesquisa. Botou o pé na calçada, botou o pé na rua, respira fundo e vai.

Silvia Helena dos Santos Cardoso¹⁸⁸: Marcela, o que você procurava nas favelas do Rio de Janeiro?

Marcela Montalvão Teti: Quando eu fiz a pesquisa do turismo em Urubici, as minhas pesquisas foram de fato pesquisas históricas, eu fiz pesquisa para o Diário Catarinense, eu ia para o arquivo, procurava os jornais antigos sobre o turismo da cidade, nesse processo de tentar entender a história. Nessa pesquisa eu vi um embate, dos novos moradores de Urubici, que estavam vindo especialmente dos estados de São Paulo e do Paraná, criando grandes hotéis, ou hotéis fazendas, instituindo uma nova cultura do vinho e um morador que estava sendo assimilado pelas redes hoteleiras que estavam sendo criadas.

Quando eu fui para o Rio eu queria ver isso, meu projeto era esse. No mestrado eu estudei o processo de urbanização turística de uma cidade pequena, no doutorado eu queria ir para uma cidade grande, estudar o projeto de uma urbanização turística em um bairro. contei minha proposta de doutorado para um colega que morava no Rio na época e ele me disse o que ia passar na zona portuária do Rio. Então, eu tive condições de ver de forma concreta a mudança acontecendo durante o espaço de tempo. Enquanto no mestrado eu via a mudança do tempo através dos jornais, das fontes primárias, dessa vez eu iria ver com os meus próprios olhos uma parede sendo demolida, um novo prédio sendo construído e como é que o morador ia ser varrido daquele espaço. Eu fui para ver isso e vi. Vi uma praça sendo demolida, outra praça sendo construída, vi uma ocupação urbana sendo varrida e os moradores dessa ocupação tendo que se virar na rua, viraram moradores de rua. Vi dois museus sendo construídos, o museu de arte do Rio, o

¹⁸⁸ Silvia Helena dos Santos Cardoso é Doutora em Artes pelo Instituto de Artes/Departamento de Artes da UNICAMP. Mestre em Multimeios pelo Instituto de Artes/Departamento de Multimeios da UNICAMP, Bacharel em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo/USP. Licenciada em Ciências Sociais pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo/USP.

MAR, e um outro que tem um formato básico. Eu vi o Cais do Valongo sendo descoberto, o Instituto dos Pretos Novos¹⁸⁹, o governo descobriu um cemitério de negros escravos e, a partir daquele momento, teve que separar esse espaço da zona portuária e virar um museu das ossaturas dos escravos.

Eu fui vendo essa transformação urbana, que foi voraz e violenta com o povo que morava lá, com o povo pobre, com o povo preto, com as mulheres trans, que moravam lá e se prostituíam. Vimos as famílias de tradição, porque várias daquelas casas que foram demolidas foram construídas em 1889, por exemplo, sendo varridas. Famílias de três ou quatro gerações, que moravam naquele espaçozinho, viram a sua laje ser derrubada, a sua escola. Acompanhei isso pessoalmente, inclusive fazia fotos de todas as coisas que eu via. Tenho um bloguezinho¹⁹⁰ que eu registrei em 2014, a ideia era tentar ver algo além da máfia, eu queria ver o povo morando, vivendo, não queria ver a criminalidade, o tráfico de drogas, o tiroteio, não era isso que eu queria ver, eu queria ver como as pessoas viviam dentro da favela, porque se um dia elas desaparecessem, a justificativa é a criminalidade, mas na favela não tem só isso.

Paula Pedreira Del Fiol¹⁹¹: Tu falas bastante dessa tua vivência em campo, queria saber se dentro do teu doutorado isso existe também ou é um relato meio extraoficial, porque eu sinto que existe um certo receio dentro da academia. Queria saber se é um relato que existe dentro do teu doutorado de fato, no texto escrito, como tu fizeste ele? Como foi esse processo?

Marcela Montalvão Teti: Boa parte do que eu estou contando está escrito no livro, eu conto os percalços todos porque eu faço uma tese narrativa. Conto como se fosse um romance, no meio tem trechos teóricos, muitas vezes foi uma guerra, embora eu estivesse com um

¹⁸⁹ O Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (IPN) foi criado em 13 de maio de 2005, com a missão de pesquisar, estudar, investigar e preservar o patrimônio material e imaterial africano e afro-brasileiro, cuja conservação e proteção seja de interesse público, com ênfase ao sítio histórico e arqueológico do Cemitério dos Pretos Novos, sobretudo com a finalidade de valorizar a memória e identidade cultural brasileira em Diáspora. As ações continuadas de investigações arqueológicas e pesquisas, manutenção do acervo e atividades educativas realizadas pelo IPN geram conhecimento que promovem a reflexão sobre a escravidão e suas seqüelas para os princípios de igualdade racial no Brasil.

¹⁹⁰ Para ver mais, acesse: <http://marcelatetiresearch.blogspot.com/>.

¹⁹¹ Paula Pedreira Del Fiol é Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU/UFPel, Arquiteta e Urbanista pela UFPel. Fundadora da Urbe CoLab, empresa de consultoria em urbanismo participativo.

¹⁹² Francisco Teixeira Portugal possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1992), graduação em Engenharia Elétrica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1989), mestrado (1995) e doutorado (2002) em Psicologia (Psicologia Clínica) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Atualmente é professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro atuando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia e no Departamento de Psicologia Social.

¹⁹³ Celma Paese tem Pós-Doutorado no PPGAU-Mestrado Associado Uniritter/Mackenzie, Doutorado em Teoria, História e Crítica da Arquitetura (PROPAR/UFRGS), Pós-graduação em Design: Projeto de Produto (PUC-RS) e Arteterapia (FEEVALE). Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UNIRITTER.

orientador muito bacana que é o Francisco Portugal¹⁹², imagina você chegar com um projeto e o orientador diz: “vá!”. Mas eu fui muito questionada pelas colegas de doutorado. Minhas colegas me atacaram muito; durante as reuniões oficiais do nosso grupo, me diziam coisas como: “Você não acha que deveria estar fazendo um doutorado em Antropologia? Não tem nada de Psicologia no que você está fazendo.” Eu tinha que explicar: uma vez, apresentei um texto e uma colega falou que eu já estava no terceiro ano de doutorado e não tinha pesquisa nenhuma na mão. Foi um choque na época e na hora ninguém me defendeu, isso significava que no meu grupo de pesquisa, que tinha oito pessoas, todo mundo concordava com a afirmação da menina, foi um exercício de eu ter que voltar para casa e produzir textos robustos e chegar na reunião de pesquisa para dizer que não é pesquisa exploratória, depois uma professora deu o nome de deriva urbana. É esse caminhar errante que está me fazendo ver o que os outros não veem, é eu me jogar no campo, como o Edu falou. É eu me colocar no campo e me manter aberta, ou seja, o que o campo disser para mim, eu aceito e vou fazer pesquisa científica disso, é isso que vai virar tese.

Celma Paese¹⁹³: Eu sou apaixonada por Michel Foucault, essa coisa do poder, dessa relação que ele faz com o poder. Isso deve ter gritado quando você foi caminhar no Porto do Rio.

Marcela Montalvão Teti: Quando ele faz o estudo sobre disciplina, biopolítica, panóptico, controle, é tudo isso que me interessa bastante. Eu pego o folclore a partir das relações de poder, e minha estratégia é sempre mapear os órgãos oficiais que tentam controlar a circulação de pessoas, eu sempre estudo a objetivação dos corpos. A minha ideia sempre foi ver o seguinte: existem corpos que não podem caminhar por determinados espaços. Por exemplo, o espaço da urbanização turística. Que espaço é esse? Ele é feito para que

tipo de indivíduo? A zona portuária, antes da reforma urbana, era feita para corpos distintos, pobres, sem sapato, que não toma banho, que tem o cheiro peculiar, que tem uma estatura diferente, que tem um gesto diferente, é um corpo que tem uma vida diferente, não precisava conversar com a pessoa, só de olhar eu sei de onde ela veio, eu sei onde ela está. O corpo tem uma leitura psíquica, que é social, que é econômica, a partir do momento em que eu faço uma renovação urbana, que eu passo um asfalto, que eu boto um poste para iluminar em determinado ambiente, vai ter logo depois um segurança chegando e dizendo que aquele corpo não pode circular ali. Ou seja, a pessoa que circulava livremente por aquele espaço não pode mais ocupar aquele espaço. O espaço urbano é um lugar de novos corpos, novos indivíduos, novos tipos de indivíduo.

Celma Paese: Eu fiquei curiosa de ver qual era a tua bibliografia de base.

Marcela Montalvão Teti: Eu usei o livro *De Outros Espaços*¹⁹⁴, o texto que tem o conceito de heterotopia, eu li sobre a geografia, e fui lendo os textos que falam sobre o espaço, sobre a geografia, o nascimento da medicina social. E em *Microfísica do Poder*¹⁹⁵ porque ele chega a falar da urbanização, se eu não me engano, na Alemanha e na França.

Eduardo Rocha: Aproveitando o gancho da Celma, o que é heterotopia? Como tu usou essa ferramenta para estudar os espaços?

Marcela Montalvão Teti: Para mim, heterotopia é um espaço de ilusão, de compensação. Eu via o espaço da zona portuária como espaço turístico, o urbanismo turístico, turistificado, para mim, a heterotopia tem a ver com isso, porque essa nova urbanização que está sendo criada é uma urbanização de ilusão, compensação. Por exemplo, você está na sua casa, tem o seu trabalho cotidiano, sai

¹⁹⁴ Foucault, Michel. (2013). *De espaços outros*. Estudos Avançados, 27(79), 113-122. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/68705>

¹⁹⁵ Foucault, Michel. *Microfísica do poder*. São Paulo: Editora Paz & Terra, 2021.

¹⁹⁶ Cintia Gruppelli da Silva possui curso técnico profissionalizante em Desenho Industrial, pela antiga ETPPel. Graduação em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Universidade Católica de Pelotas. Especialização em Gráfica Digital pela Universidade Federal de Pelotas. Mestrado em Educação pelo Programa de Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia - IFSul Pelotas-RS. Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da FURG.

¹⁹⁷ Marcos Villela Pereira é formado em Filosofia e concluiu o doutorado em Educação (Currículo) pela PUC/SP em 1996 e realizou estágio pós-doutoral na UNLP/Argentina, sob coordenação de Myriam Southwell, junto ao projeto "Procesos de democratización en la formación de los cuerpos y las sensibilidades en la educación estética de la Argentina de la segunda mitad del siglo XX".

de casa 7h, deixa os filhos na escola, vai trabalhar, chega em casa almoça engolindo comida, volta a trabalhar, pega criança na escola, senta para ver novela, vai dormir e no dia seguinte faz a mesma coisa, ou seja, o seu cotidiano, a sua rotina é uma coisa fixa. Quando tu compra uma passagem ou quando tu vai para um espaço como a zona portuária, tu vai para esquecer o seu cotidiano, para visitar um museu pasteurizado que não tem nada a ver com a história do Rio de Janeiro. Então, é um espaço de compensação do seu estresse. Depois, ele é uma heterocronia, é um espaço em que o tempo para, tanto no restaurante como na praça revitalizada, como no VLT, como no museu. O tempo passou, parou para você, é uma heterotopia também porque esse espaço criado não tem nada a ver com o entorno, é um espaço de oposição com aquilo que está próximo. No entanto, é um espaço intercambiável, não é um espaço fechado, não é uma utopia, não é uma coisa que acontece fora.

Cintia Gruppelli da Silva¹⁹⁶: O conceito de heterotopia tem muito a ver com um espaço controlado, que mesmo que não esteja no nosso cotidiano, tudo é controlado. Tudo foi planejado para que você tenha alguma experiência, esse conceito está atrelado à experiência com esse espaço como um espaço de liberdade. Hoje é um espaço criado para objetivar corpos e subjetivar, enfim, ele deixa de ser o espaço de liberdade, mas eu acho que a potência desse conceito está em criar os nossos espaços heterotópicos. Não sei se tu enxergou a heterotopia com esse olhar.

Marcela Montalvão Teti: Certa vez me falaram que era um perigo trabalhar com heterotopia a partir do Michel Foucault, porque ele é um conceito guarda-chuva, se encaixa em qualquer lugar, tudo pode ser uma heterotopia a partir do que você lê no texto. A minha ideia de heterotopia está mais relacionada ao controle.

Eduardo Rocha: Eu tive um professor, o Marcos Vilela¹⁹⁷, que sempre dizia que Foucault vai nos dizer o que não é, ele nunca diz o que é. Também acho que em Foucault tem que saber ler temporalmente, o pensamento dele por aqueles tempos que ele passou, ele vai desviando, mudando de direção. Se tu pegares o conceito e for procurar o conceito na obra, tu não vais entender nunca porque ele se contradiz.

Marcela Montalvão Teti: Existem seis princípios que definem a heterotopia. Se você achar um determinado evento que se encaixa nesses seis princípios eu entendo que é uma heterotopia. Por exemplo, o carnaval da Bahia é uma heterotopia de curta duração, ele diz que existe a heterotopia de curta duração e a de passagem. E ele classifica alguns tipos de heterotopia. Então, pode ser que ela seja permanente ou ela seja temporal, ela tenha uma função específica. Por exemplo, a praia é uma heterotopia de passagem, a estação de metrô é uma heterotopia de passagem.

Eduardo Rocha: Existe uma discussão aqui no grupo de que a cartografia deleuziana, já que hoje em dia a cartografia é um termo bem amplo, como uma observação ou da caminhografia, como estamos chamando, no sentido do corpo do pesquisador ou de uma abertura. E eu tenho pensado um pouco nisso, no campo da educação elas não gostam de cartografia que interaja. Elas dizem que a cartografia é algo que é da educação e um pouco da psicologia. Eu sempre digo para as gurias, quando elas vão pensar no que vão fazer, se vão fotografar, vão anotar, eu sempre acho importante ter alguma interação, tipo o que tu fez de perguntar para as pessoas como chegar em tal lugar. Não é que seja uma entrevista estruturada, é sobre esse manejo, a cartografia vai aceitar esses movimentos. Parece que o outro nos chama para uma conversa, pergunta, escuta, sobre essa ideia de interagir, talvez fosse a palavra “interação”, ou não, nesse

lugar da pesquisa que vem da cartografia, se tu pensou nisso ou não.

Marcela Montalvão Teti: Eu pensei, dentro da psicologia existe um embate, o termo cartografia é estudado por vários grupos e cada um tem o seu entendimento. Porque é tão complicado ou mais complicado que Michel Foucault, tem que fazer essas costuras com outros autores, tem que ler outras coisas, não dá para ficar só naquele texto, senão tu despiroca e não chega a lugar nenhum. Para alguns grupos da psicologia a interação na cartografia é importante porque nós, pesquisadores, não somos uma entidade, somos pesquisadores de ciências humanas, nossos corpos também são afetados pela nossa pesquisa, por isso se colocar no campo e interagir com as pessoas é fazer com que esse corpo seja afetado pelo campo.

Não saímos da universidade com tudo firmado e fixo, inicialmente eu tenho uma arquitetura, um esquema de pesquisa, ou seja, quero investigar um bairro que está passando por uma transformação urbana, esse é o esquema, mas não está fechado, não está definido o meu objeto, não está definido quais são as pessoas com quem vou conversar, não está definindo exatamente como é que eu vou fazer a interação. Em nenhum momento eu disse que ia fazer entrevista, ou entregar questionário, eu cheguei lá e, a partir do contato com o campo, fui definindo como é que seria esse processo de interação. É como se o método fosse construído *a posteriori*, eu preciso interagir com o campo para descobrir qual método que se encaixa a esse campo. O caminhar na zona portuária era muito errante mesmo, era muito tortuoso. Conheci um professor, na Espanha, que fazia pesquisas em metrô, ele tinha as pesquisadoras de mestrado, doutorado, graduação e definiu que elas iam fazer pesquisa no metrô. Ele dizia para as meninas, quando elas perguntavam o que iam fazer: “Não sei, você vai chegar e vai se virar!”, tinha uma

menina que ficava sentada no metrô vendo os trens passarem por horas, tinha uma menina que se metia dentro do metrô para descobrir para onde o metrô iria, ia até a linha final e depois voltava, outras paravam para lanchar. Chegou um momento do trabalho que o professor quis descobrir quem são essas pessoas que passeiam por essas linhas que as orientandas estavam caminhando, quem elas estavam observando. Só nesse momento elas fizeram entrevistas, elas chegavam a escolher uma pessoa e faziam a entrevista durante todo o percurso da linha de metrô. A pessoa não parava para fazer entrevista, o pesquisador ia junto com o entrevistado até onde ele precisava ir. E, se tivesse que sair da estação de metrô para continuar, saíam.

Isabella Khauan Maricatto¹⁹⁸: Eu queria saber um pouco da sua experiência, como você sentiu esse corpo mulher, nesse território desconhecido, esse campo apresentou algum limite ou alguma imposição a essa abertura do corpo?

Marcela Montalvão Teti: Bom, eu sou mulher e estava em um espaço que eu não conhecia, um espaço que muitas vezes é de criminalidade, como eu falei, meu corpo é nordestino, sabe aquele mito da mulher cabra da peste? Essa coisa toda que o povo diz, eu tenho esse arcabouço cultural inteiro. Isabella, eu não sou inocente, nem sou ingênua na parada, eu sabia que o morador da zona pobre do Rio de Janeiro é nordestino, então eu fui armada. Eu chegava na zona portuária de chinelo Havaiana, é o que usamos aqui no nordeste. Eu prendia o cabelo, fazia um rabo de cavalo ou um coque, botava uma blusa comum, uma calça jeans e uma bolsa embaixo do braço. Eu tentava me igualar ao máximo ao nordestino que está na favela, porque eu sei como é, eu me visto assim também, eu não ia com aquela cara carioca, com os cabelos esvoaçantes, com aquela roupa mostrando a barriga. Eu não ia com nada disso, eu ia com meu corpo

¹⁹⁸ Isabella Khauam Maricatto é Doutoranda em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR/UFRGS), Mestra pelo PROGRAU/UFPEL, tem especialização em Artes - UFPEL. Arquiteta e Urbanista pela UEL.

nordestino.

A partir do momento que eu chegava desse jeito, e eu ia sempre olhando para baixo, quando eu fui morar no Rio de Janeiro me ensinaram a fazer isso, eu subia a favela sozinha, 21h, 10h, domingo 14h, tudo vazio. Porém, eu subia sem medo, porque eu subia desse jeito, eu me igualei ao povo da favela e eu falava como eles, eu tomava café na venda, sem nenhum problema porque essa é a minha cultura. Tive alguns problemas no momento em que dizia que era pesquisadora, que eu estava na zona portuária, algumas pessoas estranhavam, alguns moradores, que não eram exatamente da zona portuária, mas que estavam visitando a zona portuária, de classe média, se questionavam o que eu estava fazendo ali sozinha. Fui questionada por estar sozinha nesse espaço, não pelo morador da favela e sim pelo morador de outros bairros do Rio de Janeiro. Eu não fui estuprada, eu não fui violentada, ninguém quis me beijar à força, nada dessas coisas aconteceram não, em nenhum momento, só uma vez que eu fui mesmo categorizada como mulher sozinha no meio do povo, porém, a verdade é que eu sempre fui muito bem tratada. Psicólogo não vai para esses lugares de organização e militância, eu era a doida, a psicóloga que chegava sozinha, sem conhecer ninguém, muitos sorrisos se abriam para mim.

Eduardo Rocha: Eu tenho pensado muito que cartografia é uma coisa feminina ou é uma prática gay e é interessante essa ideia, eu acho que tem uma questão sensível que envolve essa busca por esse lugar na cidade. E essa abertura que temos da metodologia que vai sendo construída é muito mais difícil. É muito mais fácil ter um questionário, uma estatística, fazer e acabou. É muito mais difícil tu te jogar no inesperado, às vezes nos damos conta no meio do processo, e eu sempre percebo isso, eu tenho que ir no lugar, caminhar, e não é fácil fazer isso enquanto pesquisa.

Me fazem muito essa pergunta, e talvez tu já tenhas pensado sobre isso, essa questão de termos um referencial teórico europeu. De vez em quando isso aparece porque caminhamos nas cidades do Brasil, nas favelas, entretanto, quem tu trazes para pensar contigo são os franceses que estão falando de Paris, os situacionistas. Tu também já te deparaste com esse tipo de questionamento?

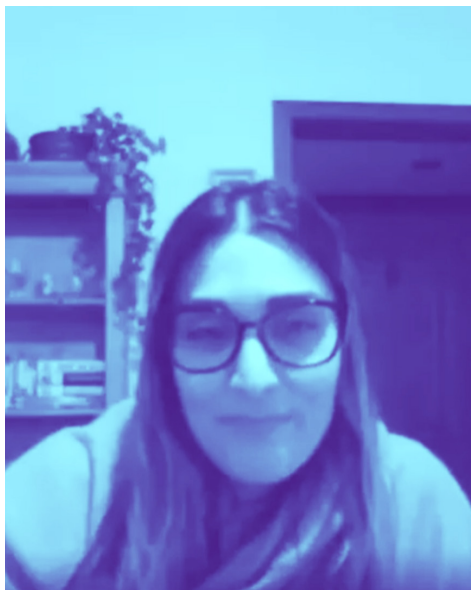
Marcela Montalvão Teti: Vou fazer um corte temporal, porque eu defendi a minha tese em 2015, desde então eu trabalho em uma instituição privada de ensino. A partir do momento em que eu trabalho para uma instituição privada de ensino não faço mais pesquisa como eu fazia, tem sete anos que minhas atividades teóricas são eu com meus livros e os congressos, quando eu tenho oportunidade de ir, quando eu sou liberada no meu trabalho, porque a instituição privada é uma instituição de poder. Na instituição onde eu trabalho o decolonial não é uma questão, entre os meus colegas de aula, o pensador francês não é um problema, desde que eu dê minha aula e cumpra os componentes curriculares.

Eu me vi em torno desses questionamentos, que tu está fazendo há cerca de um ano, por alguns alunos em sala de aula, entretanto, mais de curiosidade. Quando eu pego para ver quem escreve hoje sobre heterotopia e faz referência aos espaços clássicos, não vejo mais nesse momento com esses temas aqui no Brasil, não para eu dizer que vou pegar um intelectual brasileiro para lançar luz às minhas questões. Onde eu achei foi no Uruguai e na Argentina, cheguei a ler alguns textos interessantes sobre cartografia das periferias com um pesquisador chamado Ramiro Segura¹⁹⁹ da Universidad de La Plata, ele trabalha o conceito de cartografia e usa as representações sociais.

Eduardo Rocha: Não, eu estou falando que temos pensado um pouco nessa ideia

¹⁹⁹ Ramiro Segura é graduado em Antropologia pela Universidade Nacional de La Plata (UNLP) e Doutor em Ciências Sociais pela Universidad Nacional General Sarmiento (UNGS). Durante 2012/2013 realizou Pós-Doutorado na Rede de Pesquisa sobre Desigualdades Interdependentes na América Latina –desiguALdades.net– sediada na Freie Universität (FU) em Berlim e durante 2017 atuou como Pesquisador Visitante no Center for Latin American and Caribbean Studies (CLACS) da Brown University.

do caminhar brasileiro, latino-americano. Principalmente porque eu e a Celma já fomos caminhar fora do Brasil, na Itália, e eu lembro que tem algumas coisas brasileiras, latino-americanas, caminhar na favela é um lugar muito diferente e existem algumas questões envolvidas, ou caminhar no Brasil, nos lugares, eu acho que existem questões culturais que envolvem essa prática e essa metodologia.



Arquiteta e Urbanista pela Universidade Federal de Pelotas (2009). Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), na linha de pesquisa Urbanismo Contemporâneo (2017). Atua como Arquiteta na Secretaria Estadual de Saúde do Rio Grande do Sul, como fiscal de projetos e edificações reguladas pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). Possui experiência profissional interdisciplinar na área de Arquitetura e Urbanismo, atualmente com ênfase em Arquitetura Hospitalar.

Figura 15: Antonella Pons em entrevista para conversas. Fonte: canal youtube revista pixo, 2022. <https://www.youtube.com/watch?v=OsE-9GBhzADg&t=245s>

²⁰⁰ PONS, Antonella dos Santos. *Som em Devir: Por uma cartografia sensível da paisagem sonora urbana*. PROGRAU/UFPEL: 2017 [dissertação de mestrado].

²⁰¹ Gilles Deleuze foi um filósofo francês. Sua obra é considerada uma das principais representantes da filosofia continental e do pós-estruturalismo, de modo que ocupa um lugar importante nos debates contemporâneos sobre sociedade, política e subjetividade.

²⁰² Félix Guattari foi um filósofo, psicanalista, psiquiatra, semiólogo, roteirista e ativista revolucionário francês. Foi um dos fundadores dos campos da esquizoanálise e ecosofia.

²⁰³ Suely Belinha Rolnik possui graduação pela Sorbonne em Sociologia e em Ciências Humanas Clínicas, na qual também obteve os diplomas de mestrado em Psicologia. Doutourou-se em Psicologia Social pela PUC-São Paulo.

²⁰⁴ Archdaily é um *site* que começou reunindo informações que ajudaria os arquitetos a produzirem uma melhor arquitetura, agora é uma empresa de tecnologia que cresce rapidamente, que inspira, traz ferramentas e conhecimento aos 13,6 milhões de arquitetos que visitam o ArchDaily todos os meses.

O meu mestrado²⁰⁰ foi totalmente experimental, eu passei muito tempo tentando entender como poderia pesquisar isso. Para mim, às vezes, a ficha demora a cair porque, o que é pesquisar? O que eu faço em uma pesquisa? Foi uma coisa que demorou bastante tempo para eu entender, eu li, estudei muito o que se tratava pesquisar sobre o som na cidade, assim, eu entrei em contato com termos da paisagem sonora urbana. E a nossa metodologia foi a cartografia, que eu pude estudar e foi um processo super artístico, de articular coisas de forma que fizessem sentido para o campo da arquitetura e do urbanismo, principalmente do urbanismo. Demos esse nome para a dissertação: “Som em devir: por uma cartografia sensível da paisagem sonora Urbana”. A partir dos encontros com Deleuze²⁰¹ e Guattari²⁰², e com a Suely Rolnik²⁰³, e de onde surgiu a ideia de estudar a paisagem sonora urbana, que é tudo que escutamos na cidade. É uma longa história, que eu vou tentar contar de forma resumida.

Então, uma das perguntas mais importantes que fizemos foi: como compreender a cidade a partir da paisagem sonora urbana? E isso vem de uma crítica às metodologias de projeto que são exclusivamente visuais. A caminhada traz uma vivência e um tipo de conhecimento relacionando as sensações com os sentidos, com o toque. É um tipo de saber que não tem em imagens, em fotos, no Archdaily²⁰⁴, não está nos livros. Eu entendo a caminhada, por si só, como esse aprendizado constante. Caminhar na cidade traz para nós, enquanto arquitetos e urbanistas e para quem pensa a cidade, um espaço de questionamento e perguntas, e justamente por isso, é um lugar de desterritório, um lugar onde saímos da estrutura.

Hoje, tenho trabalhado na área da música, abordando questões de gênero e questões estruturais dentro da música. Essa questão estrutural dentro da arquitetura, da sala de aula, do visual, do mapa, de ver a foto da imagem

do que vende na internet, está totalmente relacionada com o modo de produção capitalista e patriarcal. Nesse sentido, continuo vendo o caminhar na cidade como uma atividade transformadora e revolucionária, porque ela vaza. É um vazamento dessa relação meramente visual e dessa relação onde estamos sentadinhos, em uma relação hierárquica, seja como professor ou como o arquiteto e o cliente. Vai para um sentido corporal, que tem os sentidos e que nos faz olhar para dentro também, porque justamente trata do que vem de dentro. Esses experimentos da minha dissertação aconteceram em Pelotas/RS e em João Pessoa/PB, pois fomos a um congresso e caminhamos com Francesco Careri²⁰⁵.

A paisagem sonora, que hoje já está bem difundida, é um termo que, na época, ainda não era muito. São territórios acústicos da escuta nômade, passeios sonoros, marcos sonoros, sinais sonoros, o que a cidade pode nos dizer, o que podemos apreender da cidade a partir do som. Para a metodologia pensamos a partir dos mapas extensivos, dos deslocamentos geográficos que eu acho que a caminhada inicia; e o mapa intensivo é porque vamos para um lugar e para outro. Por isso, eu acabei abordando a paisagem sonora na cidade a partir de três pontos de vista: o primeiro foi a partir de dois experimentos de observação em eventos de música: o Festival do SESC, grupo de metais, experimento no Pop Center, dentro do festival do SESC; e o Festival das Cores que foi um festival totalmente diferente porque era um festival comunitário feito pela comunidade do Navegantes. Conversamos sobre o que fazer no trabalho, e uma coisa importante foi convidar artistas de Pelotas, do circuito não *mainstream*, era um circuito mais alternativo, marginal, de pessoas que faziam arte pela arte. Nesse sentido, aparece o Deco²⁰⁶ e fazemos um passeio sonoro, eu conto sobre isso e em cada passeio faço um mapa escrito do entorno, como se fosse uma fábula contando

²⁰⁵ Francesco Careri é arquiteto e professor pesquisador do Departamento de Arquitetura da Università degli Studi Roma Tre, onde dirige o grupo de pesquisa Laboratorio Arti Civiche e ministra uma disciplina de mesmo nome, um curso peripatético no qual você caminha enquanto interage in situ com fenômenos urbanos emergentes.

²⁰⁶ André Luiz Rodrigues Silveira nasceu em Arroio Grande, em 10 de agosto de 1978; morou em diversas cidades do Rio Grande do Sul – como Camaquã, Gravataí, Rio Grande e Porto Alegre –, mas foi em Pelotas que encontrou inspiração para escrever seu primeiro romance, *Três contra todos*, publicado em 2013.

²⁰⁷ Raymond Murray Schafer foi um compositor, escritor, educador musical e ambientalista canadense, talvez mais conhecido por seu World Soundscape Project, preocupação com a ecologia acústica e seu livro *The Tuning of the Mundo* (1977). Ele foi o primeiro ganhador do Prêmio Jules Léger em 1978.

²⁰⁸ Hildegard Westerkamp é uma compositora canadense, artista de rádio, professora e ecologista sonora de origem alemã. Ela estudou flauta e piano no Conservatório de Música de Freiburg, Alemanha Ocidental, de 1966 a 1968 e mudou-se para o Canadá em 1975. Recebeu o bacharelado em música pela University of British Columbia em 1972 e o mestrado em artes pela Simon Fraser University em 1988. Ensinau comunicação acústica na Simon Fraser University de 1982 a 1991.

sobre o que ouvimos. O segundo momento foi as Cores de Julho também no Festival de Cores que fui assistir, com essas bandas de Pelotas fazendo música autoral, e onde tenho aproximações com os musicistas. Depois, no terceiro momento, fizemos um percurso nômade, foi uma parte bem interessante onde propomos uma oficina no Congresso em João Pessoa e acabamos unindo essa oficina com uma caminhada com o Francesco Careri. Foi assim que eu comecei a estudar a cidade a partir de caminhadas, com o conceito de Transurbância do Careri, somado aos passeios sonoros propostos pelo musicista canadense Schafer²⁰⁷ e, depois, desenvolvido pela ecologista sonora Hildegard Westerkamp²⁰⁸, que são caminhadas para apreender os sons da cidade.

Entendo que esse movimento de apreensão dos sons da cidade vem de uma ruptura da música extremamente estruturada do século XIX, mas que o modernismo do século XX começou a questionar essas estruturas e a trazer novas propostas. No mesmo período, surgiu a ecologia acústica, que versa sobre caminhar ouvindo os sons. Assim, cunhamos o conceito de Sonurbância durante os estudos, que seria a prática de ouvir, explorar e intervir, compor a paisagem sonora, e que entendo que ocorre nos momentos de caminhada.

O som pode tentar ser intervenção e isso é difícil, porque existe a questão da vergonha, de ser esquisito, de parecer forçado, porque somos muito formatadinhos para estar sentadinhos em uma cadeira obedecendo. Durante esse evento, em João Pessoa, propomos que as pessoas intervissem nos espaços sonoros, produzissem sons nos espaços. E isso era uma coisa que dava aquele desconforto, porque não é uma prática artística formatadinha. Foi bem interessante porque realmente nos tirou de um lugar onde não sabíamos o que fazer enquanto pesquisa em som, para um lugar onde tínhamos um método, um conceito e um porquê, porque aquilo fazia sentido.

Mas, voltando para o que eu estava falando sobre as caminhadas. Para mim, essa ideia de caminhografia, que eu conheci e é uma palavra é bem interessante, acho que vem junto com a questão da formação do pensamento crítico. Não aquele pensamento crítico que estamos acostumado dentro da arquitetura, que é sobre dizer se a foto é bonita, se isso está alinhado, se os eixos estão organizados. É um pensamento crítico mais social e mais interno. Traz um pouco mais de realidade, pede cruzamentos, porque nesse processo de transurbância, sonurbância, caminhada, isso de caminhar na borda da cidade, nos leva para as zonas de baixa renda, para condomínios fechados, para zonas ricas, para zonas pobres, e tudo isso é incrivelmente transformador, é surpreendentemente transformador, e eu acho que também é possível pensar a caminhografia enquanto uma atividade criativa, podemos pensar em corpografia da Paola Jacques²⁰⁹.

Vou ler um trecho da dissertação: “Praticar a paisagem sonora por meio de sonurbâncias se mostrou uma tática de apropriação eficaz, na medida em que cria experiências concretas, acontecimentos dos quais ecoam desassossegos, marcas e manifestações sensíveis. O ato criativo é um meio de subverter a separação e, nesse sentido, a paisagem sonora Urbana oferece inúmeras possibilidades de apropriação, intervenção e engajamento perceptivo/receptivo.”²¹⁰.

É interessante porque é justamente a proposta do caminhar enquanto atividade criativa, e isso nos coloca nesse lugar de não-neutralidade, de participar daquilo ativamente. Eu fiz aproximações com uma bailarina em uma caminhada em João Pessoa. E, depois, fiz aproximações com um pseudo-artista, em Pelotas. Tinha um grupo que colocava bicicletas de som com frases e coisas que eles criavam como: “De onde você tira suas ideias? Você é capaz de abrir suas ideias.” Eu relatei essas caminhadas com o Léo²¹¹ porque ele se

²⁰⁹ Paola Berenstein Jacques possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela UFRJ, especialização em Teoria e Projeto de Arquitetura e Urbanismo pela ENSA de Paris-Villemin com a AA School, mestrado em Filosofia da Arte e doutorado em História da Arte e da Arquitetura pela Université de Paris I.

²¹⁰ Pons, 2017, p. 132.

²²¹ Leonardo de Jesus Furta-
do Mestre em Arquitetura e
Urbanismo pela Universida-
de Federal de Pelotas (2019),
linha de pesquisa Urbanis-
mo Contemporâneo. Espe-
cialista em Artes Visuais
pelo SENAC EAD/RS (2012),
possui graduação em Design
Gráfico pela Universida-
de Federal de Pelotas (2003).
Atualmente é diagramador
na Universidade Federal de
Pelotas. É membro funda-
dor do grupo C.D.M. (Centro
de Desintoxicação Midiática).

²²² Serginho da Vassoura é
músico de rua, artista e ilu-
sionista sonoro. É conheci-
do pela vassoura/guitarra,
autoconfeccionada, e pelo
microfone em lata de azei-
te. Cria instrumentos expe-
rimentais com materiais
reciclados, extraídos de seu
cotidiano. Improvisa sons
e letras de acordo com o
contratempo, com pitadas
de humor e críticas sociais.
Tocou pelas calçadas dos
estados do Rio Grande do
Sul, Paraná, Santa Catari-
na, São Paulo, Rio de Janeiro,
Espírito Santo, Minas Gerais,
Goiás e Bahia e, no exterior,
no Uruguai e Inglaterra.

²²³ Carla Gonçalves Rodri-
gues é formada em Psico-
logia pela UCPel (2013); Pós
doutora em Educação pela
UFRGS (2012 e 2018). Con-
cluiu doutorado em Educa-
ção na Universidade Federal
do Rio Grande do Sul (2006);
mestrado em Educação pela
Universidade Federal de
Pelotas (1999).

²²⁴ UFPel - Universidade
Federal de Pelotas.

²²⁵ UFRGS - Universida-
de Federal do Rio Grande
do Sul.

considerava pseudo-artista, e com o Serginho da Vassoura²¹² que, na época, também era um artista que eu lembro de questionar, porque ele já não era mais tão marginal, ele já anda pelos shoppings. Mas, igual, tinha uma coisa que eu achava interessante nas letras das músicas dele, ele cantava coisas da cidade, que eu achava que tinha bastante valor enquanto cartografia de Pelotas, e do ponto de vista dele.

Também fiz um seminário de metodologia de pesquisa com a Carla²¹³, onde fazíamos uma cartografia da nossa vida, um mapa dos nossos deslocamentos geográficos. Eram 23h, no meio da semana, e tínhamos feito seminário o dia inteiro, naquele momento eu cheguei a conclusão que não ia seguir para o doutorado, meu doutorado ia ser o curso de música. No mesmo ano que eu concluí o mestrado na UFPel²¹⁴ fui fazer vestibular para música na UFRGS²¹⁵, acabei entrando e, hoje, eu sigo, estou trabalhando agora em um grupo de pesquisa de música, corpo e gênero. Tinha, em mim, uma necessidade latente de estudos feministas, e eu encontrei esse lugar na música. É muito interessante a forma como venho trazendo para esse grupo de pesquisa as coisas que eu estudei no mestrado. Temos trabalhado muito a Suely Rolnik e a questão da cartografia sentimental, a criação artística. Um trabalho bem importante que fiz foi a letra de uma música que fala sobre o caminhar na cidade. Foi uma coisa que eu associei diretamente ao mestrado. É algo que vem me acompanhando, eu sigo caminhando cada vez mais, temos desculpas para isso, como o preço da gasolina, eu vou caminhando para trabalhar. Tenho um trabalho de arquiteta formalzinho, organizadinho, e essas coisas coexistem no brasileiro. Trabalho concursada, sou servidora pública na Secretaria da Saúde como arquiteta, e também faço música e componho sobre caminhadas. Vou convidar vocês para assistir um trequinho dessa música. É um

pedacinho de um evento onde eu canto essa música que se chama “Pés na calçada”²¹⁶, de minha autoria.

Pés na calçada
Não há encenação
Escuto o grito do portão
Se o mundo é de verdade me pergunto
Será que eu posso andar por aqui?

Um homem sujo de pés no chão
Seus olhos me lembram em vão
Da dor que atravessa a cidade
E a fragilidade que habita em mim

Encontro o desencontro
Este é meu lar
Esquina de uma criança
Que ainda sou
É quem me dá
Coragem pra caminhar
Por entre ruas escuras

Por entre prédios sou solidão
Eu troco o medo por perdão
Da dor que atravessa a cidade
E a sensibilidade dentro de mim

Encontro o desencontro
Este é meu lar
Esquina de uma criança
Que ainda sou
É quem me dá
Coragem pra caminhar
Sob marquises escuras

Eu vejo um lar
Da cidade sou só mais um lugar
Como uma esquina tão comum
Como uma música que não diz nada

Eduardo Rocha²¹⁷: A caminhada não era algo tão nítido, nós caminhávamos, mas não discutíamos muito. É bem interessante esse momento, porque durante esse tempo muitas cartografias que falam sobre a cidade

²¹⁶ Para ver mais, acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=WjDWS-TkwAw>, a partir de 18:49

²¹⁷ Eduardo Rocha é Arquiteto e Urbanista (CAU/UCPel), Especialista em Patrimônio Cultural (CA/UFPel), Mestre em Educação (FaE/UFPel), Doutor em Arquitetura (PROPAR/UFRGS) e Pós-Doutor (Universitá Roma Tre). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 2. Professor Associado no DAUrb/FAUrb/UFPel; e Pesquisador no PROGRAU/FAUrb/UFPel, na Linha de Pesquisa: Cidade e Sociedade.

são caminhadas e, às vezes, o cartógrafo não conta isso, mas percebemos que ele está narrando, está fotografando ou gravando, enquanto caminha.

Também, tem essa ideia da criação, uma ideia do jogo, de jogar com a cidade, é um lugar de não-neutralidade, de falar com as pessoas. Eu lembro quando tu fazias aqueles eventos na rua, que era uma coisa bem inesperada, e quando tu vais para a rua tu te desarmas. E isso é bastante importante para o processo de criação, que é se colocar no caos e achar uma saída.

E a outra coisa que tem aparecido, é a ideia do imprevisível que nesse processo tu te colocas em um lugar de imprevisibilidade. E é tão imprevisível que, às vezes, parece que tudo vai dar errado, mas aquilo é uma informação importante. Aquilo está te ensinando alguma coisa ou está fazendo parte do processo, mesmo que seja algo inesperado no sentido ruim. Acho que tem algumas questões que são bem importantes para o mundo da arquitetura, da ideia de criar alguma coisa, que é uma ansiedade do arquiteto e também do artista. Eu acho que são bem parecidas essas conexões.

Paula Pedreira Del Fiol²¹⁸: Eu queria saber como tu percebeu a diferença entre trajeto e ponto, foi quando tu caminhou com o artista e quando tu foi nos eventos pontuais, correto? Porque é diferente caminhar na cidade ou uma pessoa que está propondo aquilo no lugar fixo, ainda que tu esteja andando, caminhando nesse ponto fixo.

Antonella dos Santos Pons: Nos dois casos existia uma metodologia, aquilo acontecia enquanto método. Eu acho que é onde entramos como observador, nos dois jeitos nos colocamos como observador, ao mesmo tempo afetando a paisagem e sendo afetado por ela.

²¹⁸ Paula Pedreira Del Fiol é Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU/UFPel, Arquiteta e Urbanista pela UFPel. Fundadora da Urbe CoLab, empresa de consultoria em urbanismo participativo.

Eduardo Rocha: Eu acho que ela está perguntando uma questão que tem aparecido muito, que é como representar isso.

Antonella dos Santos Pons: Meu trabalho de mestrado não é um trabalho que explora muito isso. As representações que eu faço são basicamente escritas e não há uma proposta gráfica muito desenvolvida, eu pego mapas, mostra um pontinho, bota um trajeto, coisas bem simples. Mas, eu procurei explorar a cartografia enquanto texto porque não cheguei nesse ponto satisfatório que graficamente fizesse sentido. Para mim, parecia que o que eu produzir era um pouco ingênuo nesse sentido, não era o que eu queria passar. Meu mapa acabou sendo alguns textos que escrevi em forma de fábula, conto, crônica e, também, o próprio corpo do texto em si. Por outro lado, também registrei isso em vídeo, registrei em áudio. Não consegui ir muito longe nesse sentido, mas, hoje, se eu fosse pensar nesse trabalho específico, acho que seguiria não apostando na representação gráfica, talvez eu elaborasse algo audiovisual, que era também uma proposta que o Edu trazia bastante na faculdade. Eu acho que essa questão de trazer a arte para o nosso curso sempre me aqueceu, porque é onde podemos falar coisas que não estamos conseguindo, de forma gráfica. É um tipo de conhecimento que é parcialmente reprodutível, não é algo que tu passas completamente, ele tem muito mais uma característica de um meio do que um fim, por isso eu penso na caminhada como um método, porque ele tem que ser um meio para te levar a outros lugares. Eu entendo como uma forma de aprendizado super importante para conhecermos os espaços, vivermos os espaços, não só os espaços urbanos, mas também sentir as cidades, sentir medo na cidade que é uma coisa muito real, muito recorrente no Brasil.

Eduardo Rocha: Existe uma tentativa nas formas de representação, que é em colocar o outro naquele processo, naquele movimento,

apesar de ser quase impossível. São tentativas de movimentar o corpo da outra pessoa, do leitor, no caso. Eu acho que é válido essa tentativa de tirar do lugar, o que tu consegues é tirar o corpo daquela pessoa da estrutura, se tu conseguir desestruturar um pouquinho ou deixar ele curioso para que ele vá naquele lugar, ou que ele escute o som.

Antonella dos Santos Pons: Isso vai exigir de nós bastante criatividade, porque temos muitos recursos tecnológicos, mas eu acabei trazendo música de uma forma diferente. Mas, também é algo que se recupera da vivência, para quando entramos em contato com a distração, movimentamos o desejo, isso é o que podemos fazer de mais valioso em uma distração de uma caminhada.

Eduardo Rocha: É bastante psicanalítico o que estamos falando, imagina depois de 2 anos de pandemia, temos mais restrições, então, colocar alguém nesse movimento de conhecer os lugares caminhando é quase que um remédio. Acaba sendo terapêutico. Eu tenho caminhado com muitos grupos, fizemos uma caminhada com um grupo grande, fomos para o final da rua General Osório, aqui em Pelotas, que é uma zona bem Marginal, do medo, e foi interessante que, no final, nos reunimos, haviam muitas mulheres no grupo e cada um contou: “ah, eu vi isso, eu vi aquilo, aconteceu aquilo” e uma moça chorou porque ela foi assediada, mas tu estás na rua, claro que é horrível, ainda bem que não aconteceu nada demais. Mas, veja o que acontece, a rua é isso. O caminhar na rua, na cidade e no Brasil, não é tão dócil, pode ser bem violento. Por isso, temos o corpo preparado para essa violência. Eu estou dizendo violência para bom e para ruim, pois pode ser uma alegria encontrar alguma coisa na rua, alguém na rua, pode ser um momento de alegria, pode ser muito intenso. Tem bastantes questões relacionadas à psicanálise, autoanálise. Eu tenho lido bastante sobre isso, e todos nós aqui, as gurias que

pesquisam comigo, temos que fugir da auto-análise, enquanto caminha, enquanto experimenta, mas ela está acontecendo.

Antonella dos Santos Pons: Vocês têm fugido de propósito?

Eduardo Rocha: Não, é sem querer, tem muitas vezes a narrativa, a história. Eu fico pensando, mas o que aconteceu com a pessoa? como que caminhou? As coisas, às vezes, têm sido afastadas. Então, às vezes, também não é o momento, a pessoa não quer expor, mas ela também tem uma força, uma autoanálise bastante forte enquanto experiência, enquanto realmente está esperando a rua, a cidade. Essa ideia de criação é uma ideia que está sempre presente. E eu acho ela mais potente porque os arquitetos vivem nessa busca de criar alguma coisa, embora seja uma criação rígida.

Antonella dos Santos Pons: No momento em que tu colocas a caminhografia enquanto método, tu estás rompendo com essa rigidez. Porque as coisas estão sendo vividas, não é mais aquilo de ler um livro porque uma torre de 30 andares não é legal, ou porque condomínio fechado pode ter contras. É de descobrir isso, entender isso, entender o próprio medo na cidade, as diferenças sociais, a desigualdade, compreender isso de uma forma que não temos acesso em livros, em narrativas, em abstrações. E, ao mesmo tempo, quando fomos fazer o nosso trabalho de arquitetos isso vai surgir na sua maneira, enquanto arquitetura, enquanto urbanismo. Eu acho que é importante pensar nessas metodologias que rompem.

Eduardo Rocha: Nas tuas pesquisas, nos teus estudos, quem tu destacarias como referência?

Antonella dos Santos Pons: O Careri eu já citei, a Paola Jacques também. Não sei se vocês estão trazendo situacionistas²¹⁹ ainda,

mas foi um ponto importante de articulação com o jogo. Eu buscaria referências de mulheres, inclusive esse pensamento de ser mulher na cidade que acho que é importante quando falamos sobre todas as coisas que são até um pouco míticas. Por que não caminhamos e vamos de carro? Eu acho que tem muito a ver com o risco, o perigo, o medo, a corporalidade. Um nome que me vem à cabeça é o da Suely Rolnik, porque é quem eu tenho estudado, sei que ela tem uma relação muito forte com a prática artística.

²¹⁹ Situacionistas é um movimento europeu de crítica social, cultural e política que reúne poetas, arquitetos, cineastas, artistas plásticos e outros profissionais. Seu início data de julho de 1957, com a fundação da Internacional Situacionista, em Cosio d'Aroschia, Itália.



Artista visual, profa. dra. dos Cursos de Graduação em Artes Visuais e Pós-Graduação em Artes, do Centro de Artes da UFPel - RS. Líder do Grupo de Pesquisa, Deslocamentos, observâncias e cartografias contemporâneas - DESLOCC UFPel/CNPQ. A artista realizou exposições em Pelotas, Rio Grande, Novo Hamburgo, Ijuí, Montenegro, Porto, Alegre, Florianópolis, São Paulo, Rio de Janeiro, Goiás, Montevideo, Paris, Valência, etc. Em março de 2024 participou como investigadora da residência artística no Laboratório de Arte na Montanha Graça Moraes, no Instituto Politécnico de Bragança em Portugal.

Figura 16: Duda Gonçalves em entrevista para conversas. Fonte: canal youtube revista pixo, 2022. <https://youtu.be/pdwxcnpPV3g?si=hY0DpPnIy9DBAEp0>

²²⁰ A "PIXO – REVISTA DE ARQUITETURA, CIDADE E CONTEMPORANEIDADE" abrange as seguintes áreas do conhecimento: Arquitetura e Urbanismo, Artes, Filosofia, Educação, Geografia e Psicologia. Uma iniciativa conjunta dos Grupos de Pesquisa CNPQ Cidade+Contemporaneidade (PROGRAU/UFPe) e Arquitetura, Derrida e Interconexões (PROPAR/UFRGS), com classificação CAPES QUALIS-periódicos B1 (para Avaliação Quadrienal de 2017–2020).

²²¹ Para ver mais, acesse: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/pixo/issue/view/247>

²²² Tais Beltrame dos Santos é Doutoranda em Arquitetura pelo Programa de Pós-Graduação (PROPAR/UFRGS), Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo (UFPe, 2021), Graduanda de Artes Visuais – licenciatura (UFPe), Arquiteta e Urbanista (FAUrb/UFPe, 2019).

²²³ Helene Gomes Sacco é artista e pesquisadora, é doutora em Arte Visuais, na linha de pesquisa em Poéticas Visuais no PPGAV/UFRGS em 2014. Possui Mestrado em Artes Visuais, com ênfase em Poéticas Visuais, pela UFRGS em 2009, Especialização em Didática e Metodologia de Ensino Superior, pela UNESCO em 2004. Tem Bacharelado em Artes Visuais pela UFPe em 1999.

Recentemente, fizemos um trabalho que considero importante, para vermos algumas pesquisas que estão sendo desenvolvidas no sul do sul, a 21ª edição da Pixo²²⁰, que tem esse nome: Ao sul do sul²²¹. A Tais²²² foi quem nos convidou, eu e a professora Helene²²³, para sermos editoras, e elencarmos o tema e fazermos o chamamento dessa edição. Como resultado, temos um dossiê forte, onde podemos ver diferentes pessoas, em campos de conhecimento distintos, falando desse sul do sul.

Tenho três pesquisas que versam sobre questões relativas à paisagem, ao deslocamento, à cartografia. Tenho uma pesquisa que foi criada em 2020, na pandemia, que versa sobre as janelas, tanto da *web* como da casa, do espaço doméstico, como possibilidade de pensar e realizar processos de criação na pandemia da Covid-19. Esse projeto foi criado porque, desde 2007, comecei realizar trabalhos artísticos me deslocando fisicamente, estimulada pela experiência que eu tinha nos contextos urbanos e rurais, mas também nos contextos públicos, na rua. Com a pandemia, vieram as restrições para ficarmos em casa, e tivemos que levar a pesquisa para este espaço. A vontade de poder pensar um deslocamento, mas mais do que um deslocamento, uma atenção, um processo de observação, dentro da casa, porque era isso que fazíamos na rua, pensávamos o espaço da rua ludicamente, mas que, geralmente, é percorrido de maneira funcional. E isso eu fazia recorrentemente, percorrer o espaço para ir ao trabalho, para ir ao supermercado. Então, começar a pensar a cidade a partir de um tipo de percurso, que pode ser um percurso artístico, com o percurso da arte. Tanto pensando fisicamente, como, também, pensando como um espaço de processo cognitivo do trabalho artístico, prático, teórico e da produção artística. Os outros dois projetos, que tinham como temática o deslocamento, o território e as cartografias em espaços públicos, continuaram existindo e foram retomados

quando começamos a voltar para as ruas com a vacinação e as outras medidas sanitárias. Eu venho de estudos vinculados à linha de pesquisa em poéticas visuais, que é uma linha de pesquisa em que o artista processa o seu trabalho, pensa a dimensão poética do seu trabalho e, também, produz.

Sou Bacharel em Pintura pela UFPel. As pinturas me levaram para uma ação de observar, ou de entender, o que me afetava no mundo naquele momento, isso foi em 1998. Eu comecei a perceber o quanto me instigava a abóbada celeste no mundo, o que eu vislumbrava quando eu viajava de Pelotas a Porto Alegre, o meu curso de mestrado foi na UFRGS²²⁴, no Instituto de Artes²²⁵, e o quanto me afetava uma quantidade de azul, que eu identificava do céu de Pelotas. Então, as minhas pinturas eram azuladas, transparentes, elas falavam sobre questões referentes à atmosfera, à perspectiva aérea que se formava nesta região, falava muito de pintura mesmo, da linguagem, mas trazendo essa experiência que eu tinha nesse espaço de vivência, na região de Pelotas, nos percursos, na vivência nesse lugar, como, também, no deslocamento até Porto Alegre. Por volta de 2000 defendi a minha dissertação de mestrado²²⁶ e comecei a ficar mais atenta ainda para as características do céu de Pelotas, algo que me tocava muito era essa vastidão. Quem mora aqui entende, a Bárbara²²⁷ que é minha orientanda de mestrado mora em Livramento, eu digo que não sei como é o céu de lá, imagino que seja próximo, por causa do tipo de topografia. Bom, mas de qualquer forma, isso tudo era um pensamento que me ativava a imaginação, ativava também meu trabalho artístico.

Fiquei aqui depois da dissertação de mestrado, acho que uns dois ou três anos, e fui morar em Montenegro, porque passei no concurso para professora do Curso de Pedagogia da Arte da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS na época. Chegando lá, foi

²²⁴ UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²²⁵ Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²²⁶ GONÇALVES, Eduarda Azevedo. (In)Tecidos, Uma Geologia Do Corpo Pictórico. PPGAV/UFRGS: 1999 [dissertação de mestrado].

²²⁷ Bárbara Larruscáhm da Costa é mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas - UFPel na linha de pesquisa em Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano. Graduada em Licenciatura em Artes Visuais pelo Centro Universitário Internacional - UNINTER. Artista visual, arte educadora e produtora cultural formalizada (MEI) desde julho de 2020.

estranho para mim, aluguei uma casa no pé do morro, a cidade tem uma topologia completamente diferente de Pelotas, ela se desenvolve ao redor do Morro São João. E isso me causou uma saudade da vastidão azul, dessa planura que tem em Pelotas, foi isso que me fez mudar um pouco o rumo dos meus trabalhos, da minha pesquisa artística.

Eu desenvolvi um trabalho que se chamava “Cartogravistas celeste”, que foi, na verdade o anteprojeto para pesquisa do doutorado. Eu mostrei uma série de trabalhos que eram fotografias do céu, foi um trabalho propositivo que solicitava, a algumas pessoas em Pelotas, que fotografassem o céu em alguns horários e dias específicos. Pedi para onze pessoas, e só duas me enviaram essas imagens, a Alice²²⁸ e mais uma amiga, Marcia Gastal, dentista, que fotografava muito na época. Entretanto, as pessoas, sabendo que eu queria imagens do céu de Pelotas, começaram a me enviar, por email, em imagens entregues em mãos etc., sem eu pedir. A exposição, basicamente, reuniu essas imagens, e mostrei cada imagem de céu que recebia nomeada como “céu da Alice”, “céu do Antônio”. Outras pessoas fizeram vídeos de céu, como o artista Chico Machado²²⁹, depois organizei isso, engavetei as imagens do céu, criei umas gavetinhas com as imagens. E, desde então, eu não parei mais de receber imagens, tanto que comecei a considerar vistas do céu, como, também, de prospectar as vistas do céu. E isso fez com que meu trabalho fosse para rua, isso fez com que o meu trabalho pudesse ter um atravessamento que não era só relativo à linguagem da pintura ou à representação do céu para o meio da pintura. Isso me fez pensar nessas experiências no cotidiano, que, para mim, eram com relação ao céu e à vida, mas poderiam ser vinculadas de diferentes maneiras e a diferentes movimentos do conhecimento. E que isso pudesse ser a possibilidade de mostrar e compartilhar o que o outro observava e o que o outro tinha como

²²⁸ Alice Jean Monsell. Orange, Nova Jérsei, EUA; residente em Pelotas, RS, Brasil desde 1986. Artista, pesquisadora em Artes Visuais e professora associada dos Cursos de Bacharelado e Mestrado em Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas. Doutora em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 2009); sob a orientação de Prof. Dr. Hélio Ferverza (UFRGS). Mestre em Artes Visuais (UFRGS, 2000); sob a orientação da Profa. Dra. Sandra Rey (UFRGS).

²²⁹ Chico Machado é professor do Departamento de Artes Dramáticas da UFRGS e artista sonoro, sua palestra abordará sua intensa produção desenvolvida ao longo dos últimos 20 anos, que transita entre a música e as artes visuais.

interesse, em um momento lúdico no dia a dia, um momento que é um momento de contemplação, que é tão difícil nos dias atuais.

E, como estamos falando do porquê foi tão forte essa vontade de ir para rua, de poder observar e começar a pensar no céu, uma coisa que todo mundo vê, céu tem por tudo. Quantos céus vemos postados, e pôr-do-sol, mas isso me interessava, essa coisa banal sendo vista a partir de diversos dispositivos, sendo partilhadas, dentro do campo da arte. Foi nesse período que eu entrei no doutorado e, junto com o orientador Hélio Fervenza²³⁰, acabamos potencializando as ações e os dispositivos artísticos, como os cartões, que eu comecei a chamar de cartões de vista e cartões de vista mirante, que são cartões do tamanho de um cartão de visita entregues em situações rotineiras para que as pessoas possam desviar de sua vida funcional e ingressar em um processo de artes no meio da rua, em qualquer horário do dia. O cartão foi influenciado por um trabalho do Hélio que se chama “Apresentações do deserto”. Agora, a Bárbara Larruscahim acabou criando um cartão postal também, com um vazadinho que tem o formato dos marcos da fronteira de Livramento e Rivera. Então, são coisas que, obviamente, vão sendo desdobradas quando nos encontramos em um processo de contato entre artistas investigadores, cada uma de maneira singular.

Eu ganhei tanto “céu” que pensei como poderia compartilhar isso, eu fiz um cartão de vista, brincando com esse trocadilho, *visita à vista* com o céu do meu quintal, e distribuía na exposição. Isso foi também o que me fez ir para rua, quer dizer, ir com o cartão para rua, me botar na rua. Fiz cartões de vários formatos, de vários tipos, de muitas imagens, distribuí esses cartões em vários locais. Me lembro que fui para uma bienal de São Paulo e fiz um cartão vista do céu do meu quintal, entreguei para as pessoas, conversei sobre o lugar onde eu morava, as pessoas falavam também dos

²³⁰ Helio Custodio Fervenza é artista plástico, graduou-se com o Diplôme National Supérieur d'Expression Plastique da Ecole des Arts Decoratifs de Strasbourg / França, Departamento de Artes, opção Multimeios (1989). Realizou mestrado em Artes Plásticas na Université de Sciences Humaines de Strasbourg, França (1990) e doutorado em Artes Plásticas na Université de Paris 1 Panthéon-Sorbonne, França (1995).

²³¹ UFPel - Universidade Federal de Pelotas.

²³² DESLOCC é um grupo de pesquisa deslocamentos, observâncias e cartografias contemporâneas, que investiga as relações entre arte e cotidiano, a cartografia de artistas, processos de compartilhamentos, o deslocamento como ato estético, os espaços de apresentação da paisagem cotidiana na arte contemporânea, os dispositivos de arte que promovem a multiplicação e a circulação da obra em diferentes mídias e contextos.

²³³ GONÇALVES, E. (Duda) A., MONSELL, A., TAVARES, G., RODRIGUES, B., TOMIELLO, F., SACCO, L., MARCON, F., LEITE, F., RABELLO, T., THIEL, C. V., D'AVILA, M., HEIN, C., BORIN, C., LOPEZ, M. A., & ANDRADE, R. (2016). DesLOCC PARA MARAMBAIA: ROTEIROS, NARRATIVAS E ESPAÇOS DE ARTISTA. Paralelo 31, 1(6). <https://doi.org/10.15210/p31.v1i6.10197>.

²³⁴ Paralelo 31, o periódico eletrônico semestral do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPel, tem foco na produção de pesquisas nos contextos da arte contemporânea.

²³⁵ Eduardo Rocha é Arquiteto e Urbanista (CAU/UCPel), Especialista em Patrimônio Cultural (CA/UPPel), Mestre em Educação (Pae/UPPel), Doutor em Arquitetura (PROPAR/UFRGS) e Pós-Doutor (Università Roma Tre). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2. Professor Associado no DAUrb/FAUrb/UPPel; e Pesquisador no PROGRAU/FAUrb/UPPel, na Linha de Pesquisa: Cidade e Sociedade.

seus lugares. Disso veio o interesse pelas narratividades, pensar nessas relações que se estabelecem pela própria instauração da contextualização, a partir das vivências. Então, na tese, que compartilho registros fotográficos da distribuição dos cartões, as pessoas fotografam, e eu fotografava também, por esse orifício que é uma mira, sem lentes, para vermos o mundo sem lentes, a olho nu, de uma outra maneira.

Em Pelotas, na UFPel²³¹, fui atrás da possibilidade de passar um pouco, ou de propor que pudéssemos ter essas experiências em conjunto, com alunos da graduação e da pós-graduação. E, assim, criei esse grupo de pesquisa, convidei a professora Alice Monsell para participar também e, junto com ela, criamos um dispositivo para sairmos pela rua. Faz tempo que não fazemos isso, com a pandemia paramos de utilizá-lo. A minha relação com o meu trabalho cada vez vai se consolidando, e vai se desdobrando. Crio, por meio da arte, algumas possibilidades de que outros possam mostrar as relações possíveis com os seus espaços de vivência. É assim que surge o DESLOCC²³² e, também, uma série de proposições para podermos visitar, criar interações, as mais diversas, com os territórios, em Pelotas e arredores. Fomos várias vezes à Marambaia, em Rio Grande, do outro lado do São Gonçalo, que é a fronteira molhada, entre Rio Grande e Pelotas, uma das fronteiras. E, disso, vai surgindo um trabalho que eu realizei a partir dessa estada, que chamo Céu Aguapé e, também, fizemos uma série de trabalhos lá, como um ensaio visual²³³, que está na revista Paralelo 31²³⁴.

Eduardo Rocha²³⁵: Uma das questões que os arquitetos estão muito preocupados é a representação, e não com a criação, quando experimentamos o trabalho de uma artista, como o teu trabalho e dos teus alunos orientandos. Eu acho que algumas questões da ideia de caminhar pela cidade e experimentar a cidade, só

os artistas vão nos dar alguma pista nova. Essa questão de unir a experiência com a cidade, ou com a rua, ou com a natureza, no sentido de criar alguma nova forma de representação, parece que para os artistas é tão fácil e para os arquitetos é tão difícil, parece que é o grande dilema da caminhografia.

Outra questão é a imprevisibilidade. Quem sai para rua sempre planeja o que vai fazer e, quando chega é uma outra coisa. Me parece que tudo isso que observamos no teu trabalho é perceber que as coisas vão se movimentando, se conectando umas nas outras e como é que isso vai se transformando em criação.

Sabina Vallarino Sebasti²³⁶: Queria te perguntar, porque me chamou muito atenção, uma foto que, seguramente, tu terias publicado nas redes sociais, achei incrível que traz o pátio da tua casa, tu cobre o teu corpo com uma foto, é como se integrasse a paisagem. Eu estou tentando conseguir um livro de um filósofo alemão Georg Simmel²³⁷, que fala que a paisagem é o que experimentamos. E queria que tu me falasse um pouquinho mais dessa ideia, porque surge uma poética bem interessante.

Eduarda Azevedo Gonçalves: O processo de criação não foi estancado na pandemia, me voltei e propus aos orinetandos que vasculhassem a casa no que ela os afetassem. Eu elaborei trabalhos que intitulei Ecdise de Artista, inclusive fui convidada para participar de dois ensaios visuais com o resultado desta imersão nos espaços domésticos²³⁸. A foto foi realizada durante o Carnaval na pandemia, eu, em casa, me fantasiei de Limoeiro do meu jardim, eu chamava de camuflagens paisagísticas, depois se transformou em Ecdise, me referindo à troca de pele de alguns animais. Tenho várias fotografias que imprimir, vazei como uma máscara, coloquei sobre o rosto e fiz uma *selfie*, tenho registros na sala da casa, na cozinha, no quarto etc. E isso é uma questão importante também, a questão do enquadramento, como

²³⁶ Sabina Vallarino Sebasti é Doutora em Educação no PPG/UFPEL. Mestre em Artes Visuais pelo PPGArtes Visuais da UFPEL. Possui graduação em Licenciatura em Artes Plásticas y Visuales na UDELAR, Uruguay.

²³⁷ Georg Simmel foi um sociólogo alemão. Simmel desenvolveu a sociologia formal, ou das formas sociais, influenciado pela filosofia kantiana que distinguia a forma do conteúdo dos objetos de estudo do conhecimento humano.

²³⁸ Ecdise ou muda de artista foi apresentado na ANPAP – Associação dos Pesquisadores em Artes em 2022, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=o-FIFtjABw> e no ensaio visual do Livro Epidemia da arte, disponível em <http://guaia-ca.ufpel.edu.br/handle/pre-fix/7529>

faz esse mundo ser diferente, talvez mais forte, ou mais intenso, ou faz com que se perceba de uma outra maneira. Eu trabalho muito com a ideia de paisagem contemporânea. A paisagem é uma representação, ela precisa ter um outro lugar, que não é esse lugar natural, para ter vida. A mesma coisa com relação à experiência do céu de Pelotas, o céu é descortinado, pelo olho do outro, pela maneira como o outro entrega, compartilha. Isso me interessa muito, essa questão da imagem como imagem da leitura, imaginário de sentir, perceber, da tentativa de pensar e se aprofundar e desbastar as coisas do mundo. Basta a experiência do mundo, ou criar camadas com relação à experiência do mundo.

Por algum tempo, eu falava muito de pintura, arte, linguagem pictorial, os meus referentes eram da pintura, eram artistas, intelectuais dentro do campo da pesquisa teórica. Comecei a ver que eu queria falar de mundo, de vida, nos trabalhos artísticos. Já faz muito tempo que arte e vida acontecem na obra. A produção do artista, em alguns períodos históricos, é esmiuçada ou apartada de questões que dizem respeito às condições sociais, políticas, econômicas, no entanto, o artista sempre foi o cidadão no mundo. E a relação arte e vida era algo que eu almejada, eu estou falando da pintura do céu de Pelotas, é desse território que me refiro, dessa experiência de monotonia, ou do clima, do firmamento ou de uma condição da cultura artística. Assim surgiu a possibilidade de caminhar junto com os estudantes, para ver o que esse lugar que vivemos nos oferece, nos transforma, nos processa. Depois dos deslocamentos, nos sentamos, conversamos e começa a acontecer a reelaboração do mundo, ou a reinvenção dos trabalhos percorridos, e tudo que acolhe. E é uma surpresa sempre, quer dizer, Pelotas passa por mim através do outro, de uma outra maneira, isso é muito instigante e se revela na própria narratividade. Se eu perguntar para

minha mãe sobre Pelotas, ela vai falar a partir das experiências dela, são esses resgates também dessa cidade, que não é a cidade que está aí, na qual eu vivo e que, de certa maneira, me impulsiona e me comove.

Tem um trabalho do Pedro Elias Parente²³⁹, que eu adoro. Ele morava no sítio do pai em Piratini, ficávamos discutindo e pensando o deslocamento na arte, temos muita referência de artistas que se deslocam, que falam do espaço, que falam do contexto, que falam dessa parte teórica. Em umas férias ele me disse que teria que ir para o sítio, porque ia ajudar o pai, então eu disse para ele ir se delocar pelo local e olhar, pensar o sítio e o resultado é que este movimento não teve fim até chegar em uma dissertação de mestrado que se chama “Campo poético para medir, praticar e transportar territórios”²⁴⁰. Ele percebeu que a organização do sítio e a lida do pai têm a ver com um tipo de mensuração que vem do próprio corpo, o pai usa o palmo, usa o passo para construir, para organizar e sistematizar esse espaço para o cultivo.

Tem um outro trabalho, da Carla Borin²⁴¹ que se interessa pelas cascas das árvores. Ela começou a ver que tinha algumas árvores que escamavam no inverno, mas ela começou a ver o escamamento das paredes também, por causa da umidade, e criou o que chamou de Maparedes. Ela fotografou essas paredes de Pelotas, criou cartografias, usou o texto do Vitor Ramil²⁴² e foi indo. Assim nas práticas e teorias do Grupo de Pesquisa, têm muita Pelotas, tem muito de Piratini, e, atualmente, a Bárbara Larruscahim, que mora em Livramento, nos faz olhar para a fronteira, é isso que nos encanta nesse contexto da pesquisa.

Celma Paese²⁴³: Cada vez mais vem essa história de dar liberdade para as pessoas colocarem as suas histórias e essa coisa tua e dos teus alunos. Eu acho interessante porque eles

²³⁹ Pedro Elias Parente da Silveira é Mestre em Artes Visuais pelo PPGAVI-UFPel, Bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas. Atuou como bolsista de Extensão no Projeto Arte na Escola - Polo Pelotas, Programa Arte, Inclusão e Cidadania.

²⁴⁰ SILVEIRA, Pedro Elias Parente da. [CAMPO] Arte como sistema poético para medir, praticar e transportar territórios. PPGARTES/UFPel: 2022 [dissertação de mestrado].

²⁴¹ Carla Borin Moura é Bacharel em Letras, especialista em Literatura Brasileira, especialista em Artes na terminologia de Ensino e Percursos Poéticos. Mestre em Processos de criação e poéticas do cotidiano UFPel. Artista/professora independente. Atualmente, trabalha em seu ateliê com pesquisa em pintura, onde desenvolve sua poética individual e também acompanha processos de criação de outras pessoas, através de orientações, oficinas de pintura e curadorias.

²⁴² Vitor Ramil é compositor, letrista, cantor e escritor brasileiro, Vitor Ramil é autor de onze álbuns musicais e 4 obras literárias.

²⁴³ Celma Paese tem Pós-Doutorado no PPGAU-Mestrado Associado Uniritter/Mackenzie, Doutorado em Teoria, História e Crítica da Arquitetura (PROPAP/UFRGS), Pós-graduação em Design: Projeto de Produto (PUC-RS) e Arteterapia (FEEVALE). Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UNIRITTER.

focam, e eu vejo que é uma coisa diferente quando vamos para rua, essa coisa do olhar do arquiteto mesmo. Eu que sou uma arquiteta-artista, tenho a tendência de ver o todo, como é que essa imagem, como essas imagens se comportam, mas junto com o movimento e, cada vez mais, a coisa do estático já está indo embora.

Eduarda Azevedo Gonçalves: Eu participei de um projeto que era se deslocando, perdidos na Praça da Alfândega, em 1996, lembra, Hélio?

Hélio Fervenza: Queria falar do teu trabalho, de algumas questões que eu fui observando e, para mim, foi muito interessante. Vou falar brevemente sobre o perdidos, foi, na realidade, uma criação da Maria Ivone²⁴⁴ que surgiu em 2002, ela é professora na área tridimensional e percebeu que ninguém saía de dentro do Instituto de Artes, então ela começou a levar o pessoal para o campo central. Ela começou uma coisa simples, que era caminhar no campus. Em 2003 teve o Fórum Social Mundial²⁴⁵, nos inscrevemos no fórum e eu também tinha resultados do ano anterior, eu vi que não tinha participação de artistas e começamos a propor formas de pensar a escultura. O título inicial do projeto era esse, eu disse que era um pessoal que eram os perdidos no espaço e ficou esse nome, perdidos nos espaços, que eu acho que diz muito.

Mas, eu queria comentar isso que a Celma falou e voltar um pouco para o que o Eduardo estava comentando no início, que eu achei muito interessante. Essa questão que ela coloca, acho algumas questões interessantes para o conhecimento e, ainda mais, dentro do processo da Duda, até porque o nome do grupo é DESLOCC, que me parece muito adequado enquanto experiência do processo de criação, mas, ao mesmo tempo, processo questões ligadas ao saber. O relato da Duda me pareceu muito exemplar, porque ela fala que não

²⁴⁴ Maria Ivone dos Santos é graduada pela École Supérieure des Arts Décoratifs de Strasbourg, França (1990); Licence d'Arts Plastiques, Université des Sciences Humaines de Strasbourg, França (1991); Mestre (1994) e Doutora em Artes (2003) pela Université Paris 1, Panthéon-Sorbonne, França. Artista e pesquisadora, professora titular do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (DAV-UFRGS).

²⁴⁵ O Fórum Social Mundial (FMS) é um encontro anual internacional articulado por movimentos sociais, ONGs e pela comunidade civil para discutir e lutar contra o neoliberalismo, o imperialismo e, sobretudo, contra desigualdades sociais provocadas pela Globalização.

deixou de trabalhar com a pintura, como ela diz, volta e meia, que retoma algumas coisas. O que é interessante é que ela diz que, depois que eu começou a mexer com tecidos, com as transparências, com o azul, tinha a coisa do sol, o céu de Pelotas, mas quando foi para Montenegro, começou aquela questão do diferente. Então, isso começa já em um processo, porque isso, depois, estava extremamente ligado ao doutorado dela.

O que eu acho interessante é isso que o Eduardo comentou, essa espécie de surpresa, uma coisa que vai surgindo no processo de pesquisa, de trabalho e de criação, que surge daquelas perguntas: "e se eu fizer tal coisa?", "como posso mexer com isso?" que vai levando a consequências que ela não tinha previsto no início, vai levando a mexer com coisas e como papel recortado, como fotografia, como sistemas de enquadramento, seja um círculo, um pequeno círculo, seja quando ela começa a mexer com coisas que não estavam previstas, isso é um deslocamento, daqueles das premissas iniciais, digamos, daquela posição inicial que, ao se deslocar, vai criando um problema, vai produzindo um problema, e entra uma questão de inesperado, um aspecto que desloca a posição de quem está olhando.

E isso vai deslocando, vai levando ela para mexer com coisas que são uma surpresa, no sentido do saber. E, ao mesmo tempo, ela vai incorporando coisas, mesmo questões de recorte que ela está trazendo, uma outra forma de olhar para as imagens. É essa relação com a representação, ao mesmo tempo, coisas que não são da órbita da representação, são recortes que ela estava propondo, a um certo momento, lidam com o céu real, aquilo não é o céu. Não é o seu representado, é o seu real, é um recorte que, de alguma maneira, vai estranhando aquilo. E, também, nesse processo todo ela vai criando outros problemas, por exemplo, a relação com as pessoas no meio disso tudo, a participação, ela vai absorvendo

essas coisas também, vai criando novos problemas. O carrinho que ela cria junto com a Alice, é cheio de gavetinhas e tinha essas coisas que ela propunha, para as pessoas, do ponto de vista das pessoas escreverem sobre o céu. E tem questões de paisagem, tem coisas que já não são mais da paisagem, que tem conexão, que são coisas do meio ambiente, podemos pensar.

Eu me lembro que aquele carrinho, junto com o professor da música, o Raul D'Ávila²⁴⁶, já entra em um outro nível, com questões de meio ambiente diretamente, porque tu estás interagindo com as pessoas, está tudo vivo, se movendo, mas, ao mesmo tempo, essas coisas sempre estão lá, elas sempre vão e voltam, tem questões da representação, questões que não são da representação, questões da paisagem, questões do meio ambiente, essas coisas entram o tempo inteiro e vão ampliando, criando um processo de ampliação, não só de representar, porque as maneiras são muitas, mas dessas diferenças também. A linguagem começa a entrar também, na própria escrita, nos cartões, acho que é uma experiência que, ao longo do tempo, foi crescendo e absorvendo o processo. E, como a Duda vai trazer, essa generosidade dela ao mesmo tempo vai trazendo outras pessoas junto, os mestrados dela, quer dizer, como essas coisas vêm junto com o trabalho, vêm junto com o processo de educação, vai abrindo isso de uma maneira fantástica.

²⁴⁶ Raul Costa d'Ávila é flautista, professor do Centro de Artes (CA) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Coordenador do Laboratório de Pedagogia e Performance da Flauta Transversal (LaPPerF). Doutor em Música pelo Programa de Pós-Graduação em Música da Escola de Música da Universidade Federal da Bahia, com sua tese Odette Ernest Dias: discursos sobre uma perspectiva pedagógica da flauta.

Eduardo Rocha: Eu fiquei pensando, enquanto o Hélio falava da Duda, sobre a criação e que a rua, de alguma forma, ajuda nisso. Eu venho pensando bastante, e não sei como verbalizar. Acho que tem um movimento, que é a ideia de descolonizar alguma coisa, quase que decolonizado o próprio Brasil, de São Paulo, Rio, eu experimento muito com as minhas orientandas. Não é exatamente a descolonização, é uma criação, local, nascida do local do lugar, que há nesse deslocamento. Eu venho

pensando um pouco nisso, parece que está na moda a ideia da descolonização, do descolonial ou decolonial. Isso também é muito interessante, entretanto, não garante um processo criativo ou uma intervenção ativa, parece que esse movimento de caminhar ou se deslocar, dos lugares ou do próprio pensamento, descoloniza essas amarras teóricas, acadêmicas e tudo o mais, e parece que isso é bem forte.

Celma Paese: Sim, é o descobrir também, tu deixar te entregar para aquilo porque no momento em que deixamos essa amarra do ter que fazer, não tem que fazer nada. Tem é que deixar rolar na rua.

Eduarda Azevedo Gonçalves: Esse projeto de visitar a Marambaia, quando fomos até lá queríamos encontrar um senhor que morava ali há muitos anos, o sr. Ulisses. Conseguimos encontrar com ele e foi uma aula, nos apontava onde eram as charqueadas, o passo dos negros, que em tal lugar tinha vários negros que conseguiam escapar. Havia todo esse espaço de história, de memória na narrativa dele, de questões sociais, inclusive a Mariana D'Ávila²⁴⁷, que era minha orientanda na época, resolveu perguntar para o pai sobre a Marambaia. O pai começou a falar que era um recanto dos mais ricos que iam pescar, surgem essas disfuncionalidades, esse lugar passa a ser um lugar mágico, um lugar que realmente sobrepõe ou que justapõe, que se conecta a esse conhecimento, esse saber, com essa percepção, que é uma invenção da relação afetiva, da relação histórica com os territórios.

E a ideia da proposição, lá do trabalho do cartãozinho, ou do pedido, quando eu pedi para as pessoas fotografarem e veio muito da experiência com os perdidos. Quando eu fiz uma oficina levei alunos para fazer um workshop dos perdidos no Santander, nós vivemos aquele momento, aquela possibilidade de estar ali.

Hélio Fervenza: O trabalho que tu fez eu acho

²⁴⁷ Mariane D'Ávila Rosenthal possui graduação em Programa Especial de Formação Pedagógica pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Pelotas (2007), graduação em Engenharia Agrônômica pela Universidade Federal de Pelotas (1988), mestrado em Agro-nomia pela Universidade Federal de Pelotas (1992) e doutorado em Ciência e Tecnologia de Sementes pela Universidade Federal de Pelotas (2002).

muito incrível, eu acho que muda também essa posição. O cartão que tu fez para o que é engraxate, é interessante porque é uma coisa que vem dele, que tu repassa e que, na verdade, ele que faz a exposição dele, digamos. É um trabalho que ele acabou entregando pros clientes dele, enfim, para as pessoas, os conhecidos, os amigos, as pessoas que eram dele, a partir do que ele estava olhando na praça. O que, simbolicamente, é muito interessante, essa posição tem um deslocamento, mas que é de uma outra maneira o deslocamento, era respeito de algo que inclusive nem sabíamos.

Eduarda Azevedo Gonçalves: É incluir o outro, eu digo, já não consigo produzir arte sozinha, com excessão na pandemia que fiquei olhando as coisas aqui, fiquei olhando os montes de cerâmicas e comecei a ver as coisas, para não morrer, como eu digo, eu tive que fazer arte na pandemia isolada.



Arquiteta urbanista (UNISINOS), doutoranda em Poéticas Visuais (PPGAV/UFRGS), mestra em Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano (PPGArtes/UFPel) e especialista em Design Estratégico (UNISINOS). Participa dos projetos de pesquisa As extensões da memória: a experiência artística e outros espaços (IA/PPGAV/UFRGS) e Poéticas NO Espaço: investigações, proposições de formas de presença (CA/PPGAV/UFPel). Dedicada à pesquisa prático-teórica ao lugar por meio de publicações de artista. É artista publicadora na Editora Certerrada, seu projeto editorial independente.

Figura 17: Fernanda Fedrizzi em entrevista para conversas. Fonte: canal youtube revista pixo, 2022. https://youtu.be/LpPe_fz-2jg?si=Y-v0voBupQy9nqtiP

Eu vou contar uma historinha sobre trabalhos que eu fiz em 2018, antes da pandemia, quando ainda era possível fazer explorações urbanas. Nesses dois anos de pandemia, esse processo ficou suspenso, e eu estou retomando-o aos poucos. Hoje, me interessa muito pensar as questões do conceito de lugar e a potência que as palavras podem imprimir sobre esses lugares. Esses trabalhos que vou apresentar vão falar um pouco sobre a exploração da cidade, mas, mais especificamente, do bairro onde eu moro em Porto Alegre, que é o bairro Floresta. Na época em que fiz esse trabalho, eu estava em trânsito frequente, morava em Pelotas e voltava para Porto Alegre de 15 em 15 ou de 20 em 20 dias.

Fiquei observando alguns lugares no meu entorno. Havia uma caixa de correio que estava no fundo da servidão de passagem que dava acesso ao meu edifício aqui em Porto Alegre. Era uma edificação em estado de arruinamento, que eu tinha visto por cima. Da sacada do meu apartamento, eu enxergava esse terreno, que era uma antiga fábrica de têxteis, descobri depois, conversando com os vizinhos e recebendo algumas cartas. Não por essa caixa de correio, mas por cartas atiradas na grade do meu prédio. No fundo dessa servidão de passagem, tinha uma caixa de correio colocada em uma porta metálica e eu fiquei muito curiosa, teimei com a vizinhança até conseguir uma chave da grade que dava para esse portão, para poder descobrir o que tinha nessa caixa de correio, e ver se tinha alguma história dessa edificação.

Um dia eu consegui. Quando abri estava estourada pelo lado de dentro, como se tivesse sido violada, apresentava um pouco de vegetação rasteira que estava se criando nesse terreno. Essa edificação estava em um estado tão avançado de arruinamento que já não tinha mais telhado, tinha só algumas paredes e uma área, que eu imagino que seja uma área molhada, de cozinha ou de banheiros, que ainda

se mantinha de pé. Eu conseguia observar isso por cima, mas quando consegui a chave pude olhar ao nível dos olhos, e fiquei encantada pela possibilidade de que isso abria, de pensar um lugar que se modifica quando olhamos de perto, pois antes eu tinha uma visão mais distante dele.

Como parte dos trabalhos que desenvolvi no mestrado, criei uma micropublicação de 4 por 4 centímetros. Ela contém fotografias, mas também apresenta um recorte do tamanho da caixa de correio, que inclui um pedaço de um caleidoscópio que eu mesma criei, com uma fotografia desse terreno na situação em que se encontrava naquele momento. Portanto, é como se fosse um recorte dessa paisagem que pode ser vista pela caixa de correio. Eu estava investigando esse terreno desde o final de 2016. Inicialmente, visto de cima do meu apartamento, o terreno apresentava resquícios de uma edificação, bastante deteriorada, e não tinha acesso direto, exceto pela servidão de passagem do meu prédio. Era curioso pensar como chegou a esse estágio. Ao longo desse processo, observei o terreno durante dois anos. Durante esse tempo, conseguiram entrar por um terreno adjacente, que era uma garagem ou uma mecânica, não me recordo. Isso proporcionou acesso para máquinas que destruíram o que restava da antiga estrutura. Ao longo dos anos, descobri que o terreno foi adquirido para especulação imobiliária e, posteriormente, transformado em um estacionamento. Para transformá-lo em um estacionamento, era necessário ter um acesso. Compraram uma casa dos anos 40 localizada na avenida de acesso ao meu prédio e a demoliram. Era uma casinha graciosa, em estilo Art Déco, a coisa mais mimosa. Infelizmente, foi vítima da especulação imobiliária, contribuindo para a destruição de mais um pedaço da história, que não é suficientemente considerado patrimônio para ser preservado e, ao mesmo tempo, não é irrelevante o bastante

para ser esquecido ao longo do tempo. Assim, obtiveram o acesso necessário para transformar o terreno em um estacionamento.

Um dia, obtive autorização para entrar no terreno e fiquei maravilhada. Finalmente, teria a chance de descobrir o que havia dentro, explorar a edificação, entender a planta, desvendar a divisão formal dessa estrutura antiga e descobrir que tipo de história estava sendo construída ali. Uma história que só poderia ser revelada através da oralidade e da investigação atenta desse terreno. Curiosamente, como presente de aniversário em 2018, consegui ter acesso ao terreno e fiquei extremamente feliz. A partir desse dia, passei horas explorando e fotografando todos os detalhes possíveis. Essas fotografias se transformaram em uma exposição²⁴⁸, que foi minha primeira individual, realizada no espaço de artes da UFCSPA²⁴⁹ aqui em Porto Alegre. Na exposição, criei uma expografia que simulava como era o espaço, com as aberturas posicionadas exatamente como se estivessem na parede.

Ao lado, apresentei alguns detalhes do restante do terreno, incluindo fotografias que contavam parte da história. Além disso, havia um texto manifesto, alguns objetos que consegui coletar no terreno, proporcionando uma narrativa mais completa sobre a história dessa edificação. Tenho, como se fosse uma linha do tempo desse terreno, essa observação ao longo de dois anos, são algumas fotografias do estado que se encontravam, em 2018, os resquícios dessa edificação.

Fiquei super curiosa tentando entender o que acontecia nessa edificação e tudo que eu consegui foram suposições, porque não existia nenhum material sobre essa edificação, a não ser que era uma fábrica têxtil, que fazia uniformes, provavelmente, porque aqui é um bairro industrial, faz parte do 4º distrito de Porto Alegre que, antigamente, era Distrito Industrial. Eu peguei alguns objetos no terreno: uma

²⁴⁸ Para ver mais, acesse: <https://www.fernandafedrizzi.com/quandolugaralgun>

²⁴⁹ UFCSPA - Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

ventilação mecânica, uma grade que ficava em uma janela, alguns ladrilhos, azulejos, tijolo com a marca da olaria da época, alguns pedacinhos de parede, de reboco, canaleta elétrica, vergalhões, instalações elétricas, e um pouco da brita do espaço, porque agora ele é forrado por brita. Um momento ele foi forrado por vegetação, hoje, por brita.

Investigando esse terreno eu pesquisei um pouco mais sobre essas questões da memória nas cidades e cheguei em dois textos que me levaram para outro caminho, um texto da Sandra Pesavento²⁵⁰ e um da Célia Souza²⁵¹, onde elas comentam um pouco sobre o estigma dos nomes de ruas nas cidades, e a origem de um mau lugar. Fiz um gráfico, onde eu mostro onde fica esse terreno, entre uma rua que tem saída só para pedestres e uma grande avenida, e deixei marcada apenas uma rua, porque eu notei que era a única que não tinha nome de homem.

Esse estudo todo me levou para um outro lado da pesquisa, que foi observar que na cidade eu não encontrava mulheres ao meu redor, comecei a ficar fascinada por nomes de ruas. Eu percebi que no entorno do Miolo, que é o jeito carinhoso que eu chamo esse terreno, só tinha a Rua Pelotas e, aqui ao redor, eram todas ruas com nomes de homens. Eu fui procurar as mulheres em Porto Alegre, e fiz primeiro um mapa²⁵², essa série de mapas, é uma série de 4 mapas que apresentam a presença de ruas nomeadas com homenagens a homens, datas e fatos históricos, mulheres e ruas sem nomenclatura, ou interior de lote. Comecei esse mapa e fui crescendo ele aos poucos. Me perguntei onde estavam as mulheres, e minha pesquisa se tornou uma grande pesquisa feminista neste momento, porque fui invadida por um sentimento muito forte de me encontrar nessa cidade, de encontrar meus pares. Resolvi pegar um recorte com base no mapa do Google Maps e fui traçando, com vermelho, as ruas com nomes de homens; em verde,

²⁵⁰ Sandra Jatahy Pesavento foi uma professora, historiadora, escritora e intelectual brasileira. Professora da UFRGS, trabalhou primeiramente com uma visão de história econômica e formação de classe no Rio Grande do Sul, de vertente marxista. No final da carreira, destacou-se como importante pesquisadora da História cultural.

²⁵¹ Célia Ferraz de Souza é graduada pela Faculdade de Arquitetura, da Universidade Mackenzie (SP-1966), realizou o mestrado em Planejamento Urbano e Regional, no PROPUR, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1977) e doutorado em Arquitetura e Urbanismo, pela Universidade de São Paulo (SP-2005 defesa). É professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atuando na pós-graduação do Curso de Mestrado e Doutorado do PROPUR.

²⁵² Para ver mais, acesse: <https://www.fernandafedrizzi.com/cspsh>

as datas e fatos históricos; e em azul, as mulheres, deixando em cinza aquelas sem nomenclatura ou de interior de quadra. Se nota que, quando isolamos a camada das ruas com nomes de homens, a cidade ainda é passível de ser lida como uma cartografia. Essa cidade é conectada, percebemos uma malha urbana e uma estrutura de cidade. Então, a cidade que se comunica com os homens é estruturada. Quando eliminamos a camada dos homens e deixamos só as outras em aberto, a cidade fica fragmentada. Talvez, para quem tem um olho mais atento, como nós que somos urbanistas, por exemplo, conseguimos identificar que isso representa o mapa de alguma forma, mas ele não é mais claro quanto era anteriormente, com a camada dos homens.

Quando isolamos todas as camadas e deixamos só as mulheres, a cidade fica abstrata. Se eu entregar este mapa para qualquer pessoa que não sabe o que é, provavelmente, essa pessoa não vai entender que isso se trata de um mapa, que se trata de uma cidade. Eu pensei que temos aqui seis ruas marcadas com nome de mulheres, no bairro Floresta, é horrível, mas vejam o Centro Histórico, porque é o primeiro lugar que pensamos em uma cidade. É uma tristeza! Tem uma única rua em azul, ela não está nem no Centro Histórico de fato, já é Cidade Baixa. No Centro Histórico, o lugar onde construímos as primeiras memórias com a cidade, primeiro vínculo para além do lugar onde moramos e estudamos, onde estão os marcos da cidade de um modo geral. É onde estão os grandes equipamentos culturais.

Para mim, foi muito marcante ver que na cidade de Porto Alegre, no Centro Histórico, a cidade das mulheres é completamente abstrata, enquanto a cidade dos homens é de uma cartografia forte e facilmente identificável.

Eu resolvi fazer em Pelotas, porque eu morava e estudava em Pelotas. O cenário não foi melhor, aconteceu a mesma coisa, as ruas

homenageavam os homens, construíram uma grande malha facilmente identificável como uma cartografia urbana. Retirava os homens da jogada e o mapa ficava mais abstrato. No bairro Porto, que era onde eu morava em Pelotas, já que eu fiz o Floresta que era onde eu morava em Porto Alegre, também uma situação catastrófica para as mulheres, de uma cidade completamente abstrata.

Eu fiz uma pesquisa para entender quem eram essas mulheres, me ative mais a Porto Alegre, na época, pois era onde havia mais material. Era onde eu morava há mais tempo, eu sou de Porto Alegre, então, era mais especial, mexia mais com as minhas entranhas. E descobri que, em Porto Alegre, a grande maioria das pessoas homenageadas são homens brancos, possivelmente militares ou de famílias burguesas, enquanto as mulheres são esposas deles, filhas deles, etc. Elas têm alguma relação com homens que são figuras de poder e poucas delas conseguiram seu lugar na cidade por méritos próprios. Então, das minhas explorações urbanas eu trouxe isto para mostrar para vocês.

Eduardo Rocha²⁵³: Existe a dissertação²⁵⁴ da Fernanda, que tem vários trabalhos que ela reuniu.

O terreno me chamou muita atenção. Eu não lembro se, na época da tua defesa, eu falei sobre isso. Mas, na época da minha tese de doutorado que eu estudei os abandonos, uma das coisas que eu pensava muito era que os arquitetos se preocupavam com a construção das coisas e quando elas são abandonadas ou arruinadas ou demolidas, existe um movimento de desconstrução, de desmanchamento. Eu pensava que os arquitetos se preocupavam tanto com o final, com a entrega da obra, mas não existe um profissional para isso, existe a demolidora que vai desmanchando. Sempre me chamou atenção, é como se fosse um desprojeto. Quem se aproxima muito disso é o

²⁵³ Eduardo Rocha é Arquiteto e Urbanista (CAU/UCPel), Especialista em Patrimônio Cultural (CA/UFPe), Mestre em Educação (FaE/UFPe), Doutor em Arquitetura (PROPAR/UFRGS) e Pós-Doutor (Universit  Roma Tre). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2. Professor Associado no DAUrb/FAUrb/UFPe; e Pesquisador no PROGRAU/FAUrb/UFPe, na Linha de Pesquisa: Cidade e Sociedade.

²⁵⁴ LIMA, Fernanda Fedrizzi Loureiro de. Topof gias: poéticas arquitetadas entre cidade, palavra e as artes. PPGAV/UFPe, 2020. [disserta o de mestrado].

²⁵⁵ Gordon Matta-Clark foi um artista estado-unidense mais conhecido por seus trabalhos de arte em locais específicos que fez na década de 1970. É famoso por seu *"building cuts"* uma série de trabalhos em edifícios abandonados nos quais ele removia partes do piso, teto e paredes dos andares.

²⁵⁶ Silvia Helena dos Santos Cardoso é Doutora em Artes pelo Instituto de Artes/Departamento de Artes da UNICAMP. Mestre em Multimeios pelo Instituto de Artes/Departamento de Multimeios da UNICAMP, Bacharel em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo/USP. Licenciada em Ciências Sociais pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo/USP.

²⁵⁷ Sônia Guggisberg é brasileira de origem suíça, vive e trabalha em São Paulo, Brasil. Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), com Pós-doutorado realizado na Escola de comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e Mestre em Artes pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

²⁵⁸ Cachoeiras Urbanas e *Last Dream* são produções que partiram da observação do crescimento não planejado e do redesenhar urbano da cidade de São Paulo. Para ver mais, acesse: <https://www.soniaguggisberg.com/exhibitions/urban-falls-2012/>

Matta-clark²⁵⁵, que estudava isso, ele ia desmanchando o edifício. São as desarquiteturas, foi o único lugar que eu encontrei esse olhar.

Fernanda Fedrizzi: Foi uma coisa que aconteceu aos poucos, essa casa que ficava, imediatamente, ao lado do meu prédio, foi a que deu acesso ao terreno, eu também fiquei assistindo demolirem a casa. Teve um dia que eu cheguei de Pelotas e olhei pela janela da sala, eu pensei: "Nossa, estão destruindo, a casa." porque pela calçada não dava para perceber. E quando eu olhei pela janela, olhei para baixo, e vi que estavam destruindo eu logo pensei que iam construir um prédio.

Eduardo Rocha: Sabe, a tática é essa: primeiro demolir por dentro para o público não perceber, depois, da noite para o dia, a fachada. Transformar em estacionamento por um tempo, como se fosse uma poupança do edifício. E, quando o mercado pedir, transformar em um edifício ou algo assim. É bem cruel esse nosso mercado imobiliário.

Silvia Helena dos Santos Cardoso²⁵⁶: Tem uma artista paulistana chamada Sônia Guggisberg²⁵⁷, ela é da área da comunicação, e há muito tempo atua fazendo filmes de curta-metragem, mais longos, mas sempre inseridos na vídeo-arte, sempre inseridos no cinema experimental. E ela tem um filme muito interessante que se chama Cachoeiras Urbanas²⁵⁸ e fala, justamente, sobre as demolições na cidade de São Paulo. Ela filmou em *slow-motion* e em tempo real a demolição, é muito interessante porque o prédio, a casa, internamente e externamente vão caindo e formando uma cachoeira. Tem toda a questão da poeira que acaba invadindo outros ambientes e, ao mesmo tempo, as pedras caindo, a escavadeira indo ao prédio quando ele é muito grande.

Eduardo Rocha: Eu acho interessante que a arte dá conta desse desprojeto, desse outro momento, que alguns arquitetos viram as

costas. Eles só atuam agora, quando o terreno virou estacionamento, quando existe um vazio.

Fernanda Fedrizzi: Existe um vazio na atuação profissional, quem é o arquiteto que se preocupa com esse processo de arruinamento? O arquiteto projeta, constrói, depois que construiu e entregou para a sociedade não existe um acompanhamento dessa edificação. Ele só retorna quando esse terreno tem a edificação demolida, ou então essa edificação não é mais lida como uma edificação que vai servir para algum interesse. Vai ser substituída por outra.

Tem um artista, o Fercho Marquéz-Elul²⁵⁹, que está fazendo doutorado na UFRGS²⁶⁰, que está fissurado pelo Art Decó Porto Alegrense. Ele está fazendo um inventário enorme, ele posta muitas fotos de edificações de Art Déco de Porto Alegre, e ficamos pensando que nada disso é patrimônio. São edificações que vão acabar sumindo, mas elas fizeram parte de um momento especial da cidade, principalmente, se analisarmos as edificações de classe média.

Hoje, a Farrapos é o maior acervo a céu aberto desse estilo e é voltada para a população de classe média baixa, porque a Farrapos virou um lugar de residência de classe média baixa, essas edificações provavelmente vão ser compradas e colocadas abaixo em algum momento. E vai sumir, não vai se ter registro disso, porque essas pequenas casas estão desaparecendo para dar lugar a prédios genéricos, que não conversam com a memória de outros tempos da cidade. Mas, seria importante de algum modo conscientizar os arquitetos mais jovens, que podemos tentar qualificar o espaço urbano para se ter uma arquitetura que converse mais com essa escala humana. E não destruir uma edificação, fazer o acesso para veículos e fazer um prédio gigantesco que não conversa com a cidade, que vai virar mais uma grade na beira da calçada, que vai se tornar árida. Isso

²⁵⁹ Anderson dos Santos Batista, utilizando o nome artístico Fercho Marquéz-Elul, é artista visual, pesquisador, professor e tradutor. Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - UFRGS, área de concentração: Poéticas Visuais, com bolsa de estudos CNPq.

²⁶⁰ UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

deixa a cidade mais insegura, pois vai haver menos gente passeando na rua e menos escala humana.

Eduardo Rocha: Eu caminhei hoje de manhã com os meus alunos de projeto pela região do Porto, onde tu morou. E a quantidade de terrenos onde tem só a fachada da casa é enorme, bem o que tu estavas contando, está tudo demolido por dentro só esperando para virar um estacionamento. E eu venho estudando que existem vários processos de gentrificação, existem alguns processos que são interessantes. Mas, quando o processo cria essa arquitetura de muros, de portões, de garagem, é um movimento muito triste para a cidade. É triste perceber que o que tem de novo sendo construído é muito pobre, não pobre porque as pessoas são pobres.

Paula Pedreira Del Fiol²⁶¹: Acho que é sem ligações, não tem essa espera de que as coisas se conectem de alguma forma. Não tem uma janela, não tem uma porta que pode estar aberta. Não tem essa ligação entre o dentro e o fora.

Fernanda Fedrizzi: Exato, não tem um recuo de jardim onde as pessoas podem se encontrar, conversar, passear com o cachorro na calçada, de repente, ver alguém puxar um papo. Fica uma coisa muito asséptica.

Paula Pedreira Del Fiol: Eu fiquei curiosa Fernanda, porque aquele terreno é no meio da quadra. Eu fico me perguntando de como é a conexão nesse terreno com a rua, tu mostrou aquela casinha que, de alguma forma, dava uma conexão com a rua. Mas, eu queria saber se da rua se enxerga ele, ou só dá para enxergar esse lugar pelo teu edifício? Porque é engraçado, para mim, pensar que a conexão, em algum momento, se perdeu, porque existia essa conexão, mas chegou alguma coisa que tapou ela.

²⁶¹ Paula Pedreira Del Fiol é Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU/UFPel, Arquiteta e Urbanista pela UFPel. Fundadora da Urbe CoLab, empresa de consultoria em urbanismo participativo.

Fernanda Fedrizzi: Antigamente, quando essa casa existia, o único acesso a esse terreno era pela servidão de passagem que dá acesso ao meu terreno. Então, quando chegamos à avenida, tem um portãozinho que, ao entrar no corredor, tem o acesso do meu prédio na lateral. No fundo, havia uma grade que dava acesso a essa edificação, que era desse terreno. Era esse o acesso para esse terreno imenso. O que acontece é que esse quarteirão, assim como vários outros, era de um mesmo proprietário, pelo que tudo indica. As edificações foram sendo construídas e, depois, existiu uma regularização fundiária, separando esses lotes. Tentaram comprar o meu prédio. Eu fiz tal qual a mulher do filme *Aquarius*²⁶² e disse assim: “eu não vendo!”, fui eu e um outro vizinho, porque queriam comprar o prédio e dar um apartamento para nós nesse prédio novo. E eu era igual uma fofoqueira, porque ficava na minha sacada, tomando um cházinho e ouvindo as conversas que eles tinham na casa ao lado. Um dia eu vi que tinha um empreendedor conversando sobre a potência do terreno, do quanto ele tinha que vender aquela casa porque não valia nada, e ele ia ganhar uma bolada vendendo a casa. Eu virei a fofoqueira do bairro, na época eu esperava o meu, então, companheiro chegar em casa para poder fofocar. Isso acabou virando diário de bordo, porque eu estava fazendo investigação, mas eu nem sabia onde isso ia acabar, era quase uma fofoca, é um trabalho que surgiu de uma necessidade de fofoca. Enfim, um dia compraram essa casa, que gerou um acesso para o terreno, e é a parte que realmente dá acesso ao terreno na avenida.

Eduardo Rocha: Os mapas que a Fernanda produz, tudo isso que ela foi fazendo, são cartografias, desenhos, escritos, exposições de arte, ela vai montando mapas. E eu percebo que tu caminhas, tu podes não fazer uma grande caminhada para fazer isso, mas descer do edifício é caminhar, o que temos conversado

²⁶² AQUARIUS. Direção de Kleber Mendonça Filho. Produção de Emilie Lesclaux. São Paulo: Vitrine Filmes, 2016.

muito é que nem sempre é a quantidade. Claro que se eu caminhar quilômetros eu vou perceber alguma coisa, mas pode ser que eu crie um movimento de caminhada mínimo, dando voltas em um quarteirão e eu descubra muitas coisas assim como tu descobriu. Eu fiquei pensando na questão do caminhar, que tu caminhas, não são talvez caminhadas exaustivas. Entretanto, eu percebi um caminhar naquele mapa que tu foste fazendo das mulheres, que não é exatamente um caminhar pelas ruas, mas é um caminhar sobre um mapa.

Fernanda Fedrizzi: Eu tive que andar virtualmente pela cidade vendo rua por rua, vendo quem eram aquelas pessoas. Então, existiu um percurso, o caminhar não está nesse caminhar físico só, é um percurso que pode ser um percurso de pensamento.

Eduardo Rocha: Essa questão da cidade masculina é algo que é muito interessante. Não só pelo nome das ruas, mas pela disposição das atividades na cidade, se começarmos a puxar esse fio do passado masculino, heteronormativo, do homem branco, começa a surgir nesse desenho do que é cidade, do que é essa organização de lotes, e é bem interessante, eu lembro quando tu apresentavas esses mapas, das ruas femininas, como elas são solitárias.

Fernanda Fedrizzi: São, e nome das ruas é uma camada muito pequena, muito ínfima da representatividade na cidade, o que conta é que, quando eu fiz esse trabalho, eu tava fazendo esse recorte puro de gênero. Não entrei no mérito de logradouro em um aspecto geral de analisar praças, espaços públicos, ou outros. Poderia ter feito um recorte de raça, de classe, eu poderia ter feito vários outros recortes. Mas imagina, se em um recorte mais generalista possível já tivemos esse resultado, imagina se, por acaso, fosse procurar mulheres pretas? Onde elas estão nas cidades? Quando vão homenagear uma mulher, uma liderança, vão colocar ela hoje em

dia, não vão substituir o nome de um ditador por um nome de uma mulher que lutava pelas causas sociais. Eles vão jogar essa homenagem a uma mulher em uma periferia, em um lugar de pouco acesso, de pouca circulação de pessoas. Então, a construção do imaginário de representatividade, de se enxergar na cidade, é muito limitado. Quando precisamos, por exemplo, ir comprar alguma coisa, normalmente, vamos ao centro, e não conseguimos construir essa conexão, isso é bem problemático mesmo. Eu estou super interessada, agora, em descobrir como isso se dá em outras cidades, em outros países. Porque eu fico imaginando que este cenário, deve estar muito vinculado a homens brancos, militares, burgueses, talvez seja um cenário nosso, que fomos um país militarizado, ditadura, colonizado.

Eduardo Rocha: Eu acho que em todo o ocidente vai ter o mesmo resultado. Tenho curiosidade no oriente, onde eles tem outras lógicas. Mas Europa, países americanos, aqui, são nomes masculinos.

Fernanda Fedrizzi: Aqui em Porto Alegre temos muito nome de general. Se fala que todas as ruas do centro mudaram de nome depois da guerra do Paraguai. Então, homenagens aos militares, e depois não houve interesse de mudar.

Mas, antes de virar homenagem aos militares tínhamos nomes relacionados aos afetos e à natureza. E eu fico me questionando: porque será que esses nomes de homens são mais presentes do que as mulheres?

Silvia Helena dos Santos Cardoso: Fernanda, você está levando toda essa questão para o seu doutorado?

Fernanda Fedrizzi: Na verdade, vai acabar entrando no doutorado, mas eu continuo como parte da minha pesquisa e da prática

artística, só que é uma pesquisa que é de urbanista também. Mas, no Doutorado a minha questão principal é entender o que é um lugar. Entender o conceito de lugar, então, obviamente, essa pesquisa irá avançar no doutorado.

Paola Alessandra
Moreno Bernardi



Paola Bernardi é arquiteta e urbanista (IAU/ USP), Mestre em Arquitetura Biodigital (ESARQ/UIC) e Especialista em Gestão Socioambiental (FGV). Foi docente da graduação em arquitetura e urbanismo, gestão pública e turismo (UEG e UFMG). Tem experiência em desenvolvimento e implementação de infraestruturas urbanas e políticas públicas em clima, educação, primeira infância e mobilidade urbana. Atua com desenho e facilitação de experiências de aprendizagem de cidadania ativa e sustentabilidade criativas, colaborativas e contextualizadas desde 2015, quando fundou a Caraminhola (re)projeto de escola.

Figura 18: Paola Bernardi em entrevista para conversas. Fonte: canal youtube revista pixo, 2022. <https://youtu.be/IlyIwEkqeFO?si=P0zqnf-QlGFyBh0iN>

Eu estudava sistemas configuracionais urbanos, no PROPUR²⁶³, que não tem uma relação direta com caminhar. Mas, sempre foi uma experiência interessante que acabei levando para o trabalho. Algum tempo depois, eu comecei a trabalhar com infraestrutura urbana e empreendimentos imobiliários. E, depois, trabalhei com planejamento de mobilidade urbana e, só então, tive a experiência com o caminhar. Ela foi se tornando mais profissional, porque eu acabava ficando com essa parte de olhar a legislação, a regulamentação da infraestrutura nas cidades e a parte de educação começou a me chamar a atenção. Eu comecei a olhar para a experiência de caminhar não só do ponto de vista da regulamentação, mas como uma experiência de educação cidadã, na prática, porque acabamos nos educando de maneira tácita. Pela forma como somos convidados a usar ou não a cidade, pelo que ela oferece para nós. E trabalhando com planejamento de mobilidade urbana, principalmente, pensando em projetos educacionais. Ponderando como estruturar a educação para mobilidade, ações educativas e de comunicação para que as propostas, os planos, chegassem na população, para que seja possível entender o que acontece.

E isso acabou virando uma parte do meu trabalho, desde 2015, com a Caraminhola²⁶⁴, que é, justamente, olharmos para o mundo como uma plataforma de aprendizagem e usar as nossas experiências do cotidiano como material didático. E, assim, construir a experiência e até agir no território, a partir da nossa experiência e de como gostaríamos que o território fosse. Também, despertar a cidadania ativa, para entender o que acontece no lugar que frequentamos. Para podermos nos apropriar desses lugares, olhar com atenção como eles estão estruturados, como funcionam, quem está ali, quem é convidado a estar ali, quem não é, por quanto tempo, se é só passar, se é só ficar mesmo rapidinho, se é se apropriar,

²⁶³ PROPUR – Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional.

²⁶⁴ Caraminhola desenvolve projetos voltados à educação infantil e ensino fundamental I com base na abordagem de *learning experience*, que combina o *design thinking* aos conteúdos escolares, cotidiano das crianças, tecnologias, características individuais de aprendizado e desenvolvimento de competências para o século XXI.

se é fazer alguma intervenção. Como é possível conhecer essas possibilidades, conhecer outras pessoas, outros grupos que queiram fazer isso, entender como é o processo que podemos intervir no espaço ou em políticas para transformar o espaço. O público dos projetos é pequeno, de fundamental 1²⁶⁵. Embora as escolas tenham muito que trabalhar, e privar os pequeninhos.

Agora escutamos falar bastante sobre a territorialização da agenda 2030 e os objetivos do desenvolvimento sustentável, da realidade das pessoas a partir do que cada uma descobre perto da sua casa, no caminho para a escola, perto da escola. Onde cada pessoa pode estar, por onde ela passa, os territórios que ela ocupa durante o dia.

Eu trabalho com a ideia de projetos colaborativos, com outras organizações de várias naturezas. Trabalho desde ajudar a desenhar políticas de primeira infância, cuidando da parte da estrutura de como garantimos que as crianças ocupem os espaços, até assessoria e mobilidade, pensando em mobilidade sustentável. Já trabalhei com o Como Anda²⁶⁶, que é um projeto que atua como ponto de encontro de organizações e de pessoas que defendem a mobilidade a pé no Brasil, ajudando a desenvolver projetos de naturezas diferentes que trabalham com educação e sensibilização, com atuação no território e com incidência política para o caminhar. E formulação de políticas públicas, tanto na esfera municipal quanto na esfera nacional, para criar meios de pautar e formular requisitos e indicadores para avaliação de projetos e liberação de financiamento verde e climático. Então, tem uma parte mais poética de sair e fazer caminhada. Já fiz caminhadas de mapeamento, que são para termos um olhar mais sensível para onde estamos inseridos, com o princípio de que o que não amamos, não cuidamos – eu acredito bastante nisso. Principalmente depois de passar um tempo em casa, nesse período em que

²⁶⁵ O ensino fundamental é uma das etapas da educação básica, no Brasil. Fundamental 1 atende crianças de 6 a 10 anos.

²⁶⁶ A iniciativa nasceu em 2016 com o objetivo de compreender o cenário da mobilidade a pé no Brasil, levantando quem são e o que fazem as organizações que atuam no tema. Hoje, o Como Anda é o ponto de encontro que articula diferentes grupos e indivíduos que promovem a pauta no país. O projeto responde a objetivos pactuados por essas organizações, que incluem: (i) Fortalecer as organizações; (ii) Fortalecer a pauta; e (iii) Articular o movimento.

precisamos ficar em casa.

Na última semana, lancei um desafio pelas redes, que era caminhar usando diferentes sentidos, olhando para nós, percebendo o caminho por diferentes sentidos. Para nós, que estamos acostumados a ter esse tipo de relação com a cidade, isso é uma bobeirinha. Eu gosto muito de participar de experiências com professores e pedagogos, e vejo que sou meio viciada em algumas práticas. Percebo que vêm retornos diferentes quando trazemos abordagens assim, uma provocação para perceber onde estamos. E poder levar as pessoas a prestar atenção na cidade, como ela é construída. Muitas vezes, quando alguém que não é profissional da área é convidado a registrar o caminho, explode a mente da pessoa. Vai ficar apurada a percepção sobre um espaço pequenininho, uma calçada, uma porta, uma janela, um espaço público, uma árvore. Assim como, quando levamos as crianças para um parque de diversões, para uma pracinha perto da escola que elas nunca usam, o quanto aqui também é, historicamente, delas e o quanto elas pensam em possibilidades diferentes. Acho que é muito importante usarmos mais, até para popularizar esse tipo de abordagem aqui do projeto, que pode ser algo mais comum, não uma coisa diferente que não é interessante, pode continuar sendo interessante fazer parte do cotidiano. Como metodologia educativa mesmo.

²⁶⁷ Eduardo Rocha é Arquiteto e Urbanista (CAU/UCPel), Especialista em Patrimônio Cultural (CA/UFPe), Mestre em Educação (FaE/UFPe), Doutor em Arquitetura (PROPAR/UFRGS) e Pós-Doutor (Università Roma Tre). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2. Professor Associado no DAUrb/FAUrb/UFPe; e Pesquisador no PROGRAU/FAUrb/UFPe, na Linha de Pesquisa: Cidade e Sociedade.

²⁶⁸ Carolina Mesquita Clasen é doutoranda do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-USP, com ênfase na linha de pesquisa História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo. Mestre em Arquitetura e Urbanismo (2018), na Linha de Urbanismo Contemporâneo do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da Universidade Federal de Pelotas e graduada em Artes Visuais na modalidade Licenciatura obtida pela mesma instituição (2014).

Eduardo Rocha²⁶⁷: Lembrei de quando eu orientei uma dissertação de uma artista, a Carol²⁶⁸, ela estudou as crianças. Aqui em Pelotas existe um programa que leva as crianças da escola a uma galeria de arte da universidade, o Instituto de Artes, era a partir de um programa de extensão em que ela era uma tutora. Ela buscava as crianças na escola e caminhavam até a galeria de arte, e a dissertação dela é sobre isso. As crianças se sentiam tão livres na rua, ela ficou chocada porque o espaço da galeria de arte era um espaço rígido, como

na escola. Elas não podiam se mexer, não podiam correr, entretanto, quando elas botavam o pé na rua, elas se expressavam, tudo acontecia. Quando elas colocavam o pé na galeria de arte, a professora dizia para não tocar em nada, não mexer em nada, fazer silêncio. E ela me dizia que ficava doente, porque as crianças murchavam, que não é a ideia da galeria, muitas vezes, as exposições eram interativas. Criava uma rigidez do espaço e eu venho pensando nisso também.

Tenho trabalhado muita aula na rua, quando eu posso. E até na universidade, eu tenho notado que essa estrutura professor/aluno diminui, na rua não tem as paredes da sala de aula, ou o quadro, ou data show. Pensei um pouco nisso que tu contou, achei muito interessante.

Outra coisa que eu acho que tu não faleste muito, e que nos nossos trabalhos, do grupo, eu tenho provocado na verdade, não é exatamente sobre a mobilidade. Venho notando que, por mais que estejamos pensando no caminhar, se é difícil, se não é, por onde eu vou, a maioria do que produzimos, não olha para o seu próprio corpo caminhando, mas olha para fora, para a cidade, os arquitetos, principalmente, olham para outro lugar. Não pensamos como foi caminhar para nós, se foi fácil, se tinha calçadas, até nesse sentido da mobilidade mais tradicional mesmo. Eu achei bem interessante tu falares sobre isso. Parece que, no meu grupo, é um tabu falar de mobilidade, eu não acho. Porque quando caminhamos é uma questão básica é pensar se eu estou me sentindo bem caminhando, se eu vou conseguir chegar nos lugares que eu quero.

Paola Moreno Bernardi: Hoje mesmo eu estava comentando sobre quando fui a uma exposição sobre as criações do Leonardo da Vinci²⁶⁹. Eu fiquei super atordoada, porque eu acabei indo junto com as escolas. Foi no Parque Ibirapuera, então, era bem amplo. A princípio, não poderia correr, entretanto, não

²⁶⁹ Leonardo di Ser Piero da Vinci foi uma das figuras mais importantes do Alto Renascimento, que se destacou como cientista, matemático, engenheiro, inventor, anatomista, pintor, escultor, arquiteto, botânico, poeta e músico. É ainda conhecido como o precursor da aviação e da balística. Leonardo frequentemente foi descrito como o arquétipo do homem do Renascimento, alguém cuja curiosidade insaciável era igualada apenas pela sua capacidade de invenção. É considerado um dos maiores pintores de todos os tempos e, possivelmente, a pessoa dotada de talentos mais diversos a ter vivido.

tinha como o professor controlar. As crianças estavam ocupando todo o espaço. Eu fiquei atordoada, porque era muita criança, mas eu percebia o quanto elas estavam empolgadas de ver alguma coisa diferente, que era referência, e delas estarem no espaço onde não são muito controladas, elas estavam em liberdade, elas podiam experimentar aquilo, ver o que interessava.

Eduardo Rocha: Há muitos anos atrás, eu fui professor substituto aqui no Instituto de Artes e houve um movimento de uma exposição aqui nos galpões do Porto, onde convidaram vários artistas, um deles era o Zéca Nogueira²⁷⁰. A instalação dele era uma instalação com cadeiras plásticas, coloridas. Tinha um programa com escolas e teve um dia que deu um problema e me pediram para ir com os outros professores buscar as crianças da escola, era de ônibus, não era caminhando. Colocamos as crianças no ônibus, quando descemos no galpão, era uma exposição grande, espaços e instalações, as crianças desceram do ônibus correndo e começaram a desmanchar a escultura do Zéca, o empilhamento, e começaram a botar as cadeiras para sentar. Eu lembro que as professoras de artes que acompanhavam gritavam para as crianças não fazerem aquilo, e eu achei muito interessante que elas achavam que as cadeiras eram para elas fazerem um círculo. Não era nada demais, é claro que o artista teve que ser chamado para empilhar de novo, mas eu achei tão interessante essa reação delas de acharem que as cadeiras não eram uma obra de arte e eram para elas sentarem, mas era um espaço que promovia isso. Essa galeria, da pesquisa da Carol que eu dei exemplo, era bem rígida, em uma sala apertada, com as obras nas paredes.

Paola Moreno Bernardi: É muito legal isso. E quando você falou sobre como nos sentimos quando vamos caminhar, relacionado à mobilidade, eu acho que não é muito tratado porque tratam, em geral, sobre mobilidade como

²⁷⁰ Zéca Nogueira é artista plástico, arquiteto e professor de Desenho no Centro de Artes da UFPel.

infraestrutura.

Eu esqueci de falar, tem uma coisa muito legal que eu participo e ajudei a montar, que se chama Redes Vidas Ativas²⁷¹. São pessoas de várias áreas que atuam, de alguma maneira, por modos de vida mais ativos. Então, eu vou pela mobilidade a pé, tem pessoas que trabalham com bicicleta ou são ativistas e tem muitas pessoas da educação física, que trabalham com esporte, vários esportes, tanto educativo quanto relacionado à mudança social ou de alto rendimento. Também tem o SESC, que promove saúde, tem a Associação Brasileira de Atividade Física e Saúde (SBAFS). Eu gosto muito de espaços transversais, não escolhi ser planejadora urbana à toa. Acho muito legal poder trocar ideias e discutir um assunto por diferentes pontos de vista. Na educação física estamos conversando sobre um seminário que vai acontecer, precisamos falar de corporeidade, pois quando falamos de planejamento urbano, somos podados.

Por exemplo, no plano de política de primeira infância aqui de Ribeirão Preto, que eu ajudei a escrever, eu era super podada por uma pessoa do Núcleo da Ciência pela Infância, porque tem as teorias de deixar brincar livre no espaço público e a teoria da superproteção. E tem profissionais que são muito superprotetores e não acham legal colocarmos, explicitamente, um direcionamento para que os espaços públicos sejam lugares para o brincar livre, para a pessoa correr um risco calculado, para a criança ser livre, para correr, aprender a cair, não se machucar, claro, com risco controlado.

Eduardo Rocha: Olhando para outros trabalhos, o quanto olhamos para fora, para os edifícios, para espaços verdes. Mas, como foi caminhar? Porque caminhar é a atividade primeira, é um exercício ou uma reflexão sobre aquele bairro, aquela cidade. Por isso, como é para uma pessoa, ou corpo que caminha? E eu tenho, eu percebi, exatamente essa fuga.

²⁷¹ A proposta do Centro de Pesquisa e Formação é a de constituir um espaço articulado entre produção de conhecimento, formação e difusão. Procura-se, assim, propiciar trânsitos e trocas entre o saber fazer da instituição, os dados, informações e pesquisas existentes, bem como as temáticas permanentes, transversais e emergentes envolvendo educação e cultura. O Centro de Pesquisa e Formação é composto por três núcleos: o Núcleo de Pesquisas, que se dedica à produção de bases de dados, diagnósticos e estudos em torno das ações culturais e dos públicos; o Núcleo de Formação, que promove encontros, palestras, oficinas e cursos; o Núcleo de Publicações e Difusão que se volta para o lançamento de trabalhos nacionais e internacionais que ofereçam subsídios à formação de gestores e pesquisadores.

Gabriele Vargas da Silva Moreira²⁷²: Falando em mobilidade, eu lembrei quando tivemos aquele aluno que veio conversar conosco, que tem dificuldade de mobilidade por uma questão de saúde e sempre ficamos pensando nessa facilidade, nessa naturalidade que temos com o caminhar. Parece que quando surge uma situação assim, começamos a pensar no inverso, de repente a coisa pode, para algumas pessoas, não ser tão fácil. Parece que eu comecei a interiorizar um pouco mais isso que estamos falando do corpo, não só do externo, de olhar para fora, para a cidade em si, mas dessas facilidades ou dificuldades do caminhar em si, que, para mim, parece que passavam um pouco despercebidas.

Celma Paese²⁷³: Eu fico pensando, o caminhar, um ato estético, primordial, de constante ressignificação física e perceptiva do espaço percorrido. Eu estou achando muito legal esse teu novo trabalho, principalmente por causa dessas histórias de dar voz para esse povo caminhante que não tinha voz no Brasil. E isso está sendo muito bacana, e está aumentando muito a rede.

Paola Moreno Bernardi: Agora eu cuidei da semana do caminhar, quis trazer esse ponto porque fiquei muito nas políticas públicas e acho importante, até para trazer o que a Gabriele colocou. Por isso, eu gosto muito de falar de uma cidade convidativa, precisamos que a infraestrutura nos ajude a nos sentirmos bem e facilite termos experiência de caminhar, de nos deslocarmos. Sábado eu estava em uma feirinha de economia criativa, com meus alunos de empreendedorismo que são pessoas com deficiência, e eu estava com um grupo que era de pessoas com baixa visão e cegas. Esqueci que o espaço da feira era de paralelepípedo e foi interessante, eu gosto de fazer esse tipo de passeio desafiador.

Eduardo Rocha: Quando eu estava em Roma houve uma caminhada que o Careri²⁷⁴

²⁷² Gabriele Vargas da Silva Moreira é Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU/UFPEL, graduação em arquitetura e urbanismo pela Universidade Católica de Pelotas.

²⁷³ Celma Paese tem Pós-Doutorado no PPGAU-Mestrado Associado Uniritter/Mackenzie, Doutorado em Teoria, História e Crítica da Arquitetura (PROPAR/UFRGS), Pós-graduação em Design: Projeto de Produto (PUC-RS) e Arteterapia (FEEVALE). Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UNIRITTER.

promoveu, que era como se fosse com a associação do bairro, as pessoas do bairro e, também, com os alunos, foi em um sábado. Lembro que nos encontramos e tinham cadeirantes, idosos com muleta. Essas pessoas com dificuldade de mobilidade foram parando no caminho, foram sumindo. Quando chegou no final, éramos só os mais *atletas*. A proposta não estava adequada, então foi deixando as pessoas pelo caminho, elas iam desistindo ou iam sentando, porque ficavam cansadas e eram pessoas com ritmos muito diferentes.

Celma Paese: É importante observar e acolher essas pessoas. Entra aquela história do acolhimento, que é, justamente, nesses ritmos diferentes que vamos ver as percepções diferentes de espaço.

Eduardo Rocha: Eu sempre digo para quem caminha comigo, que cada um pode caminhar como quiser, se quiser ir bem devagarinho, se quiser caminhar meia quadra, está bem. É a caminhada daquele dia, se tu caminhar duas quadras, sentar, descansar e voltar. Foi o que eu falei para esse aluno, se ele conseguir só sentar na praça e ficar olhando o lugar, é a caminhada. Precisamos pensar um pouco sobre isso, porque, às vezes, parece que o caminhar é na velocidade.

Celma Paese: Cada um tem seu modo de lidar com o espaço, por isso a importância de acolher esses diferentes modos.

Gabriele Vargas da Silva Moreira: O interessante aqui, como o Edu estava dizendo desse aluno, especificamente, é que o acolher talvez seja justamente que ele não vai ficar abandonado, podemos seguir, mas vamos voltar e ele vai ser acolhido novamente, ele vai fazer parte daquela caminhada da forma dele.

Eduardo Rocha: Ele já não queria participar, eu disse para ele que íamos um pouco juntos e se ele sentisse alguma coisa, porque é um

274 Francesco Careri é arquiteto e professor pesquisador do Departamento de Arquitetura da Università degli Studi Roma Tre, onde dirige o grupo de pesquisa Laboratorio Arti Civiche e ministra uma disciplina de mesmo nome, um curso peripatético no qual você caminha enquanto interage *in situ* com fenômenos urbanos emergentes.

problema bem sério, ele voltava. Mas, é perceber essa ideia do corpo que caminha, e eu ando percebendo isso um pouco, com os trabalhos que fazemos, esquecia um pouco.

Celma Paese: Eu estou fazendo cartografia da hospitalidade, na cadeira de Desenho Urbano II. Eu sempre digo para eles: vocês tem que ver como as pessoas estão vivenciando aquele espaço, como elas estão olhando, quando fizer um registro de imagem essas pessoas estarem presentes, porque tem muito esse serviço do arquiteto, de ter a imagem limpa. Qual o sentido do espaço sem as pessoas? Sem as pessoas estarem se apropriando? Ou se desapropriando, ou acolhendo da maneira que for?

Silvia Helena dos Santos Cardoso²⁷⁵: Vou tocar em um assunto que eu acho que acabamos deixando um pouquinho de lado, em que eu vivencio aqui em Marabá, quando eu coloco uma proposta de caminhada, de caminhar, de estética. Que é a questão da violência urbana, por exemplo, eu sempre digo para os alunos, como uma forma de incentivo, que quando estamos em grupo, o *motoboy* pensa duas vezes antes de roubar o celular. Porque, aqui, o grande problema são os *motoboys*. Ainda não passamos por uma situação do tipo, mas eu sempre fico pensando o seguinte: que a violência existe no Brasil. Aqui em Marabá, no Pará, são os *motoboys*, mas tem a questão do matador de aluguel, que é um matador de encomenda, ele não vai nos atacar, porém, ele pode estar lá. Ele não é um problema para nós. Agora, às vezes, por exemplo, quando caminhamos no centro histórico, as pessoas acham que nós somos gringos. Ser turista aqui é um alvo fácil, ou pelo menos, idealmente, fácil. E como é que lidamos com isso? Porque, aqui, eu ainda vejo algumas pessoas sentadas nos bancos do centro histórico da Marabá Pioneira. A Avenida Paulista, está cada dia mais violenta, são gangues mirins, que saem das periferias de São Paulo e vão atuar na Avenida Paulista. Você tem que andar com

²⁷⁵ Silvia Helena dos Santos Cardoso é Doutora em Artes pelo Instituto de Artes/Departamento de Artes da UNICAMP. Mestre em Multimeios pelo Instituto de Artes/Departamento de Multimeios da UNICAMP, Bacharel em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo/USP. Licenciada em Ciências Sociais pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo/USP.

a sua bolsinha presa no seu corpo realmente, como é que lidamos com isso? Quer dizer, como é que você percebe seu corpo? Porque também vamos envelhecendo e o corpo vai ficando mais lento, tem que ter um sapatinho especial, a bolsa não pode ser tão pesada, temos que nos olha também. Enfim, e essa violência, o que fazemos com ela? Porque ela existe.

Eduardo Rocha: Primeiro, eu acho que a cidade não é um lugar dócil. Desde a sua origem é um lugar de disputas. É claro que a violência física é uma das questões quando eu caminho, aconselho, andamos em bando, eu tento não ultrapassar limites. Semana passada, andamos caminhando e chegamos em uma borda, de periferia, que não foi muito receptiva e eu e uma aluna percebemos que não tinha como ultrapassar, sentimos o medo, não é a violência, é o medo. Voltamos, mas a cidade, ela não é fácil. Eu caminho muito com mulheres e a cidade não trata bem a mulher. Vocês podem contar, é bem complicado, mas eu diria que se propor a entrar em contato com a cidade é entrar em contato com essas coisas, é tentar lidar. É claro, no Brasil, na América Latina, temos várias questões, temos que saber exatamente por onde atravessar e por onde não atravessar. Até aqui em Pelotas, não é só em Marabá, em qualquer lugar, mas acho que é isso. Eu acho que a ideia de caminhar, ou de caminhografar para nós aqui, é saber que não é fácil, não é tão fácil dependendo da situação.

Celma Paese: A violência está ali, é impressionante, é uma coisa inerente ao nosso ser se precaver da violência urbana, aquela coisa da rua escura. Eu faço minhas derivas sozinha, simplesmente vou sem nada na mão, a bolsa que eu posso botar o celular, eu vou despojada de tudo.

Paola Moreno Bernardi: Para mim, só uma vez aconteceu, eu estava na graduação, passando do lado da guarita da polícia da USP e

fui assaltada. E olha que eu andava bastante à noite, eu sou muito mais corajosa do que deveria.

Celma Paese: Tem uns lugares que são chegue, não vamos andar ali, não vai atravessar um parque de noite, por exemplo.

Eduardo Rocha: Eu acho que é um pouco isso, Sílvia, a cidade é isso. E o que vamos contar sobre ela, a partir dessa experiência, é essa experiência, não é sempre uma caminhada alegre. Acontece muito que a criança brinca, de repente a Paola já teve que proteger as crianças em algum momento.

Paola Moreno Bernardi: Tem toda uma conversa antes, é importante orientar o professor, porque ele quer ficar dando bronca demais durante o caminho e acaba tirando a atenção das crianças. Quando vamos caminhar com as crianças, fazer essa experiência urbana com as crianças caminhando com escola pública ou entidade que fica com as crianças, que faz atividade de contraturno, são crianças que já tem alguma experiência também, são as menos protegidas, mas, mesmo assim, é importante.

Monique Grechi²⁷⁶: O caminhar da mulher é mais complicado ainda pela questão do assédio, porque outra coisa que temos que nos preocupar quando saímos de casa é com que roupa tu vai sair. Às vezes faz um calor horrível e tu não pode se vestir com pouca roupa por causa do assédio que tu sofre na rua. E, na cidade grande, a preocupação da violência aumenta, porque não é só o assédio verbal, é um assédio físico também, só para complementar, levantar essa questão de quando vocês falaram do caminhar da mulher. Porque a questão da roupa, do que vestir também é uma outra preocupação que temos que ter quando saímos na rua.

Eduardo Rocha: Lembrei de uma questão que temos pensado muito, que é a ideia

²⁷⁶ Monique Grechi é graduada em Arquitetura e Urbanismo pela FAUrb/UFPEL, possui Master in Urban Heritage and Global Tourism pela Universidade IUAV de Veneza, Itália.

dessa imprevisibilidade da rua, não só a do que eu encontro, mas do que me encontra, todo mundo que trabalha com rua, com caminhar com essa experiência direta, sempre conta isso. De ir todo preparado e, quando chega, nada daquele planejamento funciona. Eu sempre acho que é boa essa surpresa, mas, às vezes, não. Se mudou porque alguém me assaltou. Se mudou porque eu fui assediada. Não é legal. Sentir esse lugar, esses medos, os lugares que eu não posso passar. A cidade é esse lugar conflituoso, esse lugar múltiplo de circulação. E, quando caminhamos, isso vai acontecer, inevitavelmente, mesmo em uma cidade de primeiro mundo.

Fernanda Tomiello



Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela UFPel (2012) e mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela UFPel (2015). Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPel, professora no Curso de Arquitetura e Urbanismo da UCPel e professora substituta na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel. Atua na extensão universitária e integra a comissão editorial da Píxo - Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade.

Figura 19: Fernanda Tomiello em entrevista para conversas. Fonte: canal youtube revista píxo, 2022. <https://youtu.be/62GtBt8ktXg?si=T-n5IOBbMMCqPV7sL>

Eu sempre me interessei muito por fotografia, pela paisagem, por coisas muito variadas, na verdade. Já trabalhei com mobilidade urbana, hoje, eu estou me aventurando até a com impressão 3D, já trabalhei com a questão patrimonial, com a questão de habitação para baixa renda... enfim, eu vou experimentando as coisas e acho que essa é a minha personalidade.

No mestrado, quando eu entrei para o PROGRAU²⁷⁷, procurei o Edu²⁷⁸ porque eu já sabia que queria trabalhar com fotografia, com paisagem. Eu sabia que não queria fazer isso de um modo tradicional, mas também não sabia de que jeito que eu queria fazer.

Eduardo Rocha: Eu acho que é muito legal, muito interessante a tua forma de mapa, porque as tuas fotos são mapa, pra mim. Eu aprendi muito com o teu trabalho, nesse sentido que tu desenvolves um trabalho que requer muita atenção e muita seriedade. Embora, imaginando assim, “vai fotografar...” mas é um trabalho técnico, de muita atenção. Eu acho que esse é um aspecto bem importante no teu trabalho e fico feliz que tu vais apresentar ele.

Fernanda Tomiello: Eu acho que meu mestrado²⁷⁹ é um trabalho que integra várias dimensões, uma dimensão mais artística, mais sensível, mas também tem essa dimensão mais técnica e científica que precisa ter para ser uma pesquisa, para ser um trabalho de mestrado. Foi um desafio bem grande equilibrar essas duas dimensões do trabalho, para não ser algo muito da minha cabeça e, também, para não ser muito técnico, muito duro, muito sem graça. Esse foi um desafio, mas eu acho que foi um desafio que qualificou bastante o trabalho, não foi um trabalho exatamente fácil de fazer, mas foi um trabalho muito prazeroso.

Eu escolhi a paisagem urbana, o Laranjal, como local para os experimentos, que era

²⁷⁷ PROGRAU – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo.

²⁷⁸ Eduardo Rocha é Arquiteto e Urbanista (CAU/UCPel), Especialista em Patrimônio Cultural (CA/UPPel), Mestre em Educação (FaE/UPPel), Doutor em Arquitetura (PROPAR/UFRGS) e Pós-Doutor (Università Roma Tre). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 2. Professor Associado no DAUrb/FAUrb/UPPel; e Pesquisador no PROGRAU/FAUrb/UPPel, na Linha de Pesquisa: Cidade e Sociedade.

²⁷⁹ TOMIELLO, Fernanda. Fotografia sequencial e fotomontagem: alternativas para o estudo da dinâmica da paisagem urbana. Pelotas: PROGRAU/UPPel, 2015. [dissertação de mestrado].

onde eu morava e onde eu moro até hoje. Trabalhar com fotografia, com arte, com filosofia, e eu acho que, o fato de ter conseguido acertar essas escolhas, criou um ambiente muito bom para que eu conseguisse desenvolver um trabalho com muita tranquilidade. Foi trabalhoso, foi difícil, mas foi muito prazeroso, foi muito bom e é um trabalho que eu gosto muito.

Então, a fotografia sequencial e a fotomontagem foram as duas técnicas fotográficas que eu mais empreguei no trabalho. Por isso, foram para o título do trabalho. Através dessas técnicas, eu estudei alternativas para entender e compreender a dinâmica da paisagem urbana. É um trabalho que já tem uma certa idade, ele foi defendido em 2015, logo, tem muitas coisas que eu vou mostrar aqui para vocês que talvez, hoje, eu faria diferente, a própria questão da caminhografia, pois não utilizávamos ainda esse conceito, trabalhávamos com a ideia de cartografia, cartografia sensível. Então, tem muitas discussões que poderiam ser atualizadas, e acho importante contextualizar temporalmente o trabalho.

A fotografia sequencial consiste, basicamente, em tirar sucessivas fotos, ou seja, fotografar sucessivamente uma cena, criar um conjunto de imagens. A fotomontagem manipula essas imagens, trabalha com elas. Eu criei vídeo também, que não é uma fotomontagem, é uma forma diferente de mostrar esse produto, da fotografia sequencial. Então, o tema do trabalho, especificamente, foi a dinâmica da paisagem urbana, especialmente as relações espaço-temporais. O objetivo do trabalho foi mostrar, representar e recriar a dinâmica da paisagem urbana através da fotografia. Eu tinha um desafio bem grande, que foi assumir que a paisagem é algo dinâmico e a fotografia é algo estático. A dificuldade era como representar algo que tem movimento com algo que, teoricamente, não tem movimento.

Essa foi a primeira questão que eu procurei entender. Trabalhei com três dimensões da dinâmica urbana, para organizar melhor o trabalho: estruturais, funcionais e naturais. A estrutural seria, por exemplo, uma construção, uma mudança física no espaço; a funcional é a relação com as pessoas ou a circulação; e a natural é o dia e a noite, as estações do ano. Na época, trabalhávamos com a ideia da cartografia, o processo, e talvez, hoje, eu pudesse chamar de caminhografia. Com relação à revisão teórica, eu estudei a evolução da fotografia para entender como algo era visto, como um espelho da realidade, como algo supertécnico foi se transformando, evoluindo, mudando, se reinventando, até chegar no entendimento que temos, hoje, da fotografia. Fui mostrando um pouco da evolução da fotografia, a fotografia expandida, que era novidade na época, a fotografia sequencial, a questão da fotomontagem, *as collages*...

Havia cinco experimentos ao longo do trabalho. O primeiro era no trapiche, fiz olhando para o loteamento, tem um outro que foi na outra extremidade do trapiche, outro foi no meio do calçadão, outro foi em uma outra posição do calçadão, que tinha elementos diferentes, e o último foi mostrando um quiosque que foi demolido. Tem um conjunto enorme de imagens, eu não me lembro de cabeça quantas fotos foram, eram muitas. Então, eu brinquei um pouco com essas colagens e acho que uma das grandes sacadas do trabalho é como colocar na mesma imagem vários tempos. No primeiro experimento, eu usava cada fragmento de um instante diferente, reconstruindo, reinventando a cena de uma forma diferente. Fui explorando diferentes formas de fazer isso, grafismos, várias possibilidades. Com as mesmas imagens, do mesmo lugar, conseguimos criar essas narrativas, esse mapa, de formas bem variadas.

O segundo experimento, foi feito em um dia em que eu fui várias vezes, de hora em hora,

no mesmo lugar, repetindo as capturas. Nesse eu trabalhei bastante com a ideia da sobreposição, ao invés de justapor pedacinhos, explorando diferentes modos de edição para processar as imagens. De modo a mostrar as coisas de diferentes formas. Por exemplo, tem um modo de edição que mantém as coisas fixas e deixa os fluxos mais esmaecidos. Também tem o contrário, mais destaque para as coisas que se movimentam, mas como a luz também vai mudando ao longo do dia, o *software* de edição reconhece os elementos que sabemos que estão parados, como coisas em movimento, então, o que é o movimento foi uma discussão que tivemos na época.

O experimento seguinte trabalhou com o ciclo da semana. Eu trabalhei muito com essa questão dos ciclos, o ciclo de uma hora, de um dia, de uma semana, diferentes cenas, diferentes paisagens, estudando diferentes ciclos, tentando entender diferentes categorias de mudança na paisagem, tentando contemplar essa gama de possibilidades. No ciclo da semana, comecei em uma segunda-feira, em que a praia estava mais vazia, mais nublada, depois terça-feira e assim por diante, até chegar no fim de semana em que estava cheia. Eu fui fazendo fotos, misturando fragmentos de diferentes dias da semana, dias mais nublados, dias mais ensolarados, mais vazios, mais cheios, fazendo essa mistura, de diferentes formas também. Isso mostra que é possível representar uma semana de formas diferentes, dá para selecionar o conteúdo de formas diferentes, dá para fazer narrativas de inúmeras maneiras.

Outro experimento interessante foi naquela época em que todos os trailers e quiosques, da orla, também das avenidas da cidade, foram removidos, demolidos. Quando eu me dei conta que isso ia acontecer, fui na esquina da minha casa e fotografei esse quiosque que eu sabia que ia desaparecer. Quando eu ouvi o barulho da máquina demolindo, fui lá

e fotografei de novo as ruínas e, depois, o espaço com a cicatriz da construção. Eu trabalhei com a edição mostrando esse fantasma na paisagem.

E o experimento mais longo que fiz foi ao longo de um ano, durante as estações. Na verdade, toda semana eu fotografava esse local, fui lá muitas vezes e, depois, selecionei quatro imagens que representam as quatro estações do ano: no inverno, a árvore quase sem folhas, na primavera, com as folhinhas verdinhas brotando, no verão, a árvore bem densa fazendo sombra, e no outono, as folhas começando a cair de novo para recomençar esse ciclo. De novo, eu explorei múltiplas possibilidades de edição, inclusive um outro tipo de edição, mais manual, isolando tudo que é fluxo, evidenciando a relação com o fundo da imagem.

As considerações finais eu já fui comentando ao longo da fala, mas destaco a forma como essas técnicas permitiram mostrar a dinâmica da paisagem através da fotografia, mesmo sendo algo tecnicamente estático, contribuindo para o entendimento mais amplo da paisagem urbana. Com relação às formas de composição, que eu encontrei na bibliografia, e eu optei por não trabalhar muito com o vídeo porque não dá pra imprimir, isso depende muito de ter um aparato tecnológico. Então, eu não explorei tanto essa possibilidade, foquei mais na integração entre a fotografia sequencial e a fotomontagem. Resumindo, posso destacar o que cada experimento trouxe de diferente: o primeiro mostra mais as mudanças naturais da paisagem, das cores do céu, os reflexos, tem alguma coisa de circulação das pessoas, mas a ênfase está nas mudanças naturais; o segundo tem pesos mais equilibrados de variações naturais e funcionais da paisagem; o terceiro, que foi o semanal, mostra as características mais individuais de cada dia e a composição, funcional e natural; o quarto foi o único que trouxe, de forma evidente, uma variação estrutural, de um

elemento construído que foi removido, algo que não apareceu nos outros experimentos; e a quinta com ênfase na dinâmica funcional, mostrando os fluxos e um tipo diferente de variação natural em função de ter percorrido todas as estações do ano.

Uma questão que também me levou a fazer esse trabalho veio de quando eu era estudante de graduação em arquitetura e urbanismo. Nós fazíamos um projeto, uma proposta de intervenção em algum lugar e olhávamos para aquele lugar só naquele momento, e a proposta era pensada a partir daquela experiência, daquilo que víamos naquele instante. Me lembro que um dos primeiros projetos que eu fiz foi de uma parada de ônibus, um equipamento urbano, e os professores comentaram que, quando estamos projetando no inverno, fazemos projetos fechados e protegidos, e quando fazemos projetos no verão, fazemos as coisas super abertas. Temos que pensar que aquele lugar não é só o que vemos naquele momento, naquela estação, naquela hora do dia, mas tem uma dinâmica. Isso foi uma das inquietações que fez com que eu tivesse esse desejo de estudar essa dinâmica da paisagem e de contribuir também para que possamos olhar para isso de uma forma mais sistemática, para entender a paisagem, a cidade.

Eduardo Rocha: Eu acho muito interessante esse teu trabalho. Primeiro, essa questão do tempo, de como fotografar o tempo. É algo que ficamos pensando quando caminhamos, como vamos registrar. Mas, acho que tem uma coisa que eu já insistia contigo, que é mais interessante do que registrar o tempo congelado, que é manipular o tempo. Eu sempre digo para as gurias que, na cartografia ou na cartografia que estamos fazendo agora, eu não posso fazer registro estático, eu tenho que arumar alguma forma de movimentar, não só isso, também movimentar não só o que eu penso, de misturar essas coisas. Eu lembro que te dizia isso e quando tu começaste a

misturar, tu tinhas um pouco de medo, porque os movimentos eram feitos pelo teu corpo. Mas, eu acho que é interessante esse movimento para quem lê o trabalho, que começa a ler um trabalho que vai registrando e, daqui a pouco, a coisa se aproxima de um projeto, tu vais projetando para alguém ver, porque a *collage* faz isso. Eu acho bem interessante, e como são lindas as tuas imagens, Fernanda, tu tinhas que fazer uma exposição dessas fotos.

Fernanda Tomiello: Foi uma ideia que ficou, eu lembro que na defesa estava a Duda²⁸⁰ ela queria uma oficina também, além da exposição, mas acabou não rolando por falta de tempo mesmo. Uma outra coisa, eu não faria nada exatamente igual, e uma das coisas que eu gostaria muito de explorar, que eu não explorei, é olhar para a paisagem com os olhos dos outros. Eu trabalhei só com fotografia autoral, acho que isso foi uma escolha bem sensata e foi bacana também, para não ampliar demais, mas existem as fotos sequenciais que são imagens de satélite que tu podes pegar de vários anos, existem as câmeras de segurança que ficam registrando o tempo todo, hoje tem o Instagram, em que tu podes pegar um lugar e ver múltiplas imagens e olhares daquele lugar. Então, isso seria uma continuidade bem legal para esse trabalho, de tentar capturar também esses outros olhares.

Eduardo Rocha: Tu sabes que depois que eu te orientei eu sempre pensei que iria aparecer alguém para dar continuidade trabalhando com vídeo. Não a mesma coisa que tu fizeste, mas que o vídeo é algo que eu também trabalhei muito, e agora eu ando bem afastado. Eu sempre imaginei que iria aparecer alguém para estudar vídeo, cinema, mas até hoje não aconteceu.

Paula Pedreira Del Fiol²⁸¹: Eu achei muito interessante a forma que a Fernanda trabalha as pessoas nessas imagens, porque é um movimento muito intenso na praia, eu acho que na

²⁸⁰ Eduarda Azevedo Gonçalves (Duda) é artista e professora associada do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Bacharel em Pintura pela Universidade Federal de Pelotas (1996). Realizou o Mestrado em Artes Visuais: ênfase em poéticas visuais, sob orientação da Profa. Dra. Sandra Rey (2000), pelo Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e o doutorado, pelo mesmo Programa com a pesquisa Cartogravista de céus: proposições para compartilhamentos, sob orientação do prof. Dr. Hélio Custódio Ferrenza (2011).

²⁸¹ Paula Pedreira Del Fiol é Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU/ UFPel, Arquiteta e Urbanista pela UFPel. Fundadora da Urbe CoLab, empresa de consultoria em urbanismo participativo.

praia talvez seja mais que na cidade, sol muito diferente, pessoas muito diferentes, a maneira que as pessoas se relacionam com esse lugar. Talvez isso não se sobressaia tanto em um lugar mais edificado.

Fernanda Tomiello: O trabalho teve a pretensão de estudar a dinâmica da paisagem urbana, e fazer isso através de uma paisagem tão específica como a paisagem da praia também foi algo desafiador para mim. Eu fiz isso por várias razões, a principal delas é porque eu morava na praia, o que facilita e viabiliza o trabalho. Mas também porque temos muito essa ideia de cidade, da paisagem urbana, como aquela coisa com os prédios... e a maioria das cidades são cidades pequenas e médias que mesclam essa paisagem mais urbanizada com aspectos naturais, seja uma praia ou área rural. Então, eu achei interessante também por isso, de fazer algo que integrasse essas dimensões naturais e urbanas, as pessoas e o tempo, misturando tudo e ver o que acontecia.

Vanessa Patzlaff Bosenbecker²⁸²: Eu tive a honra de ter sido aluna do Edu na graduação e ele chegou rompendo com a metodologia que a gente tinha de ensino de projeto, trazendo essa leveza, essa coisa mais fluida. A minha geração na Faculdade de Arquitetura tinha um ensino mais rígido, duro, uma metodologia mais formal, e quando eu vejo esse trabalho da Fernanda, isso é muito interessante. Eu acho que todos nós da área da Arquitetura perdemos um pouco essa parte das humanas, de observar fluxos, esses usos dos espaços, isso mesmo que a Fernanda falou de não projetar só para aquilo que estamos vivendo naquele instante. Eu percebo isso também, dou aula de geometria da insolação, também proponho projetos para os meus alunos e percebo isso, que quando é no verão, eles enchem tudo de brises e querem bloquear todo o sol e, no inverno, ao contrário. Então se vê essa dificuldade de perceber esse ambiente que é múltiplo.

²⁸² Vanessa Patzlaff Bosenbecker é Arquiteta e Urbanista formada pela UFPel, com licenciatura em educação profissional e tecnológica pelo IFRS e possui mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural pela UFPel. Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPel e professora do curso de Arquitetura e Urbanismo do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS).

Eduardo Rocha: Essas questões metodológicas rígidas, que geram tantos dados e tantas coisas, às vezes não dizem tanta coisa. Eu trabalho em algumas pesquisas maiores, que tem muitos métodos envolvidos, questionários, entrevistas, mas sempre trabalho em métodos que têm uma menor abrangência, eu diria. E é interessante que, às vezes, eu vejo que os números não trazem uma qualidade da informação sobre a cidade, sobre aquilo que tu queres descobrir, e eu acho que, às vezes, a academia deveria ser menos pretensiosa na produção dos dados e poderia ser mais leve.

Fernanda Tomiello: Eu acho que esse foi um dos maiores aprendizados para mim, no processo do mestrado, a Fernanda aluna de graduação lá do início do curso era uma Fernandinha super CDF, técnica, rígida.

Eduardo Rocha: Tu és ainda CDF!

Fernanda Tomiello: Eu ainda sou um pouco, mas já sou bem menos pior. A gente tem uma visão da ciência, eu tinha... de que a ciência é muito técnica com os métodos, o controle, os processos, então, se permitir fazer um trabalho que tenta ser um pouco mais artístico, mais filosófico, mais leve, gera uma ansiedade, uma insegurança. Porque não estamos nos apoiando em um monte de planilha, de entrevista e de número. Só que é muito mais divertido. E como o Edu está dizendo, muitas vezes conseguimos nos libertar das amarras, conseguimos dizer mais coisas.

Eduardo Rocha: Eu venho trabalhando nas pesquisas da Adriana Portella²⁸³, com a população idosa de várias cidades, é uma pesquisa que tem questionários, estatísticas e tudo mais. E eu trabalhei com os diários fotográficos, eram dez velhinhos aqui de Pelotas, eles ganharam uma câmera e fizeram fotografias durante uma semana. Depois, íamos à casa deles, recolher as fotografias de uma câmera digital. Perguntávamos sobre as fotografias

²⁸³ Adriana Araujo Portella possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela UFPel, mestrado pelo PRO-PUR/UFRGS e doutorado em Desenho Urbano pela Oxford Brookes University, Reino Unido, e pós-doutorado em Planejamento Urbano pela The Bartlett School of Planning, Reino Unido.

que eles tinham feito, eu te digo que com o resultado dos diários fotográficos, que é essa metodologia, daria para ter feito só isso. Deram os mesmos resultados do trabalho gigante, que é todo com estatística, tipo IBGE²⁸⁴, mas as coisas relacionadas ao bairro, à cidade, e algumas diferenças entre os bairros, deram mais ou menos na mesma discussão. E foi tão interessante entrar na vida deles, a partir deles mesmos.

Fernanda Tomiello: É algo tão pessoal e tão subjetivo.

Eduardo Rocha: Muito pessoal e muito subjetivo, e o mais interessante não foi a fotografia, mas a conversa sobre a fotografia, que é isso que eu acho que tu falas de outras pessoas fotografarem. Porque a pessoa vai fotografar um poste e te contar sobre a vida, mas se tu pegares só a foto tu vais dizer que não entendeu a imagem. Tu mostras que tu caminhavas, porque a caminhada não é só uma caminhada esportiva, pode ser uma pequena caminhada e tu caminhavas entre aqueles pontos da tua casa até o local.

Fernanda Tomiello: Eu estava muito focada nessa questão da fotografia sequencial, nessa característica de ser uma imagem capturada do mesmo lugar, com o mesmo enquadramento na repetição. Por isso eu escolhi alguns pontos para repetir essa captura de forma sistemática. Acho que se eu fosse explorar os percursos, talvez eu tivesse tido resultados diferentes, complementares, seria uma coisa interessante também a pensar como continuidade.

²⁸⁴ IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

questionar

David Sperling



Professor Associado do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP). Coordenador do Núcleo de Estudos das Espacialidades Contemporâneas (NEC-IAU-USP) e do Grupo Arte Ciência Tecnologia do Instituto de Estudos Avançados da USP (ACT; IEA-USP). Pesquisador Produtividade PQ-2 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), desenvolvendo o projeto Cartografias: tecnopolíticas e geopoéticas. Investiga cartografias na intersecção entre estudos urbanos, artes, geografia e filosofia. É co-coordenador do Atlas do Chão.

Figura 20: David Sperling em entrevista para conversas. Fonte: canal youtube revista pixo, 2022. https://youtu.be/_HqbhXL3w_8?si=YS-S8xLAjb27CBvTM

²⁸⁵ Washington Luiz Marar é PhD em matemática pela University of Warwick.

²⁸⁶ Vera Pallamin é arquiteta e urbanista e bacharel em filosofia pela USP. Realizou mestrado e doutorado na FAU-USP.

²⁸⁷ O Núcleo de Estudos das Espacialidades Contemporâneas - NEC-IAU-USP estuda transformações espaciais, culturais e artísticas do mundo contemporâneo a partir das inter-relações entre arquitetura, arte, cidade e sociedade.

²⁸⁸ Ruy Sardinha Lopes é bacharel em filosofia, mestre e doutor em filosofia pela USP.

²⁸⁹ Luciano Bernardino da Costa é Doutor pela FAU-USP, Mestre em Educação pela UNICAMP, e Graduado em Ciências Sociais pela UNICAMP.

²⁹⁰ Fábio Lopes de Souza Santos possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP, mestrado em artes pelo Royal College of Arts e é doutor em Arquitetura e Urbanismo pela USP.

²⁹¹ Amanda Saba Ruggiero é doutora pela FAU-USP, Mestre em teoria e história e graduada em arquitetura e urbanismo pelo IAU-USP.

²⁹² Carolina Akemi Martins Morita Nakahara é Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela FAUUSP, é mestre e graduada em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU-USP e bacharel em filosofia pela FFLCH-USP.

²⁹³ Para ver mais, acesse: <https://www.iau.usp.br/pesquisa/grupos/nec/index.php/eixos-de-pesquisa/>.

Minha formação no mestrado foi realizada com a orientação de um matemático, Ton Marar²⁸⁵, voltando-me para a topologia, os diagramas e a representação de processos dinâmicos, e no doutorado orientado por uma arquiteta, Vera Pallamin²⁸⁶, com formação em filosofia, investiguei possibilidades de apropriação do conceito de acontecimento na arquitetura contemporânea. A partir desses trânsitos interdisciplinares, chego nas cartografias, nesse campo que, a meu ver, é muito potente, porque não se reduz a uma disciplina. É algo que costura, questiona, resiste, poderíamos utilizar uma série de verbos. A cartografia é potência, pensando a partir da arquitetura e urbanismo, quando as representações, tradicionalmente, se colocam como algo muito fidedigno ao real. Essa noção da representação, aquilo que chamamos de decalque do que se vê ou do que se projeta para o futuro.

Faço parte do Núcleo de Estudos das Espacialidades contemporâneas²⁸⁷. Atualmente, Ruy²⁸⁸ e eu somos os coordenadores, tendo dentre os professores vinculados ao grupo o Luciano²⁸⁹, Fábio²⁹⁰, Amanda²⁹¹ e Carolina²⁹². O grupo atua entre a arquitetura, as práticas artísticas e o pensamento social, buscando refletir sobre a contemporaneidade, as espacialidades e suas formas de compreensão crítica e visual. Temos usado linguagens diversas como abordagens de pesquisa, não simplesmente como resultados dos trabalhos, mas como práticas experimentais, e não é incomum trabalharmos com exposições e livros, de forma que sejam também modos ativos de reflexão.

Atualmente, desenvolvo o projeto *Contracartografias, Tecnopolíticas de Espacialização da Informação*²⁹³, que tem, dentre seus objetivos, três linhas principais. E já vou dizer porque uso do termo contracartografia: ele agrega práticas que vêm sendo realizadas após a chamada virada espacial, entre os anos 1960 e 1970, pelos mais diferentes

atores num campo ampliado dos mapas-mapeamentos-cartografias, e que têm um claro objetivo de luta política. Nesse contexto, minha primeira linha de investigação visa construir um arcabouço teórico com o qual busco delinear como surgem as contracartografias e algumas das reflexões e práticas produzidas com e a partir delas. Busco entender que linhagens são essas, quais são os autores, em vários campos, que têm alimentado o pensar e fazer contracartografias. Com a segunda linha, venho construindo um acervo de práticas contracartográficas. E, com a terceira linha, busco explorar dimensões da prática contracartográfica em várias linguagens, em coletivos de pesquisadores, em agenciamentos diversos conformados em workshops e disciplinas, nos quais, pensamos e fazemos juntos. Procuramos, sempre que possível, avançar até a pós-produção, que é dialogar com outros a partir dos resultados daquilo que temos feito.

Por fim, há dois anos concebi uma disciplina no programa de Pós-Graduação aqui no IAU-USP, chamada *Cartografias: Tecnológicas e Geopoéticas*, que é um espaço também de interlocução, como o que o Eduardo²⁹⁴ está fazendo. Além da reflexão que temos desenvolvido, convidamos algumas pessoas da área para dialogar, para que os alunos tenham a possibilidade de ter contato com pesquisadores que estão germinando pensamentos e práticas cartográficas. Tem sido uma experiência muito rica. No contexto da pandemia, por exemplo, conseguimos conectar com pessoas do Brasil todo. Os participantes se marcaram no Google Maps e pudemos perceber a abrangência territorial e as áreas de conhecimento envolvidas.

Retomando o que eu estava dizendo sobre o termo contracartografia — que entendo ser equivalente ao de cartografia crítica —, ele é mencionado pela primeira vez por Brian Holmes²⁹⁵ que é um crítico, muito próximo

²⁹⁴ Eduardo Rocha é Arquiteto e Urbanista (CAU/UCPel), Especialista em Patrimônio Cultural (CA/UFPel), Mestre em Educação (PaE/UFPel), Doutor em Arquitetura (PROPAP/UFRGS) e Pós-Doutor (Università Roma Tre). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2. Professor Associado no DAUrb/FAUrb/UFPel; e Pesquisador no PROGRAU/FAUrb/UFPel, na Linha de Pesquisa: Cidade e Sociedade.

²⁹⁵ Brian Holmes é professor de filosofia na European Graduate School em Saas-Fee, Suíça, onde ministra um seminário intensivo de verão. Trabalhou com o coletivo gráfico francês Ne Pas Plier (Do Not Bend) de 1999 a 2001 e com o coletivo de cartografia francês Bureau d'Études.

²⁹⁶ Os artistas parisienses Léonore Bonaccini e Xavier Fourt formam a dupla de artistas Bureau d'études. Nos últimos anos, o Grupo Francês tem produzido cartografias de sistemas políticos, sociais e econômicos contemporâneos.

²⁹⁷ Technopolitics é uma plataforma independente e transdisciplinar de artistas, jornalistas, pesquisadores, designers e que desenvolvem, em conjunto, formatos inovadores na interseção da arte, pesquisa, ciência e pedagogia. Para ver mais, acesse: <https://www.technopolitics.info/>.

²⁹⁸ Antoni Muntadas é um artista espanhol multimídia internacional que vive em Nova York desde 1971. De uma perspectiva crítica, seu trabalho aborda questões sociais, políticas e de comunicação de todo o mundo, como a relação entre espaço público e privado dentro de certas estruturas sociais ou os canais de informação e a forma como são utilizados para censurar ou divulgar ideias.

de um coletivo francês — o Bureau d'Études²⁹⁶ — que trabalha com cartografias de sistemas, e de um grupo baseado em Viena — o Technopolitics Working Group²⁹⁷ —, que também trabalha com mapeamentos e temas como esse, e que trouxemos para São Carlos em 2018. O termo contracartografia é tributário de contracondutas, utilizado por Foucault com o propósito de pensar em outros modos de agir, e de não se deixar governar. Indica outras relações entre cartografia, poder e agenciamentos. Esse é só um dos termos, de uma miríade de termos que aparecem exatamente após a virada espacial. Venho estudando todos esses termos, e quais concepções de cartografar mundos, espacialidades e processos eles permitem explorar. A contracartografia implica imaginar sempre que as cartografias abrigam uma dimensão crítica sobre o mundo, no sentido não da crítica rasteira, mas do pensamento crítico.

No período recente, recebemos o artista Antoni Muntadas²⁹⁸ e fizemos um trabalho focado na reflexão sobre os condomínios fechados, as espacialidades, os processos e as subjetividades que se criam ao redor desse fenômeno urbano. Um dos trabalhos que realizamos, Cidade Imóvel, é um jogo que simula o banco imobiliário, com o tabuleiro, a caixa, e as peças. Mas, a lógica é de uma cartografia performativa; digamos, você está desenhando, compondo, espacializando uma forma, que faz pensar e sentir. A ideia de que você vai comprar a sua terra, cercar, construir espaços de lazer, e você paga por segurança. Durante o jogo, se alguém entrar em sua propriedade será preso e, se for reincidente, sai do jogo. Como resultado, tem-se uma cidade imóvel em dois sentidos, imobiliária e imobilizada. É um jogo que não tem ganhadores. Foi utilizado pelo setor educativo do SESC, para discutir que cidade estamos construindo coletivamente, além de exposto na X Bienal de Arquitetura de São Paulo.

Desde 2011 temos um módulo, em uma disciplina do 4º ano, chamada Linguagens da Arquitetura e da cidade, no qual exploramos a seguinte equação como disparadora de investigações: cartografia $\times$ espaço + informação. Os alunos têm que qualificar o que estão entendendo por cartografia, o que entendem por espaço e por informação. Dentre os vários trabalhos realizados, gosto muito de um em que os alunos produziram gravações de argila de 10cm x 10cm a partir de pisos da Avenida São Carlos. É um trabalho feito para ser sentido pelo tato, com as mãos. Essas gravações configuram formas e relevos que têm uma escala um tanto estranha porque você olha como um detalhe, mas, ao mesmo tempo, remetem a micro-geografias, como se você tivesse micro-relevos da cidade justapostos. Abaixo das gravações, são indicadas em braille a latitude e longitude de cada ponto na cidade, reafirmando o que se dá ou não a ver e conhecer. A cada semestre são desenvolvidos trabalhos que fazem uso de meios diversos, vídeo, som, objeto, instalação, e outros recursos da arte contemporânea para tratar essa relação entre espaço e informação, pela cartografia.

Em outro momento, num workshop para o Seminário Representar, propusemos um jogo-performance coletivo chamado Oferendas, na cidade de São Carlos, a partir das seguintes perguntas: “é possível se perder na cidade na era das mídias locativas? Ou ainda, é possível se perder usando mídias locativas?” Esta é uma performance passível de ser realizada em qualquer cidade. É muito simples. No Google Maps você desenha um tabuleiro quadrado sobre a área urbana que deseja explorar. No intervalo das latitudes e longitudes, que demarcam o quadrilátero, escolhem-se coordenadas aleatórias para cada grupo de participantes. A lógica que responde às perguntas iniciais é a seguinte: quando você quer ir ao centro de Pelotas, você digita a identificação do lugar e o sistema te apresenta um

ponto, que, para ele, é um conjunto de metadados vinculados a uma coordenada. O usuário trabalha com o algébrico e o sistema com o geométrico.

Neste jogo, fazemos o inverso, incluímos coordenadas aleatórias e o sistema marca lugares que você não sabe quais são. Fomos, em seguida, a esses lugares marcados de 1 a 5, e os interpretamos. Escolhemos um objeto de um lugar e transplantamos para o ponto seguinte, alterando-o, mesmo que minimamente. Havia uma coisa do ordinário, mas que era o simbólico daqueles lugares. A proposta dialogava também com a arte *site-specific*. Por fim, construímos mapas, compostos por colagens de fotografias desse processo de transferência dos objetos de um lugar a outro e suas coordenadas, e, depois, juntamos todos para fechar o circuito.

Cada uma dessas práticas estão ancoradas, ou referenciadas, a um repertório de artistas e autores. Estamos navegando por campos teóricos e práticas distintas. Temos desenvolvido também trabalhos que se aproximam do Bureau d'Études e de Mark Lombardi²⁹⁹, com a cartografia de sistemas políticos escusos. Fizemos um trabalho chamado Gru-111: contracartografias³⁰⁰ sobre a utilização de trabalho análogo ao escravo na ampliação do Terminal 3 de Guarulhos, a partir de um TAC (termo de ajustamento de conduta) que foi impetrado pelo Ministério Público do Trabalho à construtora OAS. Além de gestora do aeroporto, era a construtora do terminal. Em uma das cartografias que produzimos há a aproximação de uma instância de alta visibilidade, a que conecta empresas e participações acionárias, e outra de baixa visibilidade, que conecta os mesmos atores pelo aliciamento de mão de obra escrava. Uma das questões postas é como uma empresa que consegue gerir um aeroporto que responde a leis internacionais de altíssima precisão de controle do tráfego aéreo, ao mesmo tempo atua segundo

²⁹⁹ Mark Lombardi foi um artista neoconceitual americano especializado em desenhos que documentam supostas fraudes financeiras e políticas cometidas por agentes do poder e, em geral, "os usos e abusos do poder".

³⁰⁰ SPERLING, David; SANTOS, Fábio Lopes de Souza [orgs.]. GRU-111, contracartografias. São Carlos: Editora da Cidade, 2017. Disponível em: <https://www.iau.usp.br/pesquisa/grupos/nec/wp-content/uploads/2017/06/ebook-GRU-111-Contracartografias-NEC-USP.pdf>

agenciamentos extremamente informais, para, no fundo, ter ganhos societários e financeiros, a partir da precarização de corpos humanos. A lógica toda do trabalho foi olhar para o aeroporto e seu canteiro de obras como um dispositivo de controle dos corpos, seja dos corpos dos usuários do aeroporto, seja daqueles que produzem sua infraestrutura.

Fizemos também uso do que chamamos de cartografias corporificadas, quer dizer, da experiência de habitar o aeroporto, a partir da qual desdobramos uma série de questões e de cartografias diagramáticas, com dados numéricos, organogramas, buscando captar uma ordem abstrata desse mundo que, muitas vezes, não nos damos conta. Buscamos produzir uma associação entre aquilo que é o fenômeno que eu percebo e algo que escapa à percepção, mas que também desenha esse fenômeno. Essa é uma hipótese que constrói todo o livro.

Como estávamos muito interessados na cartografia de sistemas, realizamos o trabalho São Paulo S. A. Negócios e Participações Imobiliárias, um sistema em tempo real. Partimos de um relatório da Transparência Internacional chamado São Paulo: a corrupção mora ao lado?³⁰¹ do qual coletamos um banco de dados composto por tabelas de Excel. São dados que indicam outros processos que produzem a cidade, tanto quanto — ou até mais do que — aqueles que nós, como arquitetos, costumamos olhar (gabaritos, usos e fluxos).

Para descortinar as faces pouco visíveis dos processos urbanos, utilizamos como referência o trabalho Shapolsky et al. Manhattan Real Estate Holdings, a Real-Time System, as of May 1, 1971, do artista Hans Haacke, que cartografa um processo de encorticiamento em Nova Iorque, nos anos 1970. Haacke usa uma série de fotografias e diagramas. No nosso caso, concebemos uma instalação composta

³⁰¹ ANGÉLICO, Fabiano. São Paulo: a corrupção mora ao lado? Empresas offshore e o setor imobiliário na maior cidade do hemisfério sul. Berlin: Transparency International, 2017. Disponível em: <https://dev.transparenciainternacional.org.br/publicacoes/sao-paulo-a-corrupcao-mora-ao-lado/>

³⁰² RAMOS, Gabriel Teixeira. Mapas-movimentos: narrativas de deslocamentos urbanos por meio de [outros] funcionamentos de sistemas cartográficos. IAU/USP, 2021. [tese de doutorado]

³⁰³ Gabriel Teixeira Ramos é arquiteto urbanista, professor, pesquisador, escritor e realizador audiovisual. Arquiteto e urbanista (DAU/UFES), Mestre em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU/FAUFBA) e Doutor em Arquitetura e Urbanismo (PPG-IAU-USP), desenvolve o projeto de pesquisa "Um cinema-cartografia desde o Sul global" (UFG/UAECSA/PPG Projeto e Cidade).

por uma mesa-mapa, um livro-inventário e uma parede-diagrama, compondo um sistema aberto no qual, quem faz as correlações é o leitor. Todo material do Excel é convertido em mapas que criam enxameamentos na cidade de São Paulo, o tamanho dos círculos indica as concentrações desses imóveis que estão vinculados ao seu real proprietário em um paraíso fiscal, por meio de empresas *offshore*. São transações que buscam desviar do pagamento de impostos, transações que evidenciam que as cidades brasileiras também são cada vez mais financeirizadas. Desvendamos e indicamos processos muito fluidos, moventes, que procuramos ancorar e territorializar. Posição no espaço, cores e dimensões dos círculos são elementos que indicam localização do imóvel, identidade do proprietário e quantidade de imóveis naquela localização. A cor no mapa se conecta a uma cor em legendas do livro, que apresenta um inventário de imóveis a partir do Google Street View. Aproximamos os bens imóveis na cidade de São Paulo dos edifícios-sede das *offshores* nos paraísos fiscais. Em suma, o que fizemos foi explorar modos de espacialização e correlação de informações, tirando-as de tabelas, porque as tabelas são feitas para não serem lidas. É um processo de tornar visível alguma coisa ou, como o Eduardo sempre gosta de dizer, tornar dizível; às vezes vemos, mas não falamos. O leitor faz as correlações, olha o mapa, vê uma cor, olha o livro e encontra que paisagem urbana é essa. Na parede-diagrama, temos a associação dos imóveis com seus valores, os proprietários no Brasil e as conexões com outros países. Algo extremamente localizado no território, um imóvel, é conectado a uma rede global de fluxos e transferências de dinheiro em vários países.

Gostaria de citar também algumas pesquisas de pós-graduação que orientei a partir do campo das contracartografias, como o doutorado³⁰² de Gabriel Teixeira Ramos³⁰³,

Mapas-movimentos: narrativas de deslocamentos urbanos por meio de [outros] funcionamentos de sistemas cartográficos, que se apropria do Google Earth e do Street View, fazendo o sistema operar na lógica do artista sobre a qual mencionava Flusser. Para o autor, ao contrário dos funcionários que operam segundo a pré-programação dos sistemas, os artistas seriam aqueles que estariam tensionando esses programas. Gabriel faz pequenos vídeos utilizando esses sistemas de imagens geolocalizadas, desconstruindo narrativas sobre os lugares e fazendo ver coisas que, normalmente, não vemos³⁰⁴. O conjunto de episódios contracartográficos é um trabalho colaborativo conduzido por ele em oficinas com estudantes de várias partes do país que escolheram os lugares discutidos.

Cito, ainda, o mestrado Espaço público em disputa: cartografia dos coletivos artísticos em Aracaju³⁰⁵, de Mariane Cardoso de Santana³⁰⁶. Mariane explora uma linha que estamos bastante interessados, que é a cartografia das controvérsias e a teoria ator-rede a partir de Latour³⁰⁷. Tem sido uma abordagem muito interessante para olhar para conjuntos complexos, que envolvem muitos atores. Nessa pesquisa, uma rede de atores-rede com seus agenciamentos, foi desenhada partindo das controvérsias, associações e ambivalências entre eles. Foi produzida uma cartografia dinâmica, feita em um *software* aberto chamado Kumu. Essa é uma abordagem que questiona os mapas como representações de totalidades conhecidas, construindo cartografias como emergências de algo, até então, desconhecido. O que estou querendo dizer com cartografia como emergência é que ela é processo e não resultado, é capaz de indicar um conjunto de questões que, sem ela, não se dariam a conhecer. A partir dessas associações encontramos atores que não estavam evidentes no princípio, como a polícia. Conseguimos perceber quais são os fios, às vezes, muito finos,

³⁰⁴ Os vídeos podem ser conferidos em <https://www.mapasmovimentos.com/>.

³⁰⁵ Dissertação "Espaço público em disputa: cartografia dos coletivos artísticos em Aracaju", realizada no curso de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo (IAU-USP) por Mariane Santana, sob orientação do Prof. Dr. David Sperling. Para saber mais, acesse: <https://marianecs.kumu.io/espaco-publico-em-disputa>

³⁰⁶ Mariane Cardoso de Santana é mestra em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo pelo PPG/IAU-USP. Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UFS.

³⁰⁷ Bruno Latour foi um filósofo, sociólogo e antropólogo francês, conhecido por seus estudos de ciência, tecnologia e sociedade; propôs uma "antropologia simétrica" da modernidade de modo a aproximar metodologicamente etnografias realizadas em sociedades ditas tradicionais e aquelas empreendidas em locais de produção científica, como os laboratórios.

³⁰⁸ Ana Luíza de Souza Nobre é doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio, 2008). Possui Graduação em Arquitetura pela UFRJ, 1986, Mestrado em História pela PUC-Rio, 1998 e Especialização em Tecnologia, Arquitetura e Cidade pelo Politecnico di Torino, Itália (1995).

³⁰⁹ PUC-Rio, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

³¹⁰ Para ver mais, acesse: <https://www.atlasdochao.org/>.

³¹¹ Georges Didi-Huberman é um filósofo, historiador da arte, crítico de arte e professor da École de Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris.

³¹² Abraham Moritz Warburg, mais conhecido como Aby Warburg foi um historiador de arte alemão, célebre por seus estudos sobre o ressurgimento do paganismo no renascimento italiano.

³¹³ WARBURG, A. *Bilderatlas Mnemosyne* – The Original. OHRT, R; HEIL, A. 176 págs. Berlin: Ed. Hatje Cantz, 2020.

³¹⁴ Atlas – ¿Cómo llevar el mundo a cuestas? é uma exposição interdisciplinar que recorre o século XX e nosso recente século XXI, elegendo o atlas de imagens Mnemosyne como ponto de partida.

muito tênues, que são, na realidade, os tentáculos da polícia que vão fazendo a gestão do território na cidade de Aracaju e vão modulando os modos de ocupação do espaço público.

Por fim, o trabalho que realizo agora, em parceria com a professora Ana Luíza Nobre³⁰⁸ da PUC-Rio³⁰⁹, chama-se Atlas do Chão³¹⁰. Estou muito interessado nos modos de cartografar relações, imaginando que essas relações são singulares e os atores são sempre subdeterminados. E, pensando que as realidades são processuais, como olhar para as relações? A teoria ator-rede nos dá uma forma possível, mas uma outra forma de olhar para relações é o trabalho de Didi-Huberman³¹¹. De novo, a ideia de que se tem partes e elas são subdeterminadas em si mesmas, porém, na associação entre elas, sentidos e significados vão sendo construídos.

Trago a referência da biblioteca do Warburg³¹², na cidade de Hamburgo, utilizando uma foto em que os painéis de seu projeto Atlas Mnemosyne³¹³ estão dispostos diante dos livros. É muito interessante pensar que esses livros não estão organizados como uma biblioteca comum, por disciplinas, como geografia, filosofia e tudo mais; os livros estavam lá como que em um arquivo, um banco de dados, e há uma visualização possível desse banco de dados na frente. Os livros eram sempre reorganizados, à luz da reorganização desses painéis. Acho muito interessante como trabalho de construção de sentido, de conhecimento de realidade; uma das referências importantes para o nosso trabalho, é o primeiro painel do Atlas Mnemosyne. É um painel que normalmente recebe pouca atenção, mas constitui uma cartografia de todo o Atlas de Warburg. Didi-Huberman, no catálogo de uma exposição linda chamada Atlas — como levar o mundo às costas³¹⁴, diz o seguinte, “Desde o começo, pois, Warburg enuncia em seu atlas uma complexidade fundamental — de ordem antropológica—, que não se tratava

nem de sintetizar (em um sentido unificador) e descrever de modo exaustivo (em um arquivo integral), nem de classificar de A a Z (em um dicionário). Tratava-se de suscitar a aparição através do encontro de três imagens distintas, de certas ‘relações íntimas e secretas’, certas ‘correspondências’ capazes de oferecer um conhecimento transversal, dessa inesgotável complexidade histórica (a árvore genealógica), a geográfica (o mapa) e a imaginária (os animais do zodíaco).”³¹⁵

Então, essa ideia de associarmos criticamente imaginário, história e geografia, é o que temos proposto no Atlas do Chão, pensando o chão como arquivo do mundo. Parte importante do projeto é o sítio digital que desenvolvemos com designers e um programador, e que vem sendo alimentada com alunos e outros pesquisadores, em oficinas cartográficas. É um trabalho que busca refletir sobre o chão, sobre as disputas pelo chão hoje, no mundo, principalmente no Brasil e a partir do Brasil. É composto pelo aterramento de pontos críticos e desenho de constelações. Na navegação pela plataforma, o mouse nos convida a descobrir as coisas; logo no início você vai escavando imagens que são indicativas dos pontos que estão aterrados, para usar uma expressão de Latour. A cada vez que acessamos, uma nova composição de imagens aparece, assim como uma nova frase.

Cada ponto é composto por um conjunto de imagens, uma geolocalização e um texto que o discute criticamente. Esses pontos podem ser vistos em uma constelação de imagens, como, também, em uma interface de mapa, e não à toa escolhemos como centralidade desse mapa o Atlântico, que escancara a relação histórica entre a América e a África. E esses pontos também perfazem constelações, agenciamentos rizomáticos. A cartografia no Atlas do Chão faz uso tanto de um tipo de mapa que está onipresente, hoje, na nossa experiência cotidiana, quanto de cartografias que são da

³¹⁵ DIDI-HUBERMAN, Georges (2010). Atlas ¿Cómo llevar el mundo a cuestras?. Madrid: Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia e Tf Editores, p.19.

ordem do poético, das associações, dos encontros entre as imagens. Estamos produzindo agora, e pretendemos lançar a partir de 7 de setembro, a Constelação Independente, que é uma constelação de 200 pontos que discute criticamente os duzentos anos de (In)dependência do Brasil.

Eduardo Rocha: Eu tenho lido tantos trabalhos com essa ideia do atlas, mas muito mal entendida, assim na minha leitura, utilizando a ideia dele para um atlas ordenado, tradicional, e ele está propondo uma nova ordem, uma desordem. E eu acho muito interessante esse desordenamento nesse momento, fiquei pensando muito, porque eu estou caminhando aqui com o grupo toda quinta à tarde. E uma das questões que acabou sendo levantada, quando estamos caminhando, mapeando e jogando, é a diferença de caminhar por áreas da cidade que não conhecíamos. Na última semana nós caminhamos por um lugar que convivemos e foi estranho, perdeu a graça, a Paula disse: “ai, foi tão sem graça hoje porque conhecemos as coisas deste lugar” e o quanto foi diferente quando caminhamos por bairros da periferia que não conhecemos. Então, acho que tem uma questão desse mapa, que eu noto na tua narrativa, uma outra abordagem de algo que não é conhecido, de trazer para esse mapa alguma coisa que não é reconhecida.

David Sperling: Tenho procurado falar muito sobre essa questão com os alunos, a academia também tem suas ondas teóricas e metodológicas, autores e conceitos do momento, ondas que também devemos questionar. Didi-Huberman é um desses autores que vêm sendo acionados, e o Atlas como procedimento, e me parece que pode ser assim, qualquer jogo sobre a mesa, agora, vira um atlas.

Eduardo Rocha: Eu tenho notado isso em vários momentos. Tenho uma aproximação com as artes e eles se aproximaram dessa ideia do

atlas, só que nem sempre isso está sendo bem lido, acho que é um atlas também, mas talvez não tenha uma proximidade com essa nova ordem, a chave do Didi-Huberman foi tentar pensar em uma ordem não cronológica.

David Sperling: Acho que precisamos assumir os conceitos e práticas em sua potência, senão tudo se superficializa. Em um trecho, Didi-Huberman fala do atlas como uma forma visual de conhecimento ou forma sábia de ver, ele cruza o pensamento com as imagens, associa o visual e o sábio. Cria associações que são questões, porque Warburg está querendo olhar para a permanência de certas estruturas e o Didi-Huberman vai olhar a partir dessa raiz e discutir outras coisas. E isso se associa às caminhadas pelo desconhecido, que você faz com seus alunos. Eu fico imaginando como elas são importantes para os alunos de arquitetura que são levados a ter certeza das coisas, quando estamos em um momento em que somos chamados a construir outras epistemologias a partir das impermanências, das incertezas.

Eduardo Rocha: Esse encontro com a rua tem essa questão da incerteza, do inesperado; é muito interessante. Uma outra coisa que eu estou insistindo e percebendo é que existe uma ansiedade, eu acho que pela velocidade do mundo, da rapidez das informações. Em um primeiro momento, a maioria dos estudantes que caminha comigo vão em busca de alguma coisa. São as coisas que encontram eles, a cidade, os objetos, as pessoas e, em um primeiro momento, dá um certo susto, é uma avalanche de coisas que são encontradas. É interessante essa busca, e quando chega no campo não encontra nada daquilo, mas outra coisa me encontra. Isso é muito interessante, lidar com essa frustração.

Celma Paese³¹⁶: Eu me lembrei das minhas contracartografias e contramapas. Minha tese se chama os Contramapas do Acolhimento, na

³¹⁶ Celma Paese tem Pós-Doutorado no PPGAU-Mestrado Associado Uniritter/Mackenzie, Doutorado em Teoria, História e Crítica da Arquitetura (PROPAR/UFRGS), Pós-graduação em Design: Projeto de Produto (PUC-RS) e Arteterapia (FEEVALE). Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UNIRITTER.

³²⁷ Regina Silveira é graduada em Artes Plásticas pelo Instituto de Artes da UFRGS (1959); Mestrado (1980) e Ph.D. (1984) na Escola de Comunicação e Artes da USP - Universidade de São Paulo, Brasil. Professora do Instituto de Artes da UFRGS (1964-69), Universidad de Puerto Rico, Campus de Mayaguez (1969-1973), FAAP - Fundação Armando Alvares Penteado, São Paulo (1973-85) e Escola de Comunicação e Artes, USP, desde 1974.

³²⁸ Francis Alÿs é um artista belga que vive no México. O seu trabalho surge do espaço interdisciplinar partilhado pela arte, arquitetura e práticas sociais. Em 1986 ele deixou a profissão de arquiteto e mudou-se para a Cidade do México. Desde então, ele criou arte performática e um conjunto diversificado de trabalhos, explorando tensões urbanas e geopolíticas.

³²⁹ Paula Pedreira Del Fiol é Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU/UFPel, Arquiteta e Urbanista pela UFPel. Fundadora da Urbe CoLab, empresa de consultoria em urbanismo participativo.

qual eu estímulo as pessoas a criar seu repertório simbólico. Nos contramapas eu criei um glossário a partir de certas formas de acolhimento, que o meu orientador tinha estudado. A minha ideia, hoje, é que as pessoas criem o seu próprio repertório a partir da sua percepção de acolhimento do espaço. E uma coisa que eu sempre falo é que nenhum lugar é igual, nenhum caminho é igual, tu podes passar todos os dias por ele, se tu entrares a fundo na percepção, se tu realmente te envolveres nesse caminho, sempre tem algo diferente acontecendo.

Eduardo Rocha: David, o teu trabalho me chama atenção, também, por essa complexidade matemática que tu lidas, essa sacada de redes que tu tens.

David Sperling: De fato, em alguns trabalhos eu tangencio a matemática e as visualizações de dados, inclusive gostaria de me envolver mais nisso. Eu adoraria ter um programador no grupo de pesquisa. Me sinto, num certo sentido, um analfabeto porque não sei programar para ampliar as possibilidades de captação e criação de associações a partir das complexidades que esse mundo traz. Interessa atuar com as complexidades associadas às sensibilidades, algo que meu orientador de mestrado, topólogo, já sugeria em seus textos sobre arte contemporânea, sobre a Regina Silveira³¹⁷, sobre Francis Alÿs³¹⁸.

Paula Pedreira Del Fiol³¹⁹: Eu gostaria de fazer um comentário, acho muito inteligente o jeito que o David consegue associar as coisas, acho que, para mim, é uma grande dificuldade de isso.

David Sperling: Paula, eu também quero fazer um comentário. A cada edição da disciplina Cartografias: Tecnopolíticas e Geopoéticas apresentamos um tema a ser explorado pelos participantes. Na primeira edição, em 2020, escolhemos Paisagens Pandêmicas. E na

segunda edição, que a Paula cursou, definimos como tema Territórios de Coexistência³²⁰. O trabalho da equipe da Paula é um trabalho lindo que traz um olhar para as feiras, esses espaços de acontecimentos, e cria uma cartografia em formato de pequenas crônicas, maravilhosas, a partir de palavras-chave e imagens.

Silvia Helena dos Santos Cardoso³²¹: Eu gosto muito dessa coisa do arquiteto e dos artistas visuais ligados às áreas da tecnologia, como vocês colocam as coisas sobre o papel, sobre a mesa ou no computador e também fazem essas associações, mas também como que vocês representam as coisas, isso é muito interessante.

Mas, o que eu queria falar é que eu estou nessa região aqui do sudeste do Pará, em Marabá, nesta região, entre os anos 1970 e 1980, aconteceram muitos deslocamentos de etnias indígenas. E uma das pessoas que veio para cá foi Lara Ferraz³²² uma antropóloga do Rio de Janeiro que foi orientada pela Lux Vidal³²³ que estudava o Kayapó Xikrins do Cateté³²⁴, onde tem um rio grande que passa em uma área que fica, mais ou menos, a 500 quilômetros de Marabá. O acervo da pesquisa da Lara está aqui na UNIFESSPA³²⁵ e uma das coisas que me chamou muito a atenção logo quando eu cheguei aqui, há cinco anos atrás, é que ela falava muito da guerra dos mapas. Nesse contexto que ela veio pesquisar, existia uma guerra de mapas, porque você não encontrava as coisas. Então, por exemplo, existiam os mapas de algumas instituições que não correspondiam às aldeias, aos percursos, esses deslocamentos que estavam acontecendo, por conta das barragens e dos deslocamentos que eles tiveram que passar. Essa coisa da guerra dos mapas eu acho que está no seu trabalho, quando você vai atrás de alguma coisa que está oculta. As *offshores* e essas ilhas de não pagamento de impostos que só são boas para quem tem muito dinheiro, porque acaba não

³²⁰ SANTOS, Paul Newman dos; PIFANO, Carolina; BOSCO Lucas Pereira; FIOL, Paula Pedreira del; FORNECK, Vanessa. Crônicas sobre territórios transitivos: experimentações cartográficas de urbanidades coexistentes. Revista Píxo, n. 25, v. 7, pp. 282-301, 2023, <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/pixo/article/view/5751>. Acesso em: 04 dez. 2023.

³²¹ Silvia Helena dos Santos Cardoso é Doutora em Artes pelo Instituto de Artes/Departamento de Artes da UNICAMP. Mestre em Multimeios pelo Instituto de Artes/Departamento de Multimeios da UNICAMP, Bacharel em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Licenciada em Ciências Sociais pela Faculdade de Educação da USP.

³²² Lara Ferraz possui graduação em Bacharelado em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas pela USP, mestrado em Antropologia Social pela USP e doutorado em Antropologia Social pelo PPGAS, Museu Nacional, UFRJ.

³²³ Lux Boelitz Vidal possui graduação em Arts pela Sarah Lawrence College, mestrado em Ciência Social pela USP e doutorado em Ciência Social pela USP.

³²⁴ A Terra Indígena Xikrin do Rio Cateté é uma terra indígena localizada no estado brasileiro do Pará. Regularizada e tradicionalmente ocupada, tem uma área de 439.151 hectares e uma população de 1.056 pessoas, do povo caiapó-xikrin.

³²⁵ UNIFESSPA – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará.

³²⁶ Alfredo Wagner Berno de Almeida possui mestrado em Antropologia Social (1978) e doutorado (1993), também em Antropologia, pelo PPGAS-Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

³²⁷ ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Carajás: A guerra dos mapas, 1993. <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/carajas-guerra-dos-mapas>. Acesso em: 04 dez. 2023.

³²⁸ Paulo Roberto Carvalho Tavares possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Unicamp, mestrado em Research Architecture pela University of London e doutorado em Research in Architecture pelo Goldsmiths College - University of London. Tem pós doc pela FAU-USP e Goldsmiths.

³²⁹ O Instituto Socioambiental atua desde 1994 ao lado de comunidades indígenas, quilombolas e extrativistas, nossos parceiros históricos, para desenvolver soluções que protejam seus territórios, fortaleçam sua cultura e saberes tradicionais.

³³⁰ Marcel Fantin possui graduação em Direito pela Universidade do Vale do Paraíba, especialização em Direito Ambiental pela USP, mestrado em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade do Vale do Paraíba e Doutorado em Geociências pela Unicamp com PhD Sanduiche pelo Département de génie des mines et de la métallurgie da Université Laval.

promovendo trabalho no local onde reside. Eu fiquei pensando nisso, o quanto que a guerra dos mapas está presente nos deslocamentos das etnias indígenas, e, também, no Brasil inteiro, justamente por essa história do chão.

David Sperling: Tem o livro do Alfredo Wagner³²⁶ chamado Carajás: a Guerra dos Mapas³²⁷, discutindo e produzindo cartografia social. Há um momento em que a ação atavista, de grupos e das universidades públicas passa a ser fundamental nessa área, porque uniram dois universos. Por um lado o saber ocidental, cartesiano, este que produziu tecnologias como essas sobre as quais falamos e, por outro, os saberes ancestrais.

Um trabalho muito interessante é o do Paulo Tavares³²⁸, que faz o desvendamento de toda uma rede de cidades indígenas no Centro-Oeste, que foram dizimadas no período da ditadura militar. E como ele faz isso? É um trabalho etnográfico, de baixo para cima com indígenas. E de cima para baixo, a partir de processamento de imagens de satélite, pela coloração distinta do verde, a produção de biomassa de árvores novas e árvores antigas, que demarcava certas manchas de ocupações por tribos. Ele faz uma arqueologia daquilo que era uma infraestrutura indígena na floresta. Estou trazendo essas referências para afirmar o quão são fundamentais. A atuação desses grupos, desses coletivos, do Instituto Socioambiental³²⁹ e outros, em uma luta sempre árdua, difícil, para que as populações originárias sejam consideradas sujeitos de direitos.

Cito também os trabalhos que o professor Marcel Fantin³³⁰ vem realizando. Ele associa duas expertises, o mapeamento com drones e oficinas cartográficas em projetos de extensão para regularização fundiária de comunidades periféricas. Esses levantamentos são instrumentos para projetos participativos em que todo mundo trabalha junto e discute. Uma vez trouxemos uma das lideranças da

Comunidade do Banhado com quem a equipe do Marcel atuou para vir falar em um seminário de extensão do IAU-USP, invertendo o que normalmente fazemos quando falamos de extensão para nós mesmos, ou seja, a academia falando para academia. Trazer os co-participantes dos projetos é fundamental. E ela disse o seguinte: “Olha, o mapa, para vocês, é uma representação do processo. Mas, para nós, sabe o que é o mapa? É um instrumento de luta! Porque pôs no mapa, ganhou esse código, eu posso lutar com quem só aceita esse código.” O mapa recupera sua instância de mediação, de ser instrumento de luta.

Monique Grechi³³¹: Nesse projeto do Atlas do Chão eu vi que tem pontos no mapa, não só do Brasil, tem lugares fora do Brasil também, eu gostaria de perguntar se vocês têm a intenção de ver outros lugares. Porque não vamos em busca disso, as coisas nos encontram, então, não sei se é essa a intenção também nesse projeto. Se vocês têm uma intenção de agir em outros lugares fora do Brasil também.

David Sperling: Esse é um trabalho em processo, levamos um ano só pra conceber a interface. No ano seguinte, a testamos em duas oficinas cartográficas com os nossos alunos, verificando possibilidades e limites. Agora, sentimos que estamos em um período de maturidade. Temos esse projeto, a Constelação Independente³³², que vai ser aterrada na plataforma e traduzida em uma versão impressa. Dentre tantos pontos há um, por exemplo, que se chama Starlink³³³ e vocês podem me perguntar o que tem a ver com a independência do Brasil? Se pensarmos em termos geopolíticos, hoje, tudo. Não é só olhar para a independência em termos históricos, mas olhar para outros processos de dependência nos quais estamos nos metendo. O material vai compor uma caixa-arquivo com duzentos cartões, que tem, entre suas referências, o Museu do Imaginário³³⁴, do André Malraux³³⁵, além, é claro, do Atlas de Aby Warburg. Realizamos

³³¹ Monique Grechi é graduada em Arquitetura e Urbanismo pela FAUrb/UFPEL, possui Master in Urban Heritage and Global Tourism pela Universidade IUAV de Veneza, Itália.

³³² Para ver mais, acesse: <https://www.atlasdochao.org/constelacao/constelacao-independente/>

³³³ Starlink é um projeto de desenvolvimento de constelações de satélites em andamento pela empresa americana SpaceX.

outra oficina em Berlim, a convite da professora Laura Kemmer, da Universidade Humboldt, com a qual iniciamos uma constelação sobre saúde planetária, o que significa focar não mais a saúde humana, mas sistemas mais que humanos. É pensar o chão, a água, a relação entre seres humanos e não-humanos como algo cada vez mais relevante.

³³⁴ MALRAUX, André. O museu do imaginário. São Paulo: Edições 70, 2011.

³³⁵ André Malraux (Paris, 3 de novembro de 1901 – Créteil, 23 de novembro de 1976) foi um escritor francês de assuntos políticos e culturais. Em 1959, recebeu o título de doutor honoris causa da Universidade de São Paulo.



Poeta, artista e curador, com formação em musicologia e artes digitais. Sua prática interdisciplinar concentra-se em escrita espacial, geopoética, som, performance e práticas sociais. Desenvolve processos colaborativos com a caminhada, partindo do envolvimento ético da ação cultural, desdobrando-se em torno de conexões mais que humanas, texto e espaço, envolvendo-se tanto com a paisagem como com os seus habitantes mais que humanos. Atualmente é coordenador artístico do projeto europeu WALC - Walking Arts & Local Communities, que combina artes, novas tecnologias e caminhada em territórios rurais.

Figura 21: Geert Vermeire em entrevista para conversas. Fonte: canal youtube revista pixo, 2022. <https://youtu.be/K-XFkPS=-rPs?si=zDFUmao5o74T2Jf->

³³⁶ Leonardo di Ser Piero da Vinci foi uma das figuras mais importantes do Alto Renascimento, que se destacou como cientista, matemático, engenheiro, inventor, anatomista, pintor, escultor, arquiteto, botânico, poeta e músico. É ainda conhecido como o precursor da aviação e da balística. Leonardo frequentemente foi descrito como o arquétipo do homem do Renascimento, alguém cuja curiosidade insaciável era igualada apenas pela sua capacidade de invenção. É considerado um dos maiores pintores de todos os tempos e, possivelmente, a pessoa dotada de talentos mais diversos a ter vivido.

³³⁷ Lucius Burckhardt foi um sociólogo e economista suíço. Ele foi um importante pensador na teoria da arquitetura e na teoria do design e o fundador da strollology.

³³⁸ Joseph Heinrich Beuys foi um artista alemão que produziu em vários meios e técnicas, incluindo pintura, escultura, fluxus, happening, performance, vídeo e instalação. Ele é considerado um dos mais influentes artistas alemães da segunda metade do século XX.

Sou de origem belga, mas moro há anos em outros lugares no mundo, morei em Brasília, São Paulo, Portugal, Grécia, França e Alemanha. Deixei a Bélgica para trás há muitos anos, e desde então tenho um percurso de caminhante-artista, caminhante-escritor, de poesia e música. Eu não só sou poeta e artista, mas também curador, organizador de eventos, exposições e encontros sobre a arte de caminhar.

Uma pedra, de 200 mil anos, foi descoberta há um ano atrás, no Tibete, os arqueólogos acham que essa é a primeira obra de arte descoberta no mundo, ela tem impressões de pés e mãos de crianças. Que elas colocaram de uma forma estética. Leonardo da Vinci³³⁶, que foi isolado, se escondeu por vários meses dentro de um quarto secreto porque foi perseguido, enquanto ele estava ali, isolado, desenhou pessoas caminhando, imaginando a caminhada, imaginando estar ao ar livre.

Isso mostra duas abordagens, na minha percepção, a arte de caminhar é mental e é também um jogo que se faz enquanto se diverte de uma maneira muito livre e espontânea. Como as crianças fazem a primeira obra de arte feita no mundo e o Leonardo da Vinci estava caminhando na mente dele enquanto estava escondido, o conceito mais essencial é a descoberta. Para mim, a palavra alemã “Spaziergangwissenschaft”, do urbanista e historiador suíço Lucius Burckhardt³³⁷, traduzindo para o português é a ciência do caminhar. Joseph Beuys³³⁸, que morou na mesma cidade que Lucius Burckhardt, diz que todas as pessoas são artistas, e para Burckhardt nós todos somos caminhantes. As ideias deles se desenvolveram desde a década de 1950 e 1960, quando a sociedade começou a ter mais mobilidade, como nunca antes, e criou mudanças radicais no planejamento urbano. E se desenvolveu ao mesmo tempo da psicogeografia, um movimento que aconteceu na França, e que introduziu o caminhar

como maneira para entender o espaço público, urbano, de uma maneira mais intuitiva. Burckhardt sempre esteve ligado à crítica. Ele realizava ações e instalações na rua, mostrando como é caminhar quando você está no espaço de um carro, e acho que as ideias dele me inspiraram, principalmente quando ele falou sobre caminhar com algo da mente. Isso foi uma revelação para mim, porque caminhar é uma ciência, pois tem um lado objetivo também, e um lado completamente subjetivo, que se situa e acontece dentro da mente. Então, a paisagem existe dentro da nossa mente e, por isso, nós não somos separados da paisagem. Porque a parte que está dentro da nossa mente nos dá a possibilidade de transformar a paisagem através da criatividade e imaginação. Por isso, caminhar é transformar a paisagem, e isso acontece a partir de “Spaziergangwissenschaft”, através das novas ideias e da imaginação, esse é o motor catalisador do nosso mundo. Eles também fizeram performances dentro do movimento deles, uma foi o ZEBRAstreifen³³⁹.

O segundo pilar que me inspirou na minha prática artística, foi que caminhar acontece dentro da mente, na imaginação e na criatividade, e que a transformação da paisagem é possível através dessa projeção da mente dentro da paisagem, mas transformar a paisagem não é uma coisa de uma pessoa só, é uma atividade que tem o poder, um potencial enorme, caminhar junto, para que isso gere uma forma alternativa de comunicação e de participação. Isso vai além do conhecer da paisagem, porque você faz parte da paisagem, e isso gera esse potencial para a transformação. E a comunicação também. Para trocar ideias com outras pessoas, isso está mudando, transformando o ambiente no qual você está se movendo. Isso também define a paisagem. Portanto, a paisagem, que pode ser urbana ou rural, é o que existe dentro da mente. Existe só dentro da mente porque você está criando ela.

³³⁹ ZEBRAstreifen foi uma procissão, organizada por Helmut Aebischer, Ruth Jureczek e Gerhard Lang, que homenageou o amigo, colaborador e ex-professor de Lang, Lucius Burckhardt (1925-2003), o fundador do campo da ciência ambulante na Universidade de Kassel. Burckhardt formulou sua crítica à prática predominante de planejamento orientado para o automóvel a partir da perspectiva do caminhante (Centro Canadense de Arquitetura (CCA) em Montreal, tradução: Gerhard Lang).

Por isso, nós somos os criadores das paisagens que nos atravessam.

Michel de Certeau³⁴⁰ falou que a cidade é um texto invisível, que não é só lido, mas também escrito simultaneamente pelos seus caminhanes. A primeira ação³⁴¹ que Burckhardt fez foi caminhando com um grupo, na natureza, em torno do cidade. Ele lia em voz alta textos, descrições da capital explorando o Taiti, no final do Século XVIII, e ele teve uma bela surpresa, muitas das descrições da paisagem do Taiti foram encaixadas na paisagem rural de Kassel. E questionou também a descrições da paisagem, como isso pode ser tão diferente do lugar específico, como a imaginação pode mudar e transformar o nosso coração.

Para mim, a arte do caminhar se trata de uma caminhada mental e está idealizada através do corpo em movimento que está surpreendido, no sentido que está sem objetivo, que está em uma deriva, indo sem saber, sem ter uma direção, com o movimento livre. É uma arte que amplia a percepção do ambiente através do deixar acontecer, do corpo seguir o caminho, sem a mente, para ir a um lugar pré-definido e eliminando as representações pré-fabricadas, ou seja, construir a imagem através de um entendimento completo do corpo. Então, envolvendo o corpo todo. Escrever e ler com esse corpo, para mim, é essencial para a arte de caminhar. A causa disso é porque usamos o corpo como meio para entender o que está no nosso entorno. Achamos uma linguagem para o mundo mais humano e também temos uma liberdade que não temos mais. Talvez, o caminhar seja a última coisa que está completamente livre, que não está consumindo uma coisa, que é uma maneira de ser que já não conhecemos. E, também, de compreender o que não está pré-definido. E é claro que, para mim, o mais essencial no ato de caminhar é uma transformação contínua, pois não existe uma caminhada que não está transformando o ambiente.

³⁴⁰ Michel de Certeau foi um historiador e erudito francês. Intelectual jesuíta, dedicou-se, principalmente, ao estudo nas áreas da psicanálise, filosofia, ciências sociais, teologia e teoria da história.

³⁴¹ Esse experimento se chama *Die Fahrt nach Taiti* (1987).

³⁴² Eduardo Rocha é Arquiteto e Urbanista (CAU/UCPel), Especialista em Patrimônio Cultural (CA/UPPel), Mestre em Educação (FaE/UPPel), Doutor em Arquitetura (PROPAR/UFRGS) e Pós-Doutor (Universit  Roma Tre). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2. Professor Associado no DAUrb/FAUrb/UPPel; e Pesquisador no PROGRAU/FAUrb/UPPel, na Linha de Pesquisa: Cidade e Sociedade.

Eduardo Rocha³⁴²: Temos discutido essa ideia do caminhar, e eu acho que chega muito perto de algumas questões que tu falou no caminhar como um ato criador. Eu acho que, por isso, essa aproximação com os artistas, o próprio ato de colocar o corpo na rua já é um ato criador, é quase como um processo de estar ali e fazer.

Celma Paese³⁴³: E no momento que tu caminha em um espaço tu cria um significado para aquele espaço, tu vai cartografar ele diferente todos os dias. Conversamos muito sobre a significação do espaço, aquele espaço comum, aquele espaço do dia a dia, tem essas significações que damos pelo fato de caminhar, de estar no lugar, de percorrer esse espaço.

Kauê Marques Romão³⁴⁴: Eu sinto a mesma coisa, estou fazendo uma pesquisa em relação à cartografia e por espaços que eu caminhava todos os dias. Meu objeto de pesquisa é bem próximo à minha casa. E isso mudou a forma que eu vejo, a forma que eu sinto, a forma que eu compreendo o espaço. Agora, até mesmo quando eu vou na padaria comprar um bolo, eu penso que estou caminhando, é uma outra percepção, por mais que o ambiente físico seja o mesmo, essa relação mais sensorial é diferente, todos os dias. Seja caminhando pela manhã, tarde ou noite, em dias que chovem, em dias que fazem sol. Então, eu estou vendo esse lado mais artístico sobreposto a um olhar, que eu tinha, que era muito arquitetônico, era muito sobre coisas fixas e sólidas. Agora eu estou vendo algo mais permeável e transitório, com esse olhar do caminhante.

Eduardo Rocha: Eu acho que é uma das questões muito importantes para os urbanistas e para os arquitetos, lidar com essa imprevisibilidade. Isso não é comum, principalmente para os urbanistas, tudo é muito previsível. E quando caminhamos, descobrimos que é totalmente diferente, é quase oposto. O modo de fazer urbanismo usual, acadêmico, é diferente para

³⁴³ Celma Paese tem Pós-Doutorado no PPGAU-Mestrado Associado Uniritter/Mackenzie, Doutorado em Teoria, História e Crítica da Arquitetura (PROPAR/UFRGS), Pós-graduação em Design: Projeto de Produto (PUC-RS) e Arteterapia (FEEVALE). Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UNIRITTER.

³⁴⁴ Kauê Marques Romão é Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina, Mestre pela mesma instituição e possui Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Paulista.

quem caminha, para um modo de fazer urbanismo caminhando.

Celma Paese: Saber orientar-se em uma cidade não significa muito. No entanto, perder-se em uma cidade, como alguém que se perde em uma floresta, requer instrução. Nesse caso, o homem das ruas deve soar para aquele que se perde como em um estalar do graveto seco ao ser pisado, e as vielas do centro da cidade devem refletir as horas do dia tão nitidamente quanto um desfileiro. Walter Benjamin, em rua de mão única³⁴⁵.

Geert Vermeire: Essa conversa aborda a ideia de que o espaço não é apenas físico, ele é também imaterial, pertencente à mente. Como arquitetos, não podemos simplesmente construir um espaço físico, mas precisamos incluir o lado mental. É o aspecto imaterial que o artista percebeu, e a questão se torna: como traduzir uma caminhada em uma obra de arte? A obra de arte é definida pelo imaterial, pois contém o invisível que atribui valor e significado, um lado simbólico. O espaço possui uma camada oculta, uma novidade que se revela imediatamente. Como arquiteto, é crucial integrar essas camadas invisíveis, essas descobertas mais intuitivas, através do corpo e dos sentidos, que se tornam evidentes ao caminhar.

Celma Paese: Talvez seja a questão do tamanho do gesto de caminhar, porque tu não caminha só com os pés, tu percebe o espaço com todos os teus sentidos. É essa percepção que vai dar o tamanho do teu gesto, naquele momento da performance.

Silvia Helena dos Santos Cardoso³⁴⁶: Ontem eu assisti a um filme chamado *Memória*³⁴⁷. Que se passa na Colômbia, e é sobre uma mulher de língua inglesa, mas o filme não diz de que parte do mundo inglês ela é. A questão que eu acho que se coloca é a seguinte, ela ouve constantemente um som. E ela não sabe de onde

³⁴⁵ BENJAMIN, Walter. Rua de mão única. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

³⁴⁶ Silvia Helena dos Santos Cardoso é Doutora em Artes pelo Instituto de Artes/Departamento de Artes da UNICAMP. Mestre em Multimeios pelo Instituto de Artes/Departamento de Multimeios da UNICAMP, Bacharel em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo/USP. Licenciada em Ciências Sociais pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo/USP.

³⁴⁷ MEMORIA. Direção de Apichatpong Weerasethakul. Zweites Deutsches Fernsehen: Alemanha, 2021.

vem, então ela vai conversar com um músico de cinema para ele criar esse som que ela ouve. Eles ficam na ilha de edição e sons elaborando esse som. Claro que nunca chega ao som que ela escutou. Como um desenrolar dessa questão, de como você elabora um som que você ouviu, mas que você não captou, não registrou, mas também existe a dúvida, pois só você ouviu aquele som. Ela sai da capital, vai para um lugar rural no meio da floresta e ela entra em contato com uma pessoa que fala sobre as camadas dos lugares. E, por exemplo, determinada paisagem passou por diferentes eras, tem a idade média, tem o renascimento, tem o momento da industrialização etc. Essa vivência da paisagem está no lugar, e essa paisagem passou a ser apenas paisagem a partir do século XIX, e é quando está registrado essas experiências, não só sonoras, mas também de outras dimensões. Talvez isso esteja nessa coisa do criar. Porque as pessoas precisam caminhar e entrar em contato com criações e isso parte dessas camadas que são invisíveis e intangíveis, mas que existe essa vontade, esse desejo, essa quase necessidade de estar em alguns lugares.

Eduardo Rocha: Tu falou que tu crias caminhando sempre de forma colaborativa, em grupos, e eu fiquei pensando que eu ando também me perguntando muito sobre essa questão de quando caminhamos em grandes grupos e quando caminhamos sozinhos. Eu tenho percebido que têm forças diferentes, quando eu estou em grupos, nos sentimos como um bando, empoderados. Eu noto que a percepção do mundo é menor. Os grupos, às vezes, se fecham para dentro, conversando entre si. E, quando eu caminho sozinho, não me sinto tão empoderado para entrar em algum lugar, para interagir, mas a minha percepção está mais aguçada, estou mais atento, parece que a minha atenção fica mais perceptível, embora eu tenha algumas barreiras. Queria saber se tu já pensou um pouco

sobre isso.

Geert Vermeire: Estou descobrindo a importância do tamanho do gesto, pois, para mim, um gesto pode ser colaborativo, suave e não invasivo, assim como o ato de caminhar. Em nosso grupo, exploramos discussões sobre espaço mental e espaço material. Lembrei de uma pintura de Antonello da Messina³⁴⁸ que retrata dois mundos convergindo, e penso que é disso que se trata a arquitetura: a interseção desses espaços que são, ao mesmo tempo, dois mundos distintos. Criei uma biblioteca que transcende a tangibilidade, uma biblioteca que só existe como imagem dentro de outra biblioteca já existente, desconectada da natureza e dos pássaros. Nessa obra, o foco recai sobre o gesto. Para mim, as palavras são gestos. A primeira palavra falada na história foi pronunciada por uma criança, não como comunicação, mas como gesto de carinho e atenção. Assim, vejo as palavras não apenas como construções artificiais para comunicação, mas como gestos genuínos.

³⁴⁸ Antonello di Giovanni d'Antonio é nativo da Sicília, Antonello da Messina é considerado um dos introdutores das técnicas pictóricas de óleo na Itália. San Girolamo nello studio (1474-1475).

³⁴⁹ Isabella Khauam Maricatto é Doutoranda em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR/UFRGS). Mestre pelo PROGRAU/UFPel, tem especialização em Artes - UFPel. Arquiteta e Urbanista pela UEL.

³⁵⁰ Francesco Careri é arquiteto e professor pesquisador do Departamento de Arquitetura da Università degli Studi Roma Tre, onde dirige o grupo de pesquisa Laboratorio Arti Civiche e ministra uma disciplina de mesmo nome, um curso peripatético no qual você caminha enquanto interage *in situ* com fenômenos urbanos emergentes.

Isabella Khauam Maricatto³⁴⁹: Eu achei incrível essa caminhada, um pouco sobre a questão da relação com o corpo, e no seu trabalho apareceu muito a questão da mente, da criação de paisagens a partir do corpo em conjunto com a mente. Eu consegui enxergar isso, de alguma maneira, através dessa caminhada silenciosa ou dessa proposição de escuta ao corpo. E do espaço também do corpo, que se abre ao caminhar no espaço, e, assim, abrindo espaço para a mente.

Geert Vermeire: Quando vocês caminharam junto com Francesco Careri³⁵⁰, para ele caminhar em grupo é uma coisa bem arriscada, porque ele está provocando as pessoas dentro do grupo. No meu grupo, fazemos caminhadas silenciosas, mas caminhadas para atravessar e entrar nesse espaço proibido. Essa é outra maneira de criar essa liberdade que tem dentro da caminhada, essa maneira de criar o

próprio caminho para não se deixar limitar, de querer que exista um ser público ou privado, vamos atravessar isso. Você fica vulnerável no grupo. E, outro exemplo, outra abordagem diferente, mas com a mesma filosofia, é a ideia de não nos deixar limitar para as direções que estivermos, mas criar caminhos alternativos, ultrapassar limites para, literalmente, criar novos espaços que são definidos pelo caminante.

Gabriele Vargas da Silva Moreira³⁵¹: Eu fiquei pensando naquilo que a Silvia falou, outra pessoa tentando chegar ao som que a mulher percebia. E, para mim, parece ter uma relação nossa da percepção da rua e como cada pessoa vai carregar suas bagagens para essas caminhadas. Os atravessamentos são diferentes de acordo com aquilo que cada um carrega. Eu nunca vou perceber da mesma maneira do que os outros que podem estar junto comigo vendo as mesmas coisas, mas cada um vai ter a sua própria percepção, coisas diferentes vão chamar a atenção. E isso tem sido uma coisa que me chama muito a atenção nas nossas caminhadas, o quanto é diferente para cada um.

Eduardo Rocha: Uma outra coisa que eu fiquei pensando enquanto tu falavas, e que fiquei curioso, é sobre essa última obra que tu mostraste. Que tem a ideia da utopia, que ela vai acontecendo, se desenrolando durante o caminhar, mas ali tem algumas coisas que acontecem depois. Pois têm esses momentos processuais diferentes daquilo que é construído durante o próprio processo do caminhar. Não sei se tu já pensaste nisso, de fazer a partir de uma memória do caminhar, não sei se isso varia dependendo de cada trabalho, mas nessa última obra parece que ela ia acontecendo durante o caminhar.

Geert Vermeire: Tenho outras caminhadas mais imprevisíveis, eu colabo com uma dançarina, chamada Marielys Burgos Meléndez³⁵², que tem a prática de artes e de caminhar.

³⁵¹ Gabriele Vargas da Silva Moreira é Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU/UFPEL, graduação em arquitetura e urbanismo pela Universidade Católica de Pelotas.

³⁵² Marielys Burgos Meléndez é uma pesquisadora artística AfroBorikua, defensora, pensadora em movimento e artista interdisciplinar com foco em processos, que trabalha em Nova York e Porto Rico. Sua trajetória artística e de vida é orientada por práticas e epistemologias anticoloniais e decoloniais, justiça social, feminismo interseccional e antirracismo. Por isso, ela se interessa pelo conhecimento e pelas dinâmicas relacionais que surgem a partir de práticas e processos criativos.

Então, decidimos fazer uma caminhada artística juntos, nos momentos em que estamos na mesma cidade, sem saber com antecedência que vamos estar juntos nessa cidade. Porque ela viaja muito no mundo e eu também. Nos encontramos, até agora, oito vezes sem saber com antecedência que íamos nos encontrar. E, quando isso acontece, caminhamos de um lado de uma rua a outro lado de uma rua, até se encontrar no meio e ficávamos um diante do outro tentando alcançar o outro mentalmente, isso mais intangível e que está completamente no domínio do gesto. Eu trabalho muito com mídias digitais e criamos experiências de realidade aumentada. Para mim, foi muito importante me conectar com uma forma da mobilidade que surgiu nos anos 2010, porque a mobilidade mudou, e uma outra maneira de se conectar com o mundo aconteceu através dos dispositivos móveis.

Comecei a trabalhar com a tecnologia locativa, criando o próprio *software* com colaboradores e artistas. Uma obra que eu fiz se chama Ecumenópolis³⁵³, como se o mundo inteiro fosse uma cidade, que se trata de caminhar junto em quatro cidades através de um dispositivo móvel, o *smartphone*, e descobrindo sons gravados dentro de uma biblioteca, silêncios gravados dentro da cidade. Partindo da ideia de ecumenopolis, que foi um conceito dos anos 1960 que fala que, em certo ponto da história as cidades vão ficar tão grandes que vão se transformar em uma cidade. Esse projeto explorou como as grandes cidades no mundo ainda tem diferenças ou não, através do som. Como uma cidade é diferente da outra ou se estamos vivendo uma cidade global onde todos são os mesmos. Através de caminhadas, as pessoas gravam o que escutam e podem colocar no aplicativo, não os sons, mas os silêncios na cidade. Procurando silêncios no entorno das bibliotecas grandes. O que eu acho essencial para os artistas de hoje é usar os instrumentos tecnológicos que temos, para

³⁵³ "Ecumenópolis – o mundo inteiro é uma cidade", uma série de caminhadas sonoras colaborativas e globais criadas para o Sound Walk Sunday 2019. As caminhadas sonoras são feitas para caminantes individuais pela British Library London, pela Biblioteca Estadual de Moscou, pela Biblioteca Nacional da Grécia e pela Biblioteca Municipal de São Paulo, durante o mês de setembro de 2019.

mim, a realidade virtual é uma realidade.

Eduardo Rocha: E esse *software* é um aplicativo aberto?

Geert Vermeire: É aberto, mas para usar precisa de uma explicação, não é como outros aplicativos simples porque tem muitas possibilidades e precisa aprender como trabalhar com esta nova mídia.

Silvia Helena dos Santos Cardoso: E você tem textos produzidos, ou um site?

Geert Vermeire: Sim, tem o meu site³⁵⁴.

³⁵⁴ Para ver mais, acesse: <https://supercluster.eu/>; <https://cgeomap.eu/info/>; <https://walklistencreate.org/>.

Renatha Morés |
A Pezito



Cofundadora do *A Pezito*, projeto originado em Porto Alegre que há dez anos promove o protagonismo das crianças na construção das cidades com metodologias próprias e lúdicas. O *A Pezito*, além da capital gaúcha, já realizou ações em Salvador (BA). Renatha é jornalista de formação e atua em comunicação corporativa.

Figura 22: Renatha Morés em entrevista para conversas. Fonte: canal youtube revista pixo, 2022. <https://www.youtube.com/watch?v=KtxE7sZpCQs>

Eu e mais dois arquitetos, o Mário Prati³⁵⁵ e a Marina Mergulhão³⁵⁶, estamos no núcleo duro do A pezito, que é um projeto de experiências a pé, na grande maioria com crianças. Nosso foco é destacar a criança como protagonista, um agente cidadão e de direitos que deseja ser parte ativa da comunidade desde a infância, não relegando essa participação apenas à fase adulta. Pensando na criança como protagonista na cidade, indo para escola, vindo a partir da escala dela, como é que ela percebe a cidade, o que poderia mudar. Começamos em 2014, no TransLAB.URB³⁵⁷, na época era um laboratório de inovação social, e os grupos se dividiram em alguns eixos e ficamos provocados pela mobilidade urbana. Caímos nesse eixo, e paralelo agregamos as crianças, onde o fator obesidade infantil na época, e ainda hoje, é muito alto, ou seja, as crianças estão bem sedentárias.

Então, o percurso casa-escola dentro do carro, sem a menor interação ou orientação. A partir disso, pensar em caminhadas e em viver esse percurso, que a cidade não seja só um local de rápida passagem, mas de percepção, de pertencimento, de mudança e pensando sempre que, se uma cidade é boa para criança, ela tende a ser boa para qualquer um.

Trazemos alguns dados gerais, mais uma vez, o sedentarismo infantil em 78% das crianças, esse dado é da Sociedade Brasileira de Pediatria, isso somado à filosofia de carrocentrismo, é bem preocupante. No Brasil, ter carro ainda é algo que as pessoas dão um certo valor, e por que não ressignificar essa relação? Pensar na rua e no espaço público como uma plataforma de aprendizagem, acho que não precisamos estar em um ambiente formal, fechado, e, sim, ocupar as ruas e a partir disso aprender e potencializar esse diálogo, de criança e cidade.

Nascemos em Porto Alegre e já expandimos para outros lugares do Brasil. Possuímos

³⁵⁵ Mário Galvão Prati possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário Ritter dos Reis (2010). Tem experiência na área de Engenharia Civil, com ênfase em Construção Civil.

³⁵⁶ Marina Mergulhão é Arquiteta tem formação profissional e acadêmica voltada para o desenho de lugares, processos, serviços e políticas que conectam pessoas e territórios para transformar as cidades em lugares melhores para todas e todos, sua experiência passa por uma atuação em rede com governos na esfera municipal, estadual e federal, organizações não-governamentais e parceiros comunitários.

³⁵⁷ O TransLAB.URB tem o foco na Cidade, partindo de um entendimento do Urbanismo enquanto uma cultura coletiva, que se manifesta cruzando conhecimentos transdisciplinares e empíricos das pessoas enquanto agentes transformadores da vida urbana. Amparados pela certeza de que a cultura urbanística da população é indispensável para sua atuação na melhoria dos territórios urbanos, buscamos criar, difundir e testar diversas metodologias que possibilitem transformações dos espaços, dentro das lógicas do ativismo cidadão e da cidade como um Bem Comum.

várias etapas e destacamos a importância da pedagogia urbana, utilizando a cidade como plataforma e desenvolvendo ferramentas de investigação urbana. Os mapeamentos também desempenham um papel crucial, pois as crianças apreciam a atividade, familiarizando-se com ela, e porque não há regras rigorosas. Não há um padrão definido, cada pessoa percebe de maneira única os impactos da pandemia e do carrocentrismo. Além disso, algumas crianças podem se sentir desorientadas ao receber um mapa simples com a tarefa de conectar pontos para formar os quarteirões do percurso que vão percorrer, resultando em algumas delas se perdendo. Portanto, a abordagem é bastante híbrida, mas nada é impossível, desde que haja uma facilitação adequada.

Realizamos diversas ativações, como a transformação de mapas ou expressões gráficas em lambe-lambe para espalhar pela cidade. Sempre nos apropriamos do entorno, geralmente próximo às escolas, observando o estado das calçadas, a sinalização, a presença ou ausência de vegetação e a dinâmica da comunidade local. A partir dessas observações, buscamos criar e pensar em políticas públicas. Temos um projeto com uma escola pública próximo ao Vila Flores³⁵⁸, que é para brincar na rua, se apropriar da rua. Tivemos que redesenhar alguns projetos devido à pandemia, já que não podíamos realizar encontros presenciais, e nossa abordagem sempre foi centrada em atividades ao ar livre e em grupo. Inicialmente, começamos com encontros virtuais e, posteriormente, quando as restrições começaram a ser flexibilizadas, conseguimos realizar dois encontros presenciais. A criança desenha, discute e participa de rodas de conversa para refletir sobre políticas públicas. Buscamos fortalecer o diálogo entre a escola, a cidade e as comunidades, trazendo a criança para o presente, evitando isolá-la apenas no futuro. Queremos transformar a rua de um

³⁵⁸ O Vila Flores é um centro cultural e uma comunidade criativa que atua em rede e experimenta novas relações e práticas de trabalho e convívio, fomentando atividades artísticas, educativas e de inovação social. Seu ecossistema é formado por mais de 40 iniciativas, que têm seus espaços de trabalho no complexo arquitetônico de valor histórico-cultural - datado de 1928 e localizado no 4º Distrito de Porto Alegre.

local de passagem para um espaço mais amigável, seguro e inclusivo. O diálogo efetivo entre esses três pilares é essencial nas quatro etapas do nosso processo: aproximação, mapeamento, co-criação e ação. Lembrando que nunca entregamos um produto fechado, ele é literalmente co-criado com a comunidade escolar e as crianças, do início ao fim, só facilitamos esse processo, nunca é uma coisa pronta e fechada. Como eu falei antes, a pandemia da Covid-19 fez com que criássemos uma etapa remota, e esse projeto foi o voltar a pezito, selecionado no laboratório de mobilidade a pé. Fomos a única iniciativa da região sul selecionada, os outros eram do restante do Brasil. Eram encontros remotos, as crianças recebem uma caixinha surpresa com vários materiais, como um zine, no qual tem um mapa do entorno da escola, espaço para escrever suas impressões, desenhar, usar da melhor forma que achar, e é fácil de carregar, pode levar no bolso, deixar junto do material da escola.

E, agora, estamos desenvolvendo o pedalzito³⁵⁹. Até então, nossos projetos sempre foram focados em experiências a pé, mas por que não expandir para outras formas de mobilidade? Dessa forma, fomos selecionados em outro edital, especificamente, o da Tembici³⁶⁰, que se dedica a projetos de micromobilidade. Atualmente, estamos desenvolvendo um projeto em Salvador, saindo um pouco do contexto do Rio Grande do Sul para explorar outras realidades. Estamos trabalhando em uma escola na periferia, em um bairro pouco familiar até para os residentes de Salvador, o que torna a experiência muito enriquecedora.

Eduardo Rocha³⁶¹: Eu fico sempre curioso, porque só os adultos que caminham. E uma das questões que estamos discutindo na nossa caminhada, estávamos conversando que nós realmente conseguimos nos desligar desse tempo rápido do celular, temos a impressão de que a criança também já está tomada por

³⁵⁹ Pedalzito propõe um processo de cocriação entre os diferentes atores urbanos, a iniciativa desenvolverá um jogo a ser utilizado como ferramenta de mediação nos processos de aprendizagem, criação e implementação de soluções com base no uso da bicicleta para as crianças e seus cuidadores em diferentes cidades do Brasil.

³⁶⁰ A Tembici é uma scale-up fundada por Maurício Villar e Tomás Martins em 2010, que conta a história da revolução da micromobilidade urbana no Brasil e na América Latina, da transformação das cidades pela bicicleta e da construção de um futuro sustentável.

essa rapidez, mas eu não sei como é.

Renatha Morés: Depende muito da realidade. Uma criança que está sempre de carro, quando vai para rua, ela vai um pouco desorientada, no início, mas costuma ser uma experiência de muita alegria. Os pilares que nos norteiam são saúde, convivência e cidadania, e conseguimos ver uma entrega, uma percepção de pertencimento, e trocas também. Isso é aquela coisa do entorno imediato, de tu não interagires com ele, é teu vizinho, mas tu nem sabes quem ele é. Essas relações com a vizinhança e essa alegria, é uma coisa muito presente. E quando tu achas que eles já conhecem o percurso? Na comunidade carente, já aconteceu de todo mundo ir a pé para escola, mas a pracinha que tem próximo à escola nunca tinham ido. Então, acho que não tem tanto esse elemento pressa como nós, no adulto é mais nítido, eu acho.

Eduardo Rocha: Eu imagino que tenha um certo desprendimento na criança e que para nós, adultos, é uma questão de sensibilidade também.

Renatha Morés: Tem outro fator também, no início percebíamos mais, a insegurança pública. Era muito árido para nós, tu entrar em uma escola e conseguir fazer rolar o projeto, é muito difícil. Claro, entendemos que a escola abrir um canal para sair para a rua é complicado, mas andando em grupo, é possível, muito possível. Fazemos um mapeamento prévio, não é feito de qualquer jeito. Por mais que seja em um bairro amigável, sempre vamos mapear *in loco*, vamos, olhamos, verificamos, e eu lembro, no início, quando pensava o que fazer em uma situação de perigo, porque estamos vulneráveis, eu carregava sempre um apito comigo, se desse problema eu ia apitar com toda força. Mas, nunca precisei usar, nunca tivemos uma situação de insegurança. O projeto não é fechado, o público para participar nunca é delimitado, os pais e os responsáveis

³⁶¹ Eduardo Rocha é Arquiteto e Urbanista (CAU/UCPel), Especialista em Patrimônio Cultural (CA/UPPel), Mestre em Educação (FaE/UPPel), Doutor em Arquitetura (PROPAR/UFRGS) e Pós-Doutor (Universit  Roma Tre). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 2. Professor Associado no DAUrb/FAUrb/UPPel; e Pesquisador no PROGRAU/FAUrb/UPPel, na Linha de Pesquisa: Cidade e Sociedade.

podem participar. Quando os pais participam eles sempre contribuem muito, também porque conhecem parte dos percursos. Então, eu vejo a criança presente, entregue e alegre para os pais, há um tempo atrás, o medo era uma tônica, muito forte, mas se estamos juntos podemos andar tranquilamente.

Paula Pedreira Del Fiol³⁶²: Como se dá essa discussão com as crianças? Eu percebo que, no início, as conversas são sempre meio travadas, um fala um pouquinho, outro fala outro pouquinho. Porque imagino que seja em um nível muito mais de brincadeira do que discussão de fato.

Renatha Morés: Sempre tentamos trazer esse elemento, porque jogar familiariza, fica mais fácil e são, às vezes, ferramentas muito simples. Por exemplo, pegar um barbante e ir passando para o outro que vai responder. E aquilo vai criando uma trama. Na cidade temos relações de codependência o tempo inteiro, tentamos trazer alguma aproximação com os jogos. Mas, esse fator não é tão presente assim não, pode até estar tímido no início, mas a maioria se solta, porque eles são os agentes, eles são os protagonistas, então eles tomam conta mesmo, nós viramos o guia nessa história, trazendo o jogo e explicando que o espaço é deles mesmo. E isso tem se mostrado bom, eles participam, não ficam tímidos ou sem vontade, ficam motivados, a atenção de um adulto e de uma criança são bem diferentes. Durante a pandemia ficamos receosos, de como íamos prender a criança *online*, trouxemos vários convidados, gente de fora do Brasil, até para eles terem acesso, ainda mais quando é uma escola mais carente. E foi muito legal, teve adesão do início ao fim, a turminha no caso. Eu me lembro que pegou o período de férias e eles estavam *online* firme, a atividade presencial foi no último dia de aula e foram todos, foi surpreendente, de certa forma.

Priscilla Teixeira da Silva³⁶³: Eu sou

³⁶² Paula Pedreira Del Fiol é Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU/UFPel, Arquiteta e Urbanista pela UFPel. Fundadora da Urbe CoLab, empresa de consultoria em urbanismo participativo.

turismóloga e trabalhei com turismo pedagógico e educação para o patrimônio em algumas escolas em Pelotas. Em uma das fases fazíamos um percurso pelo Centro Histórico da cidade. Eu me lembro de uma dificuldade, que era o uso do celular por parte das crianças, mais das crianças do que dos adolescentes. Eu queria te perguntar se acontece da criança levar o celular, se, às vezes, ela quer tirar alguma foto, se fica muito no celular, como é isso para vocês?

Renatha Morés: A maioria não leva celular e se leva não tem o hábito de ficar *online*. Quando é mais pré-adolescente estimulamos que registrem os percursos, se quiserem, tanto fazer foto, vídeo, porque depois usamos isso, alguns fazem, mas não é um uso massivo. Muitos têm o uso controlado, fica sob domínio dos pais, liberam em alguns horários, então eu vejo um certo cuidado. Quando tem os encontros *online* eles se apropriam bem, porque já baixam o mapa e começam a nos dar aula, eles são, de maneira geral, muito articulados e ligeiros.

Silvia Helena dos Santos Cardoso³⁶⁴: Eu tenho algumas perguntas. A primeira delas é, quem paga vocês? Eu desconhecia totalmente o projeto e achei bem bacana. Porque na sua fala você fala de escolas, mas, depois, você fala que estão em uma escola na periferia de Salvador.

Renatha Morés: Somos um coletivo, autônomo, e quem nos banca são editais que vencemos, no caso esse foi o Labmap³⁶⁵, que é bancado pelo Como Anda³⁶⁶, e agora o Tembici. A grana vem, majoritariamente, de editais, já tentamos vingar em algumas escolas, mas é um pouco mais difícil de monetizar.

Silvia Helena dos Santos Cardoso: E qual a faixa etária dessas crianças?

Renatha Morés: Geralmente é dos sete aos

³⁶³ Priscilla Teixeira da Silva é Doutoranda em Turismo e Hotelaria pela Universidade do Vale do Itajaí, Mestre em Turismo pela Universidade de Brasília, Especialista em Políticas Públicas pela Universidade Federal de Goiás, e Tecnóloga em Gestão Turística pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás.

³⁶⁴ Silvia Helena dos Santos Cardoso é Doutora em Artes pelo Instituto de Artes/Departamento de Artes da UNICAMP. Mestre em Múltiplos pelo Instituto de Artes/Departamento de Múltiplos da UNICAMP, Bacharel em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo/USP. Licenciada em Ciências Sociais pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo/USP.

doze, que trabalhamos.

Silvia Helena dos Santos Cardoso: Renatha, existe alguma competitividade entre o projeto do coletivo e alguma disciplina de algum professor? Porque, por exemplo, geografia, talvez história, façam esse tipo de caminhada ou de passeio, como fica isso?

Renatha Morés: Então, nós adoraríamos que tivesse mais esse laço. Na verdade, alguns professores conseguem se apropriar, cruzar conteúdo, mas, geralmente, tomamos conta sozinhos. Nunca teve impedimento, mas gostaríamos que tivesse mais essa cooperação, porque renderia ainda mais, a rua seria uma plataforma de aprendizagem.

Eduardo Rocha: Eu já fiz projeto de arte em escola, quando os professores de fora iam dar aula era uma festa. Era um alívio para o professor porque é uma carga pesada sempre.

Renatha Morés: Sem dúvida. Eu acho que quanto mais tu entregares um projeto que tenha pé e cabeça, como no nosso caso ele não é pronto, mas tem um entendimento, só vai facilitar a vida do professor. Mas, ao mesmo tempo que precisamos dele, porque nos abre ou fecha as portas, a relação com o professor é fundamental. Quanto mais o professor for permeável a isso, melhor.

Eduardo Rocha: Eu fiquei curioso, não sei se tu tens essa noção já, mas tu disseste que vocês planejam um pouco antes, que distância essas crianças caminham, normalmente, e é só no bairro delas?

Renatha Morés: Depende da realidade, se tu vais pra uma escola de periferia, a maioria anda a pé e conhece o entorno. Então, a maioria vai a pé para escola, cruza com o vizinho, se misturam e vão juntos. Já se é uma escola com bairro de mais acesso econômico, eles ficam meio perdidos no início, mas depois se

³⁶⁵ Laboratório de Ação Direta pela Mobilidade a Pé é voltado para a incubação de projetos promissores.

³⁶⁶ Como Anda nasceu em 2016 com o objetivo de compreender o cenário da mobilidade a pé no Brasil, levantando quem são e o que fazem as organizações que atuam no tema. Hoje, o Como Anda é o ponto de encontro que articula diferentes grupos e indivíduos que promovem a pauta no país. O projeto responde a objetivos pactuados por essas organizações, que incluem: (i) Fortalecer as organizações; (ii) Fortalecer a pauta; e (iii) Articular o movimento.

apropriam e tem aquela euforia de estar na rua.

Eduardo Rocha: Fizemos um trabalho há uns anos com idosos aqui da cidade. E deu o mesmo resultado, os idosos da periferia caminham pela cidade inteira, porque eles têm que ir buscar remédios em outros lugares. Os idosos da classe alta, o recorte foi por classe, não saem de casa. Os filhos que levam de carro. Foi muito interessante, os que tinham mais condição de aproveitar a cidade, às vezes, estavam em frente a um parque ou praça, mas não tinham esse hábito. Pensando nesse recorte de renda, que é inversamente proporcional. Quem tem muita renda e tem lugar para caminhar não caminha. Essa ideia da mobilidade eu acho interessante na criança também.

Renatha Morés: Já fizemos com idosos uma vez e foi interessante porque pensamos que não íamos desenhar percurso para quem já conhece muito mais do que a gente. Era pelo centro de Porto Alegre e foi muito legal porque mexeu com várias memórias. Eles falavam coisas do tipo: “Eu passava por aqui direto”, “Olha, aqui, nesta calçada, meu salto engata direto”. Eles apontavam coisas como não ter infraestrutura boa, foi bem rico também, era um grupo de mulheres na faixa dos 70 anos.

Antes de prosseguir, eu queria citar algumas das nossas referências, o Carlos Moreno³⁶⁷, que pesquisa cidades, e o Francesco Tonucci³⁶⁸, que pesquisa sobre o futuro das cidades e a participação das crianças desde a infância.

Celma Paese³⁶⁹: Vocês já fizeram algum trabalho com as crianças de povos originários?

Renatha Morés: Propriamente não.

Eduardo Rocha: Uma coisa que eu fiquei curioso também, e que temos pensado no nosso grupo, é sobre o antes, o durante e o depois, eu vi que vocês fazem atividades nesses

tempos. E todas são potentes, mas são diferentes, essa preparação depois do momento que tu caminhas. Eu acho que com criança deve ser nítido, são momentos diferentes de descoberta.

Renatha Morés: A ida sempre tem muita energia, porque estão na rua, tem a descoberta, estão com os amigos. A volta, às vezes, é meio forçada e triste porque eles queriam ficar mais, e sempre temos um ponto de parada, para reflexão e alguma atividade prática.

Eduardo Rocha: Outra coisa que eu acho que tu já falaste, é essa coisa da imprevisibilidade. Eu acho muito interessante e, com criança, eu acho que isso se potencializa, é bem interessante esse encontro com aquilo que tu não estás esperando.

Renatha Morés: Então, sabe que é uma constante, na hora de tratar com uma escola sempre perguntam sobre a chuva, se chover não vai rolar. Esses dias eu estava pensando sobre a crise climática, como ela está presente em tudo. Por que não com chuva também?

Eduardo Rocha: É, aqui temos caminhado com chuva, com guarda-chuva. É claro que não é a mesma caminhada. Em 2019 fizemos várias caminhadas, antes da pandemia. Esse ano estamos esperando um dia com chuva, porque, nessa caminhada, os dias mais potentes, que aconteceram as coisas mais interessantes, foram os dias de chuva. Porque nós tínhamos que encontrar um lugar para abrigo. Nós andávamos mais lentamente e a cidade se movimentava de uma outra forma.

Uma outra coisa que eu fiquei pensando é sobre todas as questões relacionadas à criança. Discutimos muito o caminhar feminino, e elas sempre comentam de coisas que elas fazem, eu não sei se na criança o gênero já é tão definido.

³⁶⁷ Carlos Moreno é um planejador urbano franco-colombiano, conhecido por sua participação no conceito de cidade de 15 minutos.

³⁶⁸ Francesco Tonucci é um pensador, psicólogo educacional e cartunista italiano. É autor de numerosos livros sobre o papel das crianças no ecossistema urbano e de artigos em revistas italianas e estrangeiras.

³⁶⁹ Celma Paese tem Pós-Doutorado no PPGAU-Mestrado Associado Uniritter/Mackenzie, Doutorado em Teoria, História e Crítica da Arquitetura (PROPAR/UFRGS), Pós-graduação em Design: Projeto de Produto (PUC-RS) e Arteterapia (FEEVALE). Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UNIRITTER.

Renatha Morés: Acho que juntam mais por afinidade. Às vezes rola menina com menina, mas é questão de afinidade de poder estar junto, trocar uma ideia, já fazem trabalhinho juntos que a parceria flui. Até porque, na hora de conceber, os familiares sempre estão convidados, e a figura feminina, as cuidadoras, acho que 99% é a mulher, ou é a avó que se dispõe, que sempre leva, que busca, então eu acho que sim, elas têm vivências diferentes de homens e sempre procuramos acolher.

Jordana da Silva Berchon³⁷⁰: Eu fiquei curiosa de como vocês se encontraram? Como começou o coletivo?

Renatha Morés: Estávamos em um curso, no Translab, que era o laboratório cidadão que tinha em Porto Alegre. Foi em 2014, foram meses de convivência e vivências e, dentro dos eixos que nos propomos na época, surgiu esta mobilidade e foi surgindo o grupo, porque tínhamos que montar um projeto de inovação social. Eu e o Mário estávamos nessa desde o início, tinham outras pessoas, mas que foram viver outras coisas. E hoje, no caso, tem o TransLAB.URB, no qual também somos super parceiros.

Celma Paese: O que eu acho interessante do trabalho de vocês é que a educação se dá desde o início, de uma cultura de educação cidadã, eu acho que é bem importante isso.

Renatha Morés: Pensar na criança agora, não deixar para quando ela já vai ser adulta.

Silvia Helena dos Santos Cardoso: A criança participa algumas vezes ou só uma vez?

Renatha Morés: Várias sempre, às vezes tem encontros pontuais, mas elas estão do início ao fim.

Eduardo Rocha: Quantas semanas dura um programa?

³⁷⁰ Jordana da Silva Berchon é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UniRitter.

Renatha Morés: Depende, é muito variado. Mas, vou dar o exemplo de Salvador, começamos em agosto, e vai terminar final do mês de setembro, um encontro por semana. Em torno de um mês e meio, dois meses, mas já teve um que foi uma semana. Não tem limitação de tempo, mas tem um limitador de pessoas, pois quando é um grupo gigante tem que cuidar para que tenha um responsável a cada quatro crianças.

Paula Pedreira Del Fiol: São todos encontros na rua, desse tempo que vocês fazem o projeto ou não? Vai e volta da rua pra escola?

Renatha Morés: Começa dentro da escola, falando da cidade, trazendo memórias, desenhando, fazendo maquete, enfim, várias ferramentas. Até chegar o momento de ir para a rua. Tanto ida quanto volta são na escola, mas sempre que possível. No caso a pandemia era um limitador.

Gabriele Vargas da Silva Moreira³⁷¹: Eu fiquei curiosa sobre a participação dessas avós e cuidadoras, como é que acontece e se é perceptível alguma diferença na interação delas com a cidade, e na interação das crianças.

Renatha Morés: Percebemos que elas são muito adeptas da mobilidade ativa. Elas são abertas e participativas, no sentido de dar apoio, de ajudar, elas se organizam e tem um ponto de referência no bairro que percebemos, com a caminhada, que é ponto de encontro para seguir a pé para escola. Elas têm um papel fundamental nisso porque elas conseguem dar continuidade, constância, para o projeto.

³⁷¹ Gabriele Vargas da Silva Moreira é Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU/UFPEL, graduação em arquitetura e urbanismo pela Universidade Católica de Pelotas.

Juan Manuel
Diez Tetamanti



Professor, Licenciado e Doutor em Geografia, ganhou o mérito da Academia Nacional de Geografia Argentina em 2012. Realizou três estágios de pesquisa na Argentina (UNPSJB, 2012), Brasil (UFPel, 2014) e França (U. Toulouse, 2022), focando em abordagens de interações rural-urbano e metodologias de pesquisa coletivas. Ministrou oficinas e seminários em países da América Latina, África e Europa. É diretor do IGEOPAT, dedicando-se ao desenvolvimento da Cartografia Social e metodologias coletivas, além de atuar como professor adjunto na UNPSJB e pesquisador independente do CONICET.

Figura 23: Juan Tetamanti em entrevista para conversas. Fonte: canal youtube revista pixo, 2022. https://youtu.be/99FHrbsg=-VA?si=Pj-79elvi2_1NzYL

Eu vou falar do que fiz na França, porque é a primeira vez que posso falar depois de toda a burocracia e trabalhos do cotidiano, é uma boa oportunidade. Eu moro na Patagônia, em uma cidade chamada Astra, perto de Comodoro Rivadavia, que é bem longe de Buenos Aires. Recebi uma bolsa de pós-doutorado, o estágio foi na França, no sul da França. Uma cidade pequena chamada Auch, com mais ou menos 22 mil habitantes, próxima de Toulouse.

O primeiro que eu fiz foi sair a caminhar, eu acho que aprendi com o meu avô a caminhar, e também aprendi muito com o Eduardo³⁷². Eu fui bolsista do Eduardo, também uma bolsa de pós-doutorado, eu fiz muitos pós-doutorados. E, em Pelotas, eu também caminhei muito, eu penso que há muito tempo livre. Sempre é bom uma bolsa, para aproveitar o tempo, não só escrever e fazer reuniões. É para sair a caminhar, conhecer e chegar a um bar, beber uma cerveja, falar com as pessoas, fazer uma deriva permanente.

As primeiras edificações nessa cidade são do século III e há casas do Império Romano. Passaram por muitas guerras, civilizações etc. No primeiro dia que cheguei, passei pelo rio e tinha que chegar até a colina onde fica uma casa diocesana, uma casa da igreja que era bem econômica para ficar três meses, e depois eu caminhava para fora da cidade, ia para fora e voltava. Eu caminhava 15, 20, 25 quilômetros todos os dias, caminhava muito, a intenção era caminhar e conhecer. A cidade, à noite, é bem solitária. Cheguei a um país bem diferente do meu, e a língua é bem diferente, não é como o português, e eu não sabia bem como fazer porque tinha que fazer entrevistas. O problema é que falo muito mal o francês, ou pelo menos penso que falo. Era bem difícil porque as pessoas falavam comigo e eu não entendia nada. Primeiro, era uma sensação de angústia, de não conseguir compreender as coisas e de não entender apenas a língua,

³⁷² Eduardo Rocha é Arquiteto e Urbanista (CAU/UCPel), Especialista em Patrimônio Cultural (CA/UFPel), Mestre em Educação (FaE/UFPel), Doutor em Arquitetura (PROPAR/UFRGS) e Pós-Doutor (Università Roma Tre). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 2. Professor Associado no DAUrb/FAUrb/UFPel; e Pesquisador no PROGRAU/FAUrb/UFPel, na Linha de Pesquisa: Cidade e Sociedade.

mas também a dinâmica e a lógica da vida social. Então, eu pensei que precisava falar a língua que eu conheço, que é o desenho, porque eu faço muito a cartografia social. E comecei a pensar o que eu ia fazer para resolver metodologicamente essa situação de fazer entrevistas e para conhecer a dinâmica do território de Auch.

Portanto, eu inventei uma coisa que eu já vinha pensando, que são os sociocartogramas, eu escrevi um artigo³⁷³ na revista PIXO³⁷⁴, e uma outra coisa que eu queria fazer era com que a entrevista fosse uma conversa, não que fosse uma entrevista na linha da pesquisa cartográfica. Queria que o principal fosse conseguir falar com o outro do meu problema para me comunicar. O objetivo era realizar análises sociogeográficas de Auch para pensar na articulação em função do desenvolvimento agrícola da cidade, ou seja, como a cidade se relaciona com a zona rural. Essa não era uma pergunta minha, mas do projeto geral envolvendo dois países, coordenado por um amigo meu que é engenheiro agrônomo. O objetivo era analisar como uma cidade intermediária nos centros dos espaços rurais agrícolas se articula atualmente. Eu também me questionava: como vou fazer isso? Para mim, entrevistas que duram três horas são muito chatas, não gosto de fazer. Não sei se vocês gostam, mas para mim é algo bem desinteressante. Prefiro conversar ou fazer qualquer outra coisa antes de realizar uma entrevista.

Na época eu já estava trabalhando com cores. Não sei se vocês conhecem, mas são simplificações do espaço, são desenhos simplificados, e eu gosto de trabalhar com metodologias de pesquisas com linguagem gráfica e coletiva. Também estava estudando um pouco de jogos cooperativos, que são uns jogos de tabuleiro. Então, pensei em unir tudo isso e fazer sociocartogramas, que eu já tinha trabalhado e que eram entrevistas com desenho. O problema era que eu não tinha

³⁷³ TETAMANTI, Juan Manuel Diez. Sociocartogramas en la entrevista: instrumento para el abordaje en pequeñas localidades. Revista Píxo, v. 5, n. 19, pp. 32-47, 2022. <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/pixo/article/view/2860>. Acesso em: 04 dez. 2023.

³⁷⁴ A "PIXO - REVISTA DE ARQUITETURA, CIDADE E CONTEMPORANEIDADE" abrange as seguintes áreas do conhecimento: Arquitetura e Urbanismo, Artes, Filosofia, Educação, Geografia e Psicologia. Uma iniciativa conjunta dos Grupos de Pesquisa CNPQ cidade+contemporaneidade (PROGRAU/UFPel) e Arquitetura, Derrida e Interconexões (PROPAR/UFRGS), com classificação CAPES QUALIS-periódicos B1 (para Avaliação Quadrienal de 2017-2020).

uma estrutura ou uma mecânica para pensar nesses sociocartogramas. Como poderia realizar a entrevista e ao mesmo tempo desenvolver uma mecânica de desenho que articulasse com os coremas, os textos e tudo mais que eu já havia trabalhado? Comecei a pensar em estudar sociocartogramas com a ideia de compartilhar o território. Pensei em conduzir uma entrevista em que a pessoa entrevistada me falasse sobre o seu território, mas eu também compartilhava o meu. Sempre com a ideia do território subjetivo, da sensibilidade. Não se tratava de um território fora do corpo, mas de um território do corpo, um território que pode ser compartilhado através da experiência prática e da linguagem. Essa sempre foi a ideia de intercâmbio, conhecimento e experiência. Pensei na possibilidade de aplicar com quatro pessoas, por exemplo, e todas desenhando ao mesmo tempo sobre assuntos similares. A ideia foi criar um tabuleiro onde haveria sete momentos, em conjunto com a temática e pesquisa. Meu foco era a vida cotidiana, a agricultura ou a articulação entre cidade e campo. No entanto, acredito que todos esses nomes e dimensões possam ser ajustados de acordo com a dinâmica de trabalho de cada pessoa.

Então, há um tabuleiro com sete dimensões. A primeira é o território cotidiano e, depois, há diferentes tipos de dimensões do espaço. Em seguida, existem várias cartas que pensei em articular com essas dimensões. No entanto, essas cartas podem mudar dependendo da temática. Por exemplo, na minha dinâmica, havia saúde, educação e transporte, que construíram essa impulsão para descobrir se o trabalho e outras questões são importantes nessa cidade, embora seja com um olhar bem restrito. O tabuleiro é composto pelas dinâmicas e as cartas representam esses elementos, enquanto as folhas são usadas para criar mapas para cada uma das pessoas que participam.

As pessoas passam por várias etapas. No

primeiro estágio, trabalha-se com as facilidades, coisas boas do território e atrações. Então, elas vão pegando diferentes cartas e vão desenhar e conversar com base nelas. Depois, passamos para a segunda dimensão, que são as problemáticas, por exemplo. Tudo isso na mesma folha, tudo sobreposto. São esses os elementos, e há um jogador, uma pessoa. É uma mistura, ainda estou definindo o que é, mas funcionou. Por exemplo, eu tinha um tabuleiro com as cartas, que são post-its, e a carta do meio que é o número da dimensão. A pessoa pega a dimensão e depois pega todas essas cartas que pensa que estão relacionadas a essa dimensão e desenha em conjunto comigo, o entrevistador, em diferentes folhas. Não é o mesmo mapa, são mapas diferentes: um mapa para o entrevistado e um mapa para o entrevistador. E as pessoas vão desenhando sobre a mesma temática, criando diferentes mapas da mesma cidade, com diferentes perspectivas. Eu fiz quinze desenhos para as pessoas, e fiz esses desenhos da minha cidade. Foi muito interessante. Sempre fazia os desenhos da minha cidade, perguntava se a outra pessoa queria que eu fizesse da minha vida em Auch ou da minha vida na minha cidade. Todo mundo me disse que queria que eu fizesse o desenho da minha cidade na América Latina.

E, quando as pessoas iam passando por diferentes dimensões, cada dimensão ia moldando uma conversa, um texto, abordando desde as atrações locais até as problemáticas gerais, conflitos, ou ideias e projetos propostos. Nesse sentido, era muito interessante quando eu falava das minhas dinâmicas na Argentina, e eles falavam das suas na França, os desenhos se complementavam. As pessoas lembravam de assuntos problemáticos, reforçavam ideias, ou usavam outro mecanismo de comparação entre um país e outro, e tudo isso configurava as diferentes vertentes do texto. Eu criei um sistema de recorrências com essas cartas para cada uma das dimensões, uma

sistematização para cada um dos entrevistados, que estou escrevendo para cada um dos mapas, e elaborando gráficos que mostram algumas coisas em comum e outras relacionadas a diferentes situações na vida dos entrevistados, que vivem mais perto ou mais longe da cidade, no centro ou em áreas rurais próximas. Eu fiz uma entrevista com uma peruana, que foi bem interessante porque as problemáticas eram bem diferentes e os desenhos também, não tinha nada a ver com os desenhos franceses.

E, agora, estou pensando em algo chamado efeito McGurk, uma experimentação realizada por americanos nos Estados Unidos na década de 1970, que está relacionada à comunicação visual e à fala. Eles conduziram experimentos nos quais reproduzem um som e a pessoa responde a esse som como se fosse muda, apenas movendo os lábios e produzindo o movimento, por exemplo, ‘fá, fá, fá, fá’, mas na verdade estão dizendo ‘pa, pa, pa, pa’. A pessoa começa a ouvir a palavra conforme a imagem. Eles descobriram que depois do tato, o sentido mais forte é o visual. Quando o cérebro conforma um texto, o visual e o auditivo se complementam.

Eduardo Rocha: Eu fiquei pensando um pouco no método de autofotografia que trabalhamos, de origem americana e da psicologia, com os idosos aqui em Pelotas. Pedimos para eles fazerem imagens durante uma semana. Depois, as bolsistas fizeram entrevistas sobre as imagens, e é bem interessante porque nem sempre a imagem casa com a narrativa. Não diretamente, por exemplo, a pessoa usa aquela imagem, ela pensou em alguma coisa, mas quando ela amarra, ela narra um problema. É muito interessante esse cruzamento das linguagens, que nem sempre é óbvia.

Juan Manuel Diez Tetamanti: Minhas colegas estão trabalhando com imagens e o período da gravidez das mulheres nas áreas rurais.

A ideia é construir um texto que aplique um processo semi-coletivo de duas ou três pessoas, e que o texto não seja somente da oralidade, mas como a cartografia social, um texto que colha um desenho coletivo e um desenho individual. Depois, a pessoa compartilha, acho que isso é bem próximo à metodologia da pesquisa cartográfica.

Adriana Araujo Portella³⁷⁵: Eu estava pensando neste nosso projeto. A princípio, não incluímos na metodologia, mas, nesse caso, conseguimos financiamento e tudo é editável. Eu achei super interessante incluímos alguns desenhos participativos. Assim como o Juan falou naquele estudo sobre como as pessoas caminham pela cidade e relacionam o desenho urbano com sua saúde.

Eduardo Rocha: É diferente quando você está entrevistando, anotando ou gravando, porque é a partir da palavra da pessoa. De repente, uma diz que é longe, a outra diz que é longe, mas não é a mesma distância. E quando se desenha, tem imagem, as coisas têm uma escala, é bem interessante.

Adriana Araujo Portella: Essas metodologias teriam a ver, de alguma maneira, com geografia social?

Juan Manuel Diez Tetamanti: Sim, na França há muita experiência com o desenho, eles desenham tudo. Eles desenham *playground*, eles desenham parques, espaços públicos, sempre coletivamente. Então, tem a ver com a geografia da percepção.

Silvia Helena dos Santos Cardoso³⁷⁶: Apesar da sua dificuldade com a língua você chegou nas pessoas, como era essa abordagem? Você fez um recorte, por exemplo, mais idosos, mais jovens, qual era o recorte? Ou você ia conversar com todos?

Juan Manuel Diez Tetamanti: É uma boa

³⁷⁵ Adriana Araujo Portella possui doutorado em Desenho Urbano pela Oxford Brookes University, Reino Unido, e pós-doutorado em Planejamento Urbano pela The Bartlett School of Planning, Reino Unido. É Mestre pelo em Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, UFRGS, e Graduação em Arquitetura e Urbanismo, UFPel.

³⁷⁶ Silvia Helena dos Santos Cardoso é Doutora em Artes pelo Instituto de Artes/Departamento de Artes da UNICAMP. Mestre em Multimeios pelo Instituto de Artes/Departamento de Multimeios da UNICAMP, Bacharel em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo/USP. Licenciada em Ciências Sociais pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo/USP.

pergunta, porque o projeto entre a França e a Argentina é um projeto que foi finalizado no ano de 2019, eu tinha a bolsa para o ano de 2020. Chegou a Covid-19 e tudo ficou parado, o projeto fechou, eles entregaram os informes finais e ficou a bolsa. Então, eu cheguei na França e o professor de Toulouse me disse que, como eu tinha boa predisposição, ele me facilitaria algumas pessoas com quem eles já tinham feito entrevistas. No entanto, eu pensava que não queria entrevistar as mesmas pessoas. Eu queria apenas intercalar pessoas que fossem do campo, do espaço rural e da cidade, pessoas que morassem perto da cidade, mas não muito perto. Eu queria pessoas que vivessem, por exemplo, a quinze quilômetros de distância. O problema era que eu não conhecia ninguém e, quando cheguei, era época de férias. Comecei indo à prefeitura, eu ia para os centros culturais, porque sempre havia um evento chamado Circa, que é um evento de circo, o maior da Europa, e acontece na cidade de Auch. Eu ia para lá e começava a falar qualquer coisa, me apresentava, explicava o que estava fazendo. Algumas pessoas concordavam em participar. No entanto, o problema era que eu precisava de duas horas para ficar sentado, conversando e desenhando. A primeira pessoa que entrevistei foi uma ludotecária, alguém que trabalha com jogos. Na primeira vez, eu utilizei um dado, e ela me ajudou muito na dinâmica. Ela me disse que com duas pessoas jogando ao mesmo tempo, a mecânica é melhor para uma dinâmica de intercâmbio. Depois, comecei a caminhar e conhecer mais pessoas. Entrevistei algumas e outras não, porque moravam muito perto do centro. Assim, consegui quinze pessoas no total. Não tenho problemas de sociabilidade.

Eduardo Rocha: Estou fazendo algo que tem me chamado muita atenção ultimamente. Todas as quintas-feiras, aqui em Pelotas, estou participando de uma disciplina na qual caminhamos e, ao final da caminhada,

estamos realizando o que chamo de escrita coletiva. Passamos o papel e escrevemos o que vem à mente, o que aconteceu durante aquela caminhada. O mais interessante é que, no final, lemos tudo de uma vez só. E o que tem acontecido é que não conseguimos identificar quem escreveu cada parte. Ao mesmo tempo, o que estamos falando tem a ver com a recorrência que se repete, mas também não são sempre repetições exatas. As informações se repetem, mas com palavras diferentes, o que é muito interessante na leitura, pois percebemos que realmente está narrando aqueles lugares, sensações e acontecimentos com uma singularidade. Também estamos experimentando com desenho, fotografia e vídeo. A cada semana, estou experimentando, e os alunos estão sendo os cobaíais. O desenho foi interessante, porém as pessoas desenharam pouco.

Juan Manuel Diez Tetamanti: São arquitetos?

Eduardo Rocha: São. Eles tem preguiça de desenhar porque tem o celular que fotografa, quando desenhamos cada um fez um desenho só. Quando fotografamos acho que tem 2 mil fotos ao total. E quando filmamos já reduziu também. Eles não gostam de filmar. Estamos testando outras linguagens para entender como experimentamos cada uma.

Juan Manuel Diez Tetamanti: Eu acho que o problema é que diferentes tipos, como essas cartas-coringa, são finitas, o que representa um desafio, mas é bom para sistematizar depois. O importante de todas essas metodologias que tentam construir algo é que são metodologias que vão além da palavra oral, mas não chegam a se limitar a uma catalogação fechada. São metodologias que permitem abrir diferentes catalogações, novos conceitos, novas possibilidades de pensar as coisas.

Eduardo Rocha: E isso eu acho muito interessante e importante, eu tenho orientado várias dissertações em que as gurias vão para rua

atrás de alguma coisa e muitas vezes elas voltam dizendo que não encontraram. E eu sempre digo que encontrou outra coisa que pode ser tão interessante quanto.

Juan Manuel Diez Tetamanti: Precisamos pensar o que fazemos quando encontramos uma outra coisa. Eu sempre me lembro da pergunta de Deleuze, quando ele questiona o que fazemos quando nos deparamos com as coisas. O problema da pesquisa tradicional é que se direciona para a coisa, enquanto as nossas pesquisas se dirigem ao encontro com as coisas. E nos perguntamos o que fazer com esse encontro.

Eduardo Rocha: Eu sempre digo que a rua nos encontra.

Evandro Fiorin



Professor Adjunto da UFSC no Departamento de Arquitetura e Urbanismo. Doutor em Projeto, Espaço e Cultura, pela FAUUSP; estágio de pós-doutoramento em Morfologias e Dinâmicas do Território na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, em Portugal e estância de formação posdoctoral no Departamento de Historia, Teoría y Composición Arquitectónica da Escola Técnica Superior de Arquitectura da Universidad de Sevilla, na Espanha. Participou de atividades junto ao Laboratorio di Arte Urbana Stalker Osservatorio Nomade, na Universtità Roma Tre, em Roma, na Itália.

Figura 24: Evandro Fiorin em entrevista para conversas. Fonte: canal youtube revista pixo, 2022. <https://youtu.be/t8DKpWPibwk?si=KU-k-genSXpyESZjh>

Estou trabalhando nessa ideia de poder caminhar com os alunos. Aqui em Florianópolis, há uma imagem de um camaleão que é bastante característica, vamos encontrando a figura dele, que é muito peculiar, porque é de um artista paulista, mas que trabalha aqui na cidade e acaba imprimindo, com a linguagem do grafite, uma insígnia bastante dissuasiva. Essa é a sua marca em determinados lugares da cidade, que precisam ter algum tipo de relevo desde o ponto de vista de uma nova inteligência.

Partimos para a rua com os alunos com quem venho trabalhando. O centro da cidade foi revitalizado, então fazemos esse percurso com os alunos todos os anos. Hoje em dia, o novo Largo da Alfândega foi pensado para impedir que moradores em situação de rua fiquem parados nessa área, com várias medidas de embelezamento urbano. Enfim, essa é a oportunidade de trazermos o aluno da graduação das primeiras fases para um frente a frente com a cidade, fora do ateliê. Assim, temos encontros inesperados com os moradores e cidadãos ao nos misturamos à multidão. Quando voltamos dessas visitas a campo, trabalhamos com uma interpretação dessas áreas que visitamos e promovemos alguns projetos que tem a ver com esses lugares. Esse processo de reconhecimento urbano sempre suscita uma atividade cognitiva, uma espécie de antecipação da leitura da cidade, para que, depois, possamos trabalhar com algum tipo de projeto. Os alunos que vivenciaram o centro tendo como referência a ideia do caminhar como prática estética, do professor Francesco Careri³⁷⁷, também utilizaram outras matrizes conceituais. Isso porque, eu não acho que seja possível que apenas o ato de caminhar dê conta desse processo de percepção, inteligência e cognição para uma antecipação projetual da cidade.

Eu costumo trabalhar muito com a semiótica, ciência que ajuda a ler as linguagens e, a partir do estudo e da possibilidade de interpretação

³⁷⁷ Francesco Careri é arquiteto e professor pesquisador do Departamento de Arquitetura da Università degli Studi Roma Tre, onde dirige o grupo de pesquisa Laboratorio Arti Civiche e ministra uma disciplina de mesmo nome, um curso peripatético no qual você caminha enquanto interage *in situ* com fenômenos urbanos emergentes.

³⁷⁸ Elaine Caramella é doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Livre-Docente em Linguagem e Valor Estético aposentada pela Universidade Estadual Paulista. Estudou com Umberto Eco durante dois anos na Universidade de Bologna, na Itália. Tem livros publicados em *Semiótica da Arte e Arquitetura*.

dos signos urbanos, revelamos novas maneiras de ver o lugar e, também, de projetar. Um ensinamento que trago da professora Elaine Caramella³⁷⁸, desde minha graduação. De alguma forma, os trabalhos desses alunos vão construindo focos em relação a essa centralidade que visitamos, descobrindo dentro dessa espacialidade nuances que caracterizam, de alguma forma, outros lugares que não haviam sido imaginados, mas que também são tomados de assalto, criando alguma surpresa, ou outra visão da realidade. É um construto manual interessante, porque é feito com fita adesiva e mapas simples, mas aponta especificidades dentro do próprio centro histórico da cidade de Florianópolis. Subdividimos entre centro-leste e centro-oeste, lugares em que há pontos de interesse mais efêmeros, como esquinas, e outros mais perenes e intermitentes, como o próprio perímetro da Praça Quinze, para quem conhece Florianópolis. Nessa praça, há uma grande figueira, que dizem ser necessário dar várias voltas para ter sorte, ou voltar para a cidade. O fato é que eles vão se construindo como espécies de transurbanogramas, ou seja, leituras desse trânsito intersemiótico de representações, desde a caminhada até o papel grafado, que vão nivelando situações emblemáticas, como marquises modernistas que foram todas tapadas para evitar que pessoas em situação de rua, que perambulam pelo centro da cidade, possam se abrigar nelas.

Então, recortando um pouco esses transurbanogramas, temos uma ideia de qual percurso foi feito dentro da cidade, além de um entendimento que é, também, político-crítico, sobre uma forma de representar esse caminho, nessa ida a campo. É importante salientar, ainda, que essas representações são sempre algo subjetivo, porque cada pessoa que fizer uma espécie de transurbanograma, vai ter outra visão, outro resultado, outro sentido de percurso, de desenho, de colagem, das coisas

que vai encontrar, por isso, há uma subjetividade intrínseca dentro dessa inteligência. Eu não gosto de chamar de deriva porque acho que isso é bastante datado, especialmente em relação ao trabalho dos situacionistas³⁷⁹ da década de 1960, e que, hoje em dia, não cabe mais. Acho que precisamos criar outra possibilidade de entender essas ações que não sejam apenas entendidas como derivas. Eu acabo chamando de formas de reconhecimento urbano.

Outra experiência que realizamos foi um trabalho com crianças, chamado de experiências lúdico-construtivas na cidade. Fizemos uma chamada pública e diversas pessoas se inscreveram; os pais levaram as crianças e as colocamos para desenhar sobre o que elas entendiam em relação à cidade. Depois, fomos a campo com elas e as levamos para pontos que, de alguma forma, tinham uma peculiaridade e eram referência na cidade, como a escadaria da Igreja do Rosário, antigamente frequentada apenas pelos escravos, e acabamos mostrando uma antiga pintura do artista Victor Meirelles dessa visão, já que, hoje, não conseguimos vislumbrar o horizonte, então as crianças desenhavam esse processo de cognição do percurso; é interessante porque apareceu o camaleão, mas também apareceu morador em situação de rua, apareceu cachorrinho, igreja... É bem interessante depois analisar esses desenhos dessa visão infantil. Mas, de alguma forma bastante construtiva, porque elas têm um olhar desligado dos preconceitos que temos em relação ao centro da cidade³⁸⁰.

Mais recentemente eu resolvi entrar com os alunos dentro do túnel de Florianópolis, que liga o centro da cidade ao Sul da Ilha, ele é parte de um projeto maior, tem relação com o aterro que dá acesso às novas pontes que foram construídas na década de 1970 para poder aliviar um pouco o tráfego. Essa saída a campo também se dá nas disciplinas projetuais com os alunos, porque realmente

³⁷⁹ Situacionistas é um movimento europeu de crítica social, cultural e política que reúne poetas, arquitetos, cineastas, artistas plásticos e outros profissionais. Seu início data de julho de 1957, com a fundação da Internacional Situacionista, em Cosio d'Aroschia, Itália. O grupo se define como uma "vanguarda artística e política", apoiada em teorias críticas à sociedade de consumo e à cultura mercantilizada.

³⁸⁰ CARVALHO, Ramon Silva de; FIORIN, Evandro; SCHWERZ, João Paulo; MACHADO, Geovana de Souza; SILVA, Franciel da; IMTHON, Isadora. Projeto de extensão Pequenos Arquitetos: experiências lúdico-construtivas na cidade. Extensão: Revista Eletrônica de Extensão, v. 15, n. 1, p. 1-15, 2022.

precisamos adentrar ao lugar, pular por cercas; passar por baixo de viadutos; eu fiz um vídeo³⁸¹ dentro do túnel... bastante interessante, porque percorrer o túnel caminhando é complicado, não é um lugar para isso. Mesmo que haja saídas de emergência e rotas de fuga, as pessoas que fazem esse percurso em sua rotina semanal muitas vezes se sentem obrigadas a passar por lá. Enfim, é um lugar inóspito e, de alguma forma, você também fica meio confuso em relação ao sentido. Lembro-me de quando trabalhava no interior de São Paulo, convidei alguns alunos para entrar em uma Kombi de olhos vendados e fomos até um determinado lugar. A partir desse local, de olhos cerrados, começamos a caminhar. De alguma forma, o que eu queria transmitir com isso é que, tal como dentro do túnel, acabamos perdendo a referência, nossa referência natural em relação aos sentidos. A audição se modifica e o visual também, na medida em que temos que andar em linha reta e nos equilibrar para não cairmos na pista.

Enfim, fugimos dos percursos corriqueiros, vamos para debaixo da Ponte Hercílio Luz. Lá nos deparamos com as ruínas de arquiteturas abandonadas que ainda existem pelo caminho. A ponte foi recentemente restaurada e, como consequência, houve a remoção de várias famílias que moravam em seus arredores, especialmente ocupando antigos espaços industriais, destinados à manutenção dos navios que antes cruzavam o Estreito: o *intermezzo* de mar que divide a ilha de Santa Catarina e o continente. E é interessante podermos fazer esses trajetos porque, com auxílio da fotografia pelo celular, acabamos revelando outros olhares em relação à cidade. Olhamos para realidades diferentes das que estamos acostumados. Embaixo das pontes Colombo Salles e Pedro Ivo, podemos ver o próprio grafite na estrutura e na passarela que passa por debaixo das pontes de concreto, conectando o continente à ilha. Em um determinado momento,

³⁸¹ Para ver mais, acesse: https://www.instagram.com/reel/eSI_61jp3R/?igshid=MzRlODBiNWFlZA==.

era uma grande galeria a céu aberto, um espaço de publicização da arte do grafite e do pixo que, de alguma forma, foi apagada nos últimos tempos. Houve um tempo em que estava toda cinza. Fizemos vários trajetos com os alunos passando por esse caminho e era muito interessante, porque todo mundo tinha medo de passar nessa passarela³⁸². No fim, os alunos diziam que não é tão perigoso, não é como eles imaginavam, e de fato não é. Eu acho que áreas perigosas precisam ser exploradas com parcimônia, em qualquer lugar do mundo.

Uma coisa que aprendi um pouco com os pesquisadores da Universidade de Sevilha, quando estive lá em 2015, foi que a bicicleta pode ser um modal bastante interessante para reconhecer a cidade. E compreender, dentro de uma outra velocidade, não apenas a do caminhar, alguns aspectos que vão se descortinando aqui embaixo da ponte. E, de alguma forma, fico muito atento ao que aparece nesse trajeto. Acho que os grafites são uma forma de comunicação muito potente nos dias de hoje. Eles acabam sendo a nossa possibilidade de política e crítica em relação à cidade, à situação atual do nosso país. O tempo todo, vão aparecer mensagens nesses trajetos, e elas acabam sendo capturadas, de alguma forma, pelas nossas lentes, tornando-se uma referência nesse processo de percepção e representação. Eu não acho que podemos caminhar o tempo todo; precisamos parar, ter um tempo de intelecção em relação ao lugar. Eu acho que esse tempo é proporcionado pelo desenho.

Incentivo muito os alunos a levarem diários de diagramas para fazer anotações, depois, podemos voltar para o ateliê de projeto e pensar sobre o que foi coletado, não apenas pelas lentes do celular. Acho que os celulares, hoje, são dispositivos incríveis, pois podemos tirá-los do bolso e gravar algo que estamos ouvindo, fazer vídeo, foto, é muito mais interessante até do que uma câmera fotográfica. Em alguns

³⁸² FIORIN, Evandro. Flórida-nópolis: debaixo da ponte, em cima do morro e no muro da rua: entre grafites e lugares à margem | Flórida-nópolis: under the bridge, over the hill and on the wall: among graffiti and marginal places. *Oculum Ensaios*, [S. l.], v. 18, p. 1-20, 2021. DOI: 10.24220/2318-0919v18e2 021a4807. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/oculum/article/view/4807>. Acesso em: 26 set. 2024.

³⁸³ Maria Jose Luluaga Medice faz parte da Universidad Nacional de San Juan / Argentina.

³⁸⁴ FIORIN, Evandro. MEDICE, Maria Jose Luluaga. Cartografia que caminha: transurbanogramas da ilha de Santa Catarina. Revista Píxo, v.3, n.11, pp.79–91, 2022. <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/pixo/article/view/2663>. Acessado em 04 dez. 2023.

³⁸⁵ A “PIXO – REVISTA DE ARQUITETURA, CIDADE E CONTEMPORANEIDADE” abrange as seguintes áreas do conhecimento: Arquitetura e Urbanismo, Artes, Filosofia, Educação, Geografia e Psicologia. Uma iniciativa conjunta dos Grupos de Pesquisa CNPQ cidade+contemporaneidade (PROGRAU/UFPEL) e Arquitetura, Derrida e Interconexões (PROPAR/UFGRS), com classificação CAPES QUALIS-periódicos B1 (para Avaliação Quadrienal de 2017–2020).

³⁸⁶ Rodrigo Rizo é um artista paulistano radicado em Florianópolis (SC). Começou na arte de rua em 2001. Sua marca registrada é o camaleão, que aparece em inúmeras obras. Segundo ele, o animal carrega consigo o conceito do próprio graffiti, que dialoga e se adapta aos espaços onde é inserido.

momentos, já utilizei aquelas câmeras de ação que gravam o tempo todo, mas acredito que não é sempre necessário coletar informações. Há momentos de pausa e de reflexão. Então, nossas idas a campo também envolvem a subida nas favelas do morro, conversamos com os moradores e fazemos os chamados transurbanogramas, que revelam um pouco da história da ponte, das ruínas que ficavam nos arredores, da subida no morro e das relações que podem ser estabelecidas nesses caminhos.

Essa aventura se dá também no centro expandido, tem um trabalho de pesquisa de uma aluna da Argentina, a Maria³⁸³, que publicamos³⁸⁴ na PIXO³⁸⁵, é uma antiga residência de chácara, que era uma antiga área banhada pelo mar na Baía Norte de Florianópolis, antes da construção de edifícios e dos aterros. Uma dessas antigas casas de chácara pertenceu à família de um governador, ela estava muito próxima ao mar. Então, eram lugares de final de semana que as pessoas saíam das áreas mais centrais da ilha e iam para o que hoje é a Beira Mar Norte, mas havia uma certa distância. O trabalho dela é muito interessante porque ela foi rastreando onde essas imagens do camaleão, do artista Rizo³⁸⁶, iam aparecendo na cidade e foi cruzando esses mapas, nesses cartogramas, os percursos dela na ilha de Santa Catarina. Ela fez alguns trajetos de ônibus, a pé, de barco, de carro, e vai construindo uma forma de representação desse traçado. É uma outra leitura desse desenho do camaleão, que aparece como uma forma inventiva bastante grande. A questão é que a ilha de Santa Catarina tem por si só inscrições que são próprias dela, que não são só essas que produzimos em relação ao espaço; essa que o próprio grafiteiro faz, e que vai aparecer em vários lugares da ilha e, também, a arte rupestre. Assim, quando você faz uma trilha na Ilha de Santa Catarina ela pode te revelar outras inúmeras surpresas.

Em números menores fizemos uma trilha, que vai de encontro a uma outra realidade que não é mais só urbana, é bastante ligada à natureza, essa trilha é muito famosa, é da Lagoinha do Leste, demoramos mais ou menos 1h30 para chegar até um determinado pedaço antes de subir nessa montanha e depois 1h30 para voltar. Então, é bastante grande. Em outra oportunidade, tivemos a chance de colocar todos os alunos dentro de um barco, junto com a Escola do Mar, com o apoio da prefeitura aqui de Florianópolis, e fomos com os alunos desenhar a cidade desde sua orla. Foi uma experiência incrível que pretendemos repetir em breve. De alguma forma, é fantástico poder ver a cidade de um outro ângulo, incluindo as antigas fortalezas que antes defendiam a Ilha de Santa Catarina. Portanto, foi nessas fortalezas que ancoramos para desenhar as peculiaridades que ali encontramos: o tempo da pausa para re-conhecer a cidade, no processo de ensino-aprendizagem de projeto³⁸⁷.

Eduardo Rocha³⁸⁸: Estou enfrentando o desafio de projetar enquanto caminho. Estamos experimentando não apenas registrar, mas também, pensar em alguma coisa, projetar algo. A ideia é que chegaremos a uma execução na própria rua. Pensando um pouco nesse sentido da potência, desse encontro com a cidade, concordo contigo, não se trata apenas de caminhar. A partir desse encontro, vejo que você trabalha bastante a questão do registro. Já pensou na possibilidade de ir além?

Evandro Fiorin: Já pensei nisso. Na verdade, eu precisava ganhar um dinheiro para comprar umas mesas daquelas que dobram. Tem uma Arquiteta suíça³⁸⁹ que fez uma palestra na Escola da Cidade e na Escola Aberta no Galpão, que já trabalhou com o Francis Kéré³⁹⁰ na África, inclusive. Ela abria uma grande mesa azul, ela chamava de mesa azul porque era realmente azul, e convidava todo mundo da comunidade para projetar junto nessas saídas a campo. Então, eu acho que é absolutamente

³⁸⁷ FIORIN, Evandro; SCHWERZ, João Paulo. A ponte, a torre e o muro. O processo de ensino-aprendizagem de projeto em suas diversas escalas na Ilha de Santa Catarina. ArquiteXtextos, São Paulo, ano 21, n. 243.03, Vitruvius, ago. 2020 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/21.243/7834>>.

³⁸⁸ Eduardo Rocha é Arquiteto e Urbanista (CAU/UCPel), Especialista em Patrimônio Cultural (CA/UFPel), Mestre em Educação (FaE/UFPel), Doutor em Arquitetura (PROPAR/UFRGS) e Pós-Doutor (Universitá Roma Tre). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2. Professor Associado no DAUrb/FAUrb/UFPel; e Pesquisador no PROGRAU/FAUrb/UFPel, na Linha de Pesquisa: Cidade e Sociedade.

³⁸⁹ Myriam Gautschi estudou arquitetura na ETH Zurique. Foi assistente de Antonio Cruz e Antonio Ortiz durante sua cátedra convidada na ETH Zurich. Em 2002 foi nomeada professora de arquitetura na HTWG Konstanz, Universidade de Ciências Aplicadas.

³⁹⁰ Diébédo Francis Kéré é formado pela Universidade Técnica de Berlim. Em paralelo fundou a Fundação Kéré e, posteriormente, abriu seu próprio ateliê, o Kéré Architecture. Recebeu o Prêmio Pritzker em 2022.

possível sim.

Celma Paese³⁹¹: Fiquei impressionada com aquela galeria a céu aberto embaixo daquela ponte de concreto. Eu nunca imaginei que existisse isso.

Evandro Fiorin: Houve uma sessão de higiene espacial aqui em Florianópolis, ela ficou toda cinza, essa passarela está toda cinza, é uma tristeza, mas é um projeto.

Celma Paese: Eu não acho que isso seja um projeto, acho que isso acontece espontaneamente, era um lugar de transgressão, as pessoas que moravam aqui tinham medo de passar ali. Eu fui com os alunos da pós daqui de Porto Alegre e todo mundo morrendo de medo. Claro que eu já cheguei na escadaria com uma porta oficial, para poder acessar o morro e me disseram não, você não vai subir, e de fato eu não subi.

Evandro Fiorin: O ponto turístico em si é acessível e tranquilo, mas há diversas comunidades na parte maciça do morro, que não podemos acessar de fato, precisa ter um local para nos levar.

Eduardo Rocha: Aqui em Pelotas, é tão interessante isso, a cidade é totalmente plana. Não tem nenhuma declividade. Temos caminhado às quintas, em algumas caminhadas nós caminhamos e parece que estamos sempre no mesmo lugar, é impressionante como é diferente quando eu tenho essa paisagem mais acidentada, tem outras visuais.

Paula Pedreira Del Fiol³⁹²: Eu pensei sobre isso quando o Evandro falou do túnel que eles passaram, me remeteu a algumas caminhadas que fizemos em que caminhamos e só passamos por carro, não passa por nada.

Silvia Helena dos Santos Cardoso³⁹³: Como somar a caminhada urbana com uma

³⁹¹ Celma Paese tem Pós-Doutorado no PPGAU-Mestrado Associado Uniritter/Mackenzie, Doutorado em Teoria, História e Crítica da Arquitetura (PROPAR/UFRGS), Pós-graduação em Design: Projeto de Produto (PUC-RS) e Arteterapia (FEEVALE). Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UNIRITTER.

³⁹² Paula Pedreira Del Fiol é Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU/UFPel, Arquiteta e Urbanista pela UFPel. Fundadora da Urbe CoLab, empresa de consultoria em urbanismo participativo.

³⁹³ Silvia Helena dos Santos Cardoso é Doutora em Artes pelo Instituto de Artes/Departamento de Artes da UNICAMP. Mestre em Multimeios pelo Instituto de Artes/Departamento de Multimeios da UNICAMP, Bacharel em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo/USP. Licenciada em Ciências Sociais pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo/USP.

caminhada na praia? Por exemplo, pensar a praia como uma paisagem natural e uma possibilidade de intervenção, sabendo que um banho pode ser uma intervenção e vai estar trabalhando com as sensações individuais e também coletivas, já que o banho também pode ser coletivo. Você acha que existe essa possibilidade de pensar o ambiente natural? O cenário natural dentro da caminhada urbana?

Evandro Fiorin: Na verdade, a proposta que eu ia levar para o Francesco Careri para estudar é exatamente essa, de você poder ir até a praia. E, de fato, acredito nisso, eu não fiz essa experiência ainda de todo mundo pular na água, porque o nosso clima em Florianópolis não é sempre bom para fazer esse tipo de ação. No final do ano, na disciplina que eu estou dando esse semestre, que é introdução ao projeto, talvez consigamos fazer algo na praia, mas não pode chover, não pode estar frio também, porque, enfim, as pessoas podem não querer. Mas, estamos trabalhando nesse momento com o espaço, corpo e movimento. Neste nosso novo programa tem possibilidades até performáticas, de podermos construir coisas com areia também, a água levar tudo e, no final, ser uma grande experiência lúdica.

Lia Maestrelli Bizzo³⁹⁴: Eu tenho três perguntas. A primeira é, quais são as linguagens que os alunos, ou que você, usam para fazer essa coleta de dados, para ler a cidade? A segunda é, tem algum tipo de dinâmica, ou algum exercício, que se tenha para que os alunos despertem os sentidos, ou para ficarem mais sensíveis, para ter uma leitura mais livre da cidade? E tem algum direcionamento para todos esses dados, como que eles vão ser aproveitados?

Evandro Fiorin: No caso da graduação, todo mundo tem um caderno que chamamos de diário do diagrama, aquele caderninho para você ir guardando as ideias. Vou ser

³⁹⁴ Lia Maestrelli Bizzo possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Santa Catarina, atualmente, está cursando o mestrado do Programa de Pós-graduação em Arquitetura da UFRJ, ProArq.

³⁹⁵ LE CORBUSIER. El viaje de oriente. Madrid: Coat Murcia, 1984.

³⁹⁶ Le Corbusier foi um arquiteto, urbanista, escultor e pintor de origem suíça e naturalizado francês em 1930. Conhecido por ter sido o criador da Unité d'Habitation, conceito sobre o qual começou a trabalhar na década de 1920.

³⁹⁷ Oscar Ribeiro de Almeida Niemeyer Soares Filho foi um arquiteto brasileiro, considerado uma das figuras-chave no desenvolvimento da arquitetura moderna.

³⁹⁸ Lucrecia D'Alessio Ferrara possui graduação em Letras Neo Latinas pela PUC-SP (1959), doutorado em Literatura Brasileira pela PUC-SP (1964), professor livre-docente pela FAPESP. É professor titular emérito da PUC-SP e professor titular aposentado da USP (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo).

³⁹⁹ Vale registrar, inclusive um livro que busca nomear nossa experiência caminhando pelos morros da Ilha de Santa Catarina editado junto com os alunos dos cursos de pós-graduação. Para mais acesse: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/243113>

⁴⁰⁰ Flávio de Carvalho é o nome artístico de Flavio de Rezende Carvalho que foi um dos grandes nomes da geração modernista brasileira, atuando como arquiteto, engenheiro, cenógrafo, teatrólogo, pintor, desenhista, escritor, filósofo, músico entre outros rótulos.

bem modernista agora, uma coisa que eu não gosto, mas pensando no caderno de viagem³⁹⁵ do Le Corbusier³⁹⁶, nos desenhos do arquiteto viajante, ele vai registrando muita coisa. Nas minhas idas a campo, podemos dizer que um determinado registro é um projeto, na medida em que se revela uma ideia que vai ser usada depois, rotineiramente muita coisa se perde. O arquiteto precisa ir a campo para reconhecer o terreno que vai fazer um projeto, e muito frequentemente, isso não acontece. Os projetos quase caem de paraquedas, não dá para ser o Niemeyer³⁹⁷ que acorda durante a noite e desenha alguma coisa no papel sem o contexto, por mais que o desenho dele tenha uma escala primorosa.

Mas, muita coisa se perde nesse processo, os alunos dos primeiros anos não estão preparados para essa potência que é a pluralidade de uma disciplina que se dedica a quebrar todos os preconceitos que vêm carregado junto com eles. Então, acho que essa ficha vai cair mais tarde e, para alguns, não cai, talvez essa discussão metodológica sirva mais para os alunos que estão na pós-graduação do que para os alunos da graduação. Acho que para eles é um grande sopetão, botar uma turma dentro de um barco, ao mesmo tempo que é lúdico, é uma outra forma de vivenciar a realidade. Eu gosto muito de uma fala da Lucrecia D. Ferrara³⁹⁸, ela fala que é só tirar todo mundo do lugar que é do hábito, e vamos redimensionar todos os conceitos que, *a priori*, existiam. Por isso, os alunos da pós-graduação talvez estejam mais aptos a trabalhar com repertório. Na pós-graduação³⁹⁹, eu posso falar que vamos trabalhar com uma discussão que redimensiona algumas questões que estão ligadas ao Flávio de Carvalho⁴⁰⁰, que já antecipava algumas coisas que os situacionistas faziam. Então, eu acho que essa discussão teórica se presta mais à pós-graduação do que à graduação. Nessa perspectiva, você me perguntou do roteiro, ou dessa preparação, eu não preparo

nenhuma ideia, espero sempre que eles sejam tomados de assalto.

Eduardo Rocha: Eu não posso nem contar, eu os obrigo a caminhar na chuva, eu digo vamos com guarda-chuva, com bota, com capa e caminha na chuva e no frio. Teve um dia, agora, que congelamos, e eu não aguentava mais, um vento congelado. Mas, é bem interessante, nesses dias assim, acabamos não caminhando aquela quantidade, vamos caminhando, parando, se abrigando, porém são uns dias bem de observação da cidade, de como funciona, de como se adapta. Uma das questões é a imprevisibilidade quando caminhamos. E tu contou ali que encontrou pessoas, quando caminhamos pela cidade, ou pelas áreas de borda, essa possibilidade desse encontro com algo é inesperado. Em todos os sentidos, nos bons e maus sentidos, como já aconteceu comigo de ter bons encontros e, também, de ser meio que repellido daquele lugar.

Gabriele Vargas da Silva Moreira⁴⁰¹: Os alunos de teoria, do primeiro semestre, que também estão desenvolvendo atividades de caminhada e estão sendo meio que empurrados, de alguma forma, para esse nosso mundo e o retorno tem sido fantástico. Eles também nos dão um retorno diferente, talvez, mas muito interessante.

Evandro Fiorin: Na verdade, neste semestre em si, eu não estou trabalhando com essas saídas a campo como eu vinha trabalhando antigamente. Estamos trabalhando mais com ensaios, vamos sair no final do ano⁴⁰². Vamos tentando potencializar, mas esta é a questão dessa visita. Essa questão da imprevisibilidade é muito cara para mim também. Porque passamos a desconstruir modelos de uso que, de alguma forma, conheceríamos se estivéssemos dentro do ateliê de projeto. E, indo a campo, tudo se mostra de uma outra maneira, descobrimos que há múltiplas funções possíveis para além daquela imaginária.

⁴⁰¹ Gabriele Vargas da Silva Moreira é Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU/UFPEL, graduação em arquitetura e urbanismo pela Universidade Católica de Pelotas.

⁴⁰² Um esclarecimento: No final daquele ano, realmente saímos e fomos até a praia, todos se banharam nas piscinas naturais da Barra da Lagoa, depois de desenharem sobre as pedras. Vale ressaltar que, nos anos seguintes, a coordenação de curso, junto com o núcleo de projeto do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFSC, realocou o Docente Evandro Fiorin para outras disciplinas, interrompendo um ciclo de trabalho junto aos calouros.

Vanessa Forneck



Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo no Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU/USP), atuando na linha de pesquisa Territórios e Cidades: Transformações, Permanências e Preservação, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Mestra em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas (PROGRAU/UFPel), financiada pela CAPES e Arquiteta e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Pelotas (FAUrb/UFPel).

Figura 25: Vanessa Forneck em entrevista para conversas. Fonte: canal youtube revista pixo, 2022. <https://youtu.be/oJPJbCHqJow?si=-FKUGsBnQtzDkLAjl>

Eu trouxe a minha dissertação de mestrado para conversarmos, finalizei ela em 2021. Fiz a minha graduação entre 2013 e 2018, nesse caminho eu descobri outras vertentes da arquitetura: fui para pesquisa e extensão, trabalhei um tempo também como bolsista na Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento (PROPLAN) da Universidade Federal de Pelotas. Fui experimentando vários caminhos, para além das disciplinas, que acabaram me levando para o projeto de pesquisa, coordenado pelo Edu⁴⁰³, que estudava a fronteira do Brasil e Uruguai⁴⁰⁴.

Para terminar a minha graduação, eu fiz um projeto de restauro e intervenção em uma estação férrea abandonada na cidade de Capão do Leão-RS, para o meu Trabalho Final de Graduação (TFG)⁴⁰⁵. A partir desse projeto, comecei a entender um pouco mais sobre o patrimônio ferroviário, não como um objeto isolado, mas também a partir de uma leitura mais ampla dentro da cidade. Finalizado o meu trabalho de TFG, já tive a ideia de ir direto para o mestrado, para trabalhar nesse território de fronteira e, também, pensar no patrimônio ferroviário.

Em 2019, ingressei no mestrado, um ano antes da pandemia. Nesse primeiro ano, já conversando com o Edu, ele falou para fazermos uma viagem para a fronteira e investigar esse local. Já discutíamos muito sobre cartografia e caminhada e foi mais ou menos nesse período que começamos a falar sobre a caminhografia e inserir em nossas pesquisas. Nesse mesmo ano, fui a campo e fiz minha coleta de dados. Depois, entrou a pandemia de Covid-19, e acabamos todos ficando em casa. Em 2021, finalizei a dissertação.

O recorte que eu trouxe sobre caminhografia vem da minha dissertação, orientada pelo professor Edu. O que despertou meu interesse, a partir dessa trajetória, foi realmente entender o patrimônio ferroviário não só como

⁴⁰³ Eduardo Rocha é Arquiteto e Urbanista (CAU/UCPel), Especialista em Patrimônio Cultural (CA/UFPel), Mestre em Educação (PaE/UFPel), Doutor em Arquitetura (PROPAR/UFRGS) e Pós-Doutor (Universit  Roma Tre). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 2, Professor Associado no DAUrb/FAUrb/UFPel; e Pesquisador no PROGRAU/FAUrb/UFPel, na Linha de Pesquisa: Cidade e Sociedade.

⁴⁰⁴ O projeto de pesquisa “TRAVESSIAS NA LINHA DE FRONTEIRA BRASIL-URUGUAY: controvérsias e mediações no espaço público de cidades-gêmeas”, tem como objetivo geral: investigar o uso do espaço público da linha de fronteira Brasil-Uruguay. Para ver mais, acesse: <https://wp.ufpel.edu.br/travessias/>.

⁴⁰⁵ Para ver mais, acesse: <https://wp.ufpel.edu.br/tfgonline/temas/patrimonio/>.

um objeto isolado na cidade, mas pela compreensão maior desse patrimônio, essa leitura de paisagem que representa no contexto urbano. Pensando em todos os galpões que fazem parte do complexo ferroviário, nas linhas férreas, em todo esse percurso, isso me interessava mais. O que também chamou minha atenção foi como poderia entender ou investigar isso em uma fronteira. Como funcionava essa relação, também, ao pensar que existia essa conexão entre uma estação e outra dentro de dois países, como isso era feito e o que essa conexão, através das linhas férreas, poderia estabelecer. Também pensar em toda essa decadência que começou a partir da década de 1940/1950 e que, em 1980/1990 os transportes de passageiros foram extintos em muitas cidades, restando apenas o transporte de carga.

Além de entender essas relações, também entender o que isso provoca nas pessoas, o que elas sentem a partir desse abandono. Porque tem muitas pessoas por trás desse abandono, tem uma relação histórica, econômica, muitos relatos de pessoas que viveram naquele período ou que foram ex-ferroviários, tem muitas histórias de vida por trás desse patrimônio ferroviário. Eu tive como objetivo da pesquisa fazer uma cartografia para investigar esses territórios do abandono das estações férreas em duas cidades gêmeas: Jaguarão e Rio Branco, que são divididas pelo Rio Jaguarão e conectadas por uma ponte, por onde também passava o trem; e Santana do Livramento e Rivera, que tem outra configuração, pois são divididas por uma avenida. Então, relacionado com o patrimônio ferroviário, a inquietação foi saber o que pulsa nesses territórios do abandono, a partir de uma experiência corporal e sensível naqueles espaços, que possibilite uma abertura para outras formas de releitura desses espaços. Para além de algo funcional, que outras formas poderíamos entender essa relação com a cidade hoje?

A dissertação foi estruturada em capítulos como se fosse uma viagem de trem, um percurso. Tem a locomotiva, que é o método cartográfico, onde trazemos a cartografia sensível, porque me interessava saber essas sensações, o que foi causado, o que as pessoas sentem em relação isso, de que forma eu sou afetada por estar caminhando entre esses espaços, trazer essas percepções, essa perspectiva para o trabalho. Os procedimentos metodológicos que adotamos tem base no referencial teórico de Kastrup⁴⁰⁶. Eu trouxe também no trabalho a relação com a fronteira Brasil e Uruguai, e como ela foi estabelecida. A história do período da implementação das ferrovias, o período de decadência e como funciona hoje, essa relação com o abandono, para pensarmos de que formas podemos entender esse abandono. Trago também algumas referências da psicanálise, que fala de pessoas com sentimento de abandono⁴⁰⁷. Outro procedimento metodológico foi a Pedagogia da Viagem, que tem como intenção propor que o pesquisador explore um território como uma imersão no desconhecido. Ela consiste em três etapas: uma pré-viagem, a viagem e o retorno da viagem. Para isso, adotei como dispositivo o Diário de Campo, foi uma forma de fazer registros, algumas escritas, desenhos, e tudo o que pude perceber durante essa caminhada.

Depois, o procedimento Caminhar pelas bordas, que é uma proposta de ir a campo, não pelos lugares turísticos, mas caminhar pelas bordas da cidade, pelas franjas da cidade. Seriam os lugares menos visitados, que as pessoas não gostariam de caminhar, muitas vezes por não ter circulação de pessoas ou comércios, que seriam os trilhos abandonados. Eu utilizei um aplicativo de caminhada para registrar todo esse percurso e uma câmera fotográfica, para ir capturando esses momentos. Também tiveram as entrevistas cartográficas, eram entrevistas semiestruturadas de caráter qualitativo, eu ia conversando com as pessoas

⁴⁰⁶ Virginia Kastrup possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, doutorado em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e pós-doutorado no LENA - Neurosciences Cognitives et Imagerie Cérébrale UPR 640 / CNRS - Centre National de la Recherche Scientifique, Paris.

⁴⁰⁷ Germanie Geux, foi uma psicóloga suíça, autora do livro "O Síndrome de Abandono", de 1973, onde descreveu as experiências sintomáticas do abandono em seus pacientes em tratamento.

que encontrei durante a caminhada. Os Mapas sensíveis foram uma forma de manifestar todas essas sensações que foram marcadas com essa experiência. E a Análise cartográfica, que não se baseia em cima de um dado, mas registra o processo de uma experiência e não um produto final ou um dado que resulte em algum produto.

O apito do trem, o próximo capítulo, é o começo dessa viagem, que foi realizada em dois momentos. Um em novembro, e o outro em dezembro. A primeira parada foi nas cidades de Jaguarão e Rio Branco. A Ponte Internacional Barão de Mauá faz a ligação entre os países, nessa fronteira tinha um acampamento cigano, trazendo essa relação com o estrangeiro que montou, ali, o seu lugar de acolhimento. Depois, temos a relação dos trilhos com a paisagem, que é uma área de preservação permanente, e o Rio Jaguarão, que também abrange uma área maior para o escoamento da água em momentos de cheia. Por esse percurso também percebemos a vegetação densa em muitos momentos, que acabava causando outras sensações para quem caminhava, às vezes, insegurança. A estação de Rio Branco está com o estado de conservação precário, na plataforma de embarque, no telhado dela, tem vegetação crescendo, e já estava bem deteriorado em alguns pontos. A segunda parada foi em Jaguarão, no outro lado da fronteira, desse lado os trilhos do trem são vistos em algumas partes da cidade, em outras, estão soterrados, principalmente na avenida principal, que conecta com o Uruguai. No canteiro central os trilhos foram pavimentados, mas entre um cruzamento e outro conseguimos perceber os trilhos no meio do asfalto. Em muitos momentos era difícil seguir o caminho pelos trilhos, porque a ideia era fazer esse percurso, mas tinham algumas questões, como cercas, que limitavam a travessia. Depois que estávamos afastados dessa zona urbana, víamos novamente os

trilhos em meio à vegetação. Mais adiante, encontramos a estação de Jaguarão, que tem um novo uso: uma loja maçônica. Então, percebemos uma certa diferença nessa relação com o entorno, ela tem uma parte cercada, tanto nas laterais quanto nos fundos, e câmera de vigilância. Existe outra relação com esse espaço que acaba intimidando, por alguns momentos.

Depois, foi feita a caminhada em Santana do Livramento. Começamos pela estação, onde funcionava o museu David Canabarro, que contava a história da cidade e a história das ferrovias no Estado. Nos fundos da estação havia vegetação crescendo entre os trilhos e, também, alguns galpões abandonados, toda essa decadência do sistema ferroviário se mostrando muito forte na parte dos fundos da estação. Seguimos para a estação de Rivera e depois fizemos a caminhada pelos trilhos. Em Rivera, havia retornado o transporte de passageiros, naquele mesmo ano, e o de carga ainda estava ativo. Percebemos na estação muitos detalhes da época, tinha o sino, o funcionário da estação comentou que quando sai o trem eles tocam o sino, seguiam a tradição, e alguns outros elementos, como bancos e luminárias eram todos da época. Fomos fazer a caminhada e nós conversávamos sobre a nossa proposta de caminhar pelos trilhos — eu digo nós, porque não fui sozinha, sempre fui acompanhada durante a travessia — e as pessoas falavam: “Não, não vão, não caminhem pelos trilhos, porque vocês vão ser assaltados!” Todos falavam que era muito perigoso, inclusive assaltam os trens de carga. Nós estávamos com câmera fotográfica, com todo o material da pesquisa, com as entrevistas, ficamos com receio e tivemos que recuar por não nos sentirmos seguros. Quando atravessamos a fronteira, algumas partes estavam impedidas de atravessar, em função de alguns prédios já estarem consolidados em cima da linha férrea.

O capítulo dos entroncamentos conta sobre o que conseguimos perceber a partir de toda

essa relação com a pesquisa de campo, com a caminhada e com a cartografia feita durante todo esse percurso. Foram dois pontos principais que acabamos trabalhando: a ruptura corpo-cidade e o abandono sensível. A ruptura corpo-cidade faz essa relação pensando no planejamento das cidades. Nós, da arquitetura e urbanismo, trabalhamos pensando nessa relação, desde quando começa um pequeno núcleo urbano até quando pensamos no planejamento de expansão, de evolução da cidade, até como uma forma de controle para onde a cidade deve crescer ou para onde ela não deve avançar. Para a implantação das ferrovias também teve esse olhar, é um complexo grande, em função de todas as demandas de um sistema ferroviário. Teria que ser um lugar planejado, com um terreno grande e que tivesse uma facilidade de acesso, tanto para pessoas, mas também para conexões com outras cidades. Era muito importante pensar nesse planejamento todo, por isso pensamos nessa relação de como planejamos esse nascimento da cidade ou pra onde ele vai, mas quando algo começa a perder essa funcionalidade, começa a não servir mais para cidade, o que acontece? Por que não planejamos também o que vai acontecer com esse falecimento? Parece que é uma relação de cidade sem manutenção, colocamos a sujeira embaixo do tapete, deixamos ruir e, depois, construímos algo novo. Assim, começamos a pensar no abandono como uma potência para discutir a cidade, porque temos uma estrutura toda reticulada e, de certa forma, a ferrovia traz um outro jogo de leitura de paisagem que se conforma a partir disso. Fizemos um Mapa dos Encontros e Abandono Sensível identificando alguns pontos desta relação.

No abandono sensível, trouxemos algumas questões que, muitas vezes, não são ditas em mapas, que vai falar sobre o que as pessoas sentem naqueles espaços. Geralmente, trazemos um abandono visível, das estações e do

sistema ferroviário, mas gostaríamos de falar do que é sentido, dar visibilidade ao que é invisível. Não só pela aparência do local, mas também falar sobre sensibilidade, a partir dessa experiência corporal. O mapa dos encontros era para marcar alguns pontos que eu encontrei e que me chamaram atenção durante essa travessia. Na parte de baixo do mapa dos encontros, que é em Rio Branco, temos um mapa de fundo que mostra a relação com a natureza e, na parte mais acinzentada, a relação urbana, essa mancha urbana, que mostra como esse percurso foi sentido durante a caminhada, os encontros, as conversas, como as pessoas sentiam aquilo. Havia uma relação forte com o sistema ferroviário ainda, mesmo ele estando em um mau estado de conservação. Em Jaguarão, na parte superior do mapa, vemos outra transformação, principalmente em relação à forma como os trilhos eram percebidos. Existia uma outra relação, onde os moradores retiraram pedaços dos trilhos, resultando na perda dessa leitura da paisagem. Isso trazia outras percepções deste local, como podemos observar no mapa das intensidades.

Fizemos uma sobreposição de mapas para entender quais eram as áreas com maior intensidade, por exemplo, na relação com a vegetação e do horizonte, como destacado por Vitor Ramil⁴⁰⁸ sobre as regiões do pampa. Então, trouxemos essas sensações que foram marcantes. Inclusive com os relatos das pessoas em relação ao trem, alguns falaram que adoravam viajar de trem, porque havia essa conexão com a natureza e com os animais. Existia toda essa sensação que era causada pelo transporte, o que eu também senti, mas de uma forma diferente. Já em Santana do Livramento e Rivera, eu senti as intensidades um pouco mais conectadas entre si nas extremidades, nas estações, mas essa conexão entre elas não aconteceu. Teve uma tentativa de aproximação, mas não aconteceu

⁴⁰⁸ Vitor Ramil é Compositor, letrista, cantor e escritor brasileiro. Vitor Ramil é autor de onze álbuns e quatro obras literárias.

essa relação de forma tão potente como estávamos esperando. Quando caminhamos na cidade colocamos o nosso corpo em contato com o território e acabamos sendo afetados, isso traz muito da indissociabilidade do sujeito no plano da experiência, então, não tem como anular quem está caminhando. Era como se houvesse uma força nessa linha do trem que nos empurrava para fora dali, nos levava em direção à linha de fronteira, como se essa questão do estrangeiro nos empurrasse para aquela borda. Isso trouxe uma questão de como nos sentíamos e quais eram os trajetos que percorríamos, já que não conseguimos caminhar pelo trilho. Então, caminhamos sempre nos lugares que víamos mais residências, comércio, serviços, onde conseguimos sentir que existiam esses “olhos da rua”, como Jacobs⁴⁰⁹ fala. Essa foi a sensação que experimentamos. Em Santana do Livramento, tivemos algumas obstruções pelo caminho para seguir pela linha do trem, algumas residências, alguns muros, tivemos que ir contornando. Mas, ao chegar na estação, havia sido retomada essa relação do sistema ferroviário de uma forma mais intensa.

Bom, a cartografia sensível, a partir desse nosso percurso, entende também a sensibilidade desses lugares a partir dessa experiência corporal, além da relação da preservação do patrimônio, de uma leitura da paisagem, mas se colocar em contato com esse local. Realmente ter proximidade com esse plano real, conversar com as pessoas, ouvi-las, entender essas histórias, que por trás de tudo isso existem muitas camadas na cidade, para além de algo funcional. A fronteira é um lugar muito potente. Eu acho que já existe essa mescla e, com as conversas, vimos essa relação entre eles, inclusive com a relação do trem, que era muito boa. Eles sempre comentavam conosco que são todos irmãos; essa relação de ir e voltar era muito boa e cotidiana. E essa caminhada permitiu dar visibilidade para essas

⁴⁰⁹ Jane Butzner Jacobs foi uma escritora e ativista política do Canadá, nascida nos Estados Unidos. Sua obra mais conhecida é *Morte e Vida de Grandes Cidades*, na qual critica duramente as práticas de renovação do espaço público da década de 1950 nos Estados Unidos.

potências e para essas múltiplas formas de releitura do território. Podemos entender um espaço na cidade de outras maneiras, além dessas estruturas pré-estabelecidas, principalmente voltadas para essas relações sensíveis, da relação do corpo com o espaço.

Eduardo Rocha: Eu fiquei pensando nisso que falaste da imanência do trilho, desse objeto que é um resto pela cidade. Me lembrei daquela obra do Francis Alÿs⁴¹⁰, que ele caminha com os sapatos com imã⁴¹¹. Parece que o trilho e essa estrutura, mesmo decadente, mesmo em demolição, em processo de ocupação por outros usos, têm uma força no território. Fico pensando que é uma força de muitos tempos sobrepostos. Isso me chama atenção porque eu acho que dá um nó na cabeça dos arquitetos. Quando é para demolir alguma coisa, eles chamam a demolidora, não vão lá olhar, mas talvez faça parte da nossa profissão pensar essa decadência e essa produção de construção de resíduo, de bairros inteiros abandonados, até cidades.

Vanessa Forneck: O projeto, na nossa profissão, é sempre sobre ampliação, construção de algo novo, por isso, quando pensamos o abandono, dá um nó na cabeça.

Kauê Marques Romão⁴¹²: Eu também estou pesquisando os trilhos do trem, no litoral de São Paulo, e parti de uma ideia relacionada à preservação do patrimônio, era referente à linha entre a cidade de Mairinque e Santos, hoje em dia há pouca ou nenhuma estação neste trecho. Eu também utilizo o método da caminhada, e encontrei outros trilhos, tanto o trilho soterrado pelo asfalto ou aquele coberto pela vegetação, e também esse medo de percorrer sozinho, qualquer relação que eu tenho com outra pessoa que cruza o meu caminho é sempre uma surpresa. E são muito potentes essas relações que se tem no decorrer do caminho dos trilhos.

⁴¹⁰ Francis Alÿs é um artista belga que vive no México. O seu trabalho surge do espaço interdisciplinar partilhado pela arte, arquitetura e práticas sociais. Em 1986, ele deixou a profissão de arquiteto e mudou-se para a Cidade do México. Desde então, ele criou arte performática e um conjunto diversificado de trabalhos, explorando tensões urbanas e geopolíticas.

⁴¹¹ Para ver mais, acesse: <https://francisalys.com/zapatos-magneticos/>

⁴¹² Kauê Marques Romão é Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina, Mestre pela mesma instituição e possui Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Paulista.

Vanessa Forneck: Quando caminhamos pelos trilhos o abandono tem essa potência para vermos muitas manifestações, é sempre uma surpresa, não é algo que é óbvio que vamos encontrar, cada lugar instiga uma forma de pensar a cidade a partir de algum tipo de apropriação. E esse contato com o outro também é uma surpresa, porque também não esperamos, é sempre algo desconhecido.

Eduardo Rocha: Ouvindo vocês eu lembrei de uma outra questão que está envolvida, que é quando está morrendo um lugar, está nascendo outro, em todos os sentidos. É muito interessante, porque são lugares bastante libertos de qualquer relação.

Vanessa Forneck: Varia muito também, às vezes encontramos formas de resistência, pelos trilhos ou na própria estação, como em Rio Branco, que morava um ex-ferroviário no pavimento superior e na parte de baixo funcionava a estação, ele conta que é uma forma dele de manter a estação e os galpões do sítio. Percebemos também que têm umas desapropriações, vemos essas transformações, mas também vemos, por outro lado, algumas tensões de resistência que acontecem nesses espaços, por isso que eles são tão diversos e múltiplos.

Silvia Helena dos Santos Cardoso⁴¹³: Eu não conheço essas cidades da fronteira, mas eu imagino que elas não sejam tão coladas a Pelotas. Queria saber o seguinte, qual foi a logística, dias, estadias nas cidades? Pois, eu imagino que você precisou ficar nas cidades. E com a distância a partir de Pelotas. Na sua fala ficaram três palavras muito interessantes para mim, que são fronteira, corpo e estrangeiro, em toda fronteira pensamos no diferente, no estrangeiro, então, se nós brasileiros atravessamos a fronteira com o Uruguai, deixo de ser uma nacional para ser uma estrangeira. O meu corpo, que é a segunda palavra que você fala bastante, se comporta de uma outra forma,

⁴¹³ Silvia Helena dos Santos Cardoso é Doutora em Artes pelo Instituto de Artes/Departamento de Artes da UNICAMP. Mestre em Multimeios pelo Instituto de Artes/Departamento de Multimeios da UNICAMP, Bacharel em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo/USP. Licenciada em Ciências Sociais pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo/USP.

deixo de ser mais espontânea para ficar mais atenta, essa logística também acaba influenciando na própria pesquisa e nesse espaço da fronteira.

Vanessa Forneck: Vou falar primeiro sobre a questão da logística. O projeto da fronteira estava em andamento, e tivemos o apoio da FAPERGS⁴¹⁴ para realizar essa viagem, inserimos esse projeto dentro de um projeto maior, então, conciliamos a nossa ida também para participar de um evento que aconteceu na Unipampa⁴¹⁵ para falar sobre a fronteira. Fomos eu e o Levy⁴¹⁶, para apresentar os trabalhos do nosso grupo de pesquisa. Saímos de Pelotas de ônibus até Jaguarão, e ficamos em um hotel, são duas horas de viagem. Nesse caso, as cidades são distantes, acabamos indo em um dia para Rio Branco, para passar o dia, fazer a caminhada com calma e, depois, retornamos ao hotel e, no dia seguinte, fomos até a estação de Jaguarão. Depois, voltamos para Pelotas. Em outro momento, a Laís⁴¹⁷ e eu fomos juntas, já que ela também tinha uma pesquisa no Uruguai, em Minas de Corrales. E o Andrews⁴¹⁸ também foi nos ajudar nas pesquisas. Foi a mesma dinâmica, mas fomos primeiro para Minas de Corrales, alugamos um carro para ir, fizemos a pesquisa de campo da Laís e voltamos. Depois, fizemos a caminhada entre as estações de Santana do Livramento e Rivera.

Eduardo Rocha: Antes disso, no projeto grande, viajamos dez dias pela fronteira, contratamos uma van, saímos de Pelotas e percorremos toda a fronteira Brasil-Uruguai. Às vezes nem sabemos de que lado estamos, em Santana do Livramento e Rivera, principalmente, não é uma linha reta que divide, então ficamos meio confusos. Tem uma questão que é interessante, que é uma fronteira muito amena no sentido da passagem, tem aduana em algum lugar, mas é bem diferente de outras fronteiras. Eu já apresentei trabalho de fronteira fora do Brasil e eles não entendem

⁴¹⁴ FAPERGS – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul.

⁴¹⁵ Unipampa – Universidade Federal do Pampa.

⁴¹⁶ Humberto Levy de Souza é Arte-educador formado pelo Centro de Artes da UFPel. Pesquisador do Grupo Cidade e Contemporaneidade do Laboratório de Urbanismo da FAUrb/UFPel. Pesquisa temas relacionados à arte-educação na quebrada, à fotografia digital e analógica e à cartografia como método de pesquisa. Se interessa por pintura, cerâmica, processos alternativos de arte educação, arte-intervenção e sua relação com a cidade.

⁴¹⁷ Laís Dellingshausen Portela é Arquiteta e Urbanista na empresa Porto 5 Investimentos Imobiliários Ltda. Mestra em Arquitetura e Urbanismo pela UFPel (2021). Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela UFPel (2018).

⁴¹⁸ Andrews Dubois Jobim é Mestre em Educação pela PUCRS. É graduado em Filosofia pela UFPel. Atualmente, cursa Doutorado em Educação pela PUCRS, com apoio financeiro do CNPq.

porque, para eles, a fronteira é como a do México e Estados Unidos, o Uruguai e o Rio Grande do Sul estão muito conectados. Existe uma questão muito singular dessa fronteira, é muito tranquila.

Vanessa Forneck: O documentário *Doble Chapa*⁴¹⁹ mostra isso, porque as cidades cresceram de maneira mútua, uma ia se consolidando com o crescimento da outra, elas têm relações muito próximas.

Eduardo Rocha: Historicamente, nós fomos Espanha há muito tempo e, em outro período, eles foram Portugal, então a fronteira se movimentou. Tem muito dessa relação, desse movimento, enquanto outras fronteiras são bastante fixas.

Paula Pedreira Del Fiol⁴²⁰: Fiquei pensando na questão da morte da cidade, e como é interessante isso, tu vais mostrando como a mata vai tomando aquele lugar, mas, ao mesmo tempo, ainda tem uma casinha de alguém que está vivendo em cima daquele espaço. Como tu consegues fazer essas relações?

Vanessa Forneck: É muito interessante, como vai se transformando, a vegetação cresce espontaneamente. Mesmo que não tenha nada, o verde sempre brota, sempre tem algo crescendo, transformando aquela paisagem. Sempre vamos vendo essa sobreposição de camadas, essas transformações que vão acontecendo ao longo da linha do trem. As pessoas que moram perto da linha férrea têm uma relação diferente com esse espaço. Lembro que tinha uma senhora que comentou que, quando passava o trem, a casa dela tremia toda, ela disse que ficava com medo, mas não pensava em se mudar.

Jordana da Silva Berchon⁴²¹: Eu fiquei pensando que a relação do abandono na borda é totalmente diferente do abandono no meio da cidade. E como a especulação imobiliária

⁴¹⁹ *Doble Chapa* (2014) é um documentário curta-metragem produzido pelos coletivos Garapa (Brasil) e Dokumental (Uruguai) durante uma expedição que percorreu a fronteira entre os dois países. Diretores do filme: Leo Caobelli e Diego Viddart.

⁴²⁰ Paula Pedreira Del Fiol é Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU/UFPel, Arquiteta e Urbanista pela UFPel. Fundadora da Urbe CoLab, empresa de consultoria em urbanismo participativo.

⁴²¹ Jordana da Silva Berchon é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UniRitter.

utiliza isso, eles deixam abandonar, quase de propósito, para aquilo ser rentável de alguma maneira. Como é diferente essa relação em um lugar mais afastado, do que esse lugar central.

Eduardo Rocha: Tem uma disputa pela terra, esse fenômeno da densidade da cidade, ainda mais na tua região, Jordana, a cidade de Porto Alegre está *apertada*, não tem para onde ir, acaba caindo para dentro da água, ou ela vai para o outro lado da orla, ela não tem para onde se expandir, porque o Guaíba é um lago muito largo.

Vanessa Forneck: A paisagem ali é linda, o pôr do sol é maravilhoso de acompanhar em Porto Alegre, mas tem uma supervalorização que acaba atraindo esses investimentos, em função dessa requalificação do espaço. Eu fico pensando, como essa transformação vai potencializar essa visibilidade para esses espaços e atrair o setor imobiliário, para lucrar a partir disso, vai ser um chamariz.

minorar

Luana Pavan
Detoni



Doutora em Planejamento Urbano e Regional, na linha de pesquisa Produção do Espaço, Planejamento e Gestão, no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestra em Arquitetura e Urbanismo, na linha de pesquisa de Urbanismo Contemporâneo, pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) e Arquiteta e Urbanista graduada pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUrb) da Universidade Federal de Pelotas.

Figura 26: Luana Detoni em entrevista para conversas. Fonte: canal youtube revista pixo, 2022. <https://youtu.be/q2Gir2ZsPuU?si=WafXjs1u-RengczKD>

Queria dizer que, logo que o Edu⁴²² me convidou, fiquei pensando que eu ia vir para falar sobre todos os desafios, dificuldades e tudo que deu errado nesse processo de caminhada, porque realmente o meu medo de cachorros é uma grande barreira. Algumas coisas me colocam em desafio para sair com meu corpo na rua, então, eu tenho que criar muitas estratégias, não é algo tão natural, talvez seja para alguns. Há sempre um momento de muita reflexão e apreensão. As ações de cartografar e caminhar sempre estiveram presentes na minha trajetória de formação, muito por influência do Edu, e o quanto essas duas ações parecem cada vez mais indissociáveis.

Eu sou um pouco saudosista, por isso, fui lá na graduação pensar e resgatar algumas experiências do projeto para-formal⁴²³, que eu era bolsista, e me marcaram, nesse período, as oficinas que propúnhamos, tinham sempre o ponto de saída e o lugar de chegada, e o percurso era livre entre esses dois lugares. Geralmente, percebíamos que as pessoas faziam o caminho mais curto ou mais movimentado, mas quem quisesse, ou quem tivesse corpo para isso, podia fazer uma deriva. Havia esse processo de caminhar pela cidade, de capturar o para-formal e, depois, o processo de digerir, refletir, questionar. Então, me parece que esse processo de caminhar e cartografar estava presente desde esse momento. Quando olho para o passado parece que faz todo o sentido.

Um outro registro foi a experiência da disciplina de projeto VII, que era o projeto do loteamento, que aconteceu na Balsa, o Edu e a Nirce⁴²⁴ eram os professores. Nós tínhamos que projetar um grande equipamento arquitetônico, que iria abrigar um ginásio com práticas esportivas. Caminhando por esse território, buscando capturar alguns fragmentos, fazer uma coletânea que parece ser indicação da repetição e a colagem das diferenças, aqui parece que trouxemos essas duas questões.

⁴²² Eduardo Rocha é Arquiteto e Urbanista (CAU/UCPel), Especialista em Patrimônio Cultural (CA/UFPel), Mestre em Educação (FaE/UFPel), Doutor em Arquitetura (PROPARG/UFGRS) e Pós-Doutor (Universitá Roma Tre). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2. Professor Associado no DAUrb/FAUrb/UFPel; e Pesquisador no PROGRAU/FAUrb/UFPel, na Linha de Pesquisa: Cidade e Sociedade.

⁴²³ PARA-FORMALIDADES NO CENTRO DA CIDADE: A cartografia urbana como método de apreensão e análise de configurações complexas no processo de planejamento urbano. A pesquisa se volta para os espaços não regulados, espaços anarquistas, onde se produzem atividades que tendem a subverter as leis da economia tradicional, do urbanismo e das relações humanas, gerando mudanças importantes, tanto teóricas como práticas, na maneira de pensar e planejar a cidade.

⁴²⁴ Nirce Saffer Medvedovski é professora Titular da Universidade Federal de Pelotas, atuando no curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo (1980) e no Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo PROGRAU (2008). Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1975), mestre em Planejamento Urbano e Regional pela UFRGS (1983) e doutora em Estruturas Ambientais Urbanas pela USP (1998).

⁴²⁵ Frei Paul Otto foi um Arquiteto alemão. É considerado, junto com Buckminster Fuller e Santiago Calatrava, como um dos principais responsáveis pela arquitetura biomorfa. Depois de Gottfried Böhm, foi o segundo alemão a receber o Prêmio Pritzker, o mais significativo prêmio mundial de arquitetura.

⁴²⁶ Francesco Careri é arquiteto e professor pesquisador do Departamento de Arquitetura da Università degli Studi Roma Tre, onde dirige o grupo de pesquisa Laboratorio Arti Civiche e ministra uma disciplina de mesmo nome, um curso peripatético no qual você caminha enquanto interage *in situ* com fenômenos urbanos emergentes.

⁴²⁷ Priscila Pavan Detoni é Psicóloga, Mestra e Doutora em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS - 2016); Docente na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) Campus Passo Fundo/RS na Saúde Coletiva na graduação em Medicina e no Programa de Residência Multiprofissional em Saúde - Área de Concentração - Atenção Básica - Saúde da Família e Comunidade.

Primeiro, os diferentes pisos que estavam compondo o território da Balsa, nesse processo criativo, da composição formal, depois, de seguir algumas regras de proporção. Então, esse processo da caminhada e da cartografia, além de indissociáveis, também estavam relacionados ao processo criativo. Me parece que aprendi a projetar e a pensar os territórios assim, colocando o pé no chão. Lembro muito de uma frase do Frei Otto⁴²⁵, não que eu estude e conheça muito sobre a obra dele, mas ele *comenta que a cabeça pensa onde os pés pisam*. E parece que a minha trajetória de formação está colocada dessa forma.

Uma outra experiência foi o projeto do trabalho final de graduação que eu fiz algumas propostas para minha cidade de origem, Itatiba do Sul, nesse momento o Edu foi minha banca. E eu lembro que me marcou pensar na questão da caminhada lá, porque, neste momento, a caminhada era uma prática comum da comunidade, todo mundo tinha esse hábito para passear, mas também como uma prática esportiva. E, junto como a teoria do Francesco Careri⁴²⁶, eu percebi que a caminhada é um instrumento estético, capaz de compor, de crescer, de modificar essa paisagem. Por isso, a caminhada passa a ter outra reflexão, uma questão mais teórica.

Imersa já em algumas experiências, não de forma linear, caminho para a elaboração do projeto do mestrado, e eu tinha muito forte que queria a cartografia como método de pesquisa, eu queria trabalhar com o Edu, continuar fazendo pesquisa com ele. É importante marcar, aqui, que a minha experiência, até então, da cartografia era com o SIG, Sistema de Informação Geográfica, e geoprocessamento. Nesse momento, eu trabalhava na Prefeitura de Jaguarão, com análise configuracional, simulação de crescimento, estava imersa em outro processo de cartografia, muito mais geográfico. Me lembro de que quando fui elaborar a proposta do projeto de

pesquisa, minha irmã, Priscila⁴²⁷, que é psicóloga, e me ajudou a revisar. Cada vez que eu mencionava que iria abordar cartografia, eu escrevia um parágrafo explicando sobre qual aspecto da cartografia estava falando. Vindo da psicologia, ela me dizia que não era necessário escrever tudo aquilo. Já havia explicado uma vez o que é a cartografia, deveria abordá-la com naturalidade, assumindo e reconhecendo sua importância. Ainda durante o mestrado, eu dei aula de geoprocessamento, me sentia em um momento quase esquizofrênico, falando de uma cartografia de manhã, estudando e escrevendo sobre outra cartografia à tarde. E, hoje, talvez eu reconheça a cartografia sem tantas nuances, ambas abordagens remetem sempre à criação. Do mestrado, destaco uma experiência além da pesquisa de dissertação: o estágio docente em Atelier II, que foi super legal. Tínhamos a preocupação de tentar visitar a Colônia de Pescadores Z3, área rural de Pelotas/RS. Percorrer o território e pensar como que nós nos deslocávamos por ele, como aquele território nos afetava. Esse processo, tanto da ação de caminhar quanto da ação de cartografar, mais uma vez estava vinculada ao processo criativo.

Na dissertação, eu busquei estudar a temática das cidades pequenas, procurei cartografar essas cidades pequenas como um território do devir-menor na contemporaneidade. E, aqui, eu pontuo que, talvez, por essa minha imersão de estar trabalhando com o SIG, de pensar cartografia de diferentes formas: cartografia deleuze-guattariana, cartografia sentimental, cartografia social, pistas cartográficas, cartografia da geografia, cartografia urbana. Eu conseguia reconhecer e entender a vertente de cada uma, incorporava e fortalecia todas como cartografia. Talvez fosse um ponto desafiador, mas era um pouco daquele conselho da minha irmã, no processo inicial, de saber que eu estava fazendo cartografia sem ter que sempre estar adjetivando qual.

Enfim, eu vou contar um pouco mais sobre esse processo do mestrado que tinha como objetivo geral aprender com os modos de vida e os desejos em arquitetura e urbanismo experienciados em três cidades. Que são cidades pequenas da microrregião de Pelotas — Arroio do Padre, Morro Redondo e Turuçu — a fim de sugerir pistas que pudessem sensibilizar a ação dos arquitetos e urbanistas na contemporaneidade. Embora toda a dissertação tenha sido uma cartografia, eu demarco três produtos cartográficos, e acho que o mais expressivo enquanto cartografia é a composição das experiências que eu chamei de o *fio de Ariadne*, muito associada à questão da mitologia, da fabulação. Aqui, eu buscava tornar perceptível singularidades, diferenças e subjetividades das cidades pequenas a partir da experiência da *pedagogia da viagem*⁴²⁸. Eu vou contar um pouco, bem brevemente, sobre cada uma das experiências. Os nomes estão relacionados com a mitologia, então: Dionísio, que era Morro Redondo; Diomedes, que era Arroio do Padre; Hefestos, que era Turuçu; e a Ágora, que era Pelotas. Eu pensava em percorrer esse fio de Ariadne para sair desse labirinto. Essa experiência vem da *pedagogia da viagem*, primeiro eu tinha a minha bagagem, que eu entendia como o processo de territorialização, estava pautada pelo plano extensivo, ou seja, eram as coisas que estavam dadas, as informações históricas, a morfologia, o toponímico, a demografia, a legislação da cidade. Era uma bagagem para eu pré-conhecer e estruturar um conhecimento sobre essa cidade que eu iria experienciar. Depois, tinha o momento da viagem em si, que se dava pela composição de um plano intensivo, experiência corporal, que buscava capturar trajetos e cenas. Por isso, eu descrevi isso através de um diário de bordo e de coletâneas de fotografias. Esse era um processo de desterritorialização, para mim isso era muito intenso, pelo fato de visitar cidades, não foi um momento fácil, foi um movimento que teve que ser bem

⁴²⁸ A pedagogia da viagem, parte do método cartográfico, é dividida em três etapas: preparação, que envolve organizar intenções e expectativas; experiência da viagem, que traz novos caminhos e mudanças na bagagem, com ganhos e perdas; e retorno, momento de refletir, reorganizar e decidir o que manter, doar, devolver ou esquecer, integrando as novas vivências às resistências produzidas no processo (DETONI, et al., 2017).

ênfatisado na orientação do Edu em me dizer que estava na hora de ir para as cidades. Nessa minha cartografia, eu reconhecia como um encontro entre o plano extensivo e o plano intensivo. Tinha como produto cartográfico uma fabulação, com alusão aos mitos. Me parecia, nas minhas inúmeras tentativas de fazer um mapa mais desenhado e representativo, que eles sempre ficavam insuficientes, parecia que eu não conseguia capturar as pessoas para que elas lessem minha cartografia com tempo, a representação mais tradicional para as cidades pequenas pareciam sempre insuficientes. E me parece que, através desse outro produto cartográfico, do mapa escrito, eu conseguiria apreender um pouquinho mais os meus espectadores.

Contando brevemente sobre as experiências, começando por Morro Redondo, eu tinha um mapa síntese de cada uma das experiências, que era uma provocação para mostrar esse momento de captura, que não é uma cartografia para todo sempre, era um registro daquela experiência. Essa experiência tinha acontecido em um dia de sol, em janeiro, eu tinha chegado até a cidade de carro e eu tinha percorrido a cidade de bicicleta. Agora, estou me dando conta que só uma das três cidades eu percorri caminhando, embora Morro Redondo tenha se dado por bicicleta, porque era muito extenso para percorrer em um dia, enfim, se deu cheio de paradas, capturas, registros fotográficos e conversas. Essa experiência está registrada em um capítulo do livro *experiências cartográficas*⁴²⁹, que é um conjunto de várias experiências cartográficas.

A outra experiência, em Arroio do Padre, foi mais desafiadora, foi em um dia de chuva e o percurso acabou sendo feito de carro, com uma duração super curta. Quando chegamos, como estava chovendo e a cidade não tem um núcleo urbano mais tradicional — ela se dá ao longo de eixos, é uma cidade polinucleada, então, se entende que o núcleo central é

⁴²⁹ DETONI, Luana Pavan; ROCHA, Eduardo. Dionísio: uma cidade de outro tempo e espaço. In: Díez Teta-manti, Juan Manuel; Cana-li, Constanza; Vila, Verónica. *Experiencias cartográficas: exploraciones y derivas*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Editorial Mergens, 2017, p. 23 – 33.

⁴³⁰ DETONI, Luana Pavan. CARTOGRAFIA DA (IN) SEGURANÇA NAS CIDADES PEQUENAS: uma experiência em Arroio do Padre/RS. Revista Píxo, v. 4, n. 2, p. 121-127, 2018. <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/pixo/article/view/480>. Acesso em: 08 abr. 2024.

⁴³¹ A "PIXO - REVISTA DE ARQUITETURA, CIDADE E CONTEMPORANEIDADE" abrange as seguintes áreas do conhecimento: Arquitetura e Urbanismo, Artes, Filosofia, Educação, Geografia e Psicologia. Uma iniciativa conjunta dos Grupos de Pesquisa CNPQ cidade+contemporaneidade (PROGRAU/UFPel) e Arquitetura, Derrida e Intertextos (PROPAR/UFRGS), com classificação CAPES QUALIS-periódicos B1 (para Avaliação Quadrienal de 2017-2020).

⁴³² DETONI, Luana Pavan; ROCHA, Eduardo. O fio de Ariadne: Uma experiência cartográfica das cidades pequenas. *Arquitextos*, São Paulo, ano 22, n. 258.02, Vitruvius, nov. 2022 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/22.258/8316>>.

⁴³³ Vitruvius é uma plataforma digital comprometida com a difusão do conhecimento arquitetônico, artístico e cultural. Mantido pela Romano Guerra Editora desde 2000, disponibiliza um guia de livros, um jornal e sete revistas especializadas, incluindo *Arquitextos*, revista com classificação Qualis Capes A2 e conselho editorial com renomados intelectuais brasileiros e estrangeiros.

onde estão os bancos, igreja, escola — percorremos a cidade como um todo e, depois, pretendíamos fazer um percurso caminhando, mas fomos abordadas pela polícia, porque estávamos fotografando. Tem muito essa questão de como chegar na cidade, se tu estás de carro fotografando é uma coisa, até para a percepção dos moradores. Talvez, hoje, eu tenha mais maturidade para olhar para isso, mas naquele momento eu não me senti bem para seguir cartografando o território, por isso fomos embora sem colocar o pé no chão. Eu registrei como uma cartografia da insegurança em um ensaio⁴³⁰ na PIXO⁴³¹ que também tem essa coletânea, e acho que o registro fotográfico me ajudou a produzir essa cartografia, que poderia ter sido muito mais potente se tivesse a caminhada junto.

Turuçu foi uma cidade desafiadora para chegar porque não tem ônibus direto, mas vários ônibus passam por ela, qualquer ônibus que faça o trajeto Pelotas a Porto Alegre passa em Turuçu. Não tem uma rodoviária específica, logo, tinha uma infinidade de possibilidades e, ao mesmo tempo, nenhuma. Eu resisti, demorei muito para ir até Turuçu, e também não fui sozinha. Fui em um sábado, era um dia com sol, muito quente, o entorno dela é super árido, é um descampado e percorrer ela foi um verdadeiro oásis. Cheio de alamedas, foi realmente uma experiência bem interessante. E, talvez, por ter sido uma experiência a pé, eu acho que ela foi a cartografia mais potente do meu trabalho. Essa cartografia, e também um resumo desse miolo da pesquisa, do fio de Ariadne, eu registrei em um artigo⁴³² na Vitruvius⁴³³. As cartografias foram organizadas na escrita da dissertação por território, ou seja, cada cidade tinha uma parte da bagagem, uma parte do diário de bordo, as coletâneas e apresentavam um mapa escrito e fabulado.

Nesse processo das cartografias da dissertação, Pelotas era a Ágora. Toda obra é uma

viagem, um trajeto, mas que só percorre tal ou qual caminho exterior em virtude dos caminhos e trajetórias interiores que a compõem, constituem sua paisagem ou seu concerto. Ou seja, por todos esses territórios que eu estava percorrendo, o ponto de referência, o meu parâmetro, o lugar onde eu parava pra escrever, para pensar, comparar e refletir essas experiências, foi Pelotas.

Outra experiência foram as pesquisas na fronteira⁴³⁴, que aconteceram antes do meu mestrado, durante e depois. Nós buscávamos atravessar, percorrer e caminhar essa linha imaginária da fronteira, refletindo sobre os processos de cartografia e da caminhada. Escrevemos um artigo⁴³⁵ em conjunto, sobre essa experiência de caminhar e cartografar na fronteira do Brasil-Uruguay. A maioria dos cachorros não estavam presos quando fizemos essas travessias. De todas as fronteiras que atravessamos, eu compartilho que a mais desafiadora, não pela distância, mas pelos cachorros encontrados e pelos latidos, foi a travessia entre Barra do Quaraí e Bella Unión. A forma como eu venho pensando e trabalhando esse meu medo dos cachorros é com muita terapia comportamental, sempre crio estratégias para andar no território.

Uma outra experiência de cartografia que eu gostaria de compartilhar foram as entrevistas de manejo cartográfico, que tem um texto⁴³⁶ meu e da Lorena⁴³⁷. Em que pensamos nosso corpo enquanto mulher experienciando esse território, essa cartografia, e acho que foi uma reflexão bem importante no meu processo de formação.

Depois, tenho algumas experiências enquanto professora substituta na Faurb, e também na Anhanguera. E queria comentar o quanto a caminhada, percorrer os territórios, são essenciais para as disciplinas que eu experienciei. As diferentes perspectivas, tanto da cartografia como o geoprocessamento, quanto da

⁴³⁴ O projeto de pesquisa "TRAVESSIAS NA LINHA DE FRONTEIRA BRASIL-URUGUAY: controvérsias e mediações no espaço público de cidades-gêmeas", tem como objetivo geral: investigar o uso do espaço público da linha de fronteira Brasil-Uruguay. Para ver mais, acesse: <https://wp.ufpel.edu.br/travessias/>.

⁴³⁵ ROCHA, E.; RESENDE, L. M.; DETONI, L. P.; SANTOS, T. B.; FORNECK, V. Caminhar e cartografar na fronteira Chui-Chuy. VIRUS, São Carlos, n. 19, 2019. [online] Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus19/?sec=4&item=8&lang=pt>>. Acesso em: 08 Abr. 2024.

⁴³⁶ DETONI, Luana Pavan; RESENDE, Lorena Maia. MULHERES E LUGARES DE FALA: um percorrido pelas entrevistas cartográficas na fronteira Brasil-Uruguay. Revista Píxo, v. 9, n. 3, pp. 46-61, 2019. <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/pixo/article/view/2609>. Acesso em: 08 abr. 2024.

⁴³⁷ Lorena Maia Resende é doutoranda em Arquitetura no PROARQ/UFPR. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU/UFPel. Arquiteta e Urbanista graduada pela Universidade Federal de Pelotas (2016).

cartografia mais histórica das grandes narrativas dada pela Teoria da Arquitetura, e, ainda, da cartografia da caminhografia devem ser experienciadas. Na Anhanguera, através de um projeto, com outros colegas, propomos uma experiência de uma caminhografia no porto de Pelotas. E, nesse momento, tínhamos muitas vontades e muitas inquietações, muitas influências, mas não queríamos só reconhecer histórias por uma grande narrativa, mas também pelas narrativas marginalizadas. Então, para isso, parecia essencial caminhar naquele território, junto com o Guilherme⁴³⁸ que é historiador e nos contava sobre aquele lugar, mas também com a inquietação dos alunos para tentar aprender e capturar aquele espaço. Essa proposta se deu através de uma vinculação do ateliê de projeto escolar, junto com a disciplina de técnicas retrospectivas, que era uma disciplina um pouco mais teórica e se pretendia trabalhar ela de uma forma mais experimental, mais aplicada.

Publicamos um artigo⁴³⁹, contando essa experiência, acho que resume muito desse processo também de uma experiência enquanto docente, sempre muito influenciada pelos processos de cartografia e da caminhada, e nós chamamos de caminhografia influenciados pela disciplina de caminhografia que o Edu ofertou no PROGRAU/UFPe⁴⁴⁰ quando voltou do seu pós-doutorado. Que também foi uma experiência enriquecedora, mas bem desafiadora, principalmente pelo desafio de caminhar sozinho até o ponto de encontro. Não tínhamos, como anteriormente, uma saída e um ponto de chegada, era apenas um ponto de encontro no meio da tarde. Para chegar até lá, era provocado esse deslocamento sozinho, para mim era muito desafiador, eu sempre tentava corromper isso, marcar com algum colega para ir junto, mas não deu certo várias vezes. E eu me lembro que, nesse processo da caminhada, estávamos trabalhando muito com a escrita coletiva, que tem tudo a ver com

⁴³⁸ Guilherme Pinto de Almeida é Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, na linha de Teoria, História, Patrimônio e Crítica (2023). Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas (2016).

⁴³⁹ DETONI, Luana Pavan; ALMEIDA, Guilherme Pinto de; FERNANDES, Karolina Dias Lopes; FERNANDES, Gabriel Silva Lopes. UMA EXPERIÊNCIA DE CAMINHOGRAFIA URBANA NO PORTO DE PELOTAS: Diálogos entre o patrimônio e o estudo de arquitetura e urbanismo. Revista Pixo, v.11, n. 3, pp. 126-145, 2019. <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/pixo/article/view/2667>. Acesso em: 08 abr. 2024.

⁴⁴⁰ PROGRAU - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. UFPel - Universidade Federal de Pelotas.

esse processo da caminhografia, a questão de compartilhar as experiências e compartilhar as inquietações.

Depois disso, no doutorado eu proponho estudar duas temáticas, as cidades pequenas e a cooperação territorial. Nesse momento, me encontro pensando o quanto eu consigo reconhecer a cartografia enquanto um método de pesquisa que tem me constituído enquanto pesquisadora. É uma questão de reconhecimento, mas, ao mesmo tempo, parece que eu não faço jus à cartografia. Principalmente, pela questão de eu não conseguir trazer a caminhada junto, essa é minha principal dúvida, porque eu tô estudando esse processo de cooperação, em uma escala regional.

A outra questão, também, é que eu olho muito mais as normas, as políticas públicas e a macropolítica. Então, tenho me aproximado de uma possibilidade da *cartografia das contravérsias*, com quem eu tenho tentado trocar muitas figurinhas é a Lorena, que está estudando a teoria Ator-Rede, do Bruno Latour⁴⁴¹.

Eduardo Rocha: Eu tenho pensado nessa relação de cartografar cidades caminhando, porque é possível cartografar outras coisas sem caminhar, mas quando encontramos cidades, os lugares, a própria arquitetura, quando experimentamos uma arquitetura, caminhamos pela arquitetura, pelos ambientes internos, eu acho que, na verdade, não é o próprio caminhar, é o movimento do corpo.

Queria comentar uma coisa, tu falaste em um dado momento, que Pelotas é aquele lugar que tu sempre voltas. E eu tenho percebido o quanto é importante, na caminhada, esses movimentos de deslocamento para ir caminhar ou a volta da caminhada. Por exemplo, eu caminho com o grupo, estamos caminhando em grupo agora, e penso muito sobre toda aquela caminhada quando eu estou indo para casa. Então, tem um outro espaço de que

⁴⁴¹ Bruno Latour foi um filósofo, sociólogo e antropólogo francês, conhecido por seus estudos de ciência, tecnologia e sociedade; propôs uma "antropologia simétrica" da modernidade de modo a aproximar metodologicamente etnografias realizadas em sociedades ditas tradicionais e aquelas empreendidas em locais de produção científica, como os laboratórios.

podemos pensar sobre a caminhada, um lugar mais expandido, que pode ser na nossa casa, na frente do computador ou anotando em um caderno, a caminhada não cessou, essa movimentação não cessou e ela é tão ou mais importante, às vezes, do que o próprio caminhar.

Quando eu fui para Roma caminhar com o Careri, os momentos mais intensos para mim era voltar para casa, porque enquanto estava com o grupo caminhando, eu estava seguro. Porque, na Itália, eu não conhecia os lugares, eu não sabia nada.

Luana Pavan Detoni: Não posso deixar de comentar sobre essa angústia do retorno, de como voltar para casa. Eu fui em uma oficina do Careri em João Pessoa e, assim que eu encontrei um táxi, voltei. Eu não sei se para todo mundo é tão desafiador e tão difícil, mas aquilo de que não existe propriedade privada, vamos entrando na casa das pessoas, e tem os cachorros, para mim, isso tudo era uma coisa muito difícil, eu não sabia até que ponto o meu corpo ia aguentar, então, assim que eu pude, escapei.

Eduardo Rocha: Tem uma questão física envolvida. Agora a Gabriele Vargas faz estágio docente comigo, temos um aluno que tem uma deficiência, isso nos levou a pensar em tudo isso, porque propusemos várias caminhadas. Tínhamos aquele aluno e tivemos que adaptar as atividades.

Luana Pavan Detoni: É sempre uma experiência, a rua é difícil e desafiadora, e nos leva a uma desterritorialização.

A Ana Paula Dametto⁴⁴² está falando no chat sobre as nossas caminhadas de atelier e projeto, fomos conhecer alguns parques e praças em Porto Alegre, também tínhamos o projeto na República do Líbano, em Pelotas, sempre foi muito interessante esse momento de caminhar com uma turma enquanto

⁴⁴² Ana Paula de Andrea Dametto é Doutoranda no curso de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas. Especialista em Design de Produto pela UCS e em Fundamentos do Projeto Arquitetônico: do Processo ao Produto pelas Faculdades Integradas Ritter dos Reis. Graduou-se em Arquitetura e Urbanismo pela UFPEL.

professora, para mim, era essencial ter um ponto de apoio, em função do meu medo de cachorro. Tanto que mapeamos todos os cachorros da República do Líbano, depois, eles ganharam um cachorródromo no projeto. É isso que a Ana comentou, acho que foi quando pensamos nisso porque estava chamando atenção, nesse ponto da volta, nesse retorno da viagem, o retorno dessa caminhada, que está no campo das lembranças, diz respeito ao que eu escolho guardar e que eu ignoro.

Eduardo Rocha: Eu prefiro pensar na memória, porque ela é sempre ativa. Temos a tendência de pensar na memória imaginada, mas ela passa pelo ato de caminhar, está sempre ativa. Dentro dessa perspectiva, podemos pensar que existem caminhadas que têm mais intensidade e outras que têm menos intensidade.

Agora caminhando com as gurias, estamos pensando um pouco nisso. Notamos que nos lugares que convivemos a caminhada é muito menos intensa, porque conhecemos tudo, mas quando caminhamos pelo desconhecido, pelas periferias, por ruas subjacentes, parece que se intensifica. Quase como um turista, um estrangeiro. É claro que tem intensidade no lugar que conhecemos, mas tem algumas questões a serem pensadas nesse sentido.

Paula Pedreira Del Fiol⁴⁴³: A pergunta da Ana me fez pensar no que a Luana estava falando, da ideia da pedagogia da viagem. Porque, esses dias, eu saí para caminhar pela rua, em um feriado, e passei pelos nossos adesivos, Edu, que colamos em uma das caminhografias em grupo. E eu me lembro que quase não falamos nada sobre ela quando nos reunimos. Porém, quando eu vi o adesivo, comecei a pensar horrores. Ou seja, a caminhada reverberou em outro momento, não foi no momento da caminhada em si. É engraçado isso, porque foi uma caminhada em que as casas eram parecidas, as ruas pavimentadas, não

⁴⁴³ Paula Pedreira Del Fiol é Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU/UFPel, Arquiteta e Urbanista pela UFPel. Fundadora da Urbe CoLab, empresa de consultoria em urbanismo participativo.

tivemos problemas para caminhar, mas quando eu olho aquela figurinha que colamos, eu lembro do que aconteceu quando estávamos colando, que as pessoas começaram a gritar, dizendo que não podíamos colar figurinha naquele lugar porque a rua era pública. São outras reverberações que aquela caminhada traz, me chamou atenção porque eu pensei na Luana falando dos cachorros.

Luana Pavan Detoni: Eu vou só fazer um acréscimo, além de tudo, de ter que caminhar sozinha naquela disciplina, o Edu ainda nos desafiava a jogar com a cidade, a intervir. Então, era um nível de dificuldade ainda maior, porém, é interessante e, realmente, acho que pensar nesses diferentes momentos dessas capturas, não só do espaço, mas também do tempo, é bem interessante para a cartografia.

Vanessa Forneck⁴⁴⁴: Eu acho interessante essa questão do medo de expor, na tua cartografia. Eu li a tua dissertação e não lembro de tu falares isso, mas tu contas como isso te afetou, às vezes, eu fico pensando que tinham coisas na minha dissertação que eu também não queria apontar. Que era da minha caminhada, de eu estar me expondo ao perigo, ao desconhecido, e tinha coisas que eu pensava que era demais de contar. Entretanto, hoje, eu acho importante, porque faz parte dessa trajetória, dessas vivências, inclusive, isso era para constatar nos resultados de como foi esse processo cartográfico. Eu acho que tem muito da questão do nosso corpo nesse espaço e que acabamos deixando de lado, porque isso parece ser muito emotivo. Mas, a cartografia é colocar o nosso corpo no espaço, é como sentimos ele, como somos afetados.

Um outro ponto que eu queria comentar é da disciplina do Edu, ela trouxe outras propostas, como jogar com a cidade, é sempre uma atividade diferente. Tínhamos um pouco mais de facilidade para interagir, colar coisas em

⁴⁴⁴ Vanessa Forneck é Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo no Programa de Pós-Graduação do Instituto de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade de São Paulo, Mestra em Arquitetura e Urbanismo na linha de Urbanismo Contemporâneo no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e Arquiteta e Urbanista formada na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Pelotas.

lugar público era mais difícil, porque as pessoas também vão controlar, que acaba sendo um pré-conceito do que podemos fazer no espaço público ou não, como se existisse uma regra do que é permitido ou não. Esse jogo faz repensarmos outras formas de ocupar a cidade, e essas múltiplas interações que podemos ter, que causam esse estranhamento.

Eduardo Rocha: Eu acho que nos tira um pouco da nossa bolha, se formos pensar, as pessoas em situação de rua têm que achar lugar para dormir, o vendedor tem que botar a sua mercadoria em algum lugar, pendurar no poste. E também está sujeito a tudo isso, é claro que é outra relação, nós temos medo, porém, não temos a dependência, não tem uma obrigação, mas muitas pessoas tem, por isso é interessante se colocar nesse lugar e ver como é difícil. Porque, para colar um adesivo, temos todo esse dilema. Imagina alguém que vai dormir ou que vai vender alguma coisa na rua.

Luana Pavan Detoni: Essa escrita que a Vanessa fala me chama atenção, sobre os processos do medo, talvez seja uma questão do que quero dar vazão e o que não quero dar vazão. Eu adoraria superar, falar mais sobre isso em um passado, mas está muito ligado ao meu emocional, às vezes eu não tenho medo nenhum, às vezes tenho muito medo de qualquer cachorro. Isso entra na questão de tirar do senso comum, porque sempre que eu vou falar de um medo parece que as pessoas já tem um senso comum sobre o que ter medo no território. Quando olhamos para a senhora idosa que tem medo de cair em um buraco da rua e olha para minha trajetória, de quem tem medo de cachorro, pensa o quanto esse medo é singular, subjetivo, está pautado na experiência corporal e de território de cada um.

Eduardo Rocha: Eu tenho percebido, nessa geração muito jovem, um medo tão grande da rua, ou um medo de cansar. Nós propomos

algumas caminhadas aqui em Pelotas, muito simples, para a turma de teoria do primeiro projeto. Alguns grupos não queriam ir ao Parque Una, nem era para ir caminhando. É interessante porque eles têm medo, preguiça, não sabem qual ônibus pegar, é bem interessante essa acomodação, eu acho que a pandemia aumentou essa acomodação. Isso está relacionado ao medo, mas é um outro medo, não é o nosso, de pesquisador, que foi para rua, sentiu o medo e enfrentou ele ou saiu correndo dele.

Gabriele Vargas da Silva⁴⁴⁵: O que eu percebi é uma questão, às vezes, corporal, mas muitas vezes é psicológica. Tanto uma quanto a outra impõe barreiras na caminhada e o quanto isso causa impactos no que vai acontecer posteriormente.

Eduardo Rocha: Essa é a ideia da cartografia, desses filósofos psicanalistas que estudamos, não pode esquecer. Todo mundo está relatando isso, dá para ver que passa pelo corpo e pela mente.

Lorena Maia Resende: Enquanto a Luana estava falando eu lembrei muito de um documentário francês chamado *As Praias de Agnès*⁴⁴⁶. E acho que tem a ver com o que a Luana falou. O filme diz que se abríssemos as pessoas encontraríamos paisagens, o que a Luana nos mostrou hoje foi essa abertura dessa trajetória dela e quantas paisagens ela nos trouxe, tanto do olhar dela como das sensações. E eu acho que propiciado por essa caminhada, por esse percurso, por esse desafio do medo ou das sensações também boas de surpresa. Semana passada eu estive no Rio de Janeiro e fui sozinha, eu estava com medo, pelo que vemos do estigma. E foi uma experiência ótima, mesmo caminhando sozinha, as pessoas que encontramos, situações, vão alterando.

Se der para você falar um pouquinho, Lu, eu

⁴⁴⁵ Gabriele Vargas da Silva Moreira é Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU/UFPEL, graduação em arquitetura e urbanismo pela Universidade Católica de Pelotas.

⁴⁴⁶ AS PRAIAS DE AGNÈS. Direção de Agnès Varda. Produção de Agnès Varda. França: Ciné Tamaris, Arte France Cinéma, 2008.

fiquei muito curiosa, da parte da inscrição, eu tenho uma dúvida muito grande, às vezes, porque recebemos muitas críticas nessa questão empírica, como que transportamos essa experiência nas palavras, na escrita, como conseguimos reverberar no outro.

Luana Pavan Detoni: Acho que é um desafio. Quando pensamos na cartografia, ela vai muito contrária à ideia de representação, por isso, eu acho que sempre tem essa provocação, de propor alguma coisa ativa que consiga fazer com que cada um leia aquilo que está escrito de uma forma. Eu acho que tem uma questão, que está nesse processo da minha tentativa com as cidades pequenas, de como eu ia cartografar e conseguir prender a atenção das pessoas naquele processo. Que cartografia seria essa? Seria um ato político, um mapa, um texto, pensando nas diversas formas que podemos assumir uma cartografia. Eu acho que é super desafiador e não sei se teve uma boa acolhida, se eu fiquei satisfeita com o produto, porque tem sempre uma questão muito sensível, muito subjetiva, implicada. Por exemplo, eu coloquei aquele meu mapa texto na apresentação hoje e, dependendo do tempo eu iria ler, mas, para mim, esses processos mais afetivos são difíceis de conseguir ler. Eu consegui dar voz para aquilo que eu escrevi, porque eu acho que se descola, eu não consigo mais. Acho que essa questão da inscrição, a forma como vamos entregar o nosso produto para as pessoas, é uma preocupação, como o outro vai pegar o nosso texto, pegar a nossa cartografia, e não tem uma resposta. Eu acho que é contar isso, o quanto essa coisa é processual e ir compartilhando as partes. Acho que isso que tu comentas Lorena, de que se abrissemos pessoas, encontraríamos paisagens, no momento em que abrimos as pessoas nós somos constituídos pelos territórios que experienciamos, pelas pessoas que encontramos e cada uma vai interpretar as cartografias de uma forma. Eu acho que tentar deixar esses

processos o quanto mais aberto possível é o melhor, mas é um desafio.

Eduardo Rocha: Eu acho que essa é uma preocupação da nossa área, dos arquitetos. Se formos olhar as pesquisas de antropólogos, de historiadores, de pedagogos, de artistas, eles não tem esse policiamento. Porém, a nossa profissão têm esse lado técnico, tradicional.

Lorena Maia Resende: Que nos é cobrado, também. Parece que a nossa narrativa, por sermos arquitetos, não se equipara a de um antropólogo, e ficamos reforçando isso, dá um incômodo.

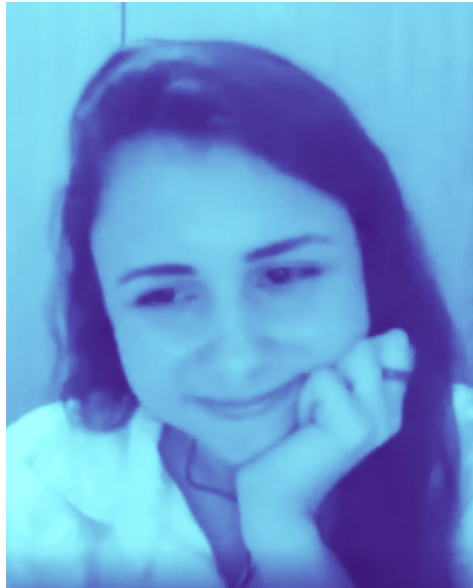
Eduardo Rocha: O projeto de arquitetura é representação, é o desenho, é toda aquela história do desenho nos planos, isso influencia a nossa forma de pensar e de ler algumas coisas, essa ideia de montagem ou do mapa, que é isso que a Luana levou um tempo para conseguir escrever. Acabamos nos dando conta de que o mais interessante é o que está escrito sobre o mapa, é até mais interessante que as próprias imagens.

Luana Pavan Detoni: Eu quero pegar o gancho da disciplina do estágio que eu fiz em SIG, em urbanismo. Cada vez que eu estudo, quanto mais eu estudo SIG, as bases de geoprocessamento, mais eu acho parecido com os princípios da cartografia, pode ser muito doido pensar e falar isso, mas é que tem um processo de escolha tão grande do que vai ser mostrado, como vai ser mostrado e o que não vai ser mostrado, as distorções, as formas, desde a escolha de qual é a projeção, qual é o tom, qual é a cor, o que aparece e o que não aparece, qual é a hierarquia, qual é a leitura, qual é a dinâmica de cada mapa, que me parece que é cartografia.

Eduardo Rocha: Mas tem uma possibilidade nos últimos tempos, eu percebo que muitos pesquisadores de campo, da representação

digital, da parametria, têm uma aproximação muito forte com as cartografias, com essas narrativas, e, também desse campo de mapeamento mais quantitativo, eu venho percebendo muito essa sobreposição e esse interesse por esse lugar.

Lorena Maia
Resende



Doutoranda em Arquitetura no PROARQ/ UFRJ e Bolsista Faperj. Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de PROGRAU/ UFPel. Arquiteta e Urbanista graduada pela UFPel. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase nas Cidades de Fronteira; Planejamento Urbano e Projeto. Atualmente é colaboradora no desenvolvimento de projetos de pesquisa, ensino e extensão junto ao grupo de pesquisa Cidade+Contemporaneidade (Laburb/UFPel) e ao grupo de pesquisa Sistema de Espaços Livres (SEL-RJ/UFRJ).

Figura 27: Lorena Maia em entrevista para conversas.
Fonte: canal youtube revista pixo, 2022. https://youtu.be/JbJrCJhekMc?si=E23_QpD-35nkO3ebR

Eu vou falar com vocês hoje sobre a fronteira, porque eu trabalho com essas cidades, trabalhei desde a graduação, mestrado e agora no doutorado. Trago uma primeira citação do filósofo francês Bruno Latour⁴⁴⁷ que fala: “É necessário permanecer tão míope quanto uma formiga para desconstruir cuidadosamente o que social, usualmente, significa. É necessário viajar a pé e ater-se à decisão de não aceitar carona de nenhum veículo mais rápido [...] ou então devemos virar-nos em um ângulo reto, deixar as rodovias e optar por caminhar através de uma minúscula vereda não muito mais larga que uma trilha de burros”⁴⁴⁸. Esse trecho casa muito com esse conceito de caminhografia urbana, porque ele está falando dessa questão do viajar a pé, desse caminho traçado pelo corpo nessa travessia. Nessa decisão de não aceitar a velocidade, por isso, se ater a um tempo mais lento.

Eu trago a minha experiência com o travesias⁴⁴⁹, que diz um pouco sobre como fui parar nessa fronteira. Na graduação, eu fui fazer um intercâmbio pelo Ciências sem Fronteiras⁴⁵⁰ em Lisboa, Portugal, quando eu voltei, conheci o Edu⁴⁵¹ e me aproximei da fronteira. Eu acho importante falar sobre o meu trajeto, tanto nacionalmente como internacionalmente, porque foi assim que comecei a observar o meu olhar estrangeiro e isso me tocou de uma forma, tanto positivamente como negativamente. Desde o fascínio por conhecer o outro, de receber a diferença, mas, ao mesmo tempo, como lidamos com ela, a fronteira, eu acho, é exatamente isso. Ela vai mostrar que não é uma linha, não é um limite, ela é uma espessura, uma zona de acolhimento, ela me acolheu muito bem, e até hoje tenho muita curiosidade por ela, por isso que eu sigo nessa fronteira. Eu trouxe sete projetos, que atravessam esse conceito de caminhografia urbana. Então, o primeiro, entre 2014 e 2016, foi o projeto para-formal⁴⁵². Depois, um ateliê na FAUrb, ainda na graduação, onde eu trabalhei com uma

⁴⁴⁷ Bruno Latour foi um filósofo, sociólogo e antropólogo francês, conhecido por seus estudos de ciência, tecnologia e sociedade; propôs uma “antropologia simétrica” da modernidade de modo a aproximar metodologicamente etnografias realizadas em sociedades ritais tradicionais.

⁴⁴⁸ Latour, 1994, p. 42.

⁴⁴⁹ O projeto de pesquisa “TRAVESSIAS NA LINHA DE FRONTEIRA BRASIL-URUGUAY: controvérsias e mediações no espaço público de cidades-gêmeas”, tem como objetivo geral: investigar o uso do espaço público da linha de fronteira Brasil-Uruguay. Para ver mais, acesse: <https://wp.ufpel.edu.br/travessias/>.

⁴⁵⁰ O Ciência sem Fronteiras era um programa de intercâmbio do governo federal destinado a expandir e promover a internacionalização da ciência brasileira.

⁴⁵¹ Eduardo Rocha é Arquiteto e Urbanista (CAU/UCPel), Especialista em Patrimônio Cultural (CA/UFPe), Mestre em Educação (FaE/UFPe), Doutor em Arquitetura (PROPAR/UFRGS) e Pós-Doutor (Universit  Roma Tre). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2. Professor Associado no DAUrb/FAUrb/UFPe; e Pesquisador no PROGRAU/FAUrb/UFPe, na Linha de Pesquisa: Cidade e Sociedade.

⁴⁵² O para-formal na fronteira Brasil-Uruguay: Controvérsias e mediações no espaço público   um projeto que tem como objetivo compreender e sistematizar as “para-formalidades” encontradas nas cidades da fronteira Brasil-Uruguay.

fresta. Já no mestrado, eu fiz duas disciplinas que trabalharam com isso, uma de antropologia urbana e outra de explorações urbanas. Posteriormente, teve o projeto de pesquisa Travessias na Fronteira, a minha dissertação⁴⁵³ sobre essas travessias e, por fim, o doutorado, que está em andamento, sobre paisagem de fronteira.

Começo com o projeto para-formal, foi o primeiro projeto de pesquisa que fiz na fronteira. Tivemos uma primeira aproximação com o para-formal no centro das cidades de Pelotas e de Rio Grande, mas o que ficou mais forte para mim foi quando viajamos por todas as cidades de fronteira. Saímos de Pelotas e fizemos todas as seis cidades-gêmeas, começando pelo Chuí-Chuy, em grupo diverso, de arquitetura, geografia, letras, cinema e turismo. Esse conceito vem dos argentinos, do grupo GPA, eles falam que o Para-formal está entre o formal e o informal na cidade. Entendemos que é o que escapa do planejamento urbano, quem são esses atores que estão se apropriando dessas cidades e de que forma. Fizemos esse percurso caminhante nessas cidades com diário de bordo e fotografias, a partir disso, obtivemos alguns resultados.

No Chuí-Chuy, descobrimos vários para-formais nessa linha de fronteira, ou seja, achamos trailers de ambulantes, paraciclos, demonstrações artísticas, pessoas na rua cantando. Chegamos em um conceito de para-formal no formal, e entendemos que existia uma continuação das lojas. No Chuí isso é muito nítido, as lojas colocam os manequins na calçada, eles se apropriam da calçada transformando em um para-formal comercial. Essa minha apresentação sobre a caminhografia urbana aborda um pouco sobre a inscrição, o caminhar e o cartografar. A caminhografia sempre compreende três momentos: o antes desse percurso; o durante que é o próprio percurso, o ato da experiência; e o depois, que é a inscrição, tanto no corpo quanto na memória.

⁴⁵³ RESENDE, Lorena Maia. Cartografia urbana na linha de fronteira: Travessias nas cidades-gêmeas Brasil-Uruguay. Pelotas: PROGRAU/UFPel, 2019. [dissertação de mestrado].

Como somos arquitetas e urbanistas, trabalhamos com a materialidade e com essa representação, mais como um relato de viagem. Conseguimos identificar o lugar, o corpo, o equipamento desses para-formais, ou estudar um pouco quais são essas materialidades, o que esse corpo está falando e expressando? Isso, novamente, casa muito bem com a Teoria Ator-Rede, do Latour, essa teoria que vem falando dos humanos e, também, dos não humanos, porque, nesse caso, o equipamento faz toda a diferença.

Depois, ainda na graduação, em 2016, tive aula de Ateliê Urbano, a Luana⁴⁵⁴ participou como estagiária docente junto com o Edu, e eles nos propuseram ir na colônia Z3, que é uma colônia de pescadores de Pelotas, e através da caminhada tentamos identificar algum lugar em que poderíamos propor alguma coisa processual, foi muito interessante. Eu chamei o projeto de *a fresta* porque eu não entendia como a frente de quase todas as casas desses pescadores, dava para a rua, e as costas para a lagoa. Eles têm um outro entendimento, a lagoa, para eles, era trabalho, por isso, o caminhar nessa parte da cidade, que era tão tranquilo, permitia ver os problemas e as deficiências urbanas. Então, primeiro fizemos um percurso em grupo, e, depois, o Edu e a Luana foram nos instigando, em questões e desafios sobre como podíamos ler esse lugar. Eu fiz algumas propostas que tentavam unir alguns heterogêneos, trouxe a dança, que foi algo muito forte pelo movimento do vento, e as árvores, era um lugar muito silencioso, mas todos os objetos se movimentavam. Eu fiz alguns croquis até chegar em um protótipo de um deck, que achava que seria muito interessante.

No mestrado, fiz uma disciplina de antropologia urbana no curso de antropologia da UFPel⁴⁵⁵, e foi uma disciplina interessantíssima, porque eu me aproximei da metodologia da etnografia. Nesse caso, o desafio era

⁴⁵⁴ Luana Pavan Detoni é doutoranda em Planejamento Urbano e Regional, no PROPUR/UFRGS. Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU/UFPel. Arquiteta e Urbanista graduada pela FAUrb/UFPel.

⁴⁵⁵ UFPel - Universidade Federal de Pelotas.

⁴⁵⁶ RESENDE, L. M. PAISAGEM DA MEMÓRIA: Não é cova grande, é cova medida. PIXO - Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade, v. 7, n. 25, p. 552-571, 30 out. 2023.

⁴⁵⁷ Moacir Gadotti possui graduação em Pedagogia (1967) e Filosofia (1971) pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, mestrado em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1973) e doutorado em Ciências da Educação pela Universidade de Genebra (1977).

⁴⁵⁸ Vera Regina Tângari possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pelo Instituto Metodista Bennett (1981), Mestrado em Urban Planning, com concentração em Urban Design, pela University of Michigan (1983) e Doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2000).

fazer uma observação participante na cidade e o meu tema foi o Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula, em Pelotas, escolhemos esses temas a partir de sorteio. Eu me lembro que fiquei um pouco chocada, porque tinha alguns receios com o cemitério, eu ia para o cemitério sozinha, caminhar, era algo que me despertava muita coisa. Mas, topei o desafio e fui entender um pouquinho aquela estrutura que é urbana, a cidade dos mortos. Trago, aqui, um trechinho dessa minha observação flutuante, o que eu escrevo durante essa caminhada. “Falo da cidade dos mortos, daqueles que se fazem presentes na ausência. Narro sobre a paisagem do cemitério, lugar da saudade, do místico, do sagrado, do estranhamento ou do fascínio. [...] O dia estava nublado e, em alguns momentos, caía uma garoa fina, temperatura abafada e sem nenhuma brisa. Silêncio ensurdecedor. A experiência foi dramática no começo, empolgante e instigante no final. A regra mais enfática nos informada pela administração foi: “nada de fotografias”. Desobedeci.”⁴⁵⁶ Eu tirei algumas fotografias escondidas. Essa arte da desobediência, o educador Moacir Gadotti⁴⁵⁷ fala sobre isso, da importância de desobedecermos, em alguns momentos, para estarmos abertos à criação. Portanto, esse percurso dentro do cemitério me fez perceber coisas muito interessantes que eu nunca tinha parado pra notar, como esse tempo lento da caminhada, do passo, de ouvir, de prestar atenção no clima. Isso me fez entender como os atores não humanos estão, também, influenciando a todo o tempo.

Depois disso, no doutorado, a professora Vera⁴⁵⁸ sugeriu que pegássemos alguma experiência que tivemos na cidade e fizessemos uma análise disso. Isso foi durante a pandemia, não podíamos sair de casa. Resgatei essa minha caminhada no cemitério e fiz uma análise sobre ela, com plantas, um pouquinho dessa arquitetura para me ajudar também a

entender esse território e conseguir expressar o que eu sentia. Embora muitos autores digam que é impossível expressar ou narrar completamente uma experiência. Eu tentei repassar isso de alguma forma, trago outras apropriações, por exemplo, *Morte e Vida Severina*⁴⁵⁹, do João Cabral de Melo Neto⁴⁶⁰. E dou o nome do trabalho de *Não é Cova Grande é Cova Medida*. Eu estava na época da pandemia, em que estávamos, infelizmente, tendo o maior número de mortes. Por isso, o sentimento nessa escrita é totalmente diferente daquele que estava caminhando pelo cemitério com outro olhar. Resgatei alguns croquis que eu tinha feito e coloquei na prancha para tentar identificar cada sentimento. E classifiquei várias coisas. O princípio do cemitério é um edifício, com as gavetas, no outro setor do cemitério tem os templos, havia outra unidade de paisagem que chamei de sobrado, que são aquelas gavetas menores, o outro lado eu chamei de casa, que são as esculturas, depois tinha a parte dos judeus, que eu não podia entrar, só vi de fora, a parte do rés-do-chão são aquelas que estavam muito degradadas, com um abandono enorme. Fui construindo, a partir da minha caminhada, voltei a esse texto e, depois, reapropriei o que estava acontecendo no momento. Logo, falar que não é cova grande é cova medida, é um questionamento, quem tem direito de morrer e quem não tem, como funcionou essa questão do vírus, como é que isso nos impactou? Eu conversei com o coveiro também, por isso, nessas caminhadas é importante o imprevisível, a conversa com ele foi interessantíssima e eu trago um pouquinho sobre esses percursos.

Depois, eu fiz outra disciplina, ainda no mesclado, que foi *Explorações Urbanas: Errar no Limiar*, ofertada pela professora Emanuele de Felice⁴⁶¹, que tem uma aproximação com o Careri⁴⁶², ela foi aluna dele, e estudou muito sobre a caminhada. Essa disciplina se propôs a investigar a cidade e seus territórios através

⁴⁵⁹ MELO NETO, João Cabral de. *Morte e Vida Severina e Outros Poemas em Voz Alta*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

⁴⁶⁰ João Cabral de Melo Neto foi um poeta e diplomata brasileiro. Sua obra poética, que vai de uma tendência surrealista até a poesia popular, porém caracterizada pelo rigor estético, com poemas avessos a confessionalismos e marcados pelo uso de rimas toantes, inaugurou uma nova forma de fazer poesia no Brasil.

⁴⁶¹ Emanuela Di Felice é Graduada em Ciência da Arquitetura com especialização em Projeto Arquitetônico com a tese *Reci-clopolis: A cidade da reciclagem? orientada pelo Francesco Careri com o qual caminha desde 2006. Mestre por Master Housing, novos modos de habitar*, (Università degli Studi di Roma 3). Em 2015, obteve título de doutora em "Projeto Urbano Sustentável" no DIPSA, (Università di Roma 3) com a tese *Re-Habitar: auto recuperação assistida do patrimônio público, em cooperativas de moradores*.

⁴⁶² Francesco Careri é arquiteto e professor pesquisador do Departamento de Arquitetura da Università degli Studi Roma Tre, onde dirige o grupo de pesquisa *Laboratorio Arti Civiche* e ministra uma disciplina de mesmo nome, um curso peripatético no qual você caminha enquanto interage *in situ* com fenômenos urbanos emergentes.

⁴⁶³ Carolina Ritter é doutoranda no Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na área de Teoria, História e Crítica da Arquitetura, e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). É Arquiteta Urbanista também pela UFPEL e Técnica em Edificações pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense.

⁴⁶⁴ Citação de trabalho não publicado.

⁴⁶⁵ Situacionistas é um movimento europeu de crítica social, cultural e política que reúne poetas, arquitetos, cineastas, artistas plásticos e outros profissionais. Seu início data de julho de 1957, com a fundação da Internacional Situacionista, em Cosio d'Aroschia, Itália.

⁴⁶⁶ CARERI, 2017, p. 107.

dessa imersão, foi uma caminhada coletiva, tivemos uma interação direta nesse cotidiano das frestas e descontinuidades da cidade. Andávamos sempre pela borda, eu conheci muito de Pelotas nessas explorações. Fomos relatando experiências através de cartografias, ensaios, *collages*, aliando teorias, urbanismo, tudo isso. Eu e a Carolina Ritter⁴⁶³ criamos um mapa mostrando os pontos das caminhadas durante as aulas. Tivemos quatro percursos diferentes e fui dando nome para o que mais me tocava durante essas caminhadas. Durante as caminhadas a professora propunha algumas apropriações, então, houve um dia em que choveu e tínhamos que caminhar todos juntos, com um plástico sobre nós. Conforme fomos andando com ele, todo mundo na rua se afetava, de certa forma, com a nossa presença porque não é comum. Teve uma senhora que nos acolheu na casa dela, nos convidou para tomar café e, eu e Carolina escrevemos um trechinho que eu vou ler: “[...]fomos um grupo que caminhava, isso já não é usual na cidade, nada de diferente podíamos ter, mas quem nos via, nos olhava realmente. Tentamos, ao escrever este mapa, entender um pouco do que nos aconteceu durante as caminhadas e, nessa hora de se escolher um dos pontos a serem abordados aqui, percebemos que fomos caminhantes bastante críticos.”⁴⁶⁴ Eu faço uma ressalva com os situacionistas⁴⁶⁵, a caminhada à deriva, que eles propunham, realmente era um olhar bem crítico ao urbano e como estava essa configuração urbana de desestruturação, de modificação. Tem uma citação do Careri que eu acho importante: “Haja então desvios, mudanças de rumos, paradas para falar com o dono da casa que naquele momento já curioso convidou-o para entrar e tomar um café e quer saber mais coisas sobre nós.”⁴⁶⁶ E foi exatamente o que aconteceu com essa senhora, por isso, estar aberto a isso. A professora fazia algumas brincadeiras de vender os olhos, entender como era o espaço com outros sentidos. Nos identificamos

como grupo de caminhantes como uma resistência na cidade, fizemos algumas *collages* para entender esse lugar que está sendo afetado com a nossa presença. Tivemos sensação de medo, insegurança, repúdio, mas, também, pensando que com uma caminhada coletiva ganhamos coragem para estar nesses lugares, porque sozinha, provavelmente, eu não entraria em alguns desses locais.

Depois, veio o projeto Travessias na Fronteira, que foi um projeto do grupo cidade+contemporaneidade⁴⁶⁷ em que voltamos para a fronteira Brasil-Uruguai, porém com outra intenção, queríamos atravessar essa linha de fronteira para investigar o uso do espaço público na linha de fronteira. Novamente, tivemos outros viajantes conosco e viajamos durante doze dias, quase dois dias em cada uma dessas seis cidades gêmeas. Tínhamos como metodologia a cartografia urbana e usamos a pedagogia da viagem, entrevistas, mapas, auto fotografia e vídeos. Tendo financiamento da FAPERGS⁴⁶⁸. Dividimos o projeto em três anos, a viagem, que foi o primeiro ano, seria o ato da caminhada em si, no segundo ano ouvimos as vozes na linha de fronteira, muitos moradores deram palestras para nós em Pelotas, e o terceiro foi a inscrição. Estávamos muito entremeados com isso e as nossas ferramentas, as tecnologias, foram câmera, vídeo e gravador, tudo isso fomos usando, e outras ferramentas como lápis e caneta, tudo isso influencia o nosso processo de inscrição. Tivemos entrevistas de manejo de cartográfico, que foi o ouvir, os mapas, que foram o registro da caminhada, os vídeos, que foram a captura desses acontecimentos, e a fotografia. Tivemos o mapa da entrevista que foi o desenho desse percurso pela linha de fronteira, mapa vídeo e o mapa da auto fotografia, que é essa fotografia do pesquisador. Foi muito interessante, porque chegamos a algumas conclusões sobre a caminhada. A caminhada é a criação dos sentidos, a descoberta do novo.

⁴⁶⁷ cidade+contemporaneidade grupo de pesquisa, ensino e extensão; ligado ao LabUrb, ao PROGRAU, a FAUrb e a UFPel; propõe uma abordagem multidisciplinar para analisar questões urbanas da sociedade contemporânea, com foco na arquitetura e cidade.

⁴⁶⁸ FAPERGS - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul.

Dividimos a caminhada em três partes, ela se divide na travessia, na linha e no relato. Então, a travessia como o percurso, o caminhante; a linha, é o rastro é marcado pela trajetória; e o relato é o discurso, a narrativa desse trajeto caminhado, essa inscrição, o trajeto físico, como também do pensamento, que percebemos a suspensão dos objetos materiais para inserção dessa experiência sensível.

Posteriormente, a minha dissertação, que defendi em 2019, o título é *Cartografia Urbana na linha de fronteira: travessias nas cidades-gêmeas Brasil-Uruguay*, que eu falo sobre essa viagem de forma mais detalhada. O objetivo foi cartografar essa travessia na linha definida por essas cidades com a intenção de mapear os fenômenos urbanos da fronteira, entender o que acontece nesses espaços públicos da linha de fronteira. Eu vou relatando cada percurso que fizemos, alguns foram com transporte público, ônibus, porém, a maioria foi a pé, para vermos essas diferenças e os pontos que iam chamando a atenção em cada um. São três fronteiras secas, ou seja, a linha de fronteira passa por uma linha imaginária, que é uma avenida, e três molhadas onde temos a divisão, ou união, a partir do curso do Rio. Com essas travessias eu consegui entender que existem lugares da errância e lugares da espera. Os lugares da errância eu entendi como os lugares dessa passagem rápida, temporárias, de circulação, mas que também comunicam, eles estão ligando um ponto a outro. Eu dividi o trabalho em rua, ponte e aduana. Então nas ruas, faço fotografias para entender como atravesssei esses lugares da errância e faço *collages*, muito próxima da teoria do Fernando Fuão⁴⁶⁹. A ponte, é outro lugar de errância nas cidades de fronteira molhadas, que uso as formas de acolhimento, com base nos escritos da Celma Paese⁴⁷⁰. E, por fim, a aduana, que é um lugar de travessia, que foi rápida muitas vezes, foi tranquila outras vezes, foi mais hostil. Faço um estudo de cada uma dessas aduanas, entendendo a sua

⁴⁶⁹ Fernando Fuão é Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela UFPel (1980), Doutor em Projetos de Arquitetura Texto e Contexto pela Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona-UPC (1987-92), Pós Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia-UERJ (2011-12).

⁴⁷⁰ Celma Paese tem Pós-Doutorado no PPGAU-Mestrado Associado Uniritter/Mackenzie, Doutorado em Teoria, História e Crítica da Arquitetura (PROPAR/UFRGS), Pós-graduação em Design: Projeto de Produto (PUC-RS) e Arteterapia (FEEVALE). Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UNIRITTER.

arquitetura e sua localização também. Já os lugares da espera, são os lugares que vão despertar a pausa do corpo, uma situação de mobilidade física, lugares do acolhimento que, na maioria das vezes, são atrativos e possuem equipamentos que favorecem essa espera. Eu divido em a praça, o parque, o marco de fronteira e a ocupação. A praça e o parque de cada uma dessas cidades, principalmente, próximos aos rios, foram acolhimento. Houve, também, a espera nos marcos de fronteira, em Santana do Livramento e Rivera, onde conseguimos marcar vários pontos que mostram o que são esses marcos, no que eles nos afetam, em cada uma dessas cidades. E a ocupação, ou seja, a apropriação desse lugar. Eu dividi entre ocupação disciplinada, que é aquela que foi organizada pelo estado, e a desviante, aquela ocupação em que os moradores se apropriam de diferentes formas, tem ocupação de ciganos perto da ponte de Jaguarão. O retorno dessa viagem, esse processo de caminhada, provocou muitas reflexões, colocamos nosso corpo nessa desterritorialização e, depois, reterritorializamos esse movimento intenso, mas que foi fundamental.

E, por fim, eu chego no doutorado com esse tema da paisagem de fronteira, que é um tema que, no Brasil, se fala muito pouco e, quando os autores citam, é um tema que vem da Europa. Eu trago os termos em inglês *border landscape*, o mais conhecido agora é o *borderscapes*, onde os autores estão falando de fluxos transnacionais. Acho que descobri uma lacuna nesse lugar e estou estudando no doutorado para entender essa paisagem de fronteira na América Latina, que é muito diferente da Europa, e, também, norte-americana. O meu objetivo no doutorado é rastrear e cartografar essas transformações da morfologia da paisagem na cidade fronteiriça. Portanto, estou observando como essas cidades estão se transformando com o tempo e o que elas estão nos ensinando e contribuindo

⁴⁷¹ Prem Kumar Rajaram é Professor no Departamento de Sociologia e Antropologia Social. Também é Chefe da Iniciativa de Aprendizagem Aberta (<https://openeducation.group/>) e líder do projeto do consórcio Erasmus+ Iniciativas de Educação para Refugiados (<https://www.refugeeeducationinitiatives.org/>), que oferece programas educacionais para pessoas deslocadas na Áustria, Hungria, Alemanha, Reino Unido e Grécia.

⁴⁷² John Law é sociólogo e estudioso de ciência e tecnologia britânico, atualmente professor emérito na Faculdade de Ciências Sociais da Open University, no Reino Unido. Law cunhou o termo teoria ator-rede (TAR) em 1992 ao sintetizar o trabalho realizado com colegas do Centre de Sociologie de l'Innovation.

⁴⁷³ Tommaso Venturini é pesquisador no Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS) Centro para a Internet e Sociedade. Também é pesquisador associado do INRIA e do médialab da Sciences Po Paris, além de membro fundador do Public Data Lab.

para compreender que paisagem de fronteira está sendo formada. Identificar, também, as controvérsias das paisagens para, assim, oferecer subsídios para a formulação de diretrizes, intervenções ou mesmo para entendermos como essa paisagem de fronteira está sendo configurada. Eu faço um percurso conceitual sobre a fronteira e a paisagem, entendendo que esses conceitos se modificaram ao longo do tempo e seguem se modificando, não há certo nem errado, é uma construção. Me apoio em autores como Prem Rajaram⁴⁷¹, John Law⁴⁷² e Tommaso Venturine⁴⁷³, que vão falar dessa cartografia de controvérsias, um mapeamento dos conflitos. Porque, na fronteira a paisagem é um conflito, por isso, eu quero entender como funciona, como essa paisagem está se formando e acho que só sendo uma formiguinha mesmo para estar caminhando, percorrendo essa cidade, ouvindo esses *actantes*, sejam eles humanos ou não humanos. Logo, essa tese vai se configurando em uma rede, eu já percebo que tem *actantes*. Quando eu falo *actantes* é porque Latour usa esse termo, às vezes, ao invés de ator, porque ele abraça tanto humanos como não humanos. E começo a perceber coisas como os actantes de mercado, forças do *freeshop*, camelôs, moeda. Actantes da travessia, a ponte, a mobilidade, o contrabando. Actantes simbólicos, os marcos de fronteiras, as bandeiras, as placas, os arquitetos jurídicos, as legislações. Actantes digitais, o chip de celular, a internet.

É uma paisagem muito instigante. Através dessa associação entre os actantes eu tenho costurado essa paisagem. É durante a caminhada pela fronteira Brasil-Uruguai que eu percebo o conceito de paisagem de fronteira se aproximando das características desses outros autores, que falam de uma mobilidade transnacional, porém ganhando significados diferentes e particulares dessa fronteira latino-americana. Como de adaptabilidade, cooperação, zona de amortecimento, mas, também,

de tensão. Por isso, a experiência corporal no território vai possibilitar essa abertura para outros questionamentos.

Luana Pavan Detoni: Parece que tanto a cartografia inspirada em Deleuze⁴⁷⁴ e Guattari⁴⁷⁵, quanto essa cartografia da teoria Ator-rede, carregam muitos termos, noções, expressões, que, às vezes, limitam a comunicação. E eu queria que tu falasse um pouquinho mais sobre isso, o que tu pensa sobre isso, essa questão da linguagem é um desafio, conseguir carregar esses significados todos que estão por trás das nossas pesquisas, das nossas perspectivas, como pesquisadoras, mas, às vezes, elas limitam a nossa comunicação.

E a outra questão que eu fico pensando, tu cuidas tanto a questão da representação, de ter um cuidado com a expressão, entretanto, como a tua representação gráfica é incrível, a tua dissertação ficou linda e ela é muito comunicativa. Fico pensando que talvez tu poderias comentar um pouquinho mais, até compartilhar teus conflitos em relação a essa perspectiva da representação. Um conflito, que eu vou compartilhar da representação, é em relação às categorias. Achei genial as categorias que tu trouxeste dos actantes e fiquei pensando o quanto essas categorias são traços abertos, o quanto elas estão representando e fechando.

Lorena Maia Resende: Estamos nesse processo juntas, falando de linguagem, vocabulário, no grupo do Derrida⁴⁷⁶, onde discutimos muito isso, e escrevemos um trabalho sobre a língua do outro. E, agora, no doutorado eu estou enfrentando mais ainda, porque eu tenho lido muita coisa em outras línguas, inglês, espanhol, principalmente por conta da fronteira. Eu travo quando vou escolher a palavra, mas já vi algumas pesquisas sobre podemos criar novas palavras e, nesse desafio, eu tenho tentado arriscar, no sentido de se apropriar das coisas e criar outras, mas é um desafio, eu acho que isso é um exercício, acho que

⁴⁷⁴ Gilles Deleuze foi um filósofo francês. Sua obra é considerada uma das principais representantes da filosofia continental e do pós-estruturalismo, de modo que ocupa um lugar importante nos debates contemporâneos sobre sociedade, política e subjetividade.

⁴⁷⁵ Félix Guattari foi um filósofo, psicanalista, psiquiatra, semiólogo, roteirista e ativista revolucionário francês. Foi um dos fundadores dos campos da esquizoanálise e ecosofia.

⁴⁷⁶ Jacques Derrida foi um filósofo franco-magrebino, que iniciou a Desconstrução em filosofia, termo que cunhou, deverá ser compreendida, à luz do que é conhecido como "intuicionismo" e "construcionismo" no campo da metamatemática.

podemos nos inspirar no Latour e tentar criar palavras que aproximam, ou que englobam, esse todo.

E, sobre a representação, eu sempre gostei muito de representação gráfica, se eu fizesse outra graduação seria designer gráfico, eu acho maravilhoso, adoro, mas entro em conflito o tempo todo. Porque é uma representação fixa, igual à *collage*, que é para o nosso processo, mas o resultado fixou, perdeu a força. Logo, querendo ou não, para mim, expressa um processo, para o outro, talvez, está falando outra coisa. Também tem esses conflitos. E a categoria, agora, é o meu maior conflito, fizemos algumas aulas sobre a teoria Ator-rede e nos perguntamos como que eu tenho que entender esses atores todos, se não posso por em caixinhas, porque eles estão em uma rede, todos estão associados, mas como é que eu estudo eles assim? Eu tenho que criar alguma lógica. Nos trabalhos do sistema de espaços livres no SEL (Sistema de Espaços Livres), temos um estudo sobre unidades de paisagem, que é uma metodologia em que fazemos o compartimento da paisagem por unidades que têm alguma longevidade. A própria Vera fala que os geógrafos não gostam. Como assim uma paisagem tem unidade? Isso é impossível. Mas, para estudarmos, temos que nos aproximar de alguma forma. Porém, eu entro em conflito com isso, eu acho que temos que aceitar esse conflito, entender, ele existe, é pertinente, entretanto eu preciso categorizar de alguma forma para entender tudo e depois eu posso abrir, porque eles são livres, não são caixinhas.

Paula Pedreira Del Fiol⁴⁷⁷: Tu falas uma coisa muito interessante, sobre o mapa e a criação de sentidos eu caio muito nisso também, de quando parar, quando que essa coisa vai estar materializada, quando que ela não vai ser mais um processo. E eu acho muito forte quando tu falas sobre a criação de sentidos, que o mapa é isso, e quando nós damos esse sentido. Porque acabamos falando sobre o

⁴⁷⁷ Paula Pedreira Del Fiol é Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU/UFPel, Arquiteta e Urbanista pela UFPel. Fundadora da Urbe CoLab, empresa de consultoria em urbanismo participativo.

antes, o durante e o depois, de uma forma quase estática, mas que acontece um processo e o paramos em algum momento.

Lorena Maia Resende: Nós que produzimos mapas, diversos mapas, desde mapa, entrevista, mapa cartografia, enfim, inscrição é isso. E eu me incomodo muito com isso, porque nunca vai estar completo, porém eu acho que é um mapa aberto, falando muito dessa questão da abertura, do sempre conectável, adaptável. Eu acho que é um registro que está sempre aberto, eu posso mudar, assim como posso pegar ele e fazer uma outra propensão dele, mas ele representa sim. Eu estava lendo um livro do Gadotti e ele fala do sentido como o que te mostra uma direção, mas ele não é o caminho ainda, também tem um pouco disso no sentido de sentir de emoção, no sentido de ainda não só ter uma direção, não tem o caminho. É aquilo que você vai estranhando coisas e travando, por isso temos que começar, porque, senão, ficamos com medo.

Paula Pedreira Del Fiol: Eu vou te fazer mais uma pergunta que é sobre a velocidade. Eu sinto isso bastante, estudando as galerias que eu passo rápido por dentro delas e, quando eu chego fora, ao ar livre, começo a perceber as coisas. Existe uma contradição, para mim, porque elas são o lugar de maior movimento e de maior rapidez, e eu só paro dentro das galerias quando alguma coisa me para. Isso, para mim, é um pouco forte e me lembro de ler na tua dissertação que vocês fizeram alguns caminhos a pé, alguns de ônibus e alguns de carro, então, vou te pedir para falares um pouquinho sobre essas diferenças.

Lorena Maia Resende: No seu caso eu acho que se enquadra até no que eu estava falando de travessias da errância, porque você tem movimento de pessoas que estão se deslocando só para ir para outra rua, a galeria tem muito disso e ao mesmo tempo ela tem atrativos. Por isso, é totalmente diferente fazer

o percurso caminhando, até de bicicleta já é diferente, se você faz o percurso caminhando, dependendo do clima, com chuva, com sol, tudo isso influencia a velocidade com que você vai caminhar. Quando estamos de carro, em alta velocidade, também é interessante, porque muita gente fala da caminhada, claro que vamos perceber coisas diferentes, mas não significa que uma é melhor que a outra. Por exemplo, quando atravessamos a ponte ou uma distância muito longa, era interessante observar a paisagem do pampa, temos aquela ideia de intensidade, de imensidão, tudo reto.

Alissa Xavier Alves⁴⁷⁸: Eu não tenho uma pergunta para fazer exatamente. Mas, foi muito interessante te ouvir, porque a tua dissertação foi a primeira que eu li do grupo de pesquisa, o primeiro contato que eu tive. Na verdade não foi o primeiro, primeiro eu tentei ler os livros, e não entendi nada, fiquei super perdida. E é muito legal ver todos esses conceitos que tu trazes, essa função de explicar o vocabulário, faz com que nós possamos entender todos esses conceitos e, aos poucos, me apropriar de cada um deles.

Lorena Maia Resende: Isso que você falou da escrita, te agradeço, e que bom, pois é uma coisa que às vezes me incomoda. O Latour, por exemplo, é uma hora para você ler um parágrafo. E eu acho que precisamos mudar isso, tornar uma leitura mais democrática para acolher diversas pessoas e diversos níveis, trazer isso para uma linguagem não empobrecida, de maneira nenhuma.

Luana Pavan Detoni: Eu acho que a primeira aula que eu tive não entendi 1% do que estava sendo dito. Porque são muitas referências, tem alguns termos que não são fáceis e essa habilidade da Lorena, talvez não seja uma habilidade, talvez seja uma tensão, quando usar esse termo diferente, anunciar ele.

⁴⁷⁸ Alissa Xavier Alves cursa Arquitetura e Urbanismo na FAUrb, na Universidade Federal de Pelotas.

Eduardo Rocha: Eu fiquei pensando, que percebo um certo policiamento no uso da filosofia contemporânea ou filosofia da diferença. Eu sempre achei muito estranho, porque essa filosofia está pregando exatamente um movimento de revolução da linguagem. Tenho amigas que são super intelectuais na filosofia, e elas querem colocar o que o autor está dizendo, mas daqui a pouco tu podes dizer que cartografia é isso, tu leu aquele autor e tu estás pensando isso ou pensando aquilo. Porque, senão, eu acho que não faz sentido, como é o caso desse campo teórico, ele está apontando para que criemos esses entendimentos. E, às vezes, eu percebo em algumas leituras do campo bem puro da filosofia, que se define um conceito, um encaixotamento, que o autor não está dizendo para fazer. Ele criou aquele conceito para o mundo, mas eu acho que quem ultrapassa essa fronteira dos saberes, dos poderes, tem que estar sujeito a essa crítica.

Silvia Helena dos Santos Cardoso⁴⁷⁹: Eu sempre fico pensando o seguinte, que a chave é o processo de criação, porque não é só no fazer, é quando você estabelece as conexões e isso depende muito de criatividade. Por isso, acho que aquela coisa que tem nas artes visuais de pensar em processo. E eu sempre penso que esses autores têm uma outra cultura, um outro repertório, então, é muito complicado dizer que entendeu plenamente o que quer dizer. Não porque é impossível entender plenamente, mas esse plenamente, ou o caminho, para ele, depende muito dessas conexões e desse processo que você estabelece. E, nesse processo, existem outras pessoas, outros autores, outros artistas, outros cineastas e outros tudo. Logo, é quase uma vida pra você entender esses autores que também fazem parte de uma outra época.

Lorena Maia Resende: É verdade, eu fiquei pensando agora que você estava falando que semana passada eu apresentei um trabalho e, hoje, uma menina, que assistiu, me perguntou

⁴⁷⁹ Silvia Helena dos Santos Cardoso é Doutora em Artes pelo Instituto de Artes/Departamento de Artes da UNICAMP. Mestre em Multimeios pelo Instituto de Artes/Departamento de Multimeios da UNICAMP, Bacharel em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo/USP. Licenciada em Ciências Sociais pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo/USP.

de onde que era o conceito que apresenta a fronteira como uma espessura. Fui olhar e eu escrevi isso, fui ver. Vários autores se aproximam disso, mas quem escreveu, de fato, fui eu na minha dissertação. É isso que o Edu falou, de se identificar, e é isso que a Silvia está dizendo, desse processo criativo, eu li aquilo, mas pensei em outra coisa pela minha experiência, que é a nossa contribuição na pesquisa, é difícil dar esse clique.

desobedecer

Carolina
Mesquita Clasen



Pesquisadora de infâncias e de cidades, desenvolve pesquisa de doutorado na FAU-USP sobre as infâncias em situações de rua em São Paulo, a partir de cartografias busca interseções com a produção de dados nos estudos urbanos, as teorias da cidade e a sociologia da infância. Colabora com grupos de pesquisa Cidade+Contemporaneidade, Patafísica (UFPEL/BR-UNPSJB/Ar) e Mapografias (GeMAP/FAU-USP). É integrante do Grupo de Trabalho Cidade, Infâncias e Juventudes do IAB-SP, promovendo debates e iniciativas sobre a relação entre a arquitetura, o urbanismo e as dinâmicas sociais das crianças contemporâneas.

Figura 28: Carolina Clasen em entrevista para conversas. Fonte: canal youtube revista pixo, 2022. https://www.youtube.com/watch?v=Z0I-_BkIyD0

⁴⁸⁰ Eduardo Rocha é Arquiteto e Urbanista (CAU/UCPel), Especialista em Patrimônio Cultural (CA/UFPEL), Mestre em Educação (FaE/UFPEL), Doutor em Arquitetura (PROPAR/UFRGS) e Pós-Doutor (Università Roma Tre). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2. Professor Associado no DAUrb/FAUrb/UFPEL; e Pesquisador no PROGRAU/FAUrb/UFPEL, na Linha de Pesquisa: Cidade e Sociedade.

⁴⁸¹ 'A arte existe porque a vida não basta', diz Ferreira Gullar. Entrevista concedida a Luciano Trigo. G1, Paraty, agosto 2010. Recuperada de: <https://g1.globo.com/pop-arte/flip/noticia/2010/08/arte-existe-porque-vida-nao-basta-diz-ferreira-gullar.html>

Meu ponto de partida são dois movimentos de caminhada, um que o Edu⁴⁸⁰ me fotografou caminhando, e outro, eu fotografo ele, caminhando. Eu fico muito emocionada, porque eu já caminhei com o Edu pelas ruas do Porto, João Pessoa, pelo MASP, pelas escritas urbanas da Rua Augusta, no horário de almoço, nos entardeceres etc. E todas essas caminhadas me formaram, me impregnaram e me enrijeceram a casca do pé para aprender a caminhar mais longe, às vezes, mais devagar, com essa atenção de quem, às vezes, dispersa e fica longe do grupo e alguém vai e te coloca de novo na trilha ou desenha uma outra trilha para ti. E acho que o meu ponto é a orientação desse movimento caminhante junto com o Edu, quando ele me dizia, muitas vezes, que nessa trajetória caminhográfica diz sobre a coragem do artista. Antes de chegar no grupo, e mesmo no campo da arquitetura e do urbanismo, eu venho das artes e o Edu tinha esse olhar curioso: "Onde ela vai, sendo artista?". E tem uma frase que diz "temos a arte porque a vida não basta"⁴⁸¹, me parece que, muitas vezes, essa interseção entre arte, arquitetura e urbanismo está posta para avançar o limite da forma, para desfuncionalizar algumas coisas e pra não ficar caindo nessa dicotomia.

Apresento os meus primeiros passos desde antes de caminhar. Sou filha da minha mãe, primeiro. Acho que esse território que me pariu é muito forte e muito potente para tentar criar coerência na minha caminhada. Percebo que tenho a experiência estética em comum a todas as minhas produções. Faço a minha graduação nas artes visuais tentando entender o devir do caminho educativo, que é uma maneira de tentar discutir esse cotidiano como prática estética na sala de aula e na comunidade escolar, na qual o professor de arte está inserido. Depois, meu mestrado é sobre a cidade das crianças, partindo da cidade em direção ao devir como relação que se dá no espaço público e, tendo como principal

experiência, o deslocamento dessas crianças entre o espaço público e o expositivo, o que me faz mergulhar na minha pesquisa de doutorado. Agora, nesse limiar entre o espaço público, tentando reiterar uma experiência estética em São Paulo com crianças em situação de rua, um estudo por meio de mapas, gestos e infâncias, sigo caminhando por territórios conflituosos, muito mais crianceiros. Então, eu entendo que estamos aqui nesses caminhos conjugados entre a caminhografia, a infância e os devires. Eu vou tentar resgatar com vocês essa medida, essa maneira de ver, essa maneira de mensurar que é mais aproximada da infância e, sobretudo, o tempo todo recheada de devires. Para isso, partimos da cidade, da materialidade, do que está construído, do que está posto, de um exercício da área de conhecimento das ciências sociais aplicadas, para pensar na aplicabilidade do nosso pensamento, cada vez mais em direção ao devir urbano. Porque me parece fundamental e imprescindível que não esqueçamos de desejar, de se relacionar, já que a urbanidade está voltada para isso. E me faço uma pergunta traiçoeira, quando eu olho para o grupo, que é “porque caminhamos?”, nós nos perguntaríamos “como caminhamos?”, mas eu prefiro partir da traição para tentar buscar o injustificável.

Para nos mover em direção a alguma coisa caminhamos por desejar esse movimento, para impulsionar o corpo. Chego no Frédéric Gros⁴⁸² que, em algum momento, foi uma leitura interessante, porém eu acho que damos conta de desobedecer muito mais que o livro dele, eu imagino que o que mais tenha se discutido, aqui, tenha sido a desobediência a um sistema de pensamento, porque se existe uma coisa que nos coloca nesse campo comum, da caminhança, da andança, é a desobediência. Ninguém aqui suporta e ninguém aqui cabe em uma linha ortogonal, por isso acho que é legal pensarmos a que sistemas estamos desobedecendo com os nossos elementos

⁴⁸² Frédéric Gros é professor de Filosofia na Universidade Paris-XII e de Pensamento político no Instituto de Estudos Políticos (Sciences-Po) de Paris. Foi o editor das últimas lições de Foucault no Collège de France.

⁴⁸³ Caminhos da Dança na Rua é um Projeto de extensão de experimentações de dança no espaço urbano. Diálogos entre a cena e o cotidiano da cidade.

⁴⁸⁴ Débora Souto Allemand é doutora em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da mesma Universidade. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU/UFPEL. Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo e Licenciatura em Dança, ambas pela UFPEL.

⁴⁸⁵ Francesco Careri é arquiteto e professor pesquisador do Departamento de Arquitetura da Università degli Studi Roma Tre, onde dirige o grupo de pesquisa Laboratorio Arti Civiche e ministra uma disciplina de mesmo nome, um curso peripatético no qual você caminha enquanto interage *in situ* com fenômenos urbanos emergentes.

elencados para pesquisa. Então, eu olho pra infância, porque eu acredito que a caminhada delas é mais interessante, contra-hegemônica, contra a produção em uma cidade financeirizada. Que essas infâncias, em situação de rua, apartadas de instituições, colocam em xeque e desobedecem, reiteradamente, nos seus cotidianos. Logo, eu tentei resgatar imagens da minha primeira desobediência cívica como pesquisadora, que foi em uma oficina de dança, do Caminhos da Dança na Rua⁴⁸³. O mais legal de pensarmos é essa palavra, a desobediência, que está sublinhada no Frédéric Gros, e que, para nós, serve como intento expressivo, como desenho, porque nesse exercício esse projeto, que a Deca⁴⁸⁴ coordenava, nos colocava, diretamente, enfrentando esse xadrezão. Sobretudo, em uma cidade super aplainada, como é Pelotas, e um lugar de muitos caminhões, como vem sendo o Porto, e que deve estar cada vez pior. Eu lembro que, nesse momento, o último exercício foi que dançássemos com o vento, nós éramos em torno de vinte pessoas espalhadas em uma rua da borda do Porto e dançando aleatoriamente. Eu lembro disso me trazer tantas questões. Primeiro, a avaliação do outro, como o outro te olha no espaço comum e o que o comum está sugerindo que se forme quando tu estás desobedecendo uma série de regras. Dentre elas, que pressupõe caminhar pela calçada ou andar todo mundo em fila, enfim, esses chavões que já sabemos.

Esse exercício de desobediência se coloca como prática fundamental contemporânea de civilidade. Quando eu leio o Careri⁴⁸⁵, além de estar trazendo o que ele já aponta como regra da transurbância, ele coloca, por exemplo, 60 pessoas para caminhar quatro dias, em diferentes invasões privadas, que, para mim, foi muito mais caótico do que eu esperava ser. Quando eu cheguei, algumas coisas reafirmaram, para mim, que em uma leitura inicial não era óbvio, que é no corpo-a-corpo

que desobedecemos. Embora as edificações nos coloquem nessa atenção, quase nos oprimem, e quando desobedecemos, na escala do próprio corpo, coloca à prova aquele comum, aquela civilidade que está posta todos os dias. O Frédéric Gros se baseia nas ideias de Nietzsche⁴⁸⁶ para refletir sobre a caminhada como uma prática de atenção. No trecho a seguir, Nietzsche trata sobre esse conceito: “Não somos daqueles que só pensam em meio aos livros e cuja ideia aguarda os estímulos das páginas para nascer, nosso êthos é pensar ao ar livre, andando, pulando, subindo, dançando, de preferência nas montanhas solitárias ou a beira do mar, onde até mesmo os caminhos ficam meditativos”⁴⁸⁷. E é uma intenção meditativa, romantizar menos a meditação como um silêncio e passar a tratar ela como um pensamento que deixa vir, em linha reta, que não é cíclico, que não é periódico, mas vai indo em função de outras coisas.

A minha segunda proposta é nessa intenção caminhográfica para crianças. E eu volto para essa intenção de prática estética que estava voltada para a produção de um comum, menos atrelado às produções morais e mais voltado para a produção ética, estética e política. Tento entender, junto com essas infâncias, um lugar da criação que não pressupõe a ativação de memória, mas a de durações, no intento de chegar, de acirrar, do elã vital de Bergson⁴⁸⁸, que nos retira desses contornos representativos e faz com que a imagem seja mais do que ela é capaz de ser. Eu fico pensando, junto com a literatura, nas constituições desse vocabulário das crianças. Que vocabulário temos oferecido para elas para falar da cidade, da produção cívica? Isso que impomos às crianças, que elas são capazes de se realizar na cidade e na intenção de produzir novos espaços comuns. Hoje em dia, eu convivo com as crianças em situação de rua do centro expandido de São Paulo, e elas têm alguns marcadores, porém, principalmente, de que elas

⁴⁸⁶ Friedrich Wilhelm Nietzsche foi um filósofo, filólogo, crítico cultural, poeta e compositor prussiano do século XIX. Sua filosofia central é a ideia de “afirmação da vida”.

⁴⁸⁷ NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Trad. de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

⁴⁸⁸ Henri Bergson foi um filósofo e diplomata francês, laureado com o Nobel de Literatura de 1927.

não andam sozinhas e que elas escolhem não serem institucionalizadas. O que significa que elas sabem onde estão suas famílias, seus abrigos. Entretanto, elas escolhem viver sobre uma relação ética e não institucional. Isso tem muito para nos dizer sobre uma produção da vida contemporânea. Eu falo em grafar, porque eu venho do campo da arte, mas, sobretudo, porque agora eu tenho convivido com o grupo de mapografias⁴⁸⁹ que é um grupo orientado pelo Jorge Bassani⁴⁹⁰ e nos preocupamos em discutir a produção desse território existencial e do mapa nessa função da dialética que é a de ativar, de produzir um discurso, uma memória, um comum, mas ativar também esse olho espectador. Nesse sentido, esse mapa grafa uma dupla passagem, ele desenha e te desenha enquanto lê. Eu tenho tentado ler junto com os fascistas e, para isso, leio o que eles produzem, como tentam entender, como pensam. Para isso, tenho ido às leituras da psicanálise e, também, tento entender esse desejo antes da forma. Como esse informe se coloca atrelado a essas infâncias de rua? Porque, esse informe, antes do léxico ser delineado, não estamos conseguindo virar a chave talvez. Essa é a minha aposta, ficamos tão voltados para as nossas produções, inclusive quando elas são contra-hegemônicas, criando sentido para que sejam compreensíveis dentro dessa estrutura que fomos produzindo, que não damos conta de sair disso, de alargar, de dilatar.

Por isso, eu tenho tentado afirmar, continuamente, que as infâncias em situação de rua são uma pesquisa que é luta, é contra a infância, contra o Estatuto da Criança, quase uma luta contra a institucionalização desses deveres, dessa criança que esquecemos, que entregamos para a ciência moderna. Esquecemos que está andando junto, criando junto e promovendo outra relação, outra cidade, e, também, sentindo fome, porque não romantizo os meus dados, que são assustadores, sendo

⁴⁸⁹ O GeMAP, Grupo de Estudos Mapografias Urbanas, foi formado em 2011 com estudantes da graduação na FAU-USP em torno da proposta lançada na disciplina optativa "Intervenções Urbanas – entre o global e o local na metrópole contemporânea".

⁴⁹⁰ Jorge Bassani possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Braz Cubas (1982), mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (1999) e doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2005).

abandonadas, sendo violadas, porque antes delas serem crianças sem casa, sem abrigo, elas são crianças sem estado. Por isso, me interessa aniquilar, a partir da negação, da revogação desses direitos e ir para essa sensação de me retirar dessas coisas todas. Queria trazer uma pergunta, que é: “Em favor de que a pesquisa de vocês advoga? Garante em favor de que e contra o quê?” Acho que o mais importante, nesse momento que estamos exaustos, é importante não esquecermos que existe um monstro que se realiza nos desejos. E, quando escolhemos produzir conhecimento, não podemos esquecer que estamos contra um monstro, que estamos tentando enfrentar.

Eduardo Rocha: A Luna, filha da Valentina⁴⁹¹, caminha conosco, fazemos jogos na rua e ela adora. Fizemos um de plantar sementes, ela que plantava todas as sementes, sabia como fazer e explicava. E ela não cansa, parece que criança aproveita muito mais do que nós ou explora mais.

Carolina Mesquita Clasen: Edu, em favor de que tu produz conhecimento e contra o quê?

Eduardo Rocha: Em favor da vida, e eu acho que é bem complexa essa questão do contra, porque é contra muita coisa. Mas, se formos pensar o que somos contra, nós mesmos produzimos esse contra, então, eu caminho contra muitas coisas na cidade, e quem produz cidades são os arquitetos, os moradores, todo mundo, é isso que pensamos em política. Quem produz essa política não é só um grupo de um lado e um grupo do outro, é todo um organismo que funciona desse jeito.

Carolina Mesquita Clasen: De muitas maneiras a experiência estética se coloca à frente de algumas coisas, em função de uma obra, de uma outra coisa. E pelo meu território ser muito conflituoso, me deparo muito com a política. Esses tempos eu estava no território, estava tendo um confronto e uma pessoa de

⁴⁹¹Valentina Machado é Doutoranda em Antropologia no Programa de Pós Graduação em Antropologia (PPGAnt) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da Universidade Federal de Pelotas, na linha de pesquisa do Urbanismo Contemporâneo. Arquiteta e Urbanista graduada pela Universidade Federal de Pelotas (2017).

carro passou por mim e falou: “Moça, sai daí!”. Eu sabia que estava tendo conflito, por isso estava indo. Estava chegando pela lateral quando ele disse isso, pensei em recuar porque, de fato, eu estava muito engraçadinha estando no meio da operação Caronte⁴⁹² às 21h. Mas, eu pensei que a minha pesquisa é esse testemunho, é para isso que eu estou aqui, em função de uma cidade que militariza as soluções urbanas, que está contra as crianças em situação de rua. E, assim, eu descobri um dos meus monstros, a militarização das cidades, claro que essa é apenas uma das coisas que fazem eu me movimentar. A polícia está sempre na rua, é inacreditável, menos quando eu fui assaltada na porta da minha casa com um tapa na cara, dessa vez eu não encontrei nenhum policial. O que estamos fazendo em relação a esse monstro e não para reafirmar ele, seguir delineando esse espaço livre, cheio de função.

Déborah Souto Allemand⁴⁹³: Ao mesmo tempo que não podemos fingir que a polícia é invisível, também temos que trazer questões. No meu caso, acho que a minha pesquisa vai contra a disciplinarização dos corpos através da educação física dentro da escola. Mas, ao mesmo tempo, como eu não vou falar desse conflito quando a professora de dança licenciada em dança entra na escola? Existe a dança, ela estava dentro da educação física desde muito tempo. Como eu vou fingir que a educação física não existe? Tem muitas pessoas que acham que a dança deve estar dentro. Então, eu sei que sou a favor da dança na escola a fim de sensibilizar os corpos, através da arte, dentro da arte. O que somos contra está grudado, de alguma forma.

Eduardo Rocha: Temos notado muito essa questão quando saímos com os alunos para a rua. É interessante sair do espaço da universidade, porque é um espaço contido. Eu lembrei, há uns anos atrás, quando estudávamos a fronteira Brasil-Uruguai, que viajamos para um evento sobre fronteira em Belém do Pará.

⁴⁹² A Operação Caronte em São Paulo é uma ação policial realizada pela Polícia Civil em parceria com a Prefeitura da capital para combater o tráfico de drogas na região conhecida como “Cracolândia”.

⁴⁹³ Déborah Souto Allemand é Doutora em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da mesma Universidade. Mesma em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo e Licenciatura em Dança, ambas pela Universidade Federal de Pelotas.

Todo mundo falava dos conflitos de fronteira, do tráfico, da polícia na fronteira, eu dizia que a fronteira Brasil-Uruguaí tem tudo isso, mas é um lugar mais tranquilo. Eu acho que quando eu escuto tu fala sobre as crianças, fico pensando um pouco nessa singularidade de cada proposta, de cada questão. E uma coisa que tem aparecido muito aqui é essa ideia da imprevisibilidade, o quanto isso é uma coisa que acontece do inesperado, do imprevisível.

Carolina Mesquita Clasen: Eu coloco isso muito na conta dessas minhas primeiras caminharças no LabUrb⁴⁹⁴ e C+C⁴⁹⁵. Essa preparação para o acontecimento e não para expectativa de um, é como estratégia de desenho de projeto. Sair da expectativa de viabilidade técnica e chegar em um imprevisto. O Edu tem uma fala muito marcante, que é “como criar para não ser um arquiteto bonzinho?”, para não ser o arquiteto do bem que criou um espaço legal. Como se cria uma coisa que pode ser estonteante, mas opressora?

Eduardo Rocha: Eu acho que é quase impossível, é uma desconstrução profissional. Ando pensando muito em algumas coisas que eu estou escrevendo, no movimento contrário da construção de arquitetura, e que não é a desconstrução. Mas, eu tenho me deparado com tanto resto, tanto lixo, enquanto caminho. Parece que existe uma preocupação no movimento de construir uma coisa nova, porém o que acontece quando vira obsolescência? Para onde se leva isso? Tenho percebido que, ao mesmo tempo que a cidade é construída por projetos, ela também deveria passar por um processo de decadência, do acompanhamento desse desmanchamento. Tenho pensado muito nisso, não sei se é um movimento contrário.

Carolina Mesquita Clasen: Eu acho que é um movimento contemporâneo, aberto, pensando nessa estratégia de criação. Fiquei lembrando da Maria Bethânia⁴⁹⁶ lendo ruína⁴⁹⁷, do

⁴⁹⁴ O Laboratório de Urbanismo da FAUrb – LabUrb pretende reunir e apoiar iniciativas e projetos comprometidos com o conhecimento sobre o urbanismo, em suas diversas escalas e possibilidades temáticas. Trabalha com ensino, pesquisa, extensão e administração integrados, com base na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel. Suas atividades incluem apoiar a realização de disciplinas de graduação no Curso de Arquitetura e Urbanismo e de Mestrado no PROGRAU.

⁴⁹⁵ cidade+contemporaneidade grupo de pesquisa, ensino e extensão; ligado ao LabUrb, ao PROGRAU, a FAUrb e a UFPel; propõe uma abordagem multidisciplinar para analisar questões urbanas da sociedade contemporânea, com foco na arquitetura e cidade.

⁴⁹⁶ Maria Bethânia Viana Teles Veloso é uma cantora, compositora, produtora, atriz e poetisa brasileira. É conhecida como “Abelha Rainha” e “Rainha da MPB”.

⁴⁹⁷ ZENITH, Junior. Maria Bethânia lê Manoel de Barros – Ruína. Youtube, 6 mar. 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1fT4CCG_nyM

⁴⁹⁸ Manoel Wenceslau Leite de Barros foi um poeta brasileiro do século XX, pertencente, cronologicamente, à Geração de 45, mas, formalmente, ao pós-Modernismo brasileiro, se situando mais próximo das vanguardas europeias do início do século da Poesia Pau-Brasil e da Antropofagia de Oswald de Andrade.

⁴⁹⁹ Isabelle Stengers é uma filósofa e historiadora belga, notável por sua contribuição à filosofia da ciência.

⁵⁰⁰ STRANGERS, Isabelle. No tempo das catástrofes. Cosac & Naify, São Paulo, 2015.

⁵⁰¹ A Companhia Monsanto é uma empresa multinacional de agricultura e biotecnologia detida pela Bayer.

⁵⁰² Celma Paese tem Pós-Doutorado no PPGAU-Mestrado Associado Uniritter/Mackenzie, Doutorado em Teoria, História e Crítica da Arquitetura (PROPAR/UFRGS), Pós-graduação em Design: Projeto de Produto (PUC-RS) e Arteterapia (FEEVALE). Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UNIRITTER.

⁵⁰³ NFT (em inglês: *non-fungible token*, NFT) é um criptotativo que funciona como um arquivo digital exclusivo e irreplicável.

Manoel de Barros⁴⁹⁸. Acho que vai além dessa questão da arte que colocamos no momento que praticamos uma arquitetura contra hegemônica, como é o caminhar. E, na verdade, os corpos se violentam e violentam o espaço. Procuramos ver, não interessa a idade que seja, desde as crianças até os vermes, o movimento e uma violência, pois não deixa de ser violência, quando é o resto, o abandono. Entra nessas questões do meio ambiente que estamos, cada vez mais, não nos importando. Esse abandono só vai acabar quando se assumir que a economia circular é extremamente necessária, que deveria ser uma prática constante. Inclusive, devemos rever os usos dos espaços, não se construir novos espaços porque, se formos pensar, não precisa construir mais nada, mas é necessário reciclar. Vocês já leram aquele livro da Isabelle Stengers⁴⁹⁹. No tempo das catástrofes⁵⁰⁰? Esse livro parte da Monsanto⁵⁰¹ para dizer que estamos produzindo conhecimento para quê? Pra entregar para eles de novo, e ela é taxativa em uma produção de conhecimento neoliberalista, porque nos esquecemos que estamos dentro da academia.

Celma Paese⁵⁰²: Os alunos não sabem o que é economia circular, pessoas que vão se formar em arquitetura e urbanismo ano que vem. Isso está na prática de projeto diário, em qualquer escala, nível de cidades, de interiores, preservação e, também, da ocupação da apropriação espacial.

Carolina Mesquita Clasen: Talvez, ainda não tenhamos virado a chave para a produção das ciências sociais aplicadas contemporâneas, tem outro ponto de partida que é a contemporaneidade. Seguimos brigando com monstros que nem são mais nossos. Por isso, não estamos dando conta do bolsonarismo, porque produzimos dados e não sabemos analisar. Partimos de um projeto que é para uma família que não existe mais. Estamos convivendo com NFT⁵⁰³. Esses dias, na aula, eu falei para

os meus alunos que estávamos estudando Van Gogh⁵⁰⁴ e não estávamos discutindo o preço do feijão, precisamos falar de arte contemporânea na prateleira do supermercado, porque isso é arte contemporânea.

Celma Paese: Tu já viste o filme Crimes do futuro⁵⁰⁵? Precisamos falar sobre isso.

Carolina Mesquita Clasen: Celma, tu achas que tu produz arquitetura, ciências sociais e aplicadas contra e em favor de quê?

Celma Paese: Em favor da economia circular. Enquanto professora, eu sempre peço para os alunos fazerem uma revisão dos usos, não faço eles projetarem nada. O objeto é o artefato, entra em uma questão sistêmica da arquitetura, hoje em dia, pois tem que ser cada vez mais abstrato para se adaptar aos usos. E o corpo também é um artefato.

Carolina Mesquita Clasen: Esses dias a Fabiana Dutra⁵⁰⁶ fez uma crítica em uma banca de doutorado que foi super boa, porque a pessoa falava de corpo habitado. E ela falava: “como assim? se precisa habitar, não é corpo, porque o corpo já é encarnado, que corpo habitado é esse?” Fiquei pensando nisso, quando tu falou do artefato. Como também apartamos o uso da vida comum, como se fosse um metaverso.

Gabriele Vargas da Silva Moreira⁵⁰⁷: Eu estava pensando a respeito do grafite e essa questão dele estar se voltando para dentro das galerias. Eu trabalho com o artista Gordo Muswieck⁵⁰⁸ e ele perde esse caráter transgressor. Percebo o quão diferente é quando o grafite é feito de uma forma livre, ou nas ruínas, por exemplo. Já o que é feito em um contexto mais urbanizado e esse dito grafite arte, que é mais aceito que talvez tenhamos, inclusive, legalizado.

Carolina Mesquita Clasen: Fiquei pensando

⁵⁰⁴ Vincent Willem van Gogh foi um pintor pós-impressionista neerlandês. Considerado uma das figuras mais famosas e influentes da história da arte ocidental, criou mais de dois mil trabalhos ao longo de pouco mais de uma década, incluindo 860 pinturas a óleo, grande parte das quais, concluídas nos seus últimos dois anos de vida.

⁵⁰⁵ CRIMES DO FUTURO. Direção de David Cronenberg. Produção de Robert Lantos. Estados Unidos: NEON, 2022.

⁵⁰⁶ Fabiana Dutra Britto é professora Titular da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia. Possui graduação em Licenciatura em Dança pela UFBA (1987), Mestrado em Artes pela USP (1993, Bolsa CAPES), Doutorado em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP (2002, Bolsa FAPESP), Pós-Doutorado em Arte Pública pela Bauhaus Universität Weimar (2009, Bolsa CAPES) e Estágio Sênior no Centre de Recherche sur L'Espace Sonore et L'Environnement Urbain - CRESSON-CNRS (2012, Bolsa CAPES).

⁵⁰⁷ Gabriele Vargas da Silva Moreira é Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU/UFPEL, graduação em arquitetura e urbanismo pela Universidade Católica de Pelotas.

⁵⁰⁸ Fernando Muswieck é formado em Artes Visuais Bacharelado, começou a trabalhar com o conceito de “se espalhar”, saindo da parede para os mais diferentes tipos de superfícies e materiais.

duas coisas, a primeira é essa inquietação. Para mim, nossos problemas de pesquisa são existenciais, porque não nos descolamos para ser pesquisador, então, uma pergunta que eu te faria é se interessa essa transgressão? Porque, para movimentar, para mexer e para ser interessante, o grafite não precisa estar transgredindo um sistema, um perfil urbano, ele pode estar sendo produzido, de fato, para transgredir a galeria, que também é uma caixa tão horrorosa quanto uma rua ou um condomínio fechado. E fiquei pensando em outra coisa, essas escalas da transgressão. Quando esse quadro está na sala que vai ser consumida por gente que não discute o que é arte. Porém, também está transgredindo, porque é uma pessoa que não se dispôs a pensar em uma sala de estar.

Eduardo Rocha: Eu vi que virou moda as pessoas pedirem para ele pintar os lavabos, parece que não tem identidade.

Gabriele Vargas da Silva: É exatamente isso que eu estou falando, porque a coisa vira moda e isso me incomoda. Porque, cadê o caráter transgressor? Nesse sentido da potência.

Carolina Mesquita Clasen: É um dos espetáculos, mas eu fico pensando, não sei se o Gordo ter vendido a obra dele não fortaleceu o processo criativo dele, porque é muito difícil um artista se vender no campo da arte. De toda forma, eu pensaria muito mais nessa co-optação de arquitetura, inclusive a arquitetura moderna, porque na arte moderna olhamos para o que estava acontecendo, não queríamos mais a representação, a arquitetura cria um sistema a partir desse desmanche.

Gabriele Vargas da Silva: Eu acho interessante pensar que, embora a arte moderna tenha jogado de lado tudo e fez tudo novo, quando a arte contemporânea trouxe uma permissividade, uma abertura.

Carolina Mesquita Clasen: Sabe quem é o Imargem⁵⁰⁹? Eu tenho trabalhado muito com o Tim, porque tem um projeto para um parque linear, perto do coletivo, e estamos trabalhando junto com eles no Jardim das Gaivotas. Eles reivindicaram os muros do projeto do parque linear e pediram para fazer parte, porque são do território. Eles foram negociar isso com o poder público e vira uma negociação, quase decorativa, da sala da casa de alguém do Alphaville, deixa de ser resistência na cidade, ou da própria empena, e passa a ser uma encomenda.

Jordana da Silva Berchon⁵¹⁰: Vocês estavam falando da espontaneidade e, nas minhas caminhadas, percebo essa nova política de urbanização, essa privatização do espaço público. E como acho que empobrece essa falta de espontaneidade da cidade. Poder expor arte, poder utilizar aquele espaço como bem desejar. Vejo no meu trajeto, metade dele privatizado e outra parte está para ser. Eu não consigo entender como vamos nos relacionar com essa cidade formatada, porque temos que fazer regras dentro daquele lugar, um espaço urbano público. E, quando vocês estavam falando disso, me veio essas caminhadas, como eu me sinto desconfortável, muitas vezes, como não acho esse lugar espontâneo e como as pessoas são iguais.

Carolina Mesquita Clasen: Tenho a impressão que, sempre que enxergamos esse contraste, ele só dá a ver o quanto o público já está privatizado, antes da mureta. Nesse sentido que eu trouxe o informe de que a infância, para mim, é essa tentativa de me aproximar do desejo, antes da forma, antes do contorno, é tentar chegar no fascismo antes dele. Porque, antes de dizer que é privado, além do processo de privatização ser naturalizado, o que já é um absurdo estético, já estamos vendendo o nosso lugar comum. Mas, não é tudo nosso? E se é tudo nosso, porque alguém precisa administrar? Também me coloco a pensar

⁵⁰⁹ A Imargem foi fundada em 2019, no Distrito do Grajaú, a Associação Imargem é uma organização sem fins lucrativos que através dos eixos Arte urbana, Navegação em barco à vela, Permacultura, Alimentação saudável, convivência comunitária e saúde integral. Promove experimentações e percursos educativos, principalmente com escolas públicas e com a comunidade local, valorizando o território como uma sala de aula ao ar livre.

⁵¹⁰ Jordana da Silva Berchon é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UniRitter.

o quando e em que momento o lugar de pertencimento foi se esvaindo. Quais as instituições que vão formar as nossas sete peles, qual delas foi a que nos tirou o nosso lugar comum? Eu volto no nosso limiar, de que a caminhografia nos coloca para caminhar entre arte e arquitetura. Porque eu acho que é um sistema de representação muito fácil de se perder de si. Então, quando a empena é reivindicada no Jardim das Gaivotas pelo grafiteiro do próprio território, ele está reivindicando esse lugar comum. E que esse espaço público não seja privatizado, que não seja naturalizado o processo de privatização. Porque, se não nos sentirmos parte, ele vai ser deteriorado, vai chegar uma empresa e vai dizer que vai cuidar, que vai plantar grama, vai colocar uma placa.

Jordana da Silva Berchon: Estava lendo esses dias sobre o cercamento da redenção, que está super em alta. Eu não consigo imaginar o parque da redenção cercado, imaginar o cara que vende pipoca ter que fazer uma licitação para conseguir vender coisa.

Déborah Souto Allemand: Ontem eu fui no Cais Embarcadero, aqui em Porto Alegre, e é um espaço que tem loja, tem bar, tem não sei mais o quê, peguei um pastel no Paulista, o boteco que tem na frente, entramos com o pastel na sacola e o segurança perguntou se tinha alguma coisa de comer na sacola, nós dissemos que não e entramos. Mas, como não pode levar comida de fora para comer dentro do lugar que é um espaço público?

Jordana da Silva Berchon: Nessa lógica, tu não podes levar para o teu filho, por exemplo?

Déborah Souto Allemand: O que eu fico pensando é que temos que ocupar esses espaços, vamos lá dançar no espaço, vamos ver o que vão dizer. Por exemplo, não pode se deitar no chão. E questionamos: “como não?” se a criança está deitada no chão, por que que a criança pode e eu não posso?

Carolina Mesquita Clasen: Vamos nos afastando, deixamos de disputar os espaços. Há mais de dez anos, houve o projeto de intervenção urbana do Parque da Luz, aqui em São Paulo, e do entorno, todo mundo sabe que a Luz é o território da pop rua, historicamente, que é chamado de cracolândia. Eu estava contratada pelo senso da prefeitura como pesquisadora, para estar no território. Porém, a polícia chegou antes de nós, porque eles são tão perversos que tinha hora marcada para irmos, eu só podia ir com a van e a polícia chegou cinco horas antes de mim no território. Ou seja, antes deles expulsarem, de fato, com jato d'água, com bomba de gás, com todas essas cenas horrorosas. Já estavam construindo prédios, tem um hospital para sair. Então, todo o projeto está desenhado em edificações, há dez anos, e todo mundo está vendo acontecer. Quando a polícia chega, é resultado do processo, ela já é quase a última etapa. No Cais Embarcadero, quando a polícia chegar para tirar quem está com o pastel, já é o resultado, a consolidação da privatização.

Paula Pedreira Del Fiol⁵¹¹: Carol, eu estudo um pouco essas controvérsias entre os lugares públicos e privados. Parto das galerias de Pelotas e o meu trajeto vai entre as galerias e a rua. Tento fazer associações entre as duas, de um lugar central, que é uma loucura por si só. E me parece que a minha pesquisa vai ao encontro desses lugares. Percebemos que esses lugares privados poderiam acontecer em lugares públicos, esses lugares em decadência estão se desconstruindo, porque estão nesse espaço do entre. E percebemos que elas não têm uma grande movimentação, então, as coisas vão acontecendo de forma pontual, mas que acabam desestruturando todo um sistema. Por exemplo, esses dias fui fazer uma caminhada e tinha uma senhora vendendo esfiha na porta da galeria, pelo lado de dentro, esse abandono vai fazendo com que essas coisas aconteçam de forma muito pequenas

⁵¹¹ Paula Pedreira Del Fiol é Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU/UFPel, Arquiteta e Urbanista pela UFPel. Fundadora da Urbe CoLab, empresa de consultoria em urbanismo participativo.

ainda. E o contra eu não consigo pensar com clareza, acho que o contra é esse movimento dessa desprivatização, nem sei se isso existe, um pouco dessa abertura que se dá entre a rua pública e a rua privada, porque é um sistema que se dá entre a rua pública e a privada.



Doutoranda em Antropologia no Programa de Pós Graduação em Antropologia (PPGAnt) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da Universidade Federal de Pelotas, na linha de pesquisa do Urbanismo Contemporâneo. Arquiteta e Urbanista graduada pela Universidade Federal de Pelotas (2017). Direciona de modo interdisciplinar seus interesses de pesquisa para os aspectos historiográficos, antropológicos, filosóficos e urbanísticos.

Figura 29: Valentina Machado em entrevista para conversas. Fonte: canal youtube revista pixon, 2022. https://www.youtube.com/watch?v=S2g2X8_Tjxg&t=1501s

⁵¹² Carolina Mesquita Cla-sen é doutoranda do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-USP, com ênfase na linha de pesquisa História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo. Mestre em Arquitetura e Urbanismo (2018), na Linha de Urbanismo Contemporâneo do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da Universidade Federal de Pelotas e graduada em Artes Visuais na modalidade Licenciatura obtida pela mesma instituição (2014).

⁵¹³ NAUrb (Núcleo de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo) desenvolve projetos de pesquisa, ensino e extensão na área de ensino de arquitetura, envolvendo os temas relações Ambiente-Comportamento e Habitação de Interesse Social.

Esse encantamento por caminhar na cidade começou há muito tempo, por volta de 1987, essa curiosidade por descobrir a cidade me acompanha por um longo tempo. E, para organizar essa conversa, trouxe alguns momentos do percurso e vou falar sobre a perspectiva da experiência. Durante esse trajeto, eu venho pensando na caminhada e na cartografia, pensando nesses caminhos da vida, porque eu sempre me encantei muito pela cidade, mas, em 1987, fiz a minha primeira caminhada sozinha, eu era uma criança. E pensei muito a partir do que a Carol⁵¹² falou na conversa passada, sobre esse ser criança. Para começar essa fala, trouxe a minha primeira caminhada sozinha, sem a minha mãe, sem nenhum adulto. Eu tinha sete anos e foi uma caminhada muito curta, porque eu fugi do aniversário da minha irmã mais nova e caminhei por Pelotas, um trecho bem curto entre a Miguel Barcelos, da catedral, até a general Neto, que dá, mais ou menos, quatro quadras. Só que, para uma criança, isso foi uma aventura tão grande que ficou gravado na minha memória como a primeira caminhada sozinha pela cidade.

Começa, então, essa trajetória de caminhar pela cidade e que, durante o meu percurso acadêmico, vai estar sempre junto com essa paixão por descobrir a cidade. Já na faculdade, começo pelos projetos de arquitetura, porque a cada semestre recebíamos um terreno para fazer um projeto e eu tinha o costume de ir no lugar, no terreno, no entorno para conhecer esse lugar, porque eu não entendia como fazer um projeto para um espaço sem conhecer ele. Então, essa questão da caminhada já vinha de uma forma, acho que inconsciente, me acompanhando nesse processo de conhecimento da cidade, e criação também.

Um segundo momento é quando comecei a trabalhar no Naurb⁵¹³, grande parte da minha graduação eu fui bolsista, onde eu trabalhava com extensão. E, nesses caminhos da extensão, eu fiz oficinas de arborização, que

envolviam essa experiência com a cidade e o meio ambiente. Para preparar essas oficinas, eu tinha que caminhar muito, para mapear e entender esses lugares onde ia fazer essas intervenções. Caminhávamos muito no entorno da balsa e do campus Ânglo, da UFPeL⁵¹⁴. A partir dessas oficinas, tive a oportunidade de ir para a Amazônia através do projeto Rondon⁵¹⁵, para realizar oficinas de arborização em uma cidade próxima a Eldorado dos Carajás, Sapucaia. Fui acompanhada por uma colega da FAUrb⁵¹⁶, que, na época, trabalhava comigo no Naurb. Lá, caminhamos bastante, mapeamos lugares e conduzimos essas oficinas, tanto dentro de áreas escolares quanto na praça da cidade. É interessante porque, enquanto realizávamos essas atividades, ouvíamos o tempo todo o barulho de motosseras. Me lembro que isso me marcou muito. É importante dizer que todas essas ações sempre aconteciam com a participação da comunidade, por isso eu gostava de trabalhar com extensão.

Outro momento que eu aponto da minha graduação, em que as caminhadas estavam presentes, foi o meu TFG⁵¹⁷. Que foi uma intervenção na paisagem do Arroio Pepino, é um curso d'água que atravessa, ou é atravessado, pela cidade de Pelotas, e ele fica bem no centro da malha urbana da cidade. Foi um projeto de renaturalização do arroio, com intervenções na paisagem, claro que tinha várias diretrizes, era um projeto muito extenso onde eu fazia proposta de intervir na borda do arroio, isso de uma forma inconsciente, eu nunca pensei que ia projetar a caminhada. Na minha banca intermediária desse trabalho, a professora Liziane Jorge⁵¹⁸ me apresentou um livro⁵¹⁹ que trazia essas propostas do caminhar, mirar e banhar. Eu comecei a projetar pensando no caminhar pela borda do arroio. Fiz a proposta de várias intervenções para se caminhar, mas caminhar de maneiras diferentes. Esse projeto gerou muitos mapas e o Edu⁵²⁰ assistiu a

⁵¹⁴ UFPeL - Universidade Federal de Pelotas.

⁵¹⁵ O Projeto Rondon é uma ação interministerial de cunho político e estratégico do Governo Federal, coordenada pelo Ministério da Defesa, destinada a contribuir com o desenvolvimento da cidadania nos estudantes universitários, empregando soluções sustentáveis para a inclusão social e a redução de desigualdades regionais e visando ao fortalecimento da Soberania Nacional.

⁵¹⁶ FAUrb - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

⁵¹⁷ TFG - Trabalho Final de Graduação, para ver mais, acesse: <https://wp.ufpel.edu.br/tfgonline/temas/planejamento-urbano-e-regional/>.

⁵¹⁸ Liziane de Oliveira Jorge possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela UFES, mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela UFMG e doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela FAUUSP.

⁵¹⁹ BAHAMÓN, Alejandro; CAMPELLO, Alexandre; SOLER, Anna Vicens. Intervenciones arquitectónicas en el paisaje: mirar, caminar, bañarse. Barcelona: Parramón, 2008.

⁵²⁰ Eduardo Rocha é Arquiteto e Urbanista (CAU/UCPel), Especialista em Patrimônio Cultural (CA/UPPel), Mestre em Educação (FaE/UPPel), Doutor em Arquitetura (PROPAR/UFRGS) e Pós-Doutor (Università Roma Tre). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 2. Professor Associado no DAUrb/FAUrb/UPPel; e Pesquisador no PROGRAU/FAUrb/UPPel, na Linha de Pesquisa: Cidade e Sociedade.

⁵²¹ Emanuela Di Felice é Graduada em Ciência da Arquitetura com especialização em Projeto Arquitetônico com a tese *Reci-clopolis: A cidade da reciclagem? orientada pelo Francesco Carelli com o qual caminha desde o 2006*. Mestre por Master Housing, novos modos de habitar, (Università degli Studi di Roma 3). Em 2015 obteve título de doutora em “Projeto Urbano Sustentável” no DIPSA, (Università de Roma 3) com a tese *Re-Habitar: auto recuperação assistida do patrimônio público, em cooperativas de moradores*.

⁵²² O projeto de pesquisa “TRAVESSIAS NA LINHA DE FRONTEIRA BRASIL-URUGUAY: controvérsias e mediações no espaço público de cidades-gêmeas”, tem como objetivo geral: investigar o uso do espaço público da linha de fronteira Brasil-Uruguay. Para ver mais, acesse: <https://wp.ufpel.edu.br/travessias/>.

apresentação final, e conversou comigo dizendo que eu tinha que publicar esse trabalho. O Edu entra como um acontecimento, porque a partir dessa conversa que eu tive ele se tornou um conselheiro, depois orientador.

Mas, eu acho que ele já estava me orientando antes de ser meu orientador e meu amigo, eu não sabia o que queria fazer, eu só sabia que eu não queria ficar fechada em um escritório de arquitetura. O Edu me deu a sugestão de fazer a disciplina da Emanuela di Felice⁵²¹, porque era uma disciplina toda caminhada, e eu acatei. Se chamava Explorações Urbanas e eu entrei, então, como aluna especial, e foi uma disciplina maravilhosa. Houve um dia em que entramos no *shopping* em duplas e um dos dois entrava com uma venda nos olhos e o outro era um guia. Foi uma experiência incrível, porque percebíamos o espaço de outra maneira para além do visual. E, a partir dessa experiência, eu aprendi que a caminhada pode ser uma teoria, uma prática de pesquisa. Decidi tentar a seleção para aluna regular do mestrado e tive a sorte e o privilégio do Edu aceitar me orientar.

Eu começo a trajetória do mestrado, e vou trazer alguns pontos que foram bem importantes nesse processo para me formar como urbanista e caminhanter. E todos os projetos em que estávamos juntos, com esse grupo muito forte com o qual eu aprendi muito. Trago, também, algumas aproximações e intervenções que eu fiz durante esse processo da dissertação e a própria dissertação, desse mapa que montamos juntos no final, essa ideia de mapa como um jogo. Para falar dos projetos, trago o Projeto Travessias⁵²², na linha de fronteira entre Brasil e Uruguai. Esse é um acontecimento que não estava planejado e remete a uma experiência que estava fora do nosso roteiro. Durante essa viagem, a proposta de percorrer as linhas de fronteira nos levou a uma situação inesperada. Estávamos caminhando pelo lado uruguaio quando o motorista, já

muito cansado, decidi pegar um desvio para encurtar o caminho. Acabamos nos perdendo e o ônibus atolou. Foi engraçado, porque houve um momento de pânico: os celulares não funcionavam, não sabíamos onde estávamos e não tínhamos ideia do que fazer. Nos dividimos em dois grupos: um resolveu sair para caminhar, enquanto, o outro, optou por ficar. Eu fui do grupo que saiu para procurar ajuda. Foi uma caminhada muito intensa, nos sentíamos muito perdidos e eu me recordo de sentir muito medo caminhando de noite, nesse lugar que eu não conhecia, que ouvimos falar que era uma trilha de contrabando e não me lembro de ter sentido tanto medo caminhando como eu senti nesse momento.

Eduardo Rocha: Eu lembrei agora que era uma caminhada no campo, no pampa.

Valentina Machado: Sim, não tinha nada, só escuridão. Eu assisti à Luana⁵²³ e, quando ela fala sobre os medos dela, isso me provocou a falar o que eu sinto, porque isso foi uma coisa muito forte para mim durante toda essa trajetória. E, no final, eu lembro do dia em que a Lorena⁵²⁴ pediu para todo mundo falar alguma coisa, já estávamos de volta à FAUrb, e eu só conseguia falar desse acontecimento. Depois, o único artigo que eu escrevi sobre isso, foi com a Lorena e a Taís⁵²⁵, sobre esse acontecimento do desvio, de tão forte que foi esse momento. A caminhada, seja de que forma for, por onde, com quem, marca o corpo que caminha e isso vai para as nossas experiências, para os nossos estudos e as nossas pesquisas.

Enfim, o próximo ponto que eu trouxe é da experiência em Roma, experiência que o Edu me proporcionou, porque me convidou enquanto ele estava no estágio de pós-doutorado. E eu passei quase um mês com ele caminhando nas disciplinas do Careri⁵²⁶, junto com o Stalker⁵²⁷, no módulo do mestrado que eles fazem. Foi um aprendizado muito grande com esse grupo, todos os dias andando por lugares

⁵²³ Luana Pavan Detoni é doutoranda em Planejamento Urbano e Regional, no PROPUR/UFRGS. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU/UFPeL. Arquiteta e Urbanista graduada pela FAUrb/UFPeL.

⁵²⁴ Lorena Maia Resende é doutoranda em Arquitetura no PROARQ/UFRJ. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU/UFPeL. Arquiteta e Urbanista graduada pela Universidade Federal de Pelotas (2016).

⁵²⁵ Taís Beltrame dos Santos é doutoranda em Arquitetura pelo PROPUR/UFRGS com bolsa de fomento à pesquisa CAPES, na linha de pesquisa Projeto de Arquitetura e Urbanismo. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU/UFPeL, 2021, na linha de urbanismo contemporâneo, com bolsa de fomento à pesquisa CAPES. Graduada de Artes Visuais – licenciatura (UFPeL). Arquiteta e Urbanista (FAUrb/UFPeL, 2019).

⁵²⁶ Francesco Careri é arquiteto e professor pesquisador do Departamento de Arquitetura da Università degli Studi Roma Tre, onde dirige o grupo de pesquisa Laboratorio Arti Civiche e ministra uma disciplina de mesmo nome, um curso peripatético no qual você caminha enquanto interage *in situ* com fenômenos urbanos emergentes.

⁵²⁷ Laboratório de arte urbana Stalker/Osservatorio Nomade, realiza ações de arte pública na cidade informal e multicultural.

diferentes da cidade de Roma e sempre atravessando o que eles chamam de lugares selváticos. Um termo que me fez pensar muito nos lugares que eu estava atravessando aqui, fazendo essa minha caminhada pela beira do arroio. Lembro que eu e o Edu conversávamos sobre coisas impossíveis de serem feitas aqui, por exemplo, essa invasão na propriedade privada que eu lembro que a Emanuela propunha, entrávamos em ruínas. Mas, como eles fazem é muito difícil, a nossa realidade é outra e a questão de adentrar os lugares, aqui em um país tropical, com todos os animais, eu não entro em qualquer banhado, por exemplo, temos que cuidar onde caminhar no nosso selvático. Discutíamos muito sobre onde caminhar, como caminhar e também sobre o que se produzia a partir dessas caminhadas. Isso era uma coisa que observávamos muito, depois das caminhadas com o Careri, e qual era a conversa depois de uma caminhada. O Edu sempre apontava que estávamos caminhando para mapear, o nosso objetivo é mapear, seja o que for ou o que estivermos olhando, se for para natureza ou cidade. O Edu já pensava nessa ideia de caminhografia, de juntar a caminhada com a cartografia, caminhar para mapear. E eu lembro que ele começou a fazer o primeiro *site* da caminhografia⁵²⁸, que juntava essas experiências enquanto estava em Roma, lembro que ele começou a criar esse site.

E, enfim, para pontuar algumas outras aproximações durante a dissertação, trago um grupo de antropólogos, porque eu fazia uma disciplina na antropologia e meio ambiente, onde propus uma caminhada no primeiro dia de aula. Tínhamos que nos apresentar e falar com o que trabalhávamos, eu falei que estava fazendo uma caminhada pelas margens do Arroio Pepino, a professora achou interessante e topou fazer uma caminhada, ela sugeriu que a turma caminhasse junto. Juntamos essa turma de antropologia urbana do Francisco⁵²⁹

⁵²⁸ Para ver mais, acesse: <https://wp.ufpel.edu.br/caminhografar/>.

e a antropologia e meio ambiente da professora Flávia⁵³⁰ e fomos fazer essa caminhada. Eu me aproximo da antropologia, já era uma disciplina que eu achava muito interessante, e comecei a olhar para outras dimensões, como arquiteta, urbanista e planejadora urbana. Não estamos tão atentos, por isso, foi uma coisa que somou muito nesse processo.

A segunda é uma intervenção que eu fiz a partir de uma proposta do Edu em uma disciplina de cidade e filosofia da diferença. Tínhamos que realizar uma intervenção urbana, e eu aproveitei para fazer algo que provocasse as pessoas a apreciarem a paisagem do arroio. Escolhi um local de muito trânsito, onde ocorre uma feira todas as terças-feiras, que é bastante conhecida e sempre está cheia de pessoas. Em uma dessas terças-feiras, enchi um canteiro próximo ao Arroio Pepino com mudas de flores e coloquei um quadro. Oferecia às pessoas a oportunidade de trocar uma flor por uma palavra. Eu estava fazendo essa provocação para as pessoas perceberem aquela paisagem e conversar comigo sobre aquela paisagem, eu queria saber o que as pessoas estavam pensando daquele lugar, daquele entorno. E foi muito interessante, porque acabou resultando em uma ação de educação ambiental. Porque a maioria das pessoas não sabia que aquilo era um rio, que ele nascia limpo em algum lugar da cidade e que onde ele estava já tinha virado um canal de lançamento de esgoto, de dejetos. Portanto, foi muito legal construir essa questão ambiental na dissertação. Essa visão das pessoas sobre isso.

E, por último, trago uma oficina que eu e a Carol Clasen propusemos, uma oficina de caminhadas que se chamava “Caminhos entre o museu e o mundo” no evento Mulheres e Lugares Urbanos⁵³¹ do grupo Cidade+Contemporaneidade⁵³², em 2018. Era uma caminhada pela cidade, entrando em alguns museus da cidade. E foi muito

⁵²⁹ Francisco Luiz Pereira da Silva Neto possui graduação em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1989), mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1995) e doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2001).

⁵³⁰ Flávia Maria Silva Rieth possui graduação em Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1986), graduação em Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1986), mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1991) e doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2000).

⁵³¹ O Encontro Internacional Cidade, Contemporaneidade e Morfologia Urbana (EIC-CMU), no ano de 2018, teve como temática: MULHERES E LUGARES URBANOS.

interessante, porque conseguimos discutir a cidade com pessoas que não eram de Pelotas, discutimos os usos desses espaços abertos e lugares fechados com pessoas de outras áreas e de outros lugares, o que me ajudou também a pensar nessas caminhadas pela cidade que eu estava fazendo.

A partir de todos esses projetos, dessas viagens e dessas aproximações, vem a dissertação. Que é a cartografia do caminhar no Arroio Pepino através do método da cartografia deleuze-guattariana, que fazia essa proposta de caminhar pelas bordas para compor o mapa. Essa dissertação física vinha em um pacote que parecia uma caixa e que ia se abrindo, de um lado tinha um envelope que guardava um mapa, do outro lado estava a parte escrita da dissertação. Durante todos esses processos de caminhada pela cidade, entendi algumas coisas sobre esse lugar, essa linha de cinco quilômetros, e dividi ela para poder falar. Eu dividi ela em três trechos, o alto curso do arroio, um médio curso e o baixo curso, que são regiões completamente diferentes entre si, de uma mesma borda de rio. No alto curso temos um lugar de mais ausências do que presenças. Era um lugar muito vazio e o lugar onde o rio é mais bonito, onde o rio tem a água transparente, porque está bem perto da nascente. Porém, é um lugar cheio de fachadas cegas, cheio de muros, um lugar de alto poder aquisitivo que não existe poluição, mas, ao mesmo tempo, a área verde é um cenário desencarnado, sem pessoas. No médio curso do arroio, eu percebi que é um lugar de alto fluxo na cidade, uso intenso, e de uma maior diversidade na apropriação desse espaço. Tem ciclofaixa e uma série de coisas acontecendo, nessa parte o arroio é todo canalizado, mas existia uma área verde que é um espaço ainda natural, um remanescente natural, um banhado enorme que, quando eu fiz a dissertação ainda existia, agora foi reduzido drasticamente por vários empreendimentos imobiliários que tomaram

⁵³² cidade+contemporaneidade grupo de pesquisa, ensino e extensão; ligado ao LabUrb, ao PROGRAU, a FAUrb e a UFPel; propõe uma abordagem multidisciplinar para analisar questões urbanas da sociedade contemporânea, com foco na arquitetura e cidade.

conta desse espaço, porque é um lugar central na cidade. Inclusive, tem uma construtora que resolveu suprimir vários lugares de interesse ambiental na cidade e está conseguindo licença para todos eles, é uma perda muito grande que estamos tendo na zona urbana. E o baixo curso do arroio, então, é o lugar onde temos mais vínculos das pessoas com os espaços e é o lugar onde ele está mais poluído. Ao mesmo tempo, é onde as pessoas mais aproveitam a vida nessas bordas, um lugar de população de baixa renda, é um lugar periférico e percebemos as presenças. Ao contrário do alto curso do arroio, tem maior partilha do espaço, tem muita criança andando na rua, um lugar onde a vida está pulsando.

As pistas que entendemos desses lugares, que são essas três regiões, na beira do rio. E, a partir desse mapeamento preliminar, dessas pistas e desses vínculos, vamos começar a pensar nesse mapa que seria o final, que é o mapa de um processo e, ao mesmo tempo, ele é o processo, porque é a ideia de um mapa-jogo. Pensamos nele como uma base de fundo preto e vinha junto na dissertação física. Vinha três envelopes, com três provocações, e com essas provocações podíamos pensar, montar, desmontar e remontar esse mapa sobre esse lugar. E em cada um desses envelopes tinha uma provocação. Ao final, pensamos nesse mapa, que era uma folha que ia se abrindo e se fechando, era de montar. Naqueles três envelopes tinham algumas peças, que foram capturadas e pensadas durante todas essas caminhadas e que podiam montar esse mapa, de acordo com aquele que leu ou que experimentou a dissertação. Portanto, as provocações eram: como é esse lugar? O que se diz desse lugar? O que se vê nesse lugar? É um mapa que permite fazer a cidade como ela é ou de qualquer outra forma que ela puder ser imaginada. E no ano em que defendi o mestrado, em 2020, eu resolvi participar da seleção de doutorado em antropologia, aqui na UFPel.

E fui aprovada, para minha surpresa, e iniciei outro ciclo desse processo, desse trajeto que também pretende caminhar, cartografar e gerar uma etnografia. Esse caminhar vai ser um pouco diferente do que eu fiz até agora. Eu continuo caminhando paisagens, só que caminhando na antropologia, com esses interlocutores, com esses outros pesquisadores que eu estou conhecendo e considerando a paisagem como uma questão política e como coisa viva, não como um cenário. Cartografando processos formativos e transformativos dessa paisagem. Meu recorte territorial é o canal São Gonçalo, onde eu faço essa etnografia das bordas e olho para os modos de ser e habitar, e, mais especificamente, para quem está vivendo, quem tira o sustento dessas águas, que são as comunidades artesanais do canal. Existe uma coisa importante, que eu aprendi nesse processo, dentro da antropologia, a etnografia não exclui a cartografia. Por isso, a ideia é fazer uma fusão então entre esses métodos para criar essa tese a partir de referenciais da antropologia urbana, da antropologia e meio ambiente e da antropologia das águas, para fazer a pesquisa de campo através dessa experiência corporal das caminhadas.

Eduardo Rocha: Tem me chamado muito a atenção essa questão do selvático na cidade, porque parece que existe uma inversão. O próprio fazer do arquiteto, nessa ideia de projetar a cidade, projetar as coisas. E, ouvindo o teu trabalho, eu fico pensando nesse sentido, de uma inversão.

Valentina Machado: O fato de eu ter me aproximado da antropologia, eu acho, que também não é por acaso, como não é por acaso tu estares na banca. Quando eu acabei indo por esse caminho da antropologia, eu vejo o quanto precisamos olhar para essas outras coisas. Ao invés de olhar para o mapa e achar que podemos intervir livremente. A Emanuela falava muito em tirar a jaqueta de arquiteto, e eu ficava pensando muito quando ela dizia

isso. Acho que temos outras coisas que temos que considerar antes de riscar um projeto no papel, e temos que repensar muitas coisas enquanto urbanistas e planejadores.

Silvia Helena dos Santos Cardoso⁵³³: Valentina, essa Sapucaia que você falou, é em Eldorado dos Carajás?

Valentina Machado: Sim, na ponta do papagaio.

Silvia Helena dos Santos Cardoso: Eu sou da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, campus de Marabá. E achei legal que o projeto Rondon leva pessoas de diferentes partes do Brasil para outras partes diferentes.

Valentina Machado: Eu lembro que era muito concorrido, quando eu fui fazer a seleção, era escolhido conforme a proposta que colocasse. No caso, eu minha colega da arquitetura fizemos essas oficinas em Pelotas. Conhecer um Brasil duro é muito difícil, conhecer essas cidades de BRs foi uma coisa que mudou o meu olhar para arquitetura, para o urbanismo, para cidade, para caminhada, para tudo, por isso que eu trouxe. Foi uma experiência que me formou como pesquisadora.

Silvia Helena dos Santos Cardoso: Eu acho que valeria a pena fazer uma brochura sobre essa experiência. Porque existe um curso de Arquitetura em Santana do Araguaia que está meio sozinho no mundo e seria tão legal você propor, em algum momento, uma memória, isso do lugar, porque eu acho que falta muito esse tipo de caminhada, já aqui é muito quente, então as pessoas caminham muito pouco.

Luana Pavan Detoni: Nesse sentido do doutorado, como está sendo percorrer esses espaços ao lado de colegas com outras formações? Na perspectiva que eu acho que tem um estigma, um preconceito, uma ideia formada, sobre os arquitetos, como as pessoas que, talvez,

⁵³³ Silvia Helena dos Santos Cardoso é Doutora em Artes pelo Instituto de Artes/Departamento de Artes da UNICAMP. Mestre em Multimeios pelo Instituto de Artes/Departamento de Multimeios da UNICAMP, Bacharel em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo/USP. Licenciada em Ciências Sociais pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo/USP.

desconstruam esse meio ambiente ou façam o projeto de uma forma tradicional. E, principalmente, porque esses espaços que tu percorres, no arroio pepino, no pontal, são lugares que o mercado imobiliário tem uma influência bem forte. E, às vezes, associam os arquitetos como fazendo parte desses processos e eu não sei o quanto estamos fazendo parte ou não.

Valentina Machado: Eu acho que a palavra não é preconceito, mas existe sim uma crítica da antropologia no nosso fazer cidade, e eu acho que não é uma crítica infundada. Eu acho que tem uma passagem do Careri, e que eu entendo mais agora do que eu entendia antes, do Walkscapes⁵³⁴, ele diz que os lugares precisam ser preenchidos de significados antes de serem preenchidos de coisas, porque temos essa formação de fazer projeto, de criar espaços. Eu acho que, quando saímos da graduação, somos muito ingênuos em relação a muitas coisas, eu acho que o caminho acadêmico do mestrado e do doutorado traz maturidade, que conseguimos absorver melhor essas críticas e entender o que está sendo dito por esses outros profissionais. Porque a cidade não é só de quem está projetando, ela é trabalhada por todas as áreas. Então, eu acho que essa crítica das ciências humanas vem para somar, não podemos ser resistentes. Acho que temos que chegar em um equilíbrio, tirar essa jaqueta do arquiteto e colocar esse casaco mais humano, olhar para essas outras dimensões. Como quando o Krenak⁵³⁵ fala que o Rio é um irmão e que não vamos matar um irmão, então não podemos matar o rio, são essas outras dimensões que são várias camadas de vida. O nosso papel, agora que eu trabalho com meio ambiente na cidade, penso nisso, é dar esse salto, não vai sair desfazendo o que está feito, mas precisamos repensar essas práticas de criar, onde criar e com quem criar. E essa inserção nas comunidades traz uma vivência tão maior, porque ali na comunidade da Barra, aquele lugar que está ameaçado,

⁵³⁴ CARERI, Francesco. Walkscapes: o caminhar como prática estética. Gustavo Gili: São Paulo, 2013.

⁵³⁵ Ailton Alves Lacerda Krenak OMC é um líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta, escritor brasileiro da etnia indígena krenaque e Imortal da Academia Brasileira de Letras.

esse modo de vida tradicional está ameaçado pela especulação imobiliária, assim como o banhado, que foi perdido para a especulação imobiliária.

E eu acho que tem arquitetos que estão trabalhando para isso, não são muitos, acho que a nossa classe está tomando consciência de muitas coisas, mas tem arquitetos que estão trabalhando para o mercado. Agora saiu uma determinação judicial que está barrando, definitivamente, essa ideia de ter um loteamento no Pontal. Isso é uma luta desde os anos 1980, quando aquela área foi tomada, e é luta ambiental no Pontal da Barra. E existe a proposta da unidade de conservação, que é mais ou menos 840 hectares, que vai desde a Praia do Pontal, que é o encontro da lagoa com o canal São Gonçalo, até as dunas do Las Acácias, para ser tudo uma área de preservação e não ter nenhum empreendimento imobiliário. Porque tem todo um ecossistema ali e um resto de mata Atlântica, na Mata do Totó. A Clasen, na conversa passada, perguntou para quem tu pesquisas e contra o quê tu pesquisas? Fiquei pensando nesse questionamento. O Edu falou que pesquisa pela vida, ele tem essa sensibilidade. Acho que temos defeitos, porém temos muitas qualidades. E eu acho que a antropologia também tem muito a ganhar com a nossa área, fazendo esse jogo multi e interdisciplinar. Entretanto, temos que aprender a ouvir as críticas e crescer com elas.

Eduardo Rocha: Eu sinto que essas questões, falando de uma forma geral, andam um passo para frente e dois para trás. Então, o movimento do capitalismo é como se fosse um rolo compressor, existe uma complexidade nessa trama toda que faz com que um banhado seja ocupado por moradia. E é muito estranho, parece que é algo tão simples, porém não é simples na questão ambiental.

Valentina Machado: Ali tem muita vida, só que essa vida não está sendo considerada

nem pelos empreendedores, nem pelos arquitetos, nem pela SQA⁵³⁶ que está liberando essas essas licenças. Parece que essas empresas de empreendedores estão mapeando tudo que tem vida na cidade e é nesses lugares que colocam os negócios deles, e está sendo liberado.

Eduardo Rocha: Agora não estou muito aproximado das ocupações que tem na borda do Arroio Pelotas e era interessante, porque temos uma ideia sempre da ocupação do pescador, da pessoa de baixa renda, porém tem a ocupação da alta renda. E que ninguém ousa tirar do lugar a mansão do empresário que está na beira da lagoa e quer uma ocupação igual à ocupação do pescador. E qual é mais fácil de desapropriar ou retirar do lugar? claro que é a mais pobre e a que causa menos dano. E é muito existente toda essa inversão no sistema.

Valentina Machado: A questão ambiental é muito controversa.

Monique Grechi⁵³⁷: Eu queria comentar da professora Rosa⁵³⁸, de projeto IV, quando eu e a Valentina fomos orientar o nosso projeto, que passamos o final de semana trabalhando sem parar um minuto, e a Rosa olhou e disse que o projeto estava muito banal. Guardamos as nossas coisas e saímos andando. O que mais fazíamos era caminhar, fomos andando até o terreno e ficamos sentadas em frente olhando o que íamos fazer.

Valentina Machado: Monique, temos que contar que o desfecho foi bom, foi uma das notas mais altas da aula. Adiantou ir caminhar, ir lá e meditar, pensamos muita coisa, foi um processo muito rico.

Monique Grechi: Eu acho que tem um preconceito com a questão da arquitetura, geralmente se tem uma única visão e isso me trouxe uma outra recordação. Outro dia teve a festa

⁵³⁶ SQA – Secretaria de Qualidade Ambiental, da Prefeitura Municipal de Pelotas.

⁵³⁷ Monique Grechi é graduada em Arquitetura e Urbanismo pela FAUrb/UFPel, possui Master in Urban Heritage and Global Tourism pela Universidade IUAV de Veneza, Itália.

⁵³⁸ Rosa Maria Garcia Rolim de Moura possuía graduação em arquitetura e urbanismo pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1978), especialização em História da Arte (UFPel), mestrado (1998) e doutorado (2006) em História do Brasil pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

dos 50 anos da FAUrb e, uma hora, a Biloca⁵³⁹ me perguntou o que tinha me feito voltar. Eu falei que vi muita coisa diferente e por isso eu quis voltar. Depois, voltei para casa caminhando e pensando o que era esse diferente, e parece que a FAUrb furou a bolha da arquitetura, que sempre fica muito fechada naquela bolha da construção ou da arquitetura de interiores, da estética. Foi para fora do prédio, foi para as comunidades, foi para cidade, foi para as pessoas, e eu acho importante, acho que a caminhografia faz isso, de levar arquitetura e urbanismo para as pessoas.

Eduardo Rocha: Eu acho que tem uma questão relacionada à caminhografia, que se relaciona a uma terapia da caminhografia. E, às vezes, quando vamos escrever ou trabalhar com pesquisa, com caminhar e com cartografia, esquecemos que essa teoria, principalmente da cartografia, do campo filosófico, está envolta na psicanálise. E que é muito interessante perceber que a psicanálise está atravessando a fala da Valentina e de muitos de nós. Eu percebo que, quando escrevemos sobre, algumas de vocês deixam a escrita atravessar o próprio corpo, mas outras não, na hora da escrita, da dissertação ou da tese, tem o afastamento. Mas, é altamente psicanalítico esse processo da caminhada e do mapa, é meio óbvio, é uma maneira de autoanálise, é bem forte isso. E temos explorado pouco esse lado teórico, eu diria, da psicanálise.

⁵³⁹ Lígia Maria Ávila Chierelli possui graduação na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1978), Mestrado em Desenvolvimento Social pela Universidade Católica de Pelotas (2000), Mestrado em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2006) e Doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2014).

Alline Margarette
da Mota Serpa



Alline Serpa tem graduação em Arquitetura e Urbanismo pela FAU/UFRJ, especialização em Gestão de Infraestrutura em Saúde pela ENSP/FIOCRUZ, mestrado em Engenharia Urbana pela Escola Politécnica/UFRJ e doutorado em Urbanismo pelo PROURB/UFRJ. Tem experiência em planejamento e projeto do espaço urbano, desenvolvimento e coordenação de projetos e também atua na docência superior. Atualmente, pesquisa sobre mobilidade ativa e as relações entre o corpo e o território urbano através do caminhar, além de atuar em seu escritório CiaURBE através de práticas projetuais que refletem seus estudos.

Figura 30: Alline Serpa em entrevista para conversas. Fonte: canal youtube revista pixo, 2022. <https://www.youtube.com/watch?v=AuoMdrAizAg&t=3974s>

Começo dizendo que não temos uma abordagem sobre a caminhada, pelo menos não de maneira profunda como a UFPel⁵⁴⁰ está se propondo a fazer. E, justamente por isso, me interessei pelo editorial que a Píxo⁵⁴¹ se propõe a fazer, no sentido de estar sempre convidando matérias que possam questionar o comum, os aspectos ordinários da cidade, e o caminhar é um deles. Esse artigo, que se chama *A performatividade do caminhar*⁵⁴², é o começo de um trabalho que eu fiz como pesquisa de tese, e é um pouco do que eu vou apresentar. Esse artigo vai debater o caminhar como um aspecto performático, como um fenômeno que demonstra a relação do corpo com a cidade. E, no caso de Petrópolis, tem sentido pela dimensão simbólica que a cidade tem a partir da sua própria sociedade constituída, mas também de fora, uma cidade sempre lembrada como imperial, como cidade turística, que traz o valor de patrimônio histórico preservado, ainda muito relevante no Brasil, e claro, que teve sua importância por estar próxima à capital brasileira. Na época, foi uma cidade planejada. Enfim, vou falar um pouco sobre isso, é o que torna essa cidade especial para estudar ou caminhar. Eu já estava ensaiando isso no artigo, o que me possibilitou outras tentativas e propostas de registro. Fiz um vídeo que faz uma crítica sobre a cidade, como ela é constituída, fazendo um contraponto no, ainda presente, desfile militar que existe na cidade. No vídeo⁵⁴³, eu confronto a prática do caminhar como ação mais disciplinada, ritmada, induzida, contra uma performatividade que acontece em uma comunidade pobre na cidade de Petrópolis, que vai ter as práticas mais orgânicas, do encontro comum, da ocupação da rua para além de uma esteira de deslocamento, mas para outras atividades. Minha pesquisa de tese se chama *CAMINHAR-performance: uma lente crítica sobre a produção do espaço de Petrópolis, RJ*⁵⁴⁴. Meu interesse no campo da arquitetura e urbanismo é, especialmente, na escala urbana. Estudando mobilidade no

⁵⁴⁰ UFPel - Universidade Federal de Pelotas.

⁵⁴¹ A "PIXO - REVISTA DE ARQUITETURA, CIDADE E CONTEMPORANEIDADE" abrange as seguintes áreas do conhecimento: Arquitetura e urbanismo, Artes, Filosofia, Educação, Geografia e Psicologia. Uma iniciativa conjunta dos Grupos de Pesquisa CNPQ Cidade+- Contemporaneidade (PROGRAU/UFPel) e Arquitetura, Derrida e Interconexões (PROPAP/UFRGS), com classificação CAPES QUALIS-periódicos B1 (para Avaliação Quadrienal de 2017-2020).

⁵⁴² SERPA, Alline Margarete da Mota. A performatividade do caminhar: uma possibilidade de análise espacial em Petrópolis/RJ. Revista Píxo, v. 6, n. 20, pp. 175-197, 2022. <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/pixo/article/view/2927>.

⁵⁴³ SERPA, Alline. Corpos imperiais. Youtube, 25 mar. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EbsoYC-nu-I>.

⁵⁴⁴ SERPA, Alline Margarete da Mota. Caminhar-Performance: Uma lente crítica sobre a produção do espaço de Petrópolis, RJ. Rio de Janeiro: PROURB/UFRJ, 2022. [tese de doutorado].

⁵⁴⁵ Milton Almeida dos Santos foi um notável geógrafo, escritor, cientista, jornalista, advogado e professor universitário brasileiro.

⁵⁴⁶ Judith Butler pesquisa filosofia pós-estruturalista e tem origem estadunidense, tendo composto umas das principais teorias contemporâneas do feminismo e teoria queer. Butler também escreve sobre filosofia política e ética.

⁵⁴⁷ Michel Foucault foi um filósofo, historiador das ideias, teórico social, filólogo, crítico literário e professor da cátedra História dos Sistemas do Pensamento, no célebre Collège de France, de 1970 até 1984.

⁵⁴⁸ Andrew Hewitt é Professor de Línguas Germânicas e Literatura Comparada na Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Ele é autor dos livros *Political Inversions: Homosexuality, Fascism, and the Modernist Imaginary* e *Fascist Modernism: Aesthetics, Politics, and the Avant-Garde*.

⁵⁴⁹ André Lepecki é escritor e curador, atuando, principalmente, nos campos dos estudos de performance, coreografia e dramaturgia. Ele é Professor e chefe do Departamento de Estudos de Performance na Tisch School of the Arts da Universidade de Nova York.

mestrado, me interessei um pouco por caminhabilidade, pelas questões mais ligadas à circulação e, também, pelo aspecto quantitativo e qualitativo de caminhar, mas ainda em um campo de mensuração.

Chego no doutorado e sou confrontada por algumas outras questões, sou convidada a desconstruir algumas certezas sobre isso e começo a tensionar o caminhar como um fenômeno decorrente do instrumento “corpo”. Uma prática que vem do corpo como instrumento técnico, com a dimensão fenomenológica e a performatividade, com a possibilidade de leitura de gestos e a leitura do espaço em que esse corpo está. Para isso, eu me aproximo de três grandes grupos de autores que vão debater a cidade e a produção. Vou beber muito de Milton Santos⁵⁴⁵, especialmente. Mas, entre outros, vou fazer uma crítica sobre como a cidade é constituída por ações ideológicas que vão fazer com que o movimento que ocorre nela se dê de determinada forma, cada vez mais acelerada e automatizada. E, na corporeidade e performance, eu vou começar a me debruçar no campo da dança e vou começar a entender o que é essa relação do corpo no espaço, onde a performance se dá, como ela desenha gestos em um determinado campo espacial. Começo indo a Butler⁵⁴⁶, a Foucault⁵⁴⁷, a Hewitt⁵⁴⁸, a Lepecki⁵⁴⁹, e eu começo a compreender o que é essa performance, como o caminhar pode ser entendido como uma prática que está sujeita a uma forma restaurada. E como, também, aparece de forma subversiva, questionando aquele espaço, interferindo naquele espaço de uma outra maneira. E, no caminhar, desenvolvo o experimento crítico que eu estou buscando praticar e apreender. Então, do corpo ao caminhar, eu começo a fazer essa transição da performance no espaço urbano, ou uma outra forma de entender seria a maneira como eu junto as duas primeiras vertentes teóricas que fui debater neste trabalho.

Então, Petrópolis é uma cidade que nasceu planejada, pelo menos oficialmente. Quando ela é instituída oficialmente, tinha movimentos prévios de escoamento de minérios e até agrupamentos indígenas. Ela é planejada para ser imperial, um símbolo de prosperidade alternativa no século XIX. O seu adensamento é mais forte justamente onde o plano original se deu, chamado Plano Koeler⁵⁵⁰, é com uma planta que distribui as terras de acordo com classes sociais. Por isso, os beneficiários dos terrenos mais próximos do Museu Imperial, onde era o Palácio Imperial, originalmente, era um beneficiário de primeira ordem, e isso ia diminuindo conforme ficava mais longe. Com isso, a constituição da cidade, desde a sua gênese, tem uma forte segregação socioespacial, por proximidade a partir do miolo. E, hoje, estamos na quarta geração de herdeiros que ainda reproduzem esse grau de segregação.

A cidade, hoje, tem características muito bonitas, com uma estética muito apreciada pelos turistas e pelos moradores, com um tombamento vigente e uma área de expansão. O mercado imobiliário não consegue mais explorar o centro, porque essa grande região está tombada, então, começam a surgir aspectos modernos em direção a Itaipava. Há um processo de expansão da cidade, os grandes lançamentos imobiliários começam a acontecer nas últimas décadas na direção da interiorização da cidade, com uma outra ocupação mais burguesa, com uma ideia de estância turística, espaços verdes, paisagem natural, que é aquela alternativa dada, especialmente, a uma classe média do Rio de Janeiro. Muitos autores estão debatendo a cidade de Petrópolis pelo viés histórico, de reconhecimento das contribuições que a cidade recebeu, e há algumas autoras que comentam fortemente sobre a contribuição dos escravos que foram afastados da cena urbana desde a constituição da cidade, buscando privilegiar certo simbolismo de prosperidade, afastando a ideia da

⁵⁵⁰ Plano desenhado pelo engenheiro Koeler.

escravidão. Basicamente, pessoas negras, escravas, ficavam em fazendas afastadas e não circulavam tanto no centro. Por isso, construiu-se uma história de que é uma cidade que se constituiu a partir de uma industrialização com imigrantes alemães, italianos, mas, na verdade, houve um afastamento [da população escravizada] para trazer o Brasil para o mapa do mundo em seu processo de abolição. Assim, a cidade cresceu, a industrialização explodiu nos anos 1940 e 1950 e teve uma grande ocupação. Isso é só para lembrar que, na verdade, esse processo de segregação se atualizou de uma outra maneira, agora em cima dos morros e favelas mesmo nas áreas centrais. Esse é o contexto geral da cidade.

Em termos metodológicos, na minha tese existem duas abordagens, uma ligada mais ao campo do urbanismo, desenvolvendo mapas para pensar como esses espaços de Petrópolis estão constituídos, e outro que nos interessa um pouco mais nessa conversa, a caminhada, o registro cartográfico e o registro audiovisual. São três os lugares que eu vou estudar em Petrópolis: o Centro Histórico, Itaipava, como espaço de expansão burguês, e um espaço intermediário que recebe a influência desses dois lugares. Desejo saber como eles estariam se comportando e como o caminhar pode estar transitando entre essas regiões. Então, busquei uma área que pudesse ser representativa de cada zona, que eu chamo de “área-foco”, e depois entra o segundo eixo metodológico, que é o caminhar. Portanto, começo a produzir cartografias em cima de cada área-foco, em cada rua. Esses registros gráficos são produzidos por mim quando eu caminho, tentando estruturar esse espaço para se aproximar da escala real, em termos de distância de vias, por exemplo. Mas, eu desenho o eixo e começo a percorrê-lo, a fazer registros, para entender como eu, com o meu corpo, percebo o espaço em que estou, e começo a entender quais elementos fazem parte desse

espaço.

Então, comecei a buscar formas de tentar trazer um controle para esse processo, ao mesmo tempo permitir que, em pontos específicos, pudessem surgir possibilidades de sentir um pouco o ambiente, deixar isso aparecer de uma maneira mais orgânica, e que eu representei por croquis de campo. Comecei a fazer audiovisuais através do meu celular, em cada uma dessas ruas, em vários pontos dessas ruas, tentando compreender o que era o caminhar ao longo desses espaços. O método foi, basicamente, da imagem e da descrição mais pormenorizada possível, dediquei um tempo de leitura, também, dos corpos que caminhavam e, então, comecei a tentar entender essa performatividade de uma forma muito descritiva, sobre gestos laterais, paradas, apropriação, quem estava, movimentos que essas pessoas faziam nessas localidades, interações, encontros, formas variadas. Isso produziu uma série de *links*, para cada área foco, para cada rua. Cada vídeo desses é de uma rua inteira, porém vai emendando para outros espaços. Esse é um registro em primeira e em terceira pessoa. A cartografia, em primeira pessoa e em terceira pessoa, seria o corpo das pessoas me dando informações, que eu coletava a partir do que eu percebia nessa performatividade. Com isso, surgem categorias de análise e elas vêm do campo da dança, dos conceitos da performatividade que são conceitos que eu extraio de outros autores, mas a partir do que eles comentam sobre aspectos a se considerar da performatividade. Eu vou entender que temporalidade, ou seja, o quanto, de fato, nos fixamos ao espaço, e quanto tem relação com o ritmo e a velocidade da performance da atividade, como estamos induzidos ou produzimos gestos um pouco previsíveis, quais as relações de poder, que seria um grau mais grave de disciplinarização desse corpo. E a aparição, que tem a ver com a camada simbólica daquele corpo. O corpo é aquele que

aparece, não apenas o que ele faz ou o que ele pode subverter, e, sim entender quem é esse corpo, se é um grupo, se é branco, se é preto, se é mulher, se é idoso, se é criança, se é trans. Então, é um pouco da percepção do corpo como concentração do “eu simbólico”.

Essas quatro categorias que eu comentei vão começar a se revelar pelo que eu percebo nas gravações. Em campo, eles começam a se revelar de maneira mais intensa em alguns trechos de rua. Portanto, eu uso um recurso da arquitetura, trazendo elementos gráficos que surgiram intuitivamente, e vou fazer isso para outras categorias, e isso vai trazer para mim, pela percepção que eu consigo extrair, uma ideia de *continuum* espacial. Ou seja, em determinada região existe uma forma de circulação, uma forma de performatividade pelo caminhar, com determinadas características. Outra região tem uma outra forma e assim por diante. Comecei a perceber que há uma recorrência de performatividade e, acionando o campo do urbanismo, eu vou entender que há alguns espaços que podem produzir uma ideia de cenarização. A questão da representação e do espetáculo são mais fortemente garantidas, especialmente, quando ligadas à paisagem. Mas, outros espaços podem ser mais ligados à produção, ou que a produção vai se dar de uma maneira mais livre, onde a racionalidade e a técnica trazem movimentos determinados, característicos, enfim. E as áreas de elitização têm sido institucionalizadas pelo medo, que tem um cotidiano atualizado, próprio. Os espaços de periferização são mais orgânicos e vulneráveis, estão localizados em áreas residuais, periféricas. Então, para debater cada um desses, eu me debruço em cima de algumas categorias que são debatidas na teoria. Começo a ter um intercruzamento das categorias de análise com as especialidades, produzindo uma forma de leitura desse corpo no espaço.

A temporalidade não se dá de uma única

maneira nos espaços da cidade, há uma tendência. Por exemplo, espaços de cenarização trazem o movimento do corpo de forma mais lenta, moderada, um pouco mais encantada com espaço, induzindo a atos recreativos. Começam a se cruzar aspectos como autonomia, vigilâncias e condições maiores de subversão nesses espaços de cenarização, de produção, de elitização e de periferização. Assim, o fechamento de tese vai ser um pouco mais ligado ao urbanismo e a como aspectos de territórios, de técnicas e de representação podem estar ligados a essas coreografias urbanas. Portanto, o caminhar mais estimulado pelo território pode produzir um caminhar consumidor, subserviente ou vinculativo. A técnica pode trazer um caminhar mais estimulado, disciplinado ou mais autônomo. A representação acaba se relacionando com esses dois primeiros, logo, o caminhar consumidor pode estar mais vinculado ao valor simbólico, com movimentos induzidos, horários prolongados e maior interação com a paisagem dominante. Já o caminhar subserviente pode ter relação com o caminhar disciplinado e, geralmente, ocorrendo em estruturas mais rigorosas e automatizadas, produzindo movimentos funcionais e rápidos, com transgressões que são possíveis desde que em atendimento a um grau de produtividade que está sendo esperada por esse lugar. Finalmente, o caminhar vinculativo pode ter uma ligação com um caminhar mais autônomo da técnica se dando em estrutura de baixo controle e fiscalização: quanto menos controle se tem, maior a condição deles acontecerem.

A síntese não busca simplificar, mas pode ser que formas mais modernas estejam mexendo com a nossa forma de estarmos na cidade. E o caminhar pode estar revelando uma graduação na forma como a modernidade se dá: temos maior condição de sobreposição de performatividades em uma área de centro multiutilitária. Quando falo de um caminhar

libertário, estou falando de um caminhar que possa ser mais ativo, que possa interferir, participar, questionar o lugar, eu flagrei isso de maneira muito sutil.

Eduardo Rocha⁵⁵¹: Eu sempre pergunto: como é caminhar nesse lugar? Que é um pouco a tua pergunta, é bem interessante essa possibilidade. Há uns anos eu trabalhei em uma pesquisa com idosos aqui no Brasil e no Reino Unido. E uma das técnicas utilizadas na pesquisa era o que eles chamavam de entrevista caminhada, a intenção não era da teoria do *walkability*, era para o idoso nos contar quais eram os lugares importantes do bairro, quais relações, o que ele faz caminhando. Mas, não era sobre ele caminhar, e eu sempre provocava o grupo de pesquisadores nessa busca de entender o que o corpo quer.

Isabella Khauan Maricatto⁵⁵²: E eu achei muito incrível esse trabalho de combinação do espaço já construído, dessa estrutura que tem repercussão histórica, até os corpos que se manifestam de determinada maneira. Aquele espaço em que os corpos se manifestam a partir de um rompimento ou de uma tendência já estruturada. Eu acho que entra um pouco da combinação entre a estrutura do lugar e como os corpos se manifestam a partir desse breve espaço de temporalidade.

Eduardo Rocha: Uma das coisas que acontece quando caminhamos é que percebemos caminhadas que foram mais potentes para nós. Tem lugares que nós caminhamos que nos causaram mais sensações e outros que caminhamos que não nos despertava muita coisa. A Alline está descobrindo que o nosso corpo está sentindo coisas diferentes, mas tem uma relação com o meio por onde se caminha.

Gabriele Vargas da Silva⁵⁵³: Sentimos nas caminhadas e nas diferenças dos percursos que nós fizemos, como esses atravessamentos são diferentes dependendo de onde caminhamos

⁵⁵¹ Eduardo Rocha é Arquiteto e Urbanista (CAU/UCPel), Especialista em Patrimônio Cultural (CA/UFPe), Mestre em Educação (FaE/UFPe), Doutor em Arquitetura (PROPAR/UFRGS) e Pós-Doutor (Università Roma Tre). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2, Professor Associado no DAUrb/FAUrb/UFPe; e Pesquisador no PROGRAU/FAUrb/UFPe, na Linha de Pesquisa: Cidade e Sociedade.

⁵⁵² Isabella Khauan Maricatto é Doutoranda em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR/UFRGS), Mestra pelo PROGRAU/UFPe, tem especialização em Artes - UFPe. Arquiteta e Urbanista pela UEL.

⁵⁵³ Gabriele Vargas da Silva Moreira é Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU/UFPe, graduação em arquitetura e urbanismo pela Universidade Católica de Pelotas.

e de cada pessoa, porque para cada um de nós aqueles caminhos reverberavam diferente.

Alline Margarette da Mota Serpa: Mas, é importante ressaltar que o fato de termos encontrado tendências não significa que estamos resolvendo esse espaço. O corpo levanta possibilidades sobre uma certa concentração de determinada performatividade, o corpo leva o lugar para outros lugares. Quando eu era uma mulher branca andando na favela com uma câmera, eu não era uma pessoa daquele lugar. Logo, eu jamais poderia reproduzir, sentir ou estar sujeita às mesmas forças que aquelas pessoas estavam. Portanto, não conseguimos extrair de um exame laboratorial super preciso uma resposta concreta; o que há, de fato, é a certeza de que aquela performatividade é altamente complexa, é sujeita aos acúmulos daquele corpo e a todas as subjetividades, e que o espaço tendência comportamentos. Petrópolis é estabelecida a partir de uma segregação socioespacial que está presente ainda hoje e que demarca os espaços de controle. Às vezes não é um controle ostensivo, mas sim a forma como o espaço está rigidamente estruturado. O meu debate é sobre a questão da produção e da racionalidade, a forma como o mercado predispõe espaços de caminhar para uma maior comercialização. Quando debato o caminhar nessa tese, eu não estou debatendo só o caminhar, estou debatendo o corpo na rua de maneira geral, incluindo sentar, se encostar na parede, namorar, beijar, sentar no meio-fio. E há uma forma de questionamento do próprio espaço, ele está organizado de uma maneira a espacializar performatividades específicas.

Silvia Helena dos Santos Cardoso⁵⁵⁴: Parece que, para quem mora no Rio de Janeiro, ir para a serra é um lazer. Mas, também tem uma questão que é a memória da televisão, dos morros, das enchentes, das destruições, é um lugar de conflito. Não é só o corpo que caminha, mas é a memória também, o corpo me faz

⁵⁵⁴ Silvia Helena dos Santos Cardoso é Doutora em Artes pelo Instituto de Artes/Departamento de Artes da UNICAMP. Mestre em Multimeios pelo Instituto de Artes/Departamento de Multimeios da UNICAMP, Bacharel em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo/USP. Licenciada em Ciências Sociais pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo/USP.

levar a experiência para outro lugar, e a memória também.

Alline Margarette da Mota Serpa: Qualquer caminho carrega acúmulos, o que você acaba filtrando nas suas aproximações com relação a essa cidade é isso que você expressou. Existe um imaginário encantador de Petrópolis, afinal, ela é um dos primeiros lugares europeizados no Brasil. E tem o contraponto do conflito, que é a natureza que nenhuma política consegue esconder. Se eu suprimo esse conflito, se eu digo que não tem violência, desastre ambiental, engarrafamentos, eu estou vendo Petrópolis como a cidade dos sonhos. Uma coisa que eu não comentei, pela brevidade da apresentação, é que a pesquisa metodológica em primeira e terceira pessoa está inspirado no trabalho da Equipe Cresson⁵⁵⁵, em Paris, que faz uma abordagem sobre performance em primeira, segunda e terceira pessoa. Eu não explorei a segunda pessoa porque estávamos com números altos de contaminação do covid e, também porque, ao caminhar com alguém, eu interpelo essa pessoa, eu interiro na sua performatividade. E isso, para mim, é um *bug* metodológico considerável, eu não tenho uma definição própria sobre como consigo apreender a percepção dessa pessoa enquanto ela caminha sem interferir na sua performatividade, com o processo de aproximação.

Eduardo Rocha: Eu tenho feito muitas caminhadas e venho pensando muito nessa diferença, existe diferença quando eu caminho sozinho ou, no máximo, em dupla e quando caminho com grupos de 50 pessoas. Venho pensando que, na pesquisa, quanto maior é o grupo que caminha menos atenção existe, quanto maior o grupo, maior é a intervenção nos lugares, eu venho notando isso nas experiências que temos. Essa é uma questão interessante de se levar em consideração, ao menos de avaliar enquanto pesquisador. Daquilo que eu estou propondo e quais são as movimentações que esse corpo, ou que esse conjunto de

⁵⁵⁵ CRESSON (centro de pesquisa sobre espaço sonoro e ambiente urbano) é uma equipe de pesquisa arquitetônica e urbana, fundada em 1979, na École Nationale Supérieure d'Architecture de Grenoble.

corpos vão fazer, e eu acho que tem uma relação forte com a atenção do pesquisador.

Silvia Helena dos Santos Cardoso: Você vai para a rua e filma? Ou conversa com as pessoas que você está filmando?

Alline Margarette da Mota Serpa: Dependia das regiões, algumas eu produzi cartografias sem câmera, era só uma pessoa, uma prancheta, com papéis produzindo algum senso de espacialidade a partir de como eu atravessava esse espaço. Tirávamos fotos também, a princípio eu passava um pouco despercebida em alguns lugares. Quanto mais vazio o lugar, mais eu aparecia, logicamente. A questão de filmar, eu percorri as mesmas ruas, posicionando uma câmera de celular em um tripé de chão. Me posicionava atrás dessa câmera e tentava não interferir no espaço, tentava me colocar junto de um poste para não gerar tanto desvio e deixava filmando 5 minutos, por vezes eu fazia movimentos com a câmera para ela pegar um lado. A medida em que eu filmava, tinha tomadas em vários pontos da mesma rua, depois eu juntava elas em um programa de edição de texto e fazia as descrições. Esse foi, de fato, muito detalhado, ali começou a minha pesquisa, porque eu tinha uma suposição de que eu leria coisas com esses gestos, mas eu nunca tive esse exercício de olhar o corpo e seus microgestos. Foi assim que eu comecei a entender algumas codificações corporais e isso, logicamente, foi ganhando fluência. Eu transcrevo, e começo a confrontar isso com o próprio espaço. Sou professora da Universidade Católica de Petrópolis e, nessa fase final, eu já tinha um pouco mais de segurança do método, então busquei simplificar um pouco esse processo. Convidei meus alunos de urbanismo a seguirem as pessoas, estávamos em uma praça, na região de Corrêas, eles revisitaram esses vídeos. Eu estava junto e fiz um ensaio com eles, quando passou uma pessoa na calçada, eu peguei o celular, coloquei um pouco perto do meu corpo e filmei

sem olhar para essa pessoa, na tentativa de naturalizar aquela situação. Eles começaram a filmar e isso ajudou eles a fazer o mapeamento do percurso onde as pessoas transgridem mais, onde fogem da borda rígida do meio-fio, onde invadem a rua, o corpo, onde as pessoas ocupam essa rua, onde se apropriam, tentando entender o que esse espaço está produzindo de condições para esses corpos fornecerem os dados. Eu tenho feito algumas experiências em projeto também e é interessante, pois gera uma complexidade nas soluções. São experiências bem pontuais e bem despretensiosas, mas colocar o corpo do aluno na rua caminhando traz uma informação do lugar que não está em nenhum IBGE⁵⁵⁶.

Gabriele Vargas da Silva: Eu lembrei do quanto foi interessante uma experiência com os alunos de teoria. Eles foram fazer o percurso observando os grafites e essa ida deles a campo, experienciar a cidade, modificou a percepção deles da própria cidade. No final, eles nos apresentaram como sentiram aquele espaço e como observaram o grafite em relação à cidade. Aquilo foi potente para eles, então acho que esse experienciar a cidade é extremamente interessante e que movimenta a nossa cabeça e as percepções em relação ao urbano.

Alline Margarette da Mota Serpa: Quando vocês falaram do *hacker* que invadiu uma conversa, você comentou que esse é o espaço deles. Você perguntou se mudariam de sala, mas depois você entendeu isso de uma maneira tão diferente, aquilo ficou como um aprendizado. Eu vi isso na rua, um corpo pode ser submetido a isso.

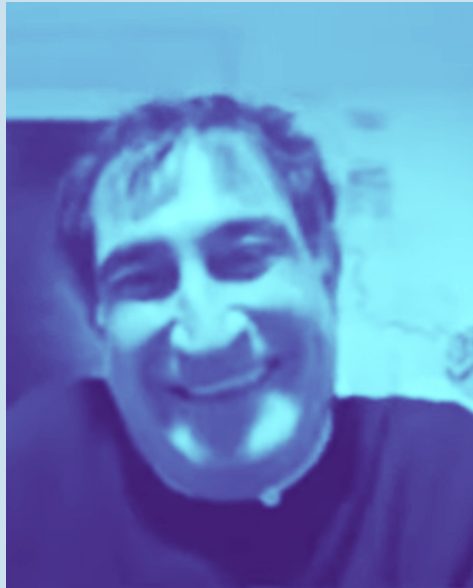
Eduardo Rocha: Foi um momento muito forte esse do *hacker*, e aprendemos muito, foi bem interessante pensar nisso. Quando caminhamos encontramos muitas coisas, moradores de rua, pessoas com problemas mentais, e temos que lidar. Já teve pessoas que choraram

⁵⁵⁶ IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

durante uma caminhada porque foram asse-
diadas, por exemplo, e isso é horrível, uma
coisa que não pode acontecer, mas a rua é
esse lugar também, desse inesperado.

Entrevistar

Francesco Careri



Francesco Careri é arquiteto, artista e professor associado do Departamento de Arquitetura da Universidade Roma Tre. Professor doutor do Programa de Pós-graduação Master Pacs Artes performativas e espaços comunitários. Faz parte do coletivo artístico Stalker Osservatorio Nomade, onde experimenta métodos criativos participativos de intervenção na cidade multicultural e na vida informal das grandes cidades. Entre suas publicações: *Constant. Nova Babilônia, uma cidade nômade*, Text & Image, Turim 2001 e *Walkscapes O caminhar como prática estética*, Einaudi, Turim 2006 e *Caminhar e parar*.

Figura 31: Francesco Careri em entrevista para GG Brasil. Fonte: canal Emanuela Di Felice, 2021. <https://youtu.be/Z0A8IXO0yLU?si=qqRx-DbhgMFuruVnl>

Emanuela Di Felice



Professora associada na Escuela de Arquitectura y Diseño da Pontificia Universidade Católica de Valparaíso no Chile. É Professora titular na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas no Brasil. Membro da LAC/ Laboratório de Artes Cívicas, grupo de pesquisa interdisciplinar da Universidade de Roma Tre. Seu Doutorado teve foco no direito à cidade, estudando o caso do Auto Recupero do Patrimônio em estado de abandono em Roma (2015). É Coordenadora de projetos de investigação-ação no domínio das artes urbanas, movimentos urbanos e auto-organizados.

Figura 31: Emanuela Di Felice em entrevista para GG Brasil. Fonte: canal Emanuela Di Felice, 2021. <https://youtu.be/Z0A8IX00yLU?si=qqRx-DbhgMFuruVnl>

Emanuela Di Felice: Em 1990, na Faculdade de Arquitetura da Universidade La Sapienza em Roma, nasce o observatório nômade Stalker⁵⁵⁷, um grupo de estudantes escolheu a arte como linguagem de expressão mais ágil e imediata para interagir com a arquitetura. Os Stalkers, são os protagonistas do Filme de Tarkovski, eles são os guias da zona vermelha, os únicos capazes de deambular nos lugares em eterna transformação, um território que evolui, muda nos elementos naturais que o compõem, um território que reflete os pensamentos da alma. Um território que se modela sobre as angústias dos seus transeuntes, deixando aflorar seus fantasmas para criar um mapa psicogeográfico dos seus habitantes.

O grupo Stalker de que tu fazes parte, há décadas, se define como um laboratório de arte urbana, fundado “nas práticas espaciais exploratórias, da escuta, da criação de vínculos relacionais, conviviais e lúdicos, ativadas por dispositivos de interação criativa com o ambiente de investigado, com os habitantes e com os arquivos da memória”⁵⁵⁸.

O coletivo, ao longo dos anos, foi se afastando do planejamento urbano tradicional, em que o projeto se faz do alto. Encontrando uma nova maneira de fazer cidade, uma abordagem experiencial, de observação e interação com o urbano, com as pessoas que o habitam, na descoberta das realidades invisíveis ao olhar distraído do cidadão. A ação artística é a tentativa poética de se reencontrar na cidade, com a cidade (feita de coisas e pessoas). Se o território está se transformando sob os olhos de planejadores e arquitetos, os Stalker procuram aqueles fenômenos espontâneos, que vão além do planejado, do representativo, do usual. Stalker mergulha com o corpo, evolui para um observador-caminhante nos territórios atuais, naqueles espaços que estão em devir, que estão “se tornando outra coisa”⁵⁵⁹.

⁵⁵⁷ Laboratório de arte urbana Stalker/Osservatorio Nomade, realiza ações de arte pública na cidade informal e multicultural.

⁵⁵⁸ Para ver mais, acesse: <http://www.osservatorionomade.net/>

⁵⁵⁹ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Che cos'è la filosofia?*, Einaudi, Torino 1996, p.106.

O presente não é o que somos, mas o que nos tornamos, o que estamos nos tornando, esse é o nosso outro devir. Usando as palavras de Deleuze e Guattari, poderíamos afirmar que: “Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de devir, e através das quais devemos. É nesse sentido que o devir é o processo do desejo”⁵⁶⁰.

A suposição de uma transformação, a transitoriedade do presente, é um movimento que encontra seus caminhantes em uma concepção mutável da cidade, mas qual é o projeto deste tipo de cidade? Os territórios de observação dos Stalker são os territórios da cidade banal do Dadá, os interstícios, os vazios, a cidade abandonada, as áreas sensíveis, os campos informais, as margens etc. Revelando uma cidade fragmentada e inconsistente.

Stalker se propõe a ser como uma enzima catalisadora entre as diferentes realidades (a oficial e a informal). A ação dos catalisadores consiste em processos lentos, às vezes anos, outros são concluídos, relativamente, rapidamente (segundos, minutos ou horas).

O que significa fazer isso caminhando? Como você cria uma situação e o que acontece? Quais são as áreas atuais de exploração e ação do grupo hoje?

Francesco Careri: Gostaria que essa entrevista se tornasse um diálogo entre os caminhantes, já que, agora, você também oferece um curso de caminhada no Brasil. Costumo ter contatos com cursos itinerantes, trabalhos criados através da caminhada, certamente há uma forte base teórica que, talvez, não tenha a possibilidade de ultrapassar os próprios limites. Certamente isso deriva de condições sociais diferentes das europeias, na América Latina o

⁵⁶⁰ G. Deleuze, F. Guattari, *Che cos'è la filosofia?*, Einaudi, Torino 1996, p.106

limite do espaço inacessível a superar é mais próximo, o medo é certamente um fato que condiciona a possibilidade de movimento. A necessidade de capacitar os profissionais dentro do próprio contexto é, seguramente, uma resposta física urgente e necessária.

O que minha metodologia se propõe é dar a oportunidade de entrar em um território sem preconceitos, inicialmente, ser um observador para entender o que acontece, que não seja mediado pelos participantes, mas que seja em primeira pessoa, como cidadão, para poder entender o problema ao invés de responder a algo que, talvez, já foi decidido anteriormente. Quando me tornei professor e assistente na universidade eu já estava ministrando oficinas, e pensava na ideia de um ensino experimental. Eu tinha certeza de que a experiência do coletivo Stalker poderia ser, de alguma forma, transmissível, já no início, quando fizemos as primeiras instalações de jardins ilegais no Tiber (1993-1994), onde as pessoas foram convidadas a habitar o local. Havia a ideia de criar um manual para a construção de jardins ilegais, o entendimento de outras paisagens híbridas estavam acontecendo. O projeto foi denominado Viviliverive, o qual possuía uma área na frente de um complexo de arqueologia industrial de propriedade da empresa Italgas, um aterro ilegal que foi ocupado por três dias se transformado em um parque fluvial temporário, convidando estudantes, artistas e arquitetos a dar vida a isto. Com os materiais encontrados no local, as instalações ambientais foram dispostas ao longo de um caminho construído com persianas desenroladas diretamente sobre espinhos e urtigas. A área se destacava por suas qualidades híbridas e espontâneas e, depois de libertada de centenas de seringas, foi “doada” aos habitantes do bairro que foram convidados para uma reunião com associações, administradores e vizinhos do bairro, um convite à reapropriação do resiliente urbano. A área da nossa intervenção artística estava na espera da

especulação, após um incêndio criminoso e alguns meses de abandono, a natureza recuperou a posse do local.

Sempre houve a ideia de não usar as nossas ações como ato artístico, mas como uma prática compartilhada com outras pessoas, percebemos, imediatamente, que esse tipo de experiência não fazia sentido na representação artística convencional. A única maneira de entender Stalker era participando, não produzimos objetos, embora existam obras como o tapete volante ou o redário, resumindo, você não pode estudar a experiência do livro, mas deve vivê-la. Todas as pessoas que caminharam eram uma ópera, a transmissão ocorre no campo, estudar Stalker não faz muito sentido.

A arte está em compreender o momento para sair dos percursos estabelecidos, qual caminho seguir ou recuar. O momento da escolha continua, de alguma forma, para pilotar o barco à deriva e dar aquele golpe no timão que permite que você faça alguma coisa acontecer, para que surjam histórias.

A interação com a paisagem habitada foi uma etapa posterior e mais profunda. Inicialmente fomos atraídos pela natureza mutável do ambiente.

O catalisador é aquela enzima capaz de pôr em relação elementos próximos, catalisando processos e energias que, sem tal enzima, permanecem desconectados, distantes um do outro. Percebemos esse potencial quando nos envolvemos, especialmente no projeto do Campo Boario, onde diferentes realidades habitavam de forma segregada aquele espaço: os curdos, os testaccini (habitantes do bairro Testaccio), os ciganos, a aldeia global, os senegaleses, os marroquinos e nós.

Entramos no Campo Boario como catalisadores, por meio de ações lúdicas construímos o campo de jogo onde cada uma dessas realida-

des poderia se envolver, poderia se representar sem ter que transformar o outro, ou julgar E ser julgado. Aldo Innocenzi em seus vídeos, fala da representação involuntária, como se o espaço mutante se representasse através da câmera autonomamente, um espaço que se representasse sem interpretação. Queríamos fazer parte de sua transformação, mas não queríamos impor essa transformação, um ponto de vista específico, queríamos contar sua história. Nossa provocação foi lúdica e poética, foi o nascimento de um relato feito através de jogos globais a tentativa de estimular uma auto-história.

Emanuela Di Felice: Paralelamente às suas atividades com o Stalker, você sempre continuou a ensinar. Em 2006, você fez o primeiro curso de Artes Cívicas na Faculdade de Arquitetura de Roma Tre, intitulado “Do matadeiro ao mar”, eu estava entre seus alunos. Nós caminhamos da universidade, no centro de Roma, até o mar, cerca de 70km, tentamos atravessar os vazios urbanos. O ponto de chegada dessa longa experiência performática foi o lugar onde Pier Paolo Pasolini foi encontrado morto, nos anos 1970. Andamos lendo seus poemas, estávamos em plena abertura cognitiva e corporal, sete horas de deriva semanal foram a fuga radical da tecnicidade acadêmica. A *forma da cidade*⁵⁶¹ se abriu aos nossos olhos de uma nova maneira, as lições foram itinerantes, absorveram informações em estado de alteração devido ao deslocamento, o objetivo era abstrair o assunto de dentro, tornando-nos hipersensíveis ao mesmo tempo. Foi, acima de tudo, a oportunidade de fazer perguntas sobre o nosso entorno, nosso cotidiano, sobre a cidade, como ela aparece e não apenas como a estudamos.

Foi necessário superar nossos próprios medos, ultrapassar os limites impostos pela sociedade estruturada, descobrir o que estava além dos muros, todos juntos. Nos transformamos

⁵⁶¹ Este é o nome do documentário de Pasolini “A la forma della città”, de 1974.

— sem perceber no momento, mas persistimos até hoje — em uma tribo de arquitetos caminhantes que encontra, na deriva, uma metodologia de pesquisa e autoconhecimento, seja ela acadêmica, artística, pessoal ou intelectual.

Percorremos a cidade a partir de trajetórias distópicas, passeando, praticando o deslocamento da deriva como método des-cognitivo. Nossos corpos, predispostos a serem dispositivos sensíveis, capturaram uma cidade diferente, escondida, silenciosa, inaudita, gue-tizada, frágil, em qualquer caso, incrível e em constante mudança. Na releitura que Agamben faz de Foucault, o dispositivo se define como um todo absolutamente heterogêneo que implica discursos, instituições, estruturas arquitetônicas, decisões regulatórias, leis, medidas administrativas, declarações científicas, proposições filosóficas, morais e filantrópicas, em suma: tanto do dito quanto do não-dito, aqui estão os elementos do dispositivo. “[...] por dispositivo quero dizer uma espécie, digamos, de treinamento que, em um dado momento histórico, teve [...] uma função estratégica dominante [...] é uma certa manipulação do equilíbrio de forças, uma intervenção racional e concertada nessas relações de forças, seja para desenvolvê-las em uma determinada direção, ou para bloqueá-los, ou para estabilizá-los, use-os”⁵⁶².

A pesquisa não foi apenas nas horas definidas pelo programa do curso, não teve uma duração fixa, mas se estendeu a uma urgência de situações, tudo o que aconteceu naquela época foi de interesse para nós, nos tornamos conscientes da nossa condição. Nós fomos muito ágeis em nos envolvermos em todo tipo de acontecimento urbano.

Uma imagem que vem à mente foi a destruição das pontes do bairro Laurentino 38, construído no subúrbio romano para acomodar as pes-

⁵⁶² Agamben, 2009

soas deslocadas das favelas do lado oposto da cidade. Um planejamento urbano dos anos 70 que havia gerado, na paisagem romana, altas torres com circulação rápida, a concretização da arquitetura moderna, a do gesto urbano de Le Corbusier. O projeto em escala urbana exigiu 11 pontes de pedestres para permitir que os habitantes saíssem da casa. As pontes logo se tornaram em casas ocupadas e outras funções menos legais. A solução da administração foi a demolição para extirpar, de uma vez, todo o fenômeno espacial de reapropriação. Chegamos à noite, era verão, as escavadeiras comendo o cimento sob os olhos satisfeitos dos habitantes das torres. O fracasso do urbanismo moderno estava, claramente, diante de nossos olhos, a destruição daquela ponte era uma mensagem mais profunda para nós, estudantes de arquitetura prestes a viver a mais grande crise econômica mundial de 2008. A arquitetura não poderia ser a solução aos problemas sociais, culturais, ético-políticos que essa cidade, que estávamos experimentando com o corpo, nos trazia a cada caminhada. Para entender a cidade também é necessário o estudo, a investigação-ação, devemos ser observadores de todas suas formas de uso, desuso, destruição e subversão, transformação.

Seu curso é chamado de Artes Cívicas em homenagem a Patrick Geddes, uma observação dos Civitas, que têm relação com o status de cidadão, com a produção não apenas de espaços, mas também de cidadania, um sentimento de pertencimento à cidade. Por que você o propõe em uma faculdade de arquitetura? Quais são as trajetórias e ensinamentos de um ensino nômade?

Francesco Careri: Artes Cívicas é o curso que eu gostaria de ter frequentado quando era estudante: exploração e reapropriação da cidade; caminhar como metodologia de pesquisa e ensino; experimentação direta com a arte da descoberta e a transformação poética e política.

ca dos lugares. O curso, de fato, pede aos alunos e cidadãos que se encontram ao longo do caminho para de atuar na cidade na escala 1:1, em uma ação física de seus corpos no espaço, com o objetivo de reativar sua capacidade inata de transformação criativa, para lembrá-los que eles têm um corpo para tomar posição na cidade. O urbanismo nasceu a pé, de forma labiríntica e participativa, esse é um método de caminhada que permite ler e transformar as cidades, cujo produto não é uma visão abstrata e zenital de mapas coloridos estáticos em áreas funcionais, mas uma história fenomenológica evolutiva, descrita a partir de um ponto de vista horizontal colocado em movimento caminhando pelas dobras da cidade: a caminhada como pesquisa, como *survey walk* de Geddes.

Existem várias escolas de ensino superior que procuram criar profissionais que são especialistas em processos de participação. A institucionalização dessa figura, para mim, é um fato negativo, como se o arquiteto tivesse perdido o contato com a realidade das coisas, com a capacidade de saber como entrar em contato com o lugar, as pessoas. A retórica da participação, que constrói participantes, requer a presença de um mediador profissional de processos territoriais, cobrindo figuras que são responsáveis por tal conhecimento. Isso representa a institucionalização de um processo de conhecimento que deveria fazer parte de uma prática diária de todos nós.

Às vezes, a arquitetura não é necessária, quero dizer que não é a solução. Um exemplo de grau máximo de arquitetura sem objeto, mas de presença coerente da arte de entrar em contato com o lugar, é a praça Bordeaux de Lacaton & Vassal que, em 1996, após um contato direto com os habitantes, decidem não intervir, simplesmente porque não identificam nenhuma necessidade de transformar um lugar que, basicamente, já funcionava muito bem.

A arquitetura é uma atividade cultural, que pode entender se uma intervenção física é necessária ou não, ou se um ato imaterial é mais urgente (uma lei ou uma norma sobre tal espaço e sua disponibilidade à sociedade), ou pode até planejar a sua destruição. A figura do arquiteto contemporâneo é uma figura acrítica que se senta ao computador para executar um projeto político que foi encomendado, respeitando todas as características de estilo do desenho que delineiam o projeto arquitetônico.

A tua pergunta sobre a minha relação com a arquitetura, parte do tipo de espaço que me interessa. Para meus alunos eu explico a perspectiva como uma forma simbólica, de acordo com a teoria de Erwin Panofsky, de como cada cultura tem sua própria representação do espaço. Partindo da definição de Dürer de “perspectiva (isto é) para ver através”⁵⁶³, toda a imagem é transformada em uma janela através da qual vemos. Este é um espaço construído tendo em conta a impressão imediata ou uma construção geométrica, mais ou menos, correta.

Percebi que meu interesse é o espaço pré-neolítico, aquele espaço em que o objeto não existe, quando a arquitetura ainda não existia, há uma arte do território? Sem objetos, nomes eram dados a lugares, eventos eram ritualizados, deuses locais eram reconhecidos, dando um sentido simbólico ao espaço. Se eu escolhi não construir é porque estou interessado em um espaço sem objeto, o que nos mantém no campo da arte, caso contrário, estaríamos fazendo política. Uma transformação do espaço em sentido estético, transformando o espaço sem objetos, fazendo as coisas acontecerem.

Emanuela Di Felice: Roma tornou-se nosso campo de deambulação e ação para os anos seguintes, até 2011, onde nos reencontramos no LAC — Laboratório de Artes Cívicas, um grupo de pesquisa-ação nascido da necessidade de tornar essa evasão experiencial um cam-

⁵⁶³ O texto “Ensinando a medição com a ajuda do compasso e da linha” Tratado (1525), também conhecido como *A Arte da Medição*, pelo pintor e gravador A. Dürer (1471-1528).

po de investigação e não apenas uma oficina onde são produzidas ações e projetos que abrangem arte e arquitetura: Arte Cívica pretendida como a arte da transformação do território, atividade ética e estética, comprometida e incorporada na cidade e na cidadania, que constrói relações, participa, e é partícipe, toma posição e cuida dos territórios.

A pesquisa de campo e as ações no território nascem, primeiramente como atos poéticos, intervenções de arte pública, as quais passam a ser estudos e projetos de microtransformações operadas pelos habitantes. Os lugares de interesse dessas pesquisas acontecem, principalmente, na cidade de Roma, entre favelas urbanas, acampamentos equipados e autorecuperação de espaços ocupados vinculados aos movimentos de luta pela moradia.

O Laboratório encontrou um campo de ação alimentado pela colaboração de diferentes personalidades e realidades locais, com uma abordagem interdisciplinar aberta aos interessados e com um processo estético abertamente anarquista.

Se decidi cuidar daqueles territórios nos quais, ao longo dos anos, se criam terrenos férteis às relações afetivas, à empatia territorial, uma cartografia afetiva se costurava e estava sendo desenhada em Roma, mas também se entrelaçando muito com outras práticas experimentais no exterior. A força do Laboratório é a capacidade de entrar em processos cidadãos de formas versáteis e variáveis, relatando, no campo da pesquisa, informalidade, resistência, subversão ou, mais genericamente, desigualdade no direito à cidade e à cidadania.

Que experiência você se lembra de ter mais significado? De que forma a apropriação do espaço garante o significado da ação?

Francesco Careri: As experiências que tiveram uma jornada mais completa com o LAC foram

as da Bahia e de São Paulo, ambas no Brasil, em 2012. Em São Paulo, fomos chamados para participar do São Paulo Calling/Roma, um workshop promovido pela Secretaria Municipal de Habitação da Cidade de São Paulo, com curadoria de Stefano Boeri, com Azzurra Muzzonigro e Daniele Zacchi. Azzurra e Daniele tinham ido alguns dias antes, mas na experiência não tiveram a participação dos alunos.

Em Salvador, na Bahia, participamos do evento Corpocidade. Cidade & Cultura (experiências metodológicas) na FAUFBA, oferecendo uma oficina denominada “Municípios de Selva-Quintal”, com Maria Rocco e Giorgio Talocci. Eles fizeram uma avan-descoberta alguns dias antes de estabelecer os primeiros contatos dentro da favela.

O que me impressionou, sobre os estudantes brasileiros, foi a sua impossibilidade de se aproximarem dos habitantes da favela. Organizamos mesas no meio da comunidade, envolvendo os atores locais. As mesas foram retiradas das casas pelas janelas, enquanto, nós do LAC, estávamos cozinhando macarrão, os alunos, inesperadamente, se reuniram na mesma mesa esperando para serem servidos, entre outras coisas, como hóspedes daquela convivência. Naquele momento, percebi que, mesmo falando sobre pessoas que tinham lido Deleuze, Guattari e a filosofia da diferença, eles não tinham ideia de como isso poderia ser colocado em prática.

Eles eram especialistas em espaços públicos, mas não estavam familiarizados com o assunto de sua pesquisa, não conheciam o ato detonador do espaço público: o encontro. O processo de conhecimento do objeto de pesquisa não pode ser secundário à pesquisa teórica, a não ser o fato de que todos aqueles que operam no espaço devem estar cientes do que é e como entrar em contato. Eles nunca se coloca-

ram em posição de jogar futebol na praça ou no campo abandonado atrás da casa.

Ser investigador desse urbano de hoje é complexo, é extrair conceitos do território, dizer que o que estamos observando é algo novo, um fenômeno que está acontecendo agora, do qual somos observadores, e do qual queremos contar a dinâmica.

Emanuela Di Felice: Na perspectiva de quem perde tempo, ganha espaço⁵⁶⁴, falamos em algum sentido de ociosidade.

A ociosidade é um termo muito antigo, o significado é retirado das contribuições de antropólogos e filósofos, ou seja, “nos voltamos para coisas já conhecidas porque acreditamos que ainda estão escondendo algo que vale a pena pensar”⁵⁶⁵. O ócio é o tempo para deixar o pensamento (e as pernas) livre para se movimentar sem impedimentos externos e sem padrões pré-estabelecidos, fora dos modelos educacionais. Imagine um lugar onde o intelecto pode perguntar em vez de responder. O ócio está ligado ao *ludus*, uma abordagem lúdica da cidade, uma metodologia de construção da cidadania que parte de uma aproximação das pessoas à cidade através do jogo, volta a se envolver na construção do espaço urbano.

Podemos falar que *perder tempo* serve para construir uma filosofia de vida que tem novos paradigmas, modos e horizontes? Quais são eles?

Francesco Careri: Por um lado, há a ociosidade como tempo filosófico de reflexão, por outro, há a subtração do tempo útil-construtivo de Debord ou dos situacionistas (1956,1958), isto é, não participando do tempo produtivo capitalista. Hoje, com Stalker e o espaço No-working, estamos implementando a inoperosidade de Camillo Boano (2017) que, a partir do conceito de Agamben, propõe o conceito de inoperância, inoperante, inoperantes: es-

⁵⁶⁴ Desde sempre o slogan dos Stalker é uma das poucas regras do curso de Arti Civiche.

⁵⁶⁵ Heidegger, 2000

peculações sobre não fazer nada. O que significa usar isso na arquitetura? A partir da teoria do uso nas obras de Giorgio Agamben, Camillo está enfrentando uma série de oposições entre uso, propriedade, apropriação, valor de uso e o direito de uso, para, finalmente, alcançar uma condição de uso comum, onde o comum não é apenas livre para usar, mas livre de usos, uma condição de disponibilidade pura.

Se o contexto econômico mundial global é a afirmação da impossibilidade de não participar da formação do poder constituído, estamos nos perguntando como podemos nos opor a isso? Pode o arquiteto estar ocioso? É possível não ser capturado pelo poder, para não impulsionar um sistema que está na decadência? Torna-se necessário compreender a nossa própria posição no contexto para criar um sentido crítico que, no meu caso, certamente faz parte fundamental de toda a atividade artística de Stalker. De alguma forma, sempre falamos sobre mover o limite um pouco mais. Um conceito dadaísta fala sobre a importância de estar presente.

Como explica Lorenzo Romito dos Stalkers, viver o presente significa, portanto, também estar presente, consciente do complexo sistema de relações e distâncias com os outros, com os lugares que vivemos, com o tempo que vivemos, aprendendo a habitar relacionamentos e distâncias. Rejeitar o outro significa rejeitar o futuro e o presente e substituí-los por tempos e espaços contemporâneos irrealistas, desprovidos de relações e distâncias, mútuos e indiferentes entre si, dos quais olhar tudo sem ver nada, ouvir todos sem ouvir ninguém, onde você pode fazer qualquer coisa sem nunca ser capaz de agir, em liberdade, qualquer mudança real.



referências

- dançar ALLEMAND, Débora Souto. *Corpografias da Cidade através da Dança: o uso da rua pelo ...AVOA! Núcleo Artístico*. Pelotas: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2016. [dissertação de mestrado].
- dançar ALLEMAND, Débora Souto. *Dança como componente curricular a Educação Básica: um percurso no Colégio Aplicação da UFRGS*. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, 2023. [tese de doutorado].
- questionar ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Carajás: A guerra dos mapas*, 1993. <https://acervo.socio-ambiental.org/acervo/documentos/carajas-guerra-dos-mapas>. Acesso em: 04 dez. 2023.
- questionar ANGÉLICO, Fabiano. *São Paulo: a corrupção mora ao lado? Empresas offshore e o setor imobiliário na maior cidade do hemisfério sul*. Berlim: Transparency International, 2017. Disponível em: <https://dev.transparenciainternacional.org.br/publicacoes/sao-paulo-a-corrupcao-mora-ao-lado/>.
- lugarizar AQUARIUS. Direção de Kleber Mendonça Filho. Produção de Emilie Lesclaux. São Paulo: Vitrine Filmes, 2016.
- minorizar AS PRAIAS DE AGNÈS. Direção de Agnès Varda. Produção de Agnès Varda. França: Ciné Tamaris, Arte France Cinéma, 2008.
- questionar ATLAS DO CHÃO. Disponível em: <https://www.atlasdochao.org/>. Acesso em: 19 dezembro 2024.
- transformar BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BAHAMÓN, Alejandro; CAMPELLO, Alexandre; SOLER, Anna Vicens. *Intervenciones arquitectónicas en el paisaje*: mirar, caminar, bañarse. Barcelona: Parramón, 2008.

jogar

BAUDELAIRE, Charles. *Os Paraísos Artificiais*. Tradução de José Saramago. Lisboa: Editora Estampa, 1971.

analisar

CAMINHOGRAFIA URBANA. *Caminhografia urbana*, 2024. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/caminhografiaurbana/>. Acesso em: 14, novembro 2024.

começo de conversa

CARERI, Francesco. *Wlaksapes*: o caminhar como prática estética. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

criticar
jogar
entrevistar

CARERI, Francesco; JACQUES, Paola Berensstein. Entrevista. In: *Redobra*. v. 4, n. 11, p. 8-19, Salvador, 2013. Disponível em: http://www.redobra.ufba.br/?page_id=109.

criticar
jogar

HOSPITALIDADE, Cartografia da. Instagram: @cartohospitalidade. Disponível em: <https://www.instagram.com/cartohospitalidade/>. Acesso em: 20 dez. 2024.

hospitalizar

HOSPITALIDADE, Cartografia da. *À deriva*. Spotify, 2024. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/16lVML2PgFZWm5SNCvaEFw?si=d4c8e278d6694aa4&nd=1>. Acesso em: 20 dez. 2024.

hospitalizar

CARVALHO, Ramon Silva de; FIORIN, Evandro; SCHWERZ, João Paulo; MACHADO, Geovana de Souza; SILVA, Franciel da; IMTHON, Isadora. Projeto de extensão Pequenos Arquitetos: experiências lúdico-construtivas na cidade. *Extensio: Revista Eletrônica de Extensão*, v. 15, n. 1, p. 1-15, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5007/1807-0221.2022.e80821>.

re-conhecer

CIDADE + CONTEMPORANEIDADE. *Cidade + Contemporaneidade*, 2024. Disponível em:

começo de conversa
criticar

inventar
experienciar
desobedecer
jogar

<https://wp.ufpel.edu.br/cmaisc/>. Acesso em: 14 novembro 2024.

dançar

COLINS, Cleyce. Respiratória. Youtube, 5 jun. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hN8lXXzRbFg>. Acesso em: 20 dez. 2024.

desobedecer

CRIMES DO FUTURO. Direção de David Cronenberg. Produção de Robert Lantos. Estados Unidos: NEON, 2022.

coletar

DELEUZE, Gilles. *Cinema e Filosofia*. São Paulo: Editora 34, 2004.

entrevistar

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Che cos'è la filosofia?*, Einaudi, Torino 1996.

questionar

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Atlas ¿Cómo llevar el mundo a cuestras?*. Madrid: Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia e Tf Editores, 2010.

minorar

DETONI, Luana Pavan. CARTOGRAFIA DA (IN) SEGURANÇA NAS CIDADES PEQUENAS: uma experiência em Arroio do Padre/RS. Revista Píxo, v. 4, n. 2, p. 121-127, 2018. <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/pixo/article/view/480>. Acesso em: 08 abr. 2024.

minorar

DETONI, Luana Pavan; RESENDE, Lorena Maia; PINHO, Rafaela Barros de; ROCHA, Eduardo. A experiência da pedagogia da viagem na fronteira Brasil-Uruguay. In Situ: Revista de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 83-98, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/situs/article/view/640>. Acesso em: 3 dez. 2024.

minorar

DETONI, Luana Pavan; ALMEIDA, Guilherme Pinto de; FERNANDES, Karolina Dias Lopes; FERNANDES, Gabriel Silva Lopes. UMA EXPERIÊNCIA DE CAMINHOGRAFIA URBANA NO PORTO DE PELOTAS: Diálogos entre o patrimônio e o estudo de arquitetura e urbanismo.

Revista Píxo, v.11, n. 3, pp. 126-145, 2019. <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/pixo/article/view/2667>. Acesso em: 08 abr. 2024.

DETONI, Luana Pavan; RESENDE, Lorena Maia. MULHERES E LUGARES DE FALA: um percorrido pelas entrevistas cartográficas na fronteira Brasil-Uruguay. Revista Píxo, v. 9, n. 3, pp. 46-61, 2019. <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/pixo/article/view/2609>. Acesso em: 08 abr. 2024.

minorar

DETONI, Luana Pavan; ROCHA, Eduardo. O fio de Ariadne: Uma experiência cartográfica das cidades pequenas. Arqutextos, São Paulo, ano 22, n. 258.02, Vitruvius, nov. 2022 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/22.258/8316>>.

minorar

DETONI, Luana Pavan; ROCHA, Eduardo. Dionísio: uma cidade de outro tempo e espaço. In: Díez Tetamanti, Juan Manuel; Canali, Constanza; Vila, Verónica. Experiencias cartográficas: exploraciones ey derivas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Editorial Margens, 2017, p. 23 - 33.

minorar

ECARTA, Fundação. Jalile no Ecarta Musical. Youtube, 7 mai. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VWjDWs-TkwAw>.

escutar

ENCARNAÇÃO, Fabricio Sanz. *Cartografia do limite: o espaço livre de uso público e a borda molhada das cidades*. Pelotas: PROGRAU/UFPel, 2018. [dissertação de mestrado].

analisar

EXUPÉRY, Saint. *O Pequeno Príncipe*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

morar

FALCÃO, Carolina Cabreira Magalhães. CASA: TERRITÓRIO DE SUBJETIVIDADES: um percurso sobre sensibilidade e arquitetura nos condomínios fechados. Pelotas: PROGRAU/UFPel, 2016. [dissertação de mestrado].

morar

FEDRIZZI, Fernanda. QUANDO lugar algum [re]

lugarizar

torna-se algum lugar, 2019. Disponível em: <https://www.fernandafedrizzi.com/quandolugaralgum>. Acesso em: 19 dezembro 2024.

re_conhecer

FIORIN, Prof. Dr. Evandro. Aula dentro do Túnel... Florianópolis, maio 2020. Instagram: @profevandrofiorin. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/CeSI_61jp3R/?utm_source=ig_web_button_share_sheet&igsh=ZDNlZDc0MzIxNW. Acesso em: 18 dezembro 2024.

re_conhecer

FIORIN, Evandro; SCHWERZ, João Paulo. A ponte, a torre e o muro. O processo de ensino-aprendizagem de projeto em suas diversas escalas na Ilha de Santa Catarina. *Arquitextos*, São Paulo, ano 21, n. 243.03, Vitruvius, ago. 2020 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/21.243/7834>>.

re_conhecer

FIORIN, Evandro; MEDICE, Maria Jose Luluaga. Cartografia que caminha: transurbanogramas da ilha de Santa Catarina. *Revista Píxo*, v.3, n.11, pp.79-91, 2022. <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/pixo/article/view/2663>. Acessado em 04 dez. 2023.

re_conhecer

FIORIN, Evandro. Florianópolis: debaixo da ponte, em cima do morro e no muro da rua: entre grafites e lugares à margem | Florianópolis: under the bridge, over the hill and on the wall: among graffiti and marginal places. *Oculum Ensaios*, [S. l.], v. 18, p. 1-20, 2021. DOI: 10.24220/2318-0919v18e2021a4807. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/oculum/article/view/4807>. Acesso em: 26 set. 2024.

intuir

FOUCAULT, Michel. (2013). *De espaços outros*. Estudos Avançados, 27(79), 113-122. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/68705>.

intuir

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. São Paulo: Editora Paz & Terra, 2021.

FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico; as heterotopias*. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

intuir

GEOMAP. Disponível em: <https://cgeomap.eu/info/>. Acesso em: 14, novembro 2024.

transformar

GUIMARÃES, Camila Ferreira. *Atmosferas Patrimoniais*. Espaços públicos patrimonializados em Minas Gerais. São Carlos: Instituto de Arquitetura e Urbanismo, 2023. [tese de doutorado].

memorizar

GONÇALVES, E. (Duda) A., MONSELL, A., TAVARES, G., RODRIGUES FERREIRA, B., TOMIELLO, F., SACCO, L., MARCON, F., LEITE, F., RABELLO, T., THIEL LAUTENSCHLÄGER, C. V., D'AVILA ROSENTHAL, M., HEIN, C., BORIN, C., LOPEZ JESUS, M. A., & AANDRADE FERREIRA, R. (2016). DesLOCC PARA MARAMBAIAR: ROTEIROS, NARRATIVAS E ESPAÇOS DE ARTISTA. *Paralelo* 31, 1(6). <https://doi.org/10.15210/p31.v1i6.10197>.

desloccar

INFO. Technopolitics, 2022. Disponível em: <https://www.technopolitics.info/>. Acesso em: 19 dezembro 2024.

questionar

INÍCIO. Marcela Teti Research, 2015. Disponível em: <http://marcelatetiresearch.blogspot.com/>. Acesso em: 20 dezembro 2024.

intuir

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1994.

experenciar

LIMA, Fernanda Fedrizzi Loureiro de. *Topofagias: poéticas arquitetadas entre cidade, palavra e as artes*. PPGAV/UFPel, 2020. [dissertação de mestrado].

lugarizar

LE CORBUSIER. *El viaje de oriente*. Madrid: Coat Murcia, 1984.

re_conhecer

MALRAUX, André. *O museu do imaginário*. São Paulo: Edições 70, 2011.

questionar

experienciar	MELO Neto, João Cabral de. <i>Morte e Vida Severina e Outros Poemas em Voz Alta</i> . Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
transformar	MEMORIA. Direção de Apichatpong Weerasethankul. <i>Zweites Deutsches Fernsehen</i> : Alemanha, 2021.
desobedecer	NIETZSCHE, Friedrich. <i>A gaia ciência</i> . Trad. de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
hospitalizar	PAESE, Celma. <i>Caminhando: o caminhar como prática socioestética - estudo sobre a arquitetura móvel</i> . Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2015.
encontrar	PATRIMÔNIO. TFG online, 2019. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/tfgonline/temas/patrimonio/ . Acesso em: 19 dezembro 2024.
desterritorializar	PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). <i>Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade</i> . Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31.
memorizar	PEREC, Georges. <i>Tentativa de esgotamento de um local parisiense</i> . São Paulo, Editora Gustavo Gili: 2016.
escutar	PONS, Antonella dos Santos. <i>Som em Devir: Por uma cartografia sensível da paisagem sonora urbana</i> . PROGRAU/UFPEL: 2017 [dissertação de mestrado].
começo de conversa deslocar fotografar inventar re_conhecer minorar coleccionar	PIXO. PIXO, revista de arquitetura, urbanismo e contemporaneidade, 2017. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/pixo/index . Acesso em: 17 dezembro 2024.
questionar	RAMOS, Gabriel Teixeira. <i>Mapas-movimentos: narrativas de deslocamentos urbanos por meio de [outros] funcionamentos de sistemas</i>

cartográficos. IAU/USP, 2021. [tese de doutorado].

RESENDE, Lorena Maia. Cartografia urbana na linha de fronteira: Travessias nas cidades-gêmeas Brasil-Uruguay. Pelotas: PROGRAU/UFPel, 2019. [dissertação de mestrado].

experienciar

RESENDE, Lorena Maia. PAISAGEM DA MEMÓRIA: Não é cova grande, é cova mediana. PIXO - Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade, v. 7, n. 25, p. 552-571, 30 out. 2023.

experienciar

ROCHA, E.; RESENDE, L. M.; DETONI, L. P.; SANTOS, T. B.; FORNECK, V. Caminhar e cartografar na fronteira Chuí-Chuy. V!RUS, São Carlos, n. 19, 2019. [online] Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus19/?-sec=4&item=8&lang=pt>>. Acesso em: 08 Abr. 2024.

experienciar

ROCHA, Eduardo; SANTOS, Taís Beltrame dos. *Verbolário da Caminhografia Urbana*. Pelotas: Editora Caseira, 2024.

começo de conversa

SANTOS, Paul Newman dos; PIFANO, Carolina; BOSCO, Lucas Pereira; FIOL, Paula Pedreira del; FORNECK, Vanessa. Crônicas sobre territórios transitivos: experimentações cartográficas de urbanidades coexistentes. *Revista Píxo*, n. 25, v. 7, pp. 282-301, 2023, <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/pixo/article/view/5751>. Acesso em: 04 dez. 2023.

questionar

SANTOS, Taís Beltrame dos. *Seres Lentos e Vida Urbana: caminhografia pelas ruas de Montevideo, Porto Alegre e Pelotas*. Pelotas: PROGRAU/UFPel, 2021. [dissertação de mestrado].

desterritorializar

SERPA, Alline Margarete da Mota. A performatividade do caminhar: uma possibilidade de análise espacial em Petrópolis/RJ. *Revista Píxo*, v. 6, n. 20, pp. 175-197, 2022. <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/pixo/article/>

coleccionar

view/2927.

- coleccionar SERPA, Alline Margarette da Mota. *Corpos imperiais*. Youtube, 25 mar. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EbsoYC-nu-I>.
- coleccionar SERPA, Alline Margarette da Mota. *Caminhar Performance: Uma lente crítica sobre a produção do espaço de Petrópolis*, RJ. Rio de Janeiro: PROURB/UFRJ, 2022. [tese de doutorado].
- coletar SILVA, Ricardo Luis. *ELOGIOS À INUTILIDADE: a incorporação do Trapeiro como possibilidade de apropriação e leitura da Cidade e sua alteridade urbana*. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2017. [tese de doutorado].
- coletar SILVA, Ricardo Luis. Instagram: @por.onde.o.homem.anda. Disponível em: <https://www.instagram.com/por.onde.o.homem.anda/>. Acesso em: 18 dezembro 2024.
- deslocar SILVEIRA, Pedro Elias Parente da. *[CAMPO] Arte como sistema poético para medir, praticar e transportar territórios*. PPGARTES/UFPel: 2022 [dissertação de mestrado].
- questionar SPERLING, David; SANTOS, Fábio Lopes de Souza [orgs.]. *GRU-111*, contracartografias. São Carlos: Editora da Cidade, 2017. Disponível em: <https://www.iau.usp.br/pesquisa/grupos/nec/wp-content/uploads/2017/06/ebook-GRU-111-Contracartografias-NEC-USP.pdf>.
- desobedecer STRANGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes*. Cosac & Naify, São Paulo, 2015.
- transformar SUPERCLUSTER. Disponível em: <https://supercluster.eu/>. Acesso em: 17 dezembro 2024.
- inventar TETAMANTI, Juan Manuel Diez. *Sociocartogramas en la entrevista: instrumento para el abordaje en pequeñas localidades*.

Revista Píxo, v. 5, n. 19, pp. 32-47, 2022.
<https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/pixo/article/view/2860>. Acesso em: 04 dez. 2023.

TETI, Marcela Montalvão. *Urubici*, uma análise geopolítica de uma heterotopia turística. Florianópolis: PPGP/UFSC, 2010. [dissertação de mestrado].

intuir

TOMIELLO, Fernanda. *Fotografia sequencial e fotomontagem*: alternativas para o estudo da dinâmica da paisagem urbana. Pelotas: PROGRAU/UFPeL, 2015. [dissertação de mestrado].

fotografar

AINER, Carlos; MARICATO, Ermínia; Arantes, Otília. *Cidade do Pensamento Único*: Desmanchando Consensos. São Paulo: Editora Vozes, 2013.

criticar

WALK LISTEN CREATE. Disponível em: <https://walklistencreate.org/>. Acesso em: 14, novembro 2024.

transformar

ZAPATOS magneticos. Francis Alys, 2015. Disponível em: <https://francisalys.com/zapatos-magneticos/>. Acesso em: 17 dezembro 2024.

encontrar

ZENITH, Junior. Maria Bethânia lê Manoel de Barros - Ruína. Youtube, 6 mar. 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1ft4CCG_nyM. Acesso em: 20 dez. 2024.

desobedecer

08MPOA. Instagram: @08mpoa. Disponível em: <https://www.instagram.com/08mpoa/>. Acesso em: 20 dezembro 2024.

hospitalizar

<https://editoracaseira.com/verbolario/>
<https://editoracaseira.com/conversas/>
<https://wp.ufpel.edu.br/caminhografiaurbana/>

ISBN 978-856892389-4



